



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA – UNISUL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

KAREN CRISTINA KRAEMER ABREU

CAMINHOS DA COPA:
UM OLHAR SOBRE O ROTEIRO EUROCÊNTRICO DA FIFA
E O BRASIL DO FUTEBOL

Palhoça

2015

KAREN CRISTINA KRAEMER ABREU

CAMINHOS DA COPA:
UM OLHAR SOBRE O ROTEIRO EUROCÊNTRICO DA FIFA
E O BRASIL DO FUTEBOL

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em
Ciências da Linguagem da Universidade do Sul
de Santa Catarina como requisito a obtenção do
título de Doutor em Ciências da Linguagem.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Dilma Beatriz Rocha Juliano

Palhoça

2015

A14 Abreu, Karen Cristina Kraemer, 1966-
Caminhos da copa : um olhar sobre o roteiro eurocêntrico da fifa
e o Brasil do futebol / Karen Cristina Kraemer Abreu. – 2015.
215 f. : il. color ; 30 cm

Tese (Doutorado) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Pós-
graduação em Ciências da Linguagem.
Orientação: Prof. Drª. Dilma Beatriz Rocha Juliano

1. Esportes. 2. Cultura popular. 3. Copas do mundo (Futebol) -
História. 4. Eurocentrismo. Futebol - Brasil. I. Juliano, Dilma Beatriz
Rocha, 1960-. II. Universidade do Sul de Santa Catarina. III. Título.

CDD (21. ed.) 306.483

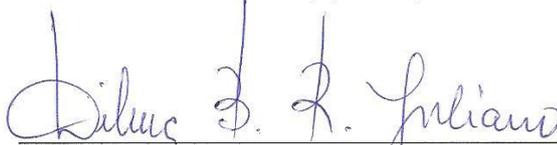
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária da Unisul

KAREN CRISTINA KRAEMER ABREU

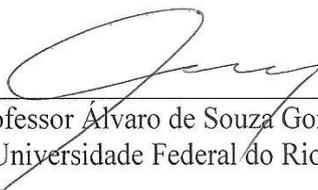
**CAMINHOS DA COPA: UM OLHAR SOBRE O ROTEIRO EUROCÊNTRICO DA
FIFA E O BRASIL DO FUTEBOL**

Esta Tese foi julgada adequada à obtenção do título de Doutor em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Doutorado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

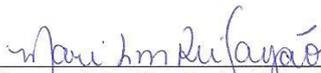
Palhoça, 24 de julho de 2015.



Professora e orientadora Dilma Beatriz Rocha Juliano, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professor Álvaro de Souza Gomes Neto, Doutor
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Professora Marilise Luiza Martins dos Reis Sayão, Doutora
Universidade Federal de Santa Catarina



Professora Iussara Bittencourt de Sá, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professora Maria Isabel Rodrigues Orofino, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina

Agradecimentos

A Deus, por todas as possibilidades e oportunidades que se mostram em minha vida;

À memória de meus avós Ruy e Lygia, que sempre proporcionaram e incentivaram o acesso aos estudos, em todos os níveis;

À minha mãe e amiga Lina Maria, exemplo de dedicação aos estudos;

À minha avó Emília, que aos 102 anos mostra-se cheia de vida e sempre busca aprender algo novo com o entusiasmo de uma menina curiosa;

Ao Jobim, pelas discussões sobre futebol que me auxiliam na compreensão do esporte;

Aos primos Patricia Abreu e Paulo Linhares, Tia Vera Silveira e aos queridos Leonnardo, Duda e Jojô pela sempre afetuosa acolhida em Florianópolis;

À Prof^a. Dr^a. Dilma Beatriz Rocha Juliano, que assumiu a orientação desta pesquisa, pelas incansáveis leituras atentas e diversos encaminhamentos ao longo do meu trajeto no PPGCL.

Aos professores do programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina pela contribuição teórica. Em especial à Prof^a. Dr^a. Jussara Bittencourt de Sá, pelo excelente e preciso parecer nas qualificações do projeto de tese e da tese final.

Ao Prof. Dr. Álvaro Souza Gomes Neto por aceitar viajar a Santa Catarina e participar da avaliação desta tese.

À Edna Mazon, secretária do PPGCL, pela atenção, suporte e desfazimento de dúvidas ao longo do processo do doutoramento;

À Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, em especial aos colegas do Departamento de Ciências da Comunicação – DECOM, da unidade de Frederico Westphalen – FW, pela possibilidade do afastamento das minhas atividades laborais em favor da construção desta tese;

Aos queridos Fabio Silva, Íria Queiróz Baptista, Debora Cristina Lopez, Rafael Cony, Luciana Paula e Ana Carla Kuhn pela logística, sugestões, discussões, buscas de imagens, elaboração de figura, correções linguísticas, questionamentos e críticas além de suportar as minhas angústias e incertezas ao longo do caminho;

Aos estimados Vanessa W. Lima e Marcelo Freire, pelo apoio e torcida.

Guardem para sempre meu “Muito Obrigada”!

*À memória de meu pai Antonio Carlos,
um apaixonado pelo futebol.*

RESUMO

A partir da visitação à história do futebol no mundo e no Brasil e da origem da FIFA faz-se uma análise da trajetória da Copa do Mundo de Futebol e da escolha dos países-sede pela Associação Internacional das Federações de Futebol – FIFA no decorrer dos oitenta e quatro anos de existência do campeonato. Para referendar as informações consultou-se autores como Guterman, Voser, Guimarães e Ribeiro, Scliar e Cattani, Caldas, Soares, dentre outros. Esta pesquisa propõe-se, então, a verificação da existência de fundamentos eurocêntricos, conforme estabelecem Stam e Shohat (2006), sobre o comportamento e a imposição de modelos aos países terceiomundistas, subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, na composição deste roteiro geopolítico que, em princípio, se mostrava como um ato de celebração da “paz entre os povos” a fim de valorizar a disputa esportiva entre nações. A partir do aporte teórico referendado pelos Estudos Culturais e de contribuições de autores como Hall, Anderson, Turner, Escosteguy, Garramuño, Juliano, dentre outros, buscou-se relacionar a construção das identidades nacionais e a situação brasileira, visto que o Brasil é reconhecido mundialmente como o país do futebol. Através de uma pesquisa qualitativa, em especial de um *Estudo de Caso*, avaliou-se os “Caminhos da Copa e do Futebol no Brasil” onde buscou-se identificar as motivações da trajetória resultante das escolhas da FIFA ao estabelecer os locais das disputas do torneio mundial de futebol.

Palavras-chave: Estudos Culturais. Eurocentrismo. FIFA. Copas do Mundo. Futebol. Brasil.

ABSTRACT

Starting from the visit to football history in the world and in Brazil and from FIFA origin, we make an analysis of the Football World Cup course and the host countries choice by the International Federation of Football Associations – FIFA during the 84 years of the championship existence. In order to give references to the information we have consulted authors such as Guterman, Voser, Guimarães e Ribeiro, Scliar e Cattani, Caldas, Soares, among others. So, this research has the intent of verifying the eurocentric foundations existence, as stated by Stam and Shohat (2006), about the behavior and models imposition to third world, underdeveloped or developing countries, as Brazil, in this geopolitical roadmap composition that, in principle, was presented as a “peace among the nations” celebration act in order to enhance the sport contest among nations. From the theoretical input endorsed by the Cultural Studies and from the contributions of authors such as Hall, Anderson, Turner, Escosteguy, Garramuño, Juliano, among others, we aimed to relate the national identities construction and the Brazilian situation, since Brazil is worldwide recognized as the country of football. Through a qualitative research, in special a *Case Study*, the “Cup and Football course in Brazil” were evaluated and we have tried to identify the motivations of history resulting from FIFA choices to establish the places for football world contest tournaments.

Key words: Cultural Studies. Eurocentrism. FIFA. World Cups. Football. Brazil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
1 REFERENCIAL TEÓRICO: OS ESTUDOS CULTURAIS.....	13
1.1 Surgimento dos Estudos Culturais	13
1.2 O novo conceito de cultura.....	13
1.2.1 Linguagem: a nomenclatura e a representação nos processos culturais.....	17
1.3 Identidade nacional	20
1.3.1 A identidade nacional do Brasil	22
1.3.2 Um pôster mostra o “Novo Brasil” ao Brasil e ao Mundo	33
1.3.3 O Cartaz que apresenta o Brasil do século XXI	42
2 O FUTEBOL E O BRASIL	48
2.1 A “pré-história” do futebol	48
2.2 Tempos modernos: a retomada do futebol na moderna Inglaterra	50
2.3 O futebol chega ao Brasil	52
2.4 Futebol amador versus profissional	61
2.5 O profissionalismo: uma nova dimensão para o futebol no Brasil	70
2.6 Brasil: o país do futebol	84
2.6.1 O tricampeonato mundial e a supremacia brasileira	84
2.7 O futebol e a integração nacional	99
2.8 A crise do futebol-arte e o <i>marketing</i> esportivo	105
3 O ROTEIRO EUROCÊNTRICO DA FIFA	135
3.1 Origem da FIFA.....	135
3.1.1 Memória da Copa do Mundo FIFA de Futebol.....	125
3.2 Uruguai, 1930: sede do primeiro Campeonato Mundial de Futebol	141
3.3 Itália e França: os primeiros mundiais na Europa na década de 1930	142
3.4 O recomeço do Mundial de Futebol no Brasil em 1950	148
3.5 Suíça, a nova sede da FIFA recebe o Mundial no retorno à Europa	152
3.6 A nobiliária Suécia é escolhida para sediar o Mundial de 1958	153
3.7 O Chile recebe o Mundial de 1962	154
3.8 Na Inglaterra do Futebol moderno temos a Copa de 1966	155
3.9 O México faz o Campeonato de 1970	157

3.10	Enfim a Copa conhece a Alemanha Ocidental	159
3.11	Em 1978 a Copa encobre as barbáries da ditadura argentina	161
3.12	A Espanha sedia o Campeonato de 1982	163
3.13	Mais uma vez o México integra o roteiro latino-americano em 1986	165
3.14	O Campeonato volta à Itália em 1990	168
3.15	Em 1994 a primeira Copa do Mundo no território yankee	169
3.16	O Mundial retorna à França em 1998	172
3.17	Novos ares para o Mundial do século XXI: a Copa vai à Ásia	175
3.18	A Alemanha unificada se reapresenta ao mundo	177
3.19	Em 2010 a Copa do Mundo chega à África	179
3.20	A Copa volta ao Brasil em 2014: tudo está no seu lugar?	181
3.21	Os caminhos da Copa e as escolhas do comitê executivo da FIFA	186
3.22	As novas determinações da FIFA para os Mundiais	188
	Considerações	189
	REFERÊNCIAS	197
	ANEXOS.....	207

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa desenvolvida entre 2010 e 2015 e apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, está vinculada à linha de pesquisa Linguagem e Cultura, e procura dar segmento aos estudos iniciados, no âmbito do mestrado concluído em 2007 neste mesmo PPG, onde investigou-se a imagem a partir da análise do conteúdo imagético e seus sentidos nas fotografias de imprensa da campanha política majoritária do segundo turno da eleição de 1998, no RS, veiculadas nas capas dos jornais diários e de circulação estadual, Correio do Povo e de Zero Hora¹.

O evento esportivo COPA DO MUNDO FIFA se apresenta mercadologicamente como o maior da categoria a mostrar uma única modalidade esportiva: o futebol. Percebe-se, no entanto, que tal evento esportivo tem bases na cultura e no cultuar do esporte coletivo de origem militar que tem espaço e atividade desde a Idade Antiga em locais como a China, o Japão, a Grécia e a Roma Clássicas (ARRUDA, 2002). Um grande e midiaticado evento esportivo enlaça diversos setores da sociedade: turismo, economia, hotelaria, *marketing*, esporte, comunicação, alimentação, etc. Entretanto, depositou-se um olhar especial sobre o roteiro estabelecido pela FIFA na realização do evento, para difundir o futebol no mundo.

Não é a técnica do futebol em si que interessa a este estudo. Esse olhar se deposita sobre o roteiro, o caminho percorrido pela COPA DO MUNDO FIFA de Futebol porque percebeu-se que na expressão gráfica e artística apresentada no cartaz que anuncia (e vende) em cada edição do evento, que de quatro em quatro anos muda de endereço, elegendo um novo país-sede para a sua realização, os cartazes impressos de divulgação do evento esportivo, que partem de um ponto de fala para todos os pontos de recepção das transmissões dos jogos, apresentam relações geográficas, culturais e políticas, dentre outras.

Desse modo, desenvolve-se o interesse pelo roteiro geopolítico construído pela trajetória do evento esportivo, e as relações de poder constituídas ali através das indicações da FIFA para os países-sede divulgando a COPA DO MUNDO FIFA de Futebol nos últimos oitenta e quatro (84) anos; **identificar** e **compreender** este caminho é o principal objetivo desta tese. Para realizar a pesquisa, buscou-se **reconstruir** a trajetória do Futebol, no Mundo e no Brasil, a construção do Brasil como país do Futebol e este como um elemento de identidade cultural nacional bem como a memória do evento esportivo internacional COPA DO MUNDO FIFA de Futebol, instituída em 1930 e disputada pela primeira vez no Uruguai.

Este estudo pauta-se na pesquisa qualitativa, na qual os elementos mais relevantes aparecem através da análise de cada um dos fatores constitutivos do *corpus* ali expresso e, também, da análise

¹ Dissertação defendida em 2007 sob a orientação do Prof. Dr. Fernando S. Vugman (N. da A.).

contextual histórico-cultural do momento vivido pelo Brasil nos anos de 1948-1950 e 2012-2014, que compõem o cenário da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol no Brasil nas edições de 1950 e de 2014. Para tanto, construiu-se uma pesquisa qualitativa, mais especificamente, um *Estudo de Caso*, sem que haja a pretensão de tornar válidos os resultados para quaisquer outras análises.

O *Estudo de Caso* é uma modalidade de pesquisa que analisa um caso específico. Para levar a cabo a investigação, é necessária uma análise detalhada do contexto ou de um acontecimento específico.

[...] o estudo de caso pode ser representado como um funil. Num estudo qualitativo, o tipo adequado de perguntas nunca é específico. O início do estudo é representado pela extremidade mais larga do funil: os investigadores procuram locais ou pessoas que possam ser objeto de estudo ou fontes de dados e, ao encontrarem aquilo que pensam interessar-lhes, organizam, então, uma malha larga, tentando avaliar o interesse do terreno ou das fontes de dados para seus objetivos (BOGDAN, 1994, p. 89).

Triviños (1987, p. 133) acredita que o método de estudo de caso é “uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente”. De acordo com Oliveira (2000, p. 2), “os estudos de caso trazem informações sobre a indústria em pauta, suas características, a história e o desenvolvimento dessa organização, seus propósitos e mercados, bem como cenários e as responsabilidades – chave da identidade”.

Rauen (2002, p. 210) esclarece que “há estudo de caso quando se analisa algo que tem valor em si mesmo. O alvo são as características que o caso tem de único, singular ou particular”. Acreditando que “cada caso é um caso” a técnica de pesquisa de estudo de caso ganha relevância ao mostrar aquilo que cada caso apresenta em particular, distinguindo-o dos demais e, exatamente por isso, causa interesse especial.

Para realizar um *Estudo de Caso* o investigador deve realizar uma análise aprofundada e exaustiva de um ou de poucos objetos a fim de possibilitar que a pesquisa aponte um amplo e detalhado conhecimento do cenário analisado. Deste modo, Rauen esclarece algumas tipologias mais importantes, entre elas, o multicasos, utilizado neste trabalho, que segundo o autor:

[...] Os *multicasos* são o estudo de dois ou mais sujeitos, organizações, entre outros, tais como, duas organizações, dois professores, etc. [...] O estudo comparativo de casos são comparações entre dois ou mais enfoques específicos. Em geral, essa linha de investigação segue os passos do método comparativo, descrevendo, explicando e comparando os fenômenos (RAUEN, 2002, p. 212).

Para desenvolver uma pesquisa dentro da tipologia do *Estudo de Casos* o investigador deve, ainda conforme os ensinamentos de Rauen (2002, p. 213), realizar três etapas: a “exploratória, coleta de dados e interpretação sistemática dos dados com elaboração do relatório”. Ainda para o autor, é importante “destacar que essas três fases se interpõem, sendo difícil delimitá-las com precisão”.

A etapa exploratória, que caracteriza o início da pesquisa, proporciona que o investigador examine e revise a literatura existente, observe, entre em contato com a documentação disponível, se houver, e investigue “especulações baseadas na experiência pessoal do pesquisador”. Rauen (2002, p. 213) esclarece que “o estudo de casos pretende apreender os aspectos ricos e imprevistos que envolvem uma determinada situação. A fase exploratória é essencial para uma definição do objeto de estudo”.

Nessa primeira etapa da pesquisa, a fase exploratória, coletaram-se as imagens dos dois cartazes publicitários criados para divulgar a COPA DO MUNDO FIFA de Futebol em *sites* da Internet, com a finalidade de dispor dos materiais para análise, bem como textos, livros e outras informações sobre a história do Campeonato Mundial de Futebol realizado pela FIFA ao longo dos últimos oitenta e quatro anos e o caminho realizado pelo evento, proporcionando construir um roteiro geográfico do percurso efetuado pela COPA DO MUNDO FIFA de Futebol.

Na pesquisa bibliográfica, buscaram-se informações também sobre a história do futebol no mundo, as referências ao esporte no Brasil e a construção da concepção do Brasil como o país do futebol. Nesse ponto, acresceu-se a pesquisa sobre o Brasil, sua formação e construção identitária, ainda que estes sejam discursos homogeneizadores e dominadores imprimidos sobre a população do território brasileiro.

A coleta de informações ocorre na segunda etapa da pesquisa quando o investigador já está de posse dos elementos-chave e os contornos aproximados do problema. Buscar encontrar os elementos significativos e característicos do fenômeno estudado e tentar relacioná-los é o caminho para o desenvolvimento do trabalho. É na segunda fase da pesquisa que o investigador delimita o estudo. Depois de realizada a delimitação do estudo, de identificar a unidade-caso que estabelece o “*quantum*” do trabalho, será possível chegar à compreensão total do objeto da pesquisa.

Na terceira etapa do processo do *Estudo de Caso* impõe-se ao pesquisador uma extrema atenção às características da pesquisa que está desenvolvendo, pois, nas palavras de Rauen (2002, p. 213), elas “afetam a análise de dados”. Nessa fase é realizada a análise dos dados coletados somada aos resultados das observações dos documentos, do trabalho de campo ou de entrevistas; informações que podem ser contraditórias. A organização é fundamental nesta etapa para que o pesquisador possa facilmente recuperar os materiais coletados a fim de desfazer quaisquer dúvidas que surjam.

A pesquisa está construída a partir de referenciais teóricos específicos, de acordo com cada objeto analisado, que guiam o investigador para obter um melhor desenvolvimento do trabalho, fator determinante para indicar a complexidade da investigação realizada, inclusive.

[...] a complexidade do Estudo de Caso está determinada pelos suportes teóricos que servem de orientação em seu trabalho ao investigador. Um enfoque a-histórico,

reduzido à características culturais de um meio específico no qual se insere a unidade em exame, de de natureza qualitativa-fenomenológica, é menos complexo, sem dúvida, que uma visão na qual se observa o fenômeno em sua evolução e suas relações estruturais fundamentais (TRIVIÑOS, 1987, p. 134).

No Capítulo I, buscou-se uma aproximação com o campo dos Estudos Culturais que além do contexto, valoriza e apura sentidos para o próprio texto. Por isso, o referencial teórico traz a trajetória histórica dos Estudos Culturais e tenta traçar, ainda que seja para esfacelá-la, em sequência próxima, a constituição da identidade nacional do Brasil, desde a República Velha até os dias atuais, construindo o texto do primeiro capítulo desta pesquisa sob os conceitos de HALL (1980; 1997^a; 1997^b; 1999; 2009) e ANDERSON (1991). Na re-escrita do referencial teórico dos Estudos Culturais muitas contribuições foram recebidas a partir de textos de Escosteguy (1999), Holanda (2008), Ortiz (2006), Tadeu da Silva (1999), Stam e Shohat (2006) e Stam (2010), por exemplo.

O Capítulo II, sob o título FUTEBOL: as origens e o esporte no Brasil, traz as informações consideradas importantes para compreender o esporte Futebol e suas possíveis origens na Idade Antiga, encontrou-se referências a uma prática esportiva no Japão, na China, na Grécia e na Roma antigas. Também verificou-se sua re-edição no período medieval florentino, atual território italiano, no ressurgimento do esporte com bola e em equipes na Inglaterra Moderna, suas características, escolas e organização. Itens como a chegada do futebol ao Brasil, a aceitação da prática esportiva e seu princípio nas elites também se fazem presentes no texto. É possível revisitar a memória do início do futebol no Brasil e a exclusão das classes menos favorecidas economicamente em relação à prática do esporte.

Buscou-se informações sobre as fases de difusão e projeção, a transformação do modelo amador em profissional, as mudanças que levaram o país a se reconhecer e a ser reconhecido como o país do futebol, o domínio do *marketing* esportivo nos campos brasileiros: a identidade nacional forjada a partir do futebol e em conformidade com o mito das três raças, ideológico e fundador da “identidade nacional original”. Os textos de Arruda (2002), Voser, Guimarães e Ribeiro (2010), Guterman (2009), Stam (2010) e Caldas (1990), Scliar e Cattani (1968) entre outros, foram fundamentais para a compreensão cultural deste esporte em equipe, o mais popular no território brasileiro. Denardin (2011) acrescenta observações a partir de sua participação como jornalista nas coberturas dos Campeonatos Mundiais de Futebol. Considera-se que revisitar o passado auxilia na compreensão do presente e no planejamento do futuro.

No capítulo seguinte, por sua vez, elucidam-se o roteiro que a FIFA escolheu realizar para mostrar, difundir e lucrar com o esporte bretão de 1930 até 2014. Ao analisar as escolhas da FIFA, busca-se verificar se a rota do maior evento esportivo de uma única modalidade em âmbito mundial é eurocêntrico a partir das indicações preferenciais que faz, ao escolher os países-sede europeus e/ou colonizados por povos europeus, os colocando em evidência através da realização do Campeonato

Mundial. Na construção do texto sobre a memória da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol outras informações se somaram, advindas de livros de autores já citados e da pesquisa de dados que não constavam claramente nos textos, contando com o auxílio de informações disponíveis, inclusive de *sites* como o da própria FIFA, contribuindo para a construção textual de seu histórico e de discursos de seus dirigentes, por exemplo.

A terceira etapa da investigação, conforme os preceitos do *Estudo de Caso*, deve proporcionar uma análise ou construção do relatório final. Desta maneira, os dados obtidos sobre o percurso do Campeonato Mundial de Futebol foram importantes para construir o texto cerne desta pesquisa, onde desenvolve-se uma análise sobre o roteiro construído pela FIFA ao eleger os países-sede como o *locus* do evento. Percebeu-se, então, que tais escolhas são políticas e econômicas; pouco, ou quase nada, esportivas. Nota-se, também, que o eurocentrismo está presente e norteia tais escolhas da Organização Internacional que rege e controla o Futebol no Mundo e a quem todos os países filiados se submetem através de suas federações nacionais. Tal análise se embasa no olhar de Stam e Shohat (2006) e Stam (2010) para verificar a existência de relações geopolíticas e, hipoteticamente eurocêntricas.

Ao longo do trabalho descobriu-se fatos, comprovou-se historietas do mundo do futebol, encontrou-se elementos que justificam posicionamentos e ideologias difundidas ao longo dos tempos sobre o Brasil e os brasileiros. Entretanto, identificaram-se preconceitos e discriminações no berço da memória do futebol e das diversas identidades vistas ao longo dos tempos, sejam elas raciais, sociais, econômicas, políticas ou religiosas. Para isso, leituras de livros, artigos, *sites*, matérias jornalísticas foram relevantes na busca de informações sobre o futebol, a Copa do Mundo e a cultura. A agilidade que a Internet proporciona é insuperável; evidentemente é preciso verificar a qualidade e a confiabilidade das informações nela encontradas.

Há, ainda, um enriquecimento ao final do processo de escritura desta tese, com mais conhecimentos sobre o Brasil, sua história, suas características mais difundidas para marcar as diferenças em relação aos demais países e povos. Pensa-se, também, que é possível construir uma maior tolerância frente às diferenças e ao multiculturalismo, maior respeito às diversas manifestações culturais, ainda que numa sociedade espelhada na cultura erudita importada e imposta, onde alguns padrões culturais mais populares, às vezes sejam refutados, seja no campo das artes, da dança ou da música, por exemplo, impedindo que algum exemplar de *funk* ou *rap* possa ser compreendido como expressão genuína e necessária à popularização da arte, de modo geral.

Deseja-se a todos uma ótima leitura e que as páginas a seguir possam contribuir, de alguma maneira, para desenvolver olhares mais críticos e que busquem compreender as estratégias mostradas na construção da imagem conceitual do Brasil dentro e fora de suas linhas de fronteiras. Acredita-se,

também, que são apontadas relações políticas importantes na definição das escolhas dos países-sede da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol e na construção do roteiro geopolítico resultante.

1 REFERENCIAL TEÓRICO: OS ESTUDOS CULTURAIS

1.1 Surgimento dos Estudos Culturais

Os Estudos Culturais surgem na Inglaterra, em 1964, quando *Richard Hoggarts* funda o *Centre for Contemporary Cultural Studies* - CCCS, junto ao departamento de Língua Inglesa da Universidade de Birmingham, a partir dos resultados de sua pesquisa intitulada: "As utilizações da cultura", em 1957. As principais atividades do CCCS foram desenvolvidas no programa de pós-graduação da mesma universidade e abordavam as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade a partir de análises de formas culturais, instituições e práticas culturais, bem como, suas relações com a sociedade e as mudanças sociais de então.

Conta Escosteguy (1999), que os Estudos Culturais surgem como um movimento teórico-político e investigam o contexto cultural onde se desenvolvem as formações sociais. Para tanto, é necessário compreender os Estudos Culturais como um "novo campo de estudos" teórico, pois além de olhar para outros objetos de análise na área das Ciências Humanas, focalizando as relações entre cultura e comunicação, priorizando elementos desprezados por outras teorias que não abordavam de modo completo as questões da cultura; e na perspectiva política, pois refletem a proposta interdisciplinar, reconhecendo que, muitas vezes, os fenômenos culturais, não têm motivos unifatoriais, percebendo a pluralidade de tais situações.

Conforme Hall (1980, p. 7), "os Estudos Culturais não configuram uma 'disciplina', mas uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade". É um campo de estudos onde diversas disciplinas se relacionam abordando aspectos culturais da sociedade, nos diferentes contextos sócio-históricos das pesquisas.

Para Turner (1990), os Estudos Culturais não é um campo de estudos unificado; ele busca compreender fenômenos e relações sociais que não são compreensíveis através de disciplinas já existentes e estanques. A posição de Turner (1990) corrobora a manifestação de Hall (1980) ao afirmar que a *Working Papers in Cultural Studies*, órgão divulgador do CCCS, não deveria se preocupar em definir e apresentar os limites dos Estudos Culturais de uma maneira definitiva e absoluta.

O campo de estudo dos Estudos Culturais se estabelece, inicialmente, através do CCCS, a partir da investigação sobre a alteração dos valores da classe operária da Inglaterra,

no período do pós-guerra (II Guerra Mundial). Interessa sobretudo a Hoggart, as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade; as formas culturais, as instituições e as práticas culturais bem como as relações desta com a sociedade e as transformações sociais resultantes daquele embricamento.

Os três textos base do final da década de 1950 e início da de 1960, estruturam as pesquisas iniciais do CCCS, a saber: *The uses of literacy*, de Richard Hoggart (1957), *Culture and Society*, de Raymond Williams (1958), e *The making of the english working-class*, de E. P. Thompson (1963).

Hoggart introduz naquela pesquisa o uso da metodologia qualitativa para analisar os materiais culturais da cultura popular e dos *mass media*, mostrando que não há apenas submissão da cultura popular aos valores difundidos pela sociedade, mas que há também resistência à imposição cultural para e sobre estes setores. Somado à contribuição de Hoggart, Williams apresenta a definição antropológica de cultura, apresentando-a, conforme Hall (1990, p. 55), como um “processo inteiro por meio do qual os significados e definições são socialmente construídos e historicamente transformados, com a literatura e a arte como sendo um tipo de comunicação social – especialmente privilegiado”. É essa mudança no entendimento de cultura que possibilitou o desenvolvimento dos Estudos Culturais.

A visão de E. P. Thompson se aproxima da de Williams, compreendendo a cultura como uma rede de práticas e relações que constituem a vida cotidiana dentro da qual a vida do indivíduo estava em primeiro plano. Thompson diferencia, um pouco, entendendo cultura de uma maneira global, como uma luta de modos de vida diferentes.

Quando Hall assume a direção do CCCS, de 1969 a 1979, há um grande incentivo às pesquisas etnográficas, às análises dos meios de comunicação massivos e à investigação de práticas de resistência dentro de subculturas. É no período pós-68 que os Estudos Culturais apresentam-se como uma força motriz da cultura intelectual de esquerda. A repercussão de tais trabalhos ultrapassou os espaços acadêmicos e, na Inglaterra, comprometeram-se com as possibilidades das transformações sociais. (ESCOSTEGUY, 1999).

1.2 O Novo Conceito de Cultura

A ampliação do conceito de cultura para além de textos e representações para práticas vividas focaliza toda a produção de sentido, pondo em evidência as estruturas sociais de poder

e o contexto histórico como elementos fundamentais para compreender as informações difundidas pelos meios massivos de comunicação, mostrando o deslocamento do entendimento de cultura elitista, concebido anteriormente, para as práticas diárias da população. Amplia-se o espectro daquilo que se denomina cultural.

A cultura não é mais vista no seu sentido original, referindo-se ao cultivo ou ao cuidado de sementes ou animais, conforme Thompson (1995). O conceito de cultura vem sendo alterado e, desde o século XVI, quando ganhou amplitude, é interpretado também no sentido de “cultivar a mente”. Bauman (2012, p. 12) esclarece que no século XVIII o termo cultura foi utilizado para “distinguir as realizações humanas dos fatos ‘duros’ da natureza. ‘Cultura’ significava aquilo que os seres humanos podem fazer; ‘natureza’, aquilo a que devem obedecer”. Naquele tempo já se estruturava uma distinção entre o humano e o divino. Ainda para Bauman (2012, p. 12), com o pensamento de Durkheim teorizando sobre os “fatos sociais”, a tendência do pensamento social “foi ‘naturalizar’ a cultura: os fatos culturais podem ser produtos humanos; contudo, uma vez produzidos, passam a confrontar seus antigos autores com toda a inflexível e indomável obstinação da natureza”.

Ainda assim, o termo “cultura” aproximando-se do campo semântico de civilização não era empregado até o princípio do século XIX. Thompson (1995, p. 173-176), acrescenta que nos fenômenos culturais, duas concepções de cultura são relevantes, a saber: a concepção **descritiva**, que a entende como a cultura de um grupo ou sociedade como “o conjunto de crenças, costumes idéias (sic) e valores, bem como os artefatos, objetos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade”; e a concepção **simbólica**, que o autor apresenta a partir de um olhar mais completo, compreendendo, então, cultura como o “padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças”. Somente em torno da metade do século XX “essa tendência começou a se inverter: havia chegado a era da ‘culturalização’ da natureza”, conta Bauman (2012, p. 12), a fragilidade da cultura não precisava mais ser mascarada; era possível ver que nela haviam escolhas. O desencantamento do mundo, conforme Bauman (2012) é um dos elementos responsáveis pela naturalização do entendimento de cultura no mundo moderno.

apresentou a cultura como instrumento da rotinização e da continuidade – uma serva da ordem social. [...] A noção de cultura como capacidade de resistir à norma e de se elevar acima do comum – *poiesis*, arte, criação *ab nihilo* à semelhança de Deus. Significava aquilo que, presumivelmente, distinguia os espíritos mais ousados, menos submissos e conformistas: irreverência em relação à tradição, coragem de romper horizontes bem-delineados, ultrapassar fronteiras bem-guardadas e revelar novas trilhas. [...] era possível possuir ou não cultura; ela era propriedade de uma minoria, e assim estava destinada a continuar. Para o resto da humanidade ela vinha [...] sob a forma de um presente: sedimentava “obras de arte”. [...] Esforços para aprender como estimar os produtos da alta cultura. [...] O produto do segundo discurso foi a noção de cultura formada e aplicada na antropologia ortodoxa. Nela, a “cultura” queria dizer regularidade e padrão – com a liberdade classificada sob a rubrica de ‘desvio’ e “rompimento da norma”. Cultura era [...] um sistema coerente de pressões apoiadas por sanções, valores e normas interiorizados, e hábitos que asseguravam a repetitividade (e portanto a previsibilidade) da conduta no plano individual e a monotonia da reprodução, da continuidade no decorrer do tempo, da “preservação da tradição”, da *mêmete*, de Ricoeur, no plano da coletividade. [...] Implicava a “naturalização” da ordem artificial, construída pelo homem. [...] As duas noções de cultura estavam em total oposição (BAUMAN, 2012, p. 23 - 24).

Sendo assim, a transformação do entendimento da expressão cultura, utilizado nas Ciências Sociais, amplia-se para ser compreendida como uma prática cultural, conceito antropológico, segundo Hall (1980, p. 27), questionada a sua universalidade a partir dos conceitos de “formação social, poder cultural, dominação e regulação, resistência e luta”.

O olhar marxista que constrói o pensamento dos pesquisadores do CCCS também contribuiu para o campo dos Estudos Culturais, relata Escosteguy (1999), a partir da compreensão da autonomia relativa da cultura, apontando que mesmo não sendo dependente ou reflexo das relações culturais de uma sociedade, ela (a cultura) sofre influências e consequências das ações político-econômicas, não mais podendo ser compreendida como uma super estrutura e distanciada da estrutura econômica da sociedade, por exemplo. A lógica do capital onde tudo se transforma em mercadoria, não contempla mais o marxismo puro do século XIX. Tais forças competem e conflitam entre si nas articulações sociais que se apresentam no contexto histórico e nos produtos culturais analisados sob a ótica dos Estudos Culturais.

Hall (1980, p. 32) reconhece a importante contribuição de Althusser na formação dos Estudos Culturais, a partir da introdução do conceito de ideologia, compreendida como a “provedora de estruturas de entendimento através das quais os homens interpretam, dão sentido e ‘vivem’ as condições materiais nas quais eles próprios se encontram”.

Gramsci também colabora sobremaneira para o campo dos Estudos Culturais apontando que a mudança pode ser construída dentro do sistema. A teoria da hegemonia proposta por ele pressupõe a obtenção do consentimento. Não há um confronto bipolar e rígido entre a cultura hegemônica e a cultura popular; há, sim, um intercâmbio entre tais

culturas, comportando entrecruzamentos, transações e intersecções. Por vezes, a cultura popular se opõe à cultura hegemônica, em outros momentos, ela reproduz sua cosmovisão e modo de vida das classes detentoras do poder (hegemônicas), sem problemas ou questionamentos, posto que tais modelos estão incorporados às suas práticas vividas (JOHNSON, 1999).

No princípio, os Estudos Culturais abordavam as relações entre poder, ideologia e resistência (ou a luta por ela). Entre as décadas de 1970 e 1980 surge a influência de autores como Michael de Certeau, Michael Foucault e Pierre Bourdieu, por exemplo. Os Estudos Culturais são objeto da internacionalização, criam força e passam a ser utilizados em diversas pesquisas, especialmente em pesquisas qualitativas que observam os conteúdos propostos/expostos pelos veículos de comunicação de massa e desconsideram as anteriores categorias centrais de “luta” e “resistência”. É nesta época que se desenvolvem os estudos sobre gênero e, mais tarde um pouco, sobre raça e etnia.

Nos anos de 1990 muitos balanços críticos são publicados, porém, conta Escosteguy (1999, p. 149) que há “a fragmentação e a trivialização deste campo de estudos”. As publicações traziam preocupações com a recuperação das “leituras negociadas” dos receptores, percebendo e tentando compreender a liberdade individual do receptor dos *mass média*, subvalorizando os efeitos da ordem social, valorados pela Escola de Frankfurt, anos antes.

O eixo central das pesquisas vinculadas ao campo dos Estudos Culturais deixou de ser o conceito de “classe” e, se direcionou para questões sobre a subjetividade e a identidade, sejam elas de raça, de gênero ou nacionais, que na atualidade são temáticas em destaque nas pesquisas desenvolvidas a partir daquele aporte teórico. Hall reconhece este redirecionamento no campo dos Estudos Culturais e, entre os trabalhos desenvolvidos por ele está o que apresenta a discussão sobre a identidade na modernidade tardia ou no “New Time”, envolvendo temas como a globalização, as migrações e o papel do Estado-nação e da cultura nacional e suas repercussões sobre a construção das identidades.

1.2.1 Linguagem: a nomenclatura e a representação nos processos culturais

A linguagem desfruta de um lugar privilegiado no processo de significação cultural. É a linguagem que propõe a construção, a diferenciação e a nomenclatura do eu e do outro; ela é um elemento fundamental para compreender a representação e a interpretação de tais

elementos através da cultura. Sendo assim, a cultura não existe em si, apenas, dependendo da interpretação que os participantes daquele ambiente cultural lhe atribuem, daí a importância dos significados. Hall (1997b, p. 4), afirma que os significados culturais estão presentes

(...) na construção da identidade e na demarcação da diferença, na produção e consumo, assim como na regulação da conduta social. (...) Membros da mesma cultura devem compartilhar um conjunto de conceitos, imagens, ideias que os permitam pensar e sentir o mundo, interpretando-o de modos mais ou menos semelhantes.

Na visão de Hall (1997b) as práticas de representação são compreendidas como parte fundamental do processo de construção de sentido, efetivado pelas trocas realizadas entre os componentes de uma mesma cultura. É através da linguagem, enquanto plano da expressão, que são construídos os sentidos e os conceitos “comuns” entre tais membros. É a relação entre os conceitos (mentais) e a linguagem que torna possível aos membros de uma mesma cultura se referirem ao mundo (real ou imaginário) dos objetos, pessoas e eventos.

Para melhor compreender o processo de significação cultural, Hall (1997b), amplia a abordagem, apontando que tais sistemas embasam-se em três teorias explicativas para o funcionamento da representação: a reflexiva, a intencional e a construtivista. A linha construtivista, que entendo ser a mais propícia para colaborar com o desenvolvimento deste trabalho, aborda a dimensão pública e social da linguagem. Esta abordagem aponta para uma distinção entre o mundo material e as práticas simbólicas, que se valem da significação e da representação efetuadas pela linguagem. Os atores sociais utilizam os sistemas conceituais, linguísticos e demais modos de representação de cada cultura em particular para atribuir sentido(s) ao mundo e para falar sobre este mundo para seus pares.

Representação é a prática, um tipo de “trabalho”, que utiliza objetos materiais e efeitos. No entanto, o significado depende da sua função simbólica, e não da qualidade material do signo. É porque “um som ou palavra particular *significa, simboliza* ou *representa* um conceito que ele pode funcionar em linguagem como um signo e transmitir significado – ou, como os construtivistas dizem, *significar*” (HALL, 1997b, p. 25-26, grifos do autor).

Na visão de Hall (1997b), dentro da concepção construtivista, duas linhas teóricas apresentam os sistemas de significação através da linguagem, a saber: a semiologia, a partir do pensamento de Fernand de Saussure, e a discursiva, fundada no pensamento de Michael Foucault. Tais abordagens preocupam-se com o texto, o que, para o autor, não traz a completude necessária para o entendimento da representação no sistema cultural, que conta com situações para além do texto. A primeira, a partir de um sistema fechado e estático estuda

a linguagem. A segunda propõe que os sentidos são produzidos além dos termos, a partir do discurso e das práticas discursivas, inclusive observando o local do sujeito do discurso.

Entretanto, Hall (1997b) afirma que a produção de sentido no interior de uma cultura se dá a partir das unidades de análise (narrativas, afirmações grupais, textos-discursos e etc.) e de áreas do conhecimento que se apresentam como autoridade sobre determinado tema.

Hall (1997b) percebe a contribuição de Foucault, contrariando a tendência a-histórica da linha ‘saussureana’. No entanto, também indica que a crença do pensador francês circunscrevia tudo para o espaço do discurso, desconsiderando a possibilidade da influência dos fatores materiais, econômicos e estruturais na observação das relações de poder reveladas pelo e no interior de cada formação discursiva. Para ele, nada existe fora da enunciação. Não é que tudo seja cultura, mas ela pode explicar muitas posições e significados de termos e/ou de ações (atitudes) no interior dos grupos sociais.

Hall (2006) afirma que em relação à identidade existem compreensões históricas diferenciadas e apresenta três concepções com o propósito de apontar para o esfacelamento da ideia de identidade unificada, estável e definitiva emprestada, até então, aos estudos científicos. As três concepções identitárias propostas por Hall (2006, p. 10), estão relacionadas: 1) ao sujeito do iluminismo, 2) ao sujeito sociológico, e , 3) ao sujeito pós-moderno (sic). Nas palavras do autor:

O sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade da pessoa. (HALL, 2006, p. 10 – 11).

O próprio Hall (2006) destaca que o sujeito do iluminismo era indubitavelmente masculino. No entanto, a identidade sociológica, preconizada pelo autor é relacional. O sujeito sociológico tem sua identidade forjada na “relação com as outras pessoas importantes para ele”. É a partir da relação entre o indivíduo e a sociedade que se estabelecem os valores, os sentidos, os símbolos e a cultura dos mundos habitados pelo sujeito sociológico. É, ainda, na concepção sociológica do sujeito, segundo Hall (2006, p. 11 – 12), que é preenchido o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. [...] A identidade, então, costura [...] o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais”.

A concepção de sujeito pós-moderno apresentada por Hall (2006, p. 12 - 13), aponta para um sujeito fragmentado, constituído por várias identidades, em alguns momentos contraditórias ou não-resolvidas.

O sujeito assume identidades diferentes, em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós, não há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2006, p. 13).

As identidades nacionais foram construídas ao longo do século XVIII, no território europeu. Com base no sujeito sociológico, as identidades nacionais nascem da relação de um país (o “eu” nacional) com os outros (os demais “eus” estrangeiros). São “sociedades sociológicas”, portanto. Afirmam-se a partir de diferenças entre si, suas ancestralidades, suas histórias oficiais, suas conquistas, seus efeitos.

A identidade nacional constrói-se a partir das comunidades imaginadas por seus próprios membros, seus governantes, seu povo, enfim. Contando com tradições inventadas, tais identidades reforçam perfis eleitos para a população nacional. Historietas contadas de geração em geração criam padrões de comportamento, de identificação entre os elementos daquele grupo. Também propiciam o nascer do sentimento de pertencimento.

1.3 Identidade Nacional

Na concepção dos Estudos Culturais, portanto, as identidades são construídas a partir de negociações de posições, no interior da representação, através da cultura. A identidade nacional, que nos interessa em particular nesta tese, é uma possibilidade de construção da identidade cultural, a qual este projeto de pesquisa se filia. Hall (1999) afirma que, ainda que a identidade nacional seja política, ela também gera sentidos a partir de um sistema de representação cultural.

Os símbolos e as representações, figuras discursivas, constituem as culturas nacionais. Hall (1999, p. 48) aponta cinco elementos através dos quais a cultura nacional é construída, a saber: *a narrativa da nação*, a valorização das *origens*, *continuidade*, *tradição e intemporalidade*, *a invenção da tradição*, *o mito fundacional*, a existência de um *povo puro e original* (grifos do autor). Percebe-se, então, que as (...) “identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas formadas e transformadas no interior da representação”.

Anderson (1991) contribui para o pensamento de Hall (1999) sobre as identidades nacionais a partir da noção de “comunidades imaginadas”, mostrando que as diferenças

nacionais se estabelecem com base na maneira como elas são imaginadas. A definição de nação, concebida por Anderson (1991, p. 6) é “uma comunidade política imaginada inerentemente limitada e soberana”. Limitada porque está associada a um território que, por mais flexível que sejam suas fronteiras, elas existem; e soberana, pelo desejo de liberdade e de impor tal liberdade para as demais nações, seja através de seu sistema jurídico ou de suas ações políticas, bélicas, militares, comerciais e/ou mercadológicas.

O autor alarga a concepção de nação ao acrescentar-lhe o adjetivo ‘imaginada’, justificando que a comunidade é imaginada porque seus membros jamais conhecerão totalmente uns aos outros, entretanto, ainda assim, dividem uma imagem de comunhão entre todos, visto que a nação é percebida a partir de uma profunda e horizontal familiaridade, ainda que situações de desigualdade, de exploração e privilégios existam concretamente. Hall (1999) acrescenta à concepção de Anderson, a questão da unificação. As culturas nacionais para apresentarem-se como unificadas necessitam produzir um dispositivo discursivo, representando a diferença (o particular em relação às demais culturas nacionais) como unidade ou identidade, ainda que tais identidades sejam atravessadas por divisões e diferenças internas, não homogêneas.

Mesmo que haja a tentativa de unificação da identidade nacional sob a argumentação da etnia (língua, religião, costume, tradições, sentimento de lugar) compartilhada por um povo, esta tentativa fracassa, pois não consegue abarcar todas as diferenças presentes e estando sujeitada ao jogo do poder, elas realizam a ‘costura’ de tais diferenças na construção da identidade nacional unificada.

Anderson (1991) aponta ainda o capitalismo editorial na Europa do século XVI como um dos fatores importantes na origem da consciência nacional.

O mercado inicial era a Europa letrada, uma camada ampla, mas delgada, de leitores do latim. A saturação desse mercado levou cerca de 150 anos. O fato determinante no latim – afora a sua sacralidade – era que consistia numa língua de bilíngues. Relativamente, poucos chegavam a falar latim, e – imagina-se – menos ainda sonhavam em latim. No século XVI, a proporção de bilíngues na população total da Europa era bem reduzida, muito provavelmente igual à proporção no mundo de hoje e – apesar do internacionalismo proletário – dos séculos vindouros. O grosso da humanidade, seja antes ou agora, é monoglota (ANDERSON, 1991, p. 72).

A maioria da humanidade é monoglota, como afirma Anderson (1991), habilitada, geralmente, na língua “materna”. Com a ampliação da educação, ao longo dos séculos, e da alfabetização do público, ampliando o número de leitores, e com a saturação do mercado editorial em latim, o capitalismo editorial foca-se nos potenciais mercados monoglotas.

As novas comunidades imaginadas surgem a partir da interação relativamente casual entre um modo de produção e das relações de produção, o capitalismo, somado a uma tecnologia de comunicação, a imprensa, e a ampliação da diversidade linguística humana, criando e nutrindo grande públicos leitores monoglotas. Possibilitando a unificação de idioletos e de alcançar um maior número de leitores, o capitalismo editorial proporcionou “identidades linguísticas” aproximando os falantes (e as falas!), gerando algum tipo de entendimento “impresso” tornando tais falantes mais próximos entre si, e lhes contrapondo em relação aos demais falantes de outros idiomas e de suas derivações linguísticas.

A concepção de fixidez na língua conferida pelo capitalismo tipográfico ajudou a alimentar “a imagem de antiguidade tão essencial à ideia subjetiva de nação”, pois o livro impresso, como afirma Anderson (1991, p. 80), edifica o entendimento de estabilização e de continuidade a partir da língua. “O capitalismo tipográfico criou línguas oficiais diferentes dos vernáculos administrativos anteriores”. Alguns dialetos mais próximos da língua impressa dominaram outros e chegaram as suas formas finais. Outros, acabaram por não ter sua forma impressa efetivada e perderam posição e modos de registro.

A conjunção desses fatores possibilitou a nova forma da comunidade imaginada, com sua formologia básica estabelecida, criando o cenário para as nações modernas. Pode-se entendê-la como estratégia importante na construção do estado-nação. Vê-se na atualidade que as nações e os estados nacionais modernos têm línguas impressas nacionais, mesmo que as compartilhem com outras nações, como é o caso brasileiro, que tem como língua oficial o mesmo idioma de seu colonizador, Portugal.

1.3.1 A Identidade Nacional do Brasil

A identidade brasileira pode ser abordada a partir de muitos aspectos e de diferentes obras, sejam elas originárias de áreas como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Arte e etc.; cada uma delas revela aspectos diversos da identidade nacional do Brasil. O artigo 1º. da Lei nº. 5.700, de 1º. de setembro de 1971, estabelece que são Símbolos Nacionais brasileiros: a bandeira, o hino, o selo e as armas nacionais. A Constituição Federal do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988, no artigo 13, inciso I, ratifica a existência dos quatro Símbolos Nacionais estabelecidos em 1971. Como esclarece Hall (1999) estes símbolos representam a nação perante seus compatriotas e diante das demais nações e tentam de maneira oficial

unificar “as gentes nacionais” em torno do sentimento de pertencimento, a partir de relações simbólicas com o país.

Até mesmo o primeiro texto oficial sobre o país, a carta do escrivão Pero Vaz de Caminha ao rei português, relatando sobre a descoberta de novas terras d’além mar e o cenário por aqui encontrado é uma pista para compreender a *terra-brasilis*. Em seu texto, Caminha (1500), informava que “[...] entre este arvoredo que é tanto e tão basto (vasto) e de tanta qualidade de folhagem, que não se pode calcular. Há lá muitas palmeiras”. Tais dizeres são informalmente lembrados na contemporaneidade pela expressão: “no Brasil, tudo cresce e floresce”.

É possível, ainda, pensar o Brasil, atualmente, ouvindo os versos do hino nacional que afirma que o país é o “florão da América”, ou, mesmo, que é “um gigante pela própria natureza”, ou, também, que está “deitado eternamente em berço esplêndido”. Com base nessas informações constroem-se sentidos de entendimento sobre esta nação com a maior parte de seu território localizado “ao Sul do Equador”. Entretanto, independente da época em que tais textos foram escritos, muitas das obras que abordam o Brasil, só foram compreendidas anos mais tarde.

No século XIX autores como Euclides da Cunha, Nina Rodrigues e Sílvio Romero são produtores/divulgadores de um discurso paradigmático daquele tempo, considerados como científicos, fundam o pensamento das Ciências Sociais no Brasil, além de contribuírem com a tentativa de desvendar a identidade e a cultura nacional desde então.

Sílvio Romero propõe a superação do estágio romântico alinhado às obras de José de Alencar, que aborda a mestiçagem do branco com o indígena local, como podemos ler em “Iracema”, e em Castro Alves, que através de poemas como “Navio Negreiro” marca sua posição política anti-escravagista. Romero, por sua vez, afasta-se dessas posições “românticas” e se embasa em teorias como o positivismo de Auguste Comte, o darwinismo social e o evolucionismo de Spencer, que privilegiam um único aspecto: a evolução histórica dos povos, crendo que os povos “primitivos, mais simples, evoluem naturalmente para povos mais complexos” como as sociedades ocidentais, como as sociedades europeias, em síntese, fazendo com que tais sociedades percebam seu poderio (econômico, social, cultural, etc.) que culmina com a expansão do capitalismo sobre as demais sociedades. Tal situação, segundo

Ortiz (2006), acaba por legitimar “ideologicamente a posição hegemônica do mundo ocidental” sobre o mundo oriental, sobre as sociedades do Segundo e do Terceiro Mundos.

No Brasil do século XIX a questão racial é um empecilho à unidade da identidade de um país novo e às questões preconceituosas sobre os negros recém libertos através da Lei Áurea (1888), ainda que as legislações do “Ventre-livre” e do “Sexagenário” vissem construindo o caminho, sem retorno, da abolição da escravatura no Brasil. Para os autores como Euclides da Cunha, Nina Rodrigues e Sílvio Romero, a inferioridade da sociedade nacional, em relação à civilização europeia é decorrente das “leis naturais”, do processo histórico evolucionista dos povos.

Dessa maneira, importar tais teorias evolutivas, questiona a constituição da identidade nacional brasileira e se faz necessário explicar (e compreender) o “atraso” da sociedade nacional, esclarecendo a viabilidade “do Brasil se constituir como nação”. As explicações que os cientistas sociais nacionais difundem são embasadas em dois argumentos que diferenciam o Brasil das sociedades europeias: o meio e a raça, elementos definidores do quadro interpretativo da realidade nacional no final do século XIX e princípio do século XX. Um povo diverso do europeu vivendo em um lugar geograficamente diferente da Europa é uma questão relevante. Romero denomina essas diferenciações existentes entre metrópole e colônia de “fatores internos” e que produzem uma distinção cultural bastante importante.

O historiador inglês Bückle (apud, Ortiz, 2008, p. 16 -17) aponta os elementos do meio: “calor, umidade, fertilidade da terra, sistema fluvial”, como sendo os fatores essenciais ao desenvolvimento evolutivo de uma civilização e essenciais na formação do povo no interior de fronteiras delimitadas pela geografia. Essa teoria encontra eco também no texto *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, datado de 1903, que apresenta nos dois primeiros capítulos as temáticas “a Terra e o Homem” (ORTIZ, 2006).

Nina Rodrigues publica, na década de 1890, por sua vez, seus estudos sobre as características psíquicas do homem e a relação deste com o meio, no campo do direito penal. Na mesma época, Césare Lombroso anuncia as características físicas mais frequentes entre os apenados italianos, criando um biótipo do delinquente; teoria médico-penal que também encontrou eco nas terras brasileiras à época. Todas elas refletem a supremacia racial da raça branca.

Entretanto, conta Ortiz (2006, p. 20) que a “civilização europeia não pode ser transplantada integralmente para o solo brasileiro, na medida em que no Brasil duas outras raças consideradas inferiores contribuem para a evolução da história brasileira, torna-se necessário encontrar um ponto de equilíbrio”. Para os pensadores do século XIX o que diferencia o Brasil das sociedades europeias é a mestiçagem das três raças: o branco colonizador, o índio local e o negro escravizado e trazido à força.

É a figura do “mestiço” que se apresenta como uma categoria que expressa uma necessidade social local: a constituição de uma identidade nacional. A adaptação da civilização europeia nos trópicos possibilita que Couto de Magalhães (apud Ortiz, 2006, p. 21) desenvolva o conceito de “aclimatação em relação aos indígenas”, fator que possibilita pensar a cultura brasileira em moldes diferentes da cultura europeia. A “mestiçagem” é um elemento real, por um lado, e simbólico, por outro. Ainda para Ortiz (2006, p. 21), “concretamente (a mestiçagem) se refere às condições sociais e históricas da amálgama étnica que transcorre no Brasil, simbolicamente (ela) conota as aspirações nacionalistas que se ligam à construção de uma nação brasileira”.

Para autores como Euclides da Cunha, Nina Rodrigues e Sílvio Romero, expressão da intelectualidade nacional no final do século XIX,

o mestiço, enquanto produto do cruzamento de raças desiguais, encerra [...] os defeitos e taras transmitidos pela herança biológica. A apatia, a imprevidência, o desequilíbrio moral e intelectual, a inconsistência seriam [...] qualidades naturais do elemento brasileiro. A mestiçagem simbólica traduz, assim, a realidade inferiorizada do elemento mestiço concreto. [...] a miscigenação moral, intelectual e racial do povo brasileiro é uma possibilidade. Na verdade, o ideal a ser alcançado “é uma realidade a ser realizada no futuro, [...] no processo de branqueamento da sociedade brasileira” (ORTIZ, 2006, p. 21).

Somente com o passar dos anos, das gerações “originalmente nacionais” é que será possível alcançar a evolução da raça brasileira, quando será eliminado o estigma das “raças inferiores”, tendo a construção de um Estado Nacional Brasileiro como objetivo futuro e não como realidade presente àquela época (ORTIZ, 2006).

O estopim da Primeira Guerra Mundial, no território europeu, explicita a emergência do pensamento nacionalista, que não valora as teorias raciais e ambientais, que até o momento anterior, que segundo Skidmore vai de 1888 a 1914, estavam vigindo no mundo intelectual europeu e, por “imitação/importação”, no Brasil e, de maneira mais geral, na América Latina são adotadas. Abordando as questões políticas num olhar mais amplo: a relação entre a Europa e a América Latina, Manoel Bonfim publica, também em 1903, o livro *América*

Latina: males de origem, onde aponta a relação entre Metrópole e Colônia, mostrando que as relações entre nações hegemônicas e nações dependentes, observados o meio e a evolução histórica em combinação com o passado das nações (dependentes), tirando as teorias evolucionistas do mote principal e pondo em jogo as teorias biológicas, conforme Ortiz (2006, p. 23), “acreditando que as sociedades existem como organismos similares aos biológicos.” Bonfim acaba por construir a teoria do imperialismo, inspirada nas semelhanças com organismos vivos; ele vê o parasitismo social das metrópoles em relação às nações dependentes, e conclui que uma sociedade parasita tende a se degenerar, a involuir porque, depois da depredação inicial e sequencial ao ataque ao hospedeiro, o parasita se nutre da seiva do animal em que se hospeda, que depois de certo período, acaba por atrofiar seus próprios órgãos. (ORTIZ, 2006).

Dentro desta inusitada teoria biológico-social tem-se que as relações entre colonizador e colonizado são apreendidas enquanto relações entre parasita e parasitado. Dois momentos cruciais determinam esta relação; o primeiro é relativo a um período de expansão agressiva, o segundo, a uma fase de fixação sedentária. O tempo de expansão caracteriza a fase depredatória do colonialismo, é o momento que a metrópole *pilha* as colônias, seja através da exploração do ouro, pedras preciosas, destruição das civilizações autóctones etc. Neste sentido, o escrito de Manoel Bonfim é um libelo contra a opressão das nações colonizadoras, Portugal e Espanha. A metrópole “suga” as colônias e vive parasitamente do trabalho alheio: a introdução do trabalho escravo vai consolidar ainda mais este estado de parasitismo social. O período de fixação sedentária corresponde à implantação de um regime de dominação no qual a nação colonizadora se define como polo de poder. Esta etapa se define [...] pela consolidação de um Estado forte e conservador que procura através da força e da tradição manter o *status quo*. (ORTIZ, 2006, p. 25).

O resultado desta expressão “colonizador *versus* colonizado” traz uma dupla involução: a do colonizador, o parasita, que deixa de evoluir e atrofia, e a do colonizado, o hospedeiro, a quem se transmite a degenerescência. A visão de Bonfim sobre os países da América Latina é caótica: um Estado espoliador e tirânico que se beneficia do trabalho escravo e onde se dão lutas contínuas. Bonfim (apud, Ortiz, 2006, p. 25) aponta como resultado dessa situação nas populações da América Latina a “perversão do senso moral, o horror ao trabalho livre e à vida pacífica, ódio ao governo, desconfiança das autoridades, desenvolvimento de instintos agressivos”.

No mesmo sentido, é mostrada por Stam e Shohat (2002, p. 37) a relação Oriente *versus* Ocidente; “o Ocidente, assim como sua contrapartida oriental, é uma construção fictícia baseada em mitos e fantasias. De uma perspectiva geográfica, o conceito é relativo”. Só para contextualizar, continuam os autores “Aquilo que o Ocidente chama de Oriente Médio é, do ponto de vista chinês, a Ásia Ocidental”. A diferenciação criada entre Ocidente e Oriente também faz referência, segundo Willians (apud Stam e Shohat, 2006, p. 37), “à

divisão do Império Romano oriental e ocidental, à divisão da Igreja Cristã oriental e ocidental, à definição do Ocidente como judaico-cristão e do Oriente como muçulmano, hindu e budista”; e à secção da Europa do pós-guerra (1945) entre o Ocidente capitalista e o Oriente comunista.

Os autores concluem que são as relações políticas que desenham o mapa mundial. Esta divisão entre Oriente e Ocidente, sob a perspectiva eurocêntrica, acaba por definir que o Ocidente é a intelectualidade, o pensamento filosófico histórico e que o Oriente é a força física, o primitivismo, motivando e “justificando” a especulação, a pilhagem e a exploração dos povos em níveis diversos de desenvolvimento pelas nações europeias, que na sua essência apresentam uma mescla de diferentes culturas ocidentais e não-ocidentais. É o local de onde se parte para realizar a análise que define o que é ocidental e o que é oriental. Ainda como marco histórico mais recente, temos a Europa Ocidental (capitalista) e a Europa Oriental (comunista) do pós II Grande Guerra. Por isso, Stam e Shohat (2006, p. 37), afirmam categoricamente que “é a política que determina as configurações geográficas”.

Mesmo a cultura europeia da atualidade é uma síntese de diversas culturas. O mito da Europa Pura descendente direta da Grécia Clássica é uma construção discursiva onde foram apagadas todas as contribuições fornecidas pelas culturas não-ocidentais como as culturas semita, islâmica, chinesa e africana. Para tornar crível esse mito, apresenta-se a Europa como a condutora da história da razão ocidental e, para excluir a influência Oriental sobre as terras do velho continente, o período histórico onde a supremacia Oriental se projetou na Europa, foi denominado de “Idade das Trevas”². Movimentos como o Cristianismo, o Renascimento e o Iluminismo se caracterizaram pela mescla cultural; fatos esquecidos no discurso eurocêntrico, que aponta o Ocidente como um local de refinamento teórico da mente e o Oriente, por sua vez, como o lugar onde se prioriza a matéria bruta do “corpo”.

No entanto, o alfabeto, a álgebra, a pólvora, a bússola, as pontes em arco, as engrenagens mecânicas, o papel, o macarrão, a construção de cursos d’água e a imprensa são criações do Oriente. Como esses elementos servem à constituição europeia, suas origens históricas são esquecidas e passam a fazer parte das etapas de desenvolvimento tecnológico ocidentais.

² Por muitos anos um período da Idade Média foi denominado de Idade das Trevas, fazendo referência a um período sem luz, sem razão, sem valorização da inteligência humana, sem condições de higiene, onde houve a presença e a influência, e, em alguns casos domínio, do Oriente sobre parte do território europeu. Na atualidade, a História não faz mais uso desta denominação. (N. da A.).

O eurocentrismo desenvolve-se a partir da descoberta do Novo Mundo. O paradigma geográfico quebrado, em definitivo, com a descoberta de Cristóvão Colombo em 1492, ao encontrar as terras americanas (Cuba, na América Central) põe em cheque toda a estrutura sócio-econômica geopolítica cultural e religiosa da Europa do século XV. A ignorância de outras terras, de “outros mundos” validada os preceitos de então. Ao encontrar outras possibilidades de vida, de vegetação, de clima, de gentes e de culturas (ainda que sejam alvo de processos de aniquilamento através das formas violentas de colonização) acabam por questionar tudo o que parecia cristalizado na sociedade europeia daquela época.

A forjada história da tradicional Europa chega aos dias de hoje a partir do discurso, da

invenção ideológica (que ‘rapta’ a cultura grega como exclusivamente ‘europeia’ e ‘ocidental’) e que pretende desde as épocas grega e romana tais culturas foram o ‘centro’ da história mundial. Esta visão é duplamente falsa: em primeiro lugar, porque, como veremos, faticamente ainda não há uma história mundial (mas histórias justapostas e isoladas: a romana, persa, dos reinos hindus, de Sião, da China, do mundo meso-americano ou inca na América, etc.). Em segundo lugar, porque o lugar geopolítico impede-o de ser o ‘centro’ (o Mar Vermelho ou Antioquia, lugar de término do comércio do Oriente, não são o ‘centro’, mas o limite ocidental do mercado euro-afrasiático). Temos assim, a Europa latina do século XV, sitiada pelo mundo muçulmano, periférica e secundária no extremo ocidental do continente euro-afrasiático (DUSSEL, 2005, p 27).

Surge, assim, a ‘ideologia’ eurocêntrica do romantismo alemão que apresenta a Europa como a herdeira do ‘mundo grego’ somando-o ao mundo romano pagão e cristão, gerando o mundo medievo e tornando-se o mundo europeu moderno. Esta mesma ideologia vai transformar o Jesus semita no Cristo de pele clara, loiro e de olhos azuis difundido nas pinturas disseminadas nas igrejas católicas do velho continente e, mais tarde, nos espaços colonizados pelos países europeus.

Dessa maneira, percebe-se que a cultura eurocêntrica não se estabelece apenas no território europeu. Ela é disseminada por outros locais onde há colonizações político-econômicas e culturais. Podemos depreender, então, que o modelo ocidental ultrapassou as fronteiras físicas da Europa e se arraigou nas terras à oeste de Greenwich, como nas Américas e, por conseguinte, na América Latina. Com isso, se vê os exemplos da cultura brasileira e da identidade nacional sendo forjados a partir de conceitos eurocêntricos aprendidos pela própria vivência da relação metrópole *versus* colônia, a quem a cultura eurocêntrica trata da mesma maneira com que se relaciona com os outros povos, diversos dos seus: como estranhos, os estrangeiros. Ainda hoje, com a possibilidade do multiculturalismo, que chega rerepresentando uma mescla cultural na contemporaneidade, onde valores de minorias tem sua existência percebida e, em algumas sociedades, apresentadas, o eurocentrismo ainda se mostra como o

modelo da cultura oficial e reconhecida, “correta” e “respeitada” criando uma relação de forças político-sociais e econômicas que vão estenderem-se ou encolherem-se como a um fio, traçando e impondo os limites das fronteiras imaginárias, culturais e políticas da sociedade.

Stam e Shohat (2006, p. 38) afirmam que “às vezes o ‘Ocidente’ exclui a América Latina, o que não deixa de ser surpreendente, pois a maioria dos países latino-americanos, independente de suas heranças étnicas, está localizada no hemisfério ocidental, tem um idioma europeu”, estruturando sociedades que preservam os hábitos europeus hegemonicamente.

O impacto das independências nos continentes americanos e mais tarde no território africano projetou diásporas e movimentos migratórios formando culturas fluidas. Com isso, maiorias e minorias trocam de lugar com frequência. Um grupo que foi maioria em determinado momento histórico pode se tornar minoria ao longo do processo. Também é importante lembrar que sob o aspecto político nem sempre a maioria é quantitativamente maior ou mais ampla do que a minoria que se opõe a ela. Em tais situações também nos deparamos com embates políticos.

A conquista de territórios extracontinentais pelos povos europeus está relacionada à conquista de novos mercados, à expansão de capital e à política intervencionista do Primeiro Mundo sobre os países “recentemente independentes”, mas inaptos ao desenvolvimento, diriam os eurocentristas. Relatam Stam e Shohat (2006, p. 41) que “[...] a novidade no colonialismo europeu foi seu alcance global, sua filiação com instituições de poder mundial, além de seu modo imperativo – uma tentativa de submeter o mundo a um regime único e ‘universal’ de verdade e poder”, desrespeitando a diversidade étnica, cultural, religiosa dos diferentes povos. Na concepção de Stam e Shohat (2006), o colonialismo e o etnocentrismo armado, institucionalizado e globalizado, destruíram populações e suas culturas, transformando os povos nativos, em geral, índios e africanos, em escravos.

No neocolonialismo, por sua vez, o controle militar e político deu lugar a formas abstratas e indiretas de controle, com base no poder econômico, ligando as elites locais ao capital estrangeiro, gerando uma dominação política, militar, econômica, técnica e cultural da metrópole sobre os territórios colonizados, mesmo que de maneira pouco perceptível a “olhos nus”.

Ao avaliar a situação do Brasil em relação à metrópole Portuguesa, considerando a teoria biológico-social, Bonfim aponta que o colonizado é forjado pela metrópole e, para valorizar-se, tenta imitá-la. Desta maneira, tornam-se sociedades conservadoras, resistindo a mudanças sociais, e procuram manter a tradição que lhes assegure o poder. A falta do espírito de observação acaba por impedir que o colonizado perceba e avalie sua própria condição, mantendo-lhe aprisionado ao modelo imperialista, à imitação do estrangeiro, à valorização do que vem de fora, à reprodução de aforismos consagrados (ditados) no ambiente social, sem questionar suas significações ou origem. Outras características de origem indígenas e/ou africanas se agregam ao “espírito brasileiro”, fator que para Bonfim, é renovador da constituição nacional, contrapondo-se à visão negativa exposta pelos seus contemporâneos Euclides da Cunha, Nina Rodrigues e Sílvio Romero.

Na visão de Ortiz (2006), entretanto, o olhar de Bonfim (1903) explica o atraso colonialista de Portugal e Espanha, porém não explica o progresso dos outros países europeus, em especial, no momento da expansão colonialista sobre os territórios da África, da Ásia e da Oceania.

O Brasil do princípio do século XX sofre muitas alterações. A urbanização das principais capitais e o início da industrialização no país promove o crescimento da classe média e faz surgir a classe trabalhadora urbana. É com a Revolução de 1930, que põe no poder Getúlio Vargas, sepultando a política café-com-leite onde prevaleciam as lideranças e os interesses políticos dos estados de São Paulo e Minas Gerais, ruralistas e conservadores, a base da política da República Velha no Brasil (1889 – 1930), que estendia o modelo econômico do Império e, inabalavelmente, aquele herdado do período Colonial. É nesse momento que se passa a buscar uma identidade nacional nova e que reflita essa etapa nascente da sociedade brasileira. Ao valorizar o cinema, o telégrafo, o avião, o telefone, se privilegia as transformações sociais, a organização e a urbanização das cidades.

Nos primeiros sambas, [...] toda referência que possa circunscrever esse ritmo a suas origens africanas será reprimida, tanto na música, que despreza os instrumentos tipicamente africanos, como nas letras, de claro conteúdo urbano e moderno, como afirma o samba “Pelo telefone” em seu título. (GARRAMUÑO, 2009, p. 64 – 65).

É ainda na década de 1930, com o esvaziamento da imigração e a chegada de novos caminhos político-ideológicos que a situação dos negros e mestiços nacionais ganha alguma melhora. A Nova Constituição Brasileira de 1934, escrita para promover o desligamento

oficial do país da República Velha, trazia expressamente, no artigo 113, a premissa que “Todos são iguais perante a lei”, sem “privilégios ou distinção por motivo de nascimento, sexo, raça, profissão, país, classe social, riqueza, credo religioso ou ideias políticas”, relata Stam (2010, p. 125). Com a realização dos Congressos Afro-Brasileiros em Recife (1934) e na Bahia (1937), somados à Conferência Negra Brasileira (1940) a raça negra conquistou alguma visibilidade na sociedade brasileira. As teorias raciológicas já tornaram-se obsoletas; é importante superá-las em razão da verificação de outra realidade social que impunha nova espécie de interpretação nacional.

No livro *Ideologia da Cultura Brasileira*, Carlos Mota (1977) explica que a década de 1930 foi relevante na reorientação da historiografia nacional. Naquela década, três obras são fundamentais para redirecionar a percepção do Brasil sobre si, são elas: 1) *Evolução Política do Brasil*, de Caio Prado Júnior (1933), 2) *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre (1933) e, 3) *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda (1936) (ORTIZ, 2006).

O autor aponta que tanto Caio Prado Júnior quanto Sérgio Buarque de Holanda participam do nascimento das universidades no Brasil, pertencendo a um grupo recente da sociedade que busca uma nova compreensão da realidade nacional a partir de um espaço institucional onde são ensinadas “técnicas e regras específicas ao universo acadêmico”, fato pelo qual Ortiz (2006, p. 40) percebe uma ruptura com a trajetória anterior a partir do “espaço social (universidades) que criam e que dá suporte às suas produções”. Gilberto Freyre (1933) ao escrever sobre o Brasil e a cultura brasileira em *Casa Grande e Senzala*, apresenta-se como um elemento de “continuidade do pensamento anterior e da permanência da tradição”. Na visão de Ortiz (2006), os escritos de Freyre (1933) não apresentam quaisquer rupturas em relação aos textos de Sílvio Romero, no século anterior.

Entretanto, é Freyre (1933) que apresenta as características atávicas do mestiço brasileiro como qualidades positivas. Esse discurso torna possível estabelecer um novo ponto de partida para a construção da identidade nacional brasileira, que naquele momento passa por um período de transição, com objetivos de desenvolvimento traçados pelo Estado. A “ideologia da mestiçagem” que estava presa às ambiguidades das teorias raciológicas anteriores, encontra eco e torna-se socialmente aceita, passando a ser celebrada nas relações do cotidiano e em eventos importantes como o carnaval e o futebol. Os elementos originalmente mestiços tornam-se nacionais no Brasil da época e, por vezes, encobrem as perversas relações de subordinação de uns em relação aos outros.

No Brasil, o legado africano deverá ser recuperado para que se possa construir uma modernidade possível, já que, segundo as teorias racistas vigentes durante o século 19, não havia futuro para uma cultura com elementos africanos presentes. [...] Posteriormente, serão essas características que brotarão com uma contundência impressionante nos sambas dos anos 1930, exibindo em seu “africanismo” dispositivos inovadores no processo de construção de uma nação. (GARRAMUÑO, 2009, p. 64 – 65).

Na visão de Stam (2010 p. 125-126), o olhar do antropólogo Gilberto Freyre, iluminado pela obra anti-racista de Franz Boas, é fundamental para o que mais tarde será denominado de “democracia racial” no Brasil, observando a “contribuição multifacetada de negros e índios para a mistura cultural do país. No sistema patriarcal típico da escravidão brasileira, de acordo com ele [Freyre], as influências africanas ‘trazidas’ por cozinheiros negros e amas negras abriam espaço para certa democracia cultural”.

O texto de Freyre une a todos os brasileiros, brancos e negros, índios e mestiços, ricos e pobres, e isso o faz ser reconhecido por todos os setores da sociedade, inclusive, pelos políticos de esquerda e de direita. *Casa Grande e Senzala* (1933) possibilita ao ser brasileiro pensar-se de modo positivo e pela primeira vez cria-se uma “identidade nacional”, oriunda da mescla racial entre o branco (colonizador), o indígena (local) e o africano (escravizado).

Stam (2010, p. 126) compreende que Freyre via a mestiçagem brasileira como o resultado da “exuberante cópula inter-racial em redes tropicais”, ignorando a imposição do poder, que produzia relações assimétricas, nas quais ocorriam tais relações sexuais. A contribuição dos negros para a cultura nacional é percebida por Freyre apenas de maneira limitada “ao pitoresco e ao folclórico”, colhidos nas manifestações culinárias e na dança, desconsiderando quaisquer manifestações culturais negras como possibilidades políticas.

Garramuño (2009) por sua vez, apoia-se nos estudos de Roberto Ventura e indica que a mestiçagem brasileira torna-se um elemento síntese da cultura nacional ou uma marca de identidade a partir da incorporação de modos culturais europeus, indígenas, africanos e asiáticos, iniciados na literatura, como é o caso do romance *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, na historiografia e no ensaísmo nacionais do final do século XIX.

Para exemplificar a aceitação do mestiço proposta por Freyre, Ortiz (2006, p. 42) aponta que “qualidades como ‘preguiça’, ‘indolência’, consideradas como inerentes à raça mestiça, são substituídas por uma ideologia do trabalho”. E é na forma de se referir ao povo brasileiro nas suas falas diárias como “Trabalhadores do Brasil”, que Getúlio Vargas perfectibiliza e põe em curso tal ideologia, corroborada pelas ações de difusão da música

erudita junto às novas gerações (crianças), a partir das ações postas em prática com o projeto de músicas nas escolas públicas dirigida pelo maestro Heitor Villa-Lôbos, são promovidos o combate à música da malandragem (como o samba, o jongo, etc), construindo o sentido de que há músicas apropriadas para a população e outras, impróprias, que promovem a displicência, a indolência e a malemolência, por exemplo.

Apoiado na construção deste sentido, o governo do Estado Novo utiliza trechos da ópera nacional *O Guarani*, de autoria do próprio maestro Villa-Lôbos, nas vinhetas de abertura e encerramento do programa de rádio diário “*A Voz do Brasil*”, difundindo a mais conhecida composição erudita brasileira à população nacional, mostrando o talento “tupiniquim” nos mesmos moldes da produção europeia, construindo um parâmetro cultural com base na “arte erudita” e estabelecendo a matriz cultural oficial. Evidentemente, está clara e presente a relação de imitação da colônia com a metrópole também nesta opção ideológico-discursiva do governo brasileiro naquele momento.

Abordando a cultura nacional brasileira, em particular, e da América Latina, de maneira mais ampla, Garramuño (2009), ao estudar o tango e o samba como elementos das culturas nacionais da Argentina e do Brasil, aponta que há uma construção identitária nacional e continental, a partir de uma mescla de elementos, mostrando uma tensão entre a integração à civilização europeia e o exotismo primitivo formador das gêneses nacionais e latino americana.

Por sua vez, “o mito das três raças é, neste sentido, exemplar: ele não somente encobre os conflitos raciais como possibilita a todos de se reconhecerem como nacionais”, ensina Ortiz (2006). Contudo, no instante em que a sociedade se apropria da ideologia da origem nacional a partir das três raças, e a propaga em seu cotidiano, elementos de origem negra e/ou indígena, são incorporados à cultura nacional, perdendo a referência às suas origens, como é o caso do samba, que torna-se a música nacional brasileira e perde sua referência como música negra do Brasil, diferentemente do *jazz*, que é nos Estados Unidos da América, o exemplar reconhecido da música negra daquele país.

Os sentidos construídos pelos diversos discursos elaborados sobre o tango e o samba também não abonam essa hipótese de seu progressivo e linear “saneamento”. No trabalho que artistas e intelectuais argentinos e brasileiros envolvidos nos processos de modernização e das vanguardas nos anos 1920 a 1930 [...] realizam sobre os dois ritmos, é possível ler uma estratégia comum, apesar de suas diferentes manifestações: eles tratam de elaborar o caráter “primitivo” e sensual desses produtos como sua marca diferencial. Essa mesma característica, que durante os primeiros anos havia servido de motivo suficiente para a exclusão dessas danças insolentes, é agora ressignificada como signo de modernidade. (GARRAMUÑO, 2009, p. 27).

As questões políticas e os novos tempos democráticos pós-Estado Novo se apresentam; as questões imigratórias³, em especial alemãs e italianas, contrapostas aos discriminatórios episódios brasileiros contra estas populações durante e depois da II Guerra Mundial, traçam um cenário menos glamoroso ao Brasil. A saída de Getúlio Vargas do Palácio do Catete, que desde 1930 assumira o governo federal, e a eleição de seu sucessor, o General Dutra, contrapôs o cenário tropical à austeridade de sua gestão com o fechamento dos cassinos, a proibição dos jogos de azar e o estrangulamento do setor de *shows*. Houve, ainda as modificações nas transmissões radiofônicas e o prelúdio da televisão no país.

O desenvolvimento do Brasil na década de 1950 se acelera. A influência maior vem através do estilo norte-americano de vida, do uso dos eletrodomésticos. É o mundo “cor-de-rosa das batedeiras, liquidificadores, enceradeiras, torradeiras, ferros de passar e outros tantos produtos que simplificam” e auxiliam no dia a dia dos lares, todos elétricos, criando novos mercados à indústria e ao fornecimento de energia aos governos, através do setor de serviços.

Os interesses voltam-se aos produtos “facilitadores” da vida da dona de casa e da mulher que se insere no mercado de trabalho: os tecidos com base no *nylon* que não amarrotam como os das camisas volta ao mundo, a diminuição na quantidade de tecidos usadas na confecção das roupas, facilitando a circulação das pessoas em locais urbanos e com menores dimensões, os novos direcionamentos urbanos (edificações e projetos) bem como a ampliação dos usos das tecnologias de comunicação como o rádio, o cinema e a televisão, esta última só chega ao Brasil após a Copa do Mundo, em setembro de 1950.

Entretanto, o mito das três raças apresentado por Freyre (1933) algumas década antes ainda está presente no imaginário nacional brasileiro. A mestiçagem serve de unidade ao “Novo Brasil”, ao menos, teoricamente. Um exemplo importante da presença da mestiçagem na cultura e na identidade nacionais brasileiras está presente no pôster de divulgação da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol disputada no Brasil em 1950.

³ As populações de origem alemã e italiana, principalmente existentes nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sofrem discriminações e opressões no período da II Grande Guerra e ao final dela, inclusive tendo proibidos a manifestação nos idiomas alemão e italiano. (N. da A.)

1.3.2 Um pôster mostra o “Novo Brasil” ao Brasil e ao Mundo

O cartaz brasileiro construído para o IV CAMPEONATO MUNDIAL DE FUTEBOL com a premiação da Taça *Jules Rimet*, foi disputado no Brasil em junho de 1950. Esta, inclusive é a parte textual disposta no material promocional do evento, daquele ano.

Em termos de imagem, vê-se um fundo claro, na cor creme com um esfumado em tom azul em torno da imagem principal. Neste espaço azulado pode-se perceber, na altura do centro ótico do pôster, uma imagem estilizada do pão de açúcar, do céu com algumas nuvens brancas e do mar, configurando uma curvatura próxima a da baía de Guanabara, no Rio de Janeiro/Brasil.

A imagem principal, por sua vez, é responsável por ocupar 50% do espaço destinado à disposição dos elementos gráficos (texto + imagem) apresentados no cartaz brasileiro em análise, onde se pode notar que a imagem principal está em primeiro plano e é a representação de uma perna masculina morena (talvez mulata), calçando uma chuteira estruturada (com as garras características daquele modelo de calçado) nas cores preto e branco (também características do produto à época) e com um “meião de futebol” onde vê-se estampadas 31 bandeiras nacionais.

A posição dobrada da perna esquerda, ali representada por ilustração, está apoiada sobre a figura de uma bola de futebol parada, na cor ocre, simulando uma cor de couro meio amarronzada⁴, onde também se vê sete (7) gomos. A bandeira nacional brasileira está posta no centro métrico da parte maior do “meião de futebol”, facilitando a sua percepção pelo olhar do público. A perna morena pousada sobre a bola toma a diagonal alto/esquerda e desce para a posição baixo/direita, perfazendo exatamente a diagonal de leitura dos textos ocidentais, ligando as zonas óticas inicial e terminal pela própria disposição da imagem representativa da perna humana morena vestindo o “meião” estampado com bandeiras nacionais e chuteira, travando a bola com habilidade e domínio, conforme vê-se nas jogadas esportivas de alguns dribles. Talvez, sugerindo o drible da própria COPA DO MUNDO FIFA de Futebol à paralisação do evento efetuada durante a II Guerra Mundial. É possível pensar também na história do futebol e lembrar que o drible é uma jogada da escola seguidora das regras de *Cambridge*, que Charles Müller frequentou quando residiu em *Southampton*, Inglaterra, e introduziu no Brasil. O drible é uma espécie de jogada bastante praticada e valorizada pelo

⁴ Apresentando o corrente modelo de bola de futebol da época, diferente das que vemos na atualidade (N. da A.).

futebol brasileiro, que o caracteriza e que ajudou a denominar a prática esportiva brasileira de futebol-arte, contribuindo para a denominação deste país como o país do futebol.



Fig. 1: Cartaz brasileiro criado para o IV Campeonato Mundial de Futebol no Brasil, em 1950.
Fonte: <http://www.suapesquisa.com/educaçãoesportes/historiadacopa.htm> >; acessado em: 20 mar. 2010.

Importante ressaltar que todas as bandeiras graficamente dispostas no “meião de futebol” que cobre a canela da figura humana ali desenhada representam países inscritos para o evento esportivo IV Campeonato Mundial de Futebol, hoje conhecido como COPA DO MUNDO FIFA de Futebol. Na parte superior do “meião”, aquela onde se encontra a dobra, logo abaixo do joelho, é perceptível a visualização de 14 bandeiras nacionais, estabelecendo de modos equitativos espaços destinados às bandeiras nacionais de todos os países participantes. Não há um espaço mais amplo destinado à bandeira do país-sede em relação ao demais. É o recomeço do evento esportivo, suspenso por alguns anos em razão da II Guerra Mundial, no território Sul-americano, que não sofrera perdas com os combates.

A referência ao Brasil, como o local-sede do evento, se dá apenas pela inclusão da imagem-cenário posta em segundo plano imagético no pôster: a representação gráfica da paisagem mais reconhecível do Rio de Janeiro, o pão de açúcar (a imagem secundária do cartaz, ao fundo e esfumada, como na técnica de pintura em aquarela). Naquela época, o Rio de Janeiro era a maior representação do Brasil no exterior, além de ser a capital nacional, também por ser um local de belezas naturais reconhecido internacionalmente, único no mundo, e que estava associado ao *glamour* do teatro de revista que apresentava *shows* musicais nos cassinos, como o Cassino da Urca, bairro onde se localiza o pão de açúcar na cidade do Rio de Janeiro. Utilizaram-se da imagem típica do Brasil turístico, mostrando a intenção de atrair o olhar e provocar o desejo aos estrangeiros. Um discurso focado no centro, no cosmopolitismo, na maior e mais “famosa beleza natural brasileira”. Um Brasil mostrado a partir de um olhar, de uma concepção eurocêntrica.

Evidentemente que a técnica utilizada para compor o cartaz publicitário do maior evento de uma única modalidade esportiva segue a aplicação tecnológica daquele momento. No Brasil de 1950, os meios de comunicação disponíveis ao consumo de massa são os jornais impressos (em preto sobre fundo claro), as revistas (parcialmente em cores), o cinema e o rádio. A televisão ainda não estava instalada no país. A internet ainda estava sendo pesquisada por Lee.

A ilustração apresentada no cartaz brasileiro que divulga o IV CAMPEONATO MUNDIAL DE FUTEBOL no Brasil é bastante próxima às imagens existentes nos anúncios de ponto-de-venda, rótulos e aquelas impressas nas revistas de circulação nacional como O Cruzeiro⁵ (ver anexos). Não está entre nossos objetivos analisar a parte verbal do pôster,

⁵ Nos anexos deste trabalho encontra-se uma reprodução da capa da Primeira Edição da Revista O Cruzeiro. (N. da A.).

entretanto, não poderia deixar de apontar que o texto está escrito em letras maiúsculas e em um tipo sem serifa⁶, num tipo da família “Arial”, fator recomendado tecnicamente para os anúncios publicitários.

Mais transformações ocorrem no Brasil dos anos 50. A remodelagem do conceito de cultura promovida pelo Instituto Superior Estudos Brasileiro - ISEB, no país, constrói novos sentidos e, para exemplificar, a categoria de “aculturação” é substituída por “transplantação cultural” ou por “cultura alienada”. Ao conceber o “domínio da cultura como um elemento de transformação socioeconômica”, o ISEB se afasta do passado intelectual brasileiro e abre perspectivas para se pensar a problemática da cultura brasileira em novos termos, enfatiza Ortiz (2006, p. 46).

Para Toledo (1979, apud Ortiz, 2006) o inovador no pensamento isebiano é a contraposição ao Estado; os intelectuais vinculados ao ISEB articulam os conceitos trabalhados no nível político e veem a crítica, articular-se no nível filosófico. O pensamento isebiano não se transforma numa “fábrica de ideologia” do governo Kubitscheck, considerando que o Estado Nacional naquele momento preconiza a internacionalização da economia enquanto que os intelectuais do ISEB buscam um ideal que auxilie no diagnóstico e proponha ações para solucionar os problemas nacionais.

Para Ortiz (2006, p. 48) o ISEB torna-se a “matriz de um tipo de pensamento que baliza a discussão da questão cultural no Brasil dos anos 1960 até hoje”. O golpe militar de 1964 põe fim às atividades do Instituto. A ideologia reformista da classe dirigente que pretendia modernizar o Brasil é abortada justamente no momento em que o sistema capitalista torna-se mais forte na história nacional, ajudando a construir a hegemonia da classe dominante brasileira à época. Mesmo encontrando dificuldades de propagação no período político da ditadura militar no Brasil, o pensamento isebiano encontra caminhos populares e conquista espaço junto aos setores de esquerda e progressista, construindo um olhar mais “popular” sobre a cultura nacional.

No início dos anos 1960, dois grupos tomam a frente das discussões a respeito da cultura nacional e de sua sustentação/valorização, são eles: o Movimento de Cultura Popular, em Recife/PE e o Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes – o CPC da UNE, na Guanabara, de 1962 a 1964. O CPC desenvolve um pensamento de “vanguarda

⁶ Tipo de letra mais utilizado pela publicidade por serem mais limpos, menos rebuscados em sua forma. Os tipos com serifa apresentam “pezinhos” na base da letra, criando a sensação visual de condução do olhar de uma letra para a outra. (N. da A.).

artística”, que compreende a tomada de consciência vinculada a uma ação política, orientada à esquerda, e desvinculada dos cânones estabelecidos.

Os CPCs compunham-se, em grande parte, de estudantes radicais da classe média, que queriam usar a cultura popular para impelir a sociedade brasileira numa direção progressista. Subsidiado pelo Ministério da Educação e Cultura antes do golpe de 1964, os CPCs tentaram estabelecer uma conexão com as massas brasileiras por meio da apresentação de peças em fábricas e bairros operários, produzindo filmes e discos e participando dos programas de alfabetização baseado no método Paulo Freire. (STAM, 2010, p. 278).

Paulo Freire, intelectual da área da educação, traz os princípios do pensamento do ISEB no seu método de alfabetização que valora os conceitos de cultura, de popular e a filosofia existencialista. Carlos Estevam Martins, diretor executivo e principal teórico do CPC da UNE, também apresenta fortes ligações com o pensamento iseiano. Os dois movimentos tem bases enraizadas no pensamento da “alienação cultural”; além de aparecer nas cartilhas escolares e nas músicas *Trilhãozinho*, e o *Canto do Subdesenvolvimento*, de Carlos Lyra, por exemplo.

A influência do ISEB também é percebida no teatro, com as encenações do Teatro Brasileiro de Comédia – TBC, nos textos de Gianfrancesco Guarnieri, e no Cinema, com obras de diretores como Glauber Rocha e Paulo Emílio Salles Gomes. Até mesmo o debate sobre o novo estilo musical brasileiro, a Bossa Nova, é marcado pela discussão sobre a importação alienante (ou não) da influência do *jazz* na música nacional.

O Cinema Novo e a bossa nova resultaram do mesmo processo de renovação cultural que gerou a arquitetura de Brasília (pelo comunista Oscar Niemeyer), as teorias da “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire, as estratégias do “Teatro do Oprimido” de Augusto Boal e a dramaturgia politizada da “Oficina” de Zé Celso e do “Teatro de Arena”, de Guarnieri (a música pelo menos no começo, foi a área menos politizada, mas isso mudou pouco depois). [...] Todas as áreas culturais, em suma, conheceram fortes correntes da renovação crítica. [...] Se, em termos políticos, *Bahia de Todos os Santos* dá expressão a uma espécie de sensibilidade anarquista de esquerda, *Cinco Vezes favela* (1962) é produto de uma esquerda mais ortodoxa, a dos Centros Populares de Cultura (CPCs) da União Nacional dos Estudantes, no Rio de Janeiro, em 1961 e 1962. Muitos dos membros originais do Cinema Novo eram ativistas dos CPCs, e muitos participaram de *Cinco Vezes Favela*. [...] (que) consiste em cinco curtas de ficção tendo a favela como cenário. Falar de favelas implica automaticamente falar dos negros, já que as favelas são habitadas basicamente, embora não exclusivamente, por negros e mulatos. Todos os episódios constituem histórias socialmente didáticas (STAM, 2010, p. 266-279).

Carlos Estevam Martins traçou posições oficiais do coletivo através do manifesto “Por uma Arte Popular revolucionária” no qual propunha que a “arte popular revolucionária” deveria descartar a produção cultural da população, entendendo-a como “grosseira”, “tosca” e “retrógrada” por estar embasada nos cânones importados de outras culturas, como a europeia, por exemplo. Para Estevam só é “arte revolucionária” aquela que é produzida por estudantes de classe média e intelectuais que levem o povo à revolução cultural. Nesse sentido, Stam

(2010, p. 278) aponta que para a população negra brasileira tal “teoria é duplamente ofensiva, ao negar a validade da cultura negra e o potencial negro para a liderança política, já que eram os negros que em larga medida produziam a cultura popular que ele desmerecia como ‘grosseira’ e ‘tosca’”.

Todas aquelas discussões levam Cândido Mendes a afirmar que a função dos intelectuais e da universidade no Brasil é a procura da autenticidade. A busca de uma identidade ‘autêntica’, é a busca da contraposição à identidade, criada pelo polo dominador, propondo que é só com a morte do colonizador que morrerá o colonizado, quando se abre espaço, então, para o surgimento “de uma superação”, vendo no Terceiro Mundo a matriz de libertação do homem universal (ORTIZ, 2006).

Diferentemente de Fanon, que estudou a sociedade Argelina e a aponta como um espaço futuro, os intelectuais do ISEB acreditavam que a nação brasileira já existia e não estava situada no amanhã, “pelo contrário, a existência de uma sociedade civil [no Brasil] atesta que ela é uma realidade presente, mas que não se encontra ainda plenamente desenvolvida”. Desta maneira, a cultura das classes dominantes (ou aquela por elas preconizadas) é a cultura “alienada”; a cultura popular se confunde com a ideia de conscientização, distanciando-se da tradição, como uma expressão de uma cultura subalterna. (ORTIZ, 2006; STAM, 2010).

Popular e nacional representam assim faces de uma mesma moeda: neste sentido, a prática do CPC implicaria a tomada de consciência da dependência dos países subdesenvolvidos com relação aos centros das decisões econômicas e culturais. Retoma-se de certa forma o argumento isebeiano que focalizava o problema da dependência cultural em termos de alienação. A luta anti-imperialista, tema essencial das manifestações estudantis, penetra desta forma o texto artístico, e pode, pedagogicamente ser exposta para a grande massa (ORTIZ, 2006, p. 75).

Para Ferreira Goulart (apud Ortiz, 2006, p. 75) a cultura popular “é um projeto político que utiliza a cultura como forma de realização. [...] ela tem caráter eminentemente nacional e mesmo nacionalista”, por isso, o “intelectual militante da cultura popular deve ser parte integrante do povo, deve tornar-se povo, nunca atuando como porta voz, um verdadeiro intelectual da antissociedade”.

O governo militar brasileiro reinterpreta a questão nacional-popular discutida pelo ISEB e pelos CPC’s da UNE e busca a construção de uma identidade nacional “autêntica” redefinindo como nacional a preservação de tudo aquilo que é brasileiro, “tudo o que é nosso” direcionando à preservação da memória nacional e pondo-a como um prolongamento da

memória coletiva (ORTIZ, 1999). Ao Estado, naquele momento, coube o papel delimitador da identidade nacional; separando o interno dos externos; o “EU” dos “OUTROS”.

Na década de 1970, sob o governo do Gal. Emílio Garrastazu Médici, o Brasil necessitava atingir rapidamente o desenvolvimento econômico e tecnológico para conseguir concorrer com as multinacionais, possibilitando à indústria nacional um padrão de competitividade nos mercados internacionais. O “milagre econômico” foi implementado enfatizando a premissa “tempo é dinheiro”, tão válida ao mundo capitalista e proporcionando que um maior número de indústrias se estabelecessem no país num menor espaço de tempo.

Estando a pujança industrial condicionada, proporcionalmente, à expansão do mercado, essa primeira metade da década [de 70] foi o momento de maior consumo entre as classes médias, que podiam ter acesso efetivo à modernização econômica do país através da proliferação de supermercados e *shopping centers*, principalmente nos grandes centros urbanos brasileiros. São momentos decisivos, de frenesi econômico e de apelo tecnológico, que incorporam inovações definitivas à sociedade. Tópicos de modernização urbana que se refletem, significativamente, no comportamento dos brasileiros (JULIANO, 2003, p. 77 – 78).

Os efeitos do “milagre econômico” da primeira metade dos anos 70 começam a ruir na segunda metade da mesma década em razão da concentração de renda pelas elites. Torna-se difícil disfarçar a distância entre as classes socioeconômicas nacionais pelo alto consumo e acumulação de bens. Os meios de comunicação, em especial a televisão que já contava com um projeto de “integração nacional” a partir do sinal da Rede Globo em grande parte do território brasileiro, fez entoar a voz dos “*slogans* patrióticos e governistas: “Pra Frente Brasil”, “Brasil, eu te amo”, “Brasil, país do futuro”, etc., com clara intenção homogeneizadora de classes, numa ideologia consumista”, aponta Juliano (2003, p. 78).

Ainda como reflexo desta ação governamental, o êxodo rural aparece; mais mão-de-obra para as indústrias, menos aderência ao campo. Esta “vontade” de estar na cidade, no espaço urbano, no centro das atividades mostradas pelos veículos de comunicação de massa aliada à ausência de políticas sócio-culturais que acompanhassem o desenvolvimento econômico, não permite que o povo brasileiro permaneça acreditando no “milagre econômico” dos anos anteriores.

A censura torna-se um elemento fundamental no controle do Estado sobre as manifestações culturais. E, em 1975 o governo institui a Política Nacional de Cultura, definindo o que é e o que não é (e nem poderá ser naquele período) produção cultural nacional. O documento revalida apenas os valores das classes governantes, vem delas a autenticação de valores que identificam o que é “genuíno” e “autenticamente nacional”. A

utilização dos meios de comunicação de massa para produzir e divulgar a cultura constam do texto legal. (JULIANO, 2003).

As mídias têm sido os principais instrumentos para alcançar as totalizações hegemônicas, de forma autoritária. Um regime político totalitário resulta de uma ideologia ‘oficial’, que busca atingir, com seus ordenamentos de verdade, todos os aspectos da vida em sociedade, sendo que, dessa ideologia, todos devem compartilhar, lutando por seus pressupostos (JULIANO, 2003, p. 118).

A identidade nacional é uma construção política resultante da interação entre o popular e o nacional. Ortiz (2006) considera a busca por uma identidade brasileira um “falso problema” e justifica sua posição esclarecendo que a identidade nacional é esboçada a partir de “uma interpretação de um mediador simbólico que desprende as manifestações culturais de uma esfera particular e as articula a uma totalidade que as transcende”, complementa Dalpiaz (2013, p. 66).

Os interesses neoliberais que desejavam esfacelar os “nacionalismos” considerados empecilhos à globalização, em especial na América Latina, acabam por enfraquecer os governos militares da região e fissurar tanto culturas quanto economias. Na década de 1980 tudo é mercadoria; a lei do mercado (e o *marketing*) transformam quaisquer objetos, situações, imagens e etc., em produtos consumíveis e disponíveis ao público consumidor.

A produção artístico-cultural do período reflete, também, a desorientação política da sociedade como um todo. O panorama nacional, nos anos 80, pode ser caracterizado como o período das grandes indefinições. Um país que se encontra saída de uma ditadura militar de 20 anos e, ainda, sem uma prática de representação democrática, se vê sem demarcação de rumos. A conduta totalitária adotada pelos governantes promoveu a própria queda de seus governos, tanto por reservar poder única e exclusivamente a uma fatia da sociedade – os militares (em seu monopartidarismo), quanto por acreditar na obtenção da hegemonia através da repressão e da ilusão ideológica de Brasil unificado. Com o término das ditaduras militares, resta uma sociedade civil enfraquecida em suas formas desejantes de projetos coletivos e entregues à sorte que lhe reserva a economia em franco processo de globalização (JULIANO, 2003, p. 125 – 126).

Com o desfacelamento gerado na década de 1980, os meios de comunicação de massa assumem o papel de produtor e disseminador de conceitos e de comportamentos para todas as camadas sociais, não mais apenas para as classes populares brasileiras. Juliano (ano, p. 126) indica que o “epicentro” brasileiro desta produção televisiva “permanece sendo a Rede Globo de Televisão, tendo em vista sua história, desde a implantação em 1965, como aliada dos interesses dominantes e beneficiária das estruturas governamentais na construção de seu inigualável padrão técnico e de programação”.

Na década de 1990 a televisão foi um fator primordial na disseminação de conceitos e de tecnologias. Acostumado à fragmentação proporcionada pelos telejornais e demais

programações exibidas, o espectador passa a poder editar os conteúdos diários a partir daqueles produzidos pelas emissoras de televisão. A desvinculação de um conteúdo organizado em grades de programação que se encadeiam, empacotam e entregam audiências aos programas que os sucedem, perde poder junto ao público. Muda a fórmula da recepção dos conteúdos de televisão no Brasil. Altera-se o comportamento do público, já com acesso à Internet e a conteúdos diversificados advindos de canais de TV fechada (a cabo) ou de outros países, via antena parabólica, por exemplo. Cada indivíduo pode gerar seu próprio conteúdo em *sites*, em plataformas tecnológicas. A visibilidade não está mais vinculada ao poderio econômico dos grandes meios de comunicação de massa nacionais.

Os meios de comunicação assumem mais visivelmente seu papel político no final da década de 90 e início dos anos 2000. A primeira eleição direta para o maior cargo do executivo nacional ocorre em 1989 e os comícios nos palanques políticos são substituídos por debates promovidos pelas emissoras de televisão em seus estúdios. Contando com toda técnica disponível e dominando a linguagem cinematográfica (e televisiva, por conseguinte) a utilização de planos e enquadramentos, cortes, angulações e interrupções servem aos objetivos do grupo dominante. Além da escolha prévia de perguntas e da preparação das respostas, réplicas e tréplicas previstas no regimento dos programas de debates, que contribuem para o fortalecimento do discurso elitista. Assim, a classe dominante cursa um caminho direto e sem sobressaltos rumo ao poder democraticamente conquistado através das urnas.

A eleição presidencial de 1989 aparece como marco importante de uma ideologia vencedora, cuja substância está menos no ideário proposto do que no modo de organizar a persuasão da massa. É por isso que não devemos nos ater à aparência do poder legitimado pelo voto popular se quisermos compreender o processo político que se desenrola sob a vigência do capitalismo monopolista videofinanceiro. [...] Sobre a base eletrônica da dinâmica eleitoral, cumpre ter em mira que a TV hegemônica no mercado se transformou, durante a década de 80, em partido político. [...] A técnica de *public opinion* é a prova convincente de que o povo, cada vez mais despolitizado, vota de acordo com a estética diária da telenovela. [...] O imaginário da telenovela é que oferece aos candidatos à Presidência sua gestualia, sua fitinha do Senhor do Bonfim no pulso, suas palavras de ordem, além da dramaturgia de seus personagens, tal como aconteceu com a telenovela *O Salvador da Pátria*⁷ (VASCONCELLOS, 1997, p. 15 – 16).

Vasconcellos (1997, p. 16 - 17), afirma ainda que “a substituição do príncipe da telenovela pelo fetiche da moeda transcorre num país com formação oral, ágrafo, analfabeto e unificado eleitoralmente pela TV”. Na sua opinião, o modelo político brasileiro está embasado na estrutura “videofinanceira” sobre a qual se ergueu a “governabilidade” depois do golpe militar de 1964. Para o autor, o sistema político videofinanceiro é “o processo social

⁷ Grifos do autor. (N. da A.).

pós-ditadura de 64. Depois de quase 30 anos, configura-se um tipo específico de dominação política [...] Esse amálgama de mídia, Estado e processo eleitoral é sucedâneo da ditadura, [...] converteu-se em telenovela, [...] a superestrutura da *network*”.

A tecnologia define a sociedade que a utiliza e, na década de 2000, no Brasil, com a estabilização financeira proporcionada pelo Plano Real aliada aos desfazimento da estrutura estatal principalmente nos setores de telecomunicações e de energia, os investimentos na telefonia móvel são marcadamente visíveis. As operadoras da telefonia celular móvel ampliam os investimentos num setor carente há anos e que apresentava uma demanda reprimida. Logo surge a “Banda B”, oferecendo concorrência aos serviços e a multiplicação de operadores de telefonia móvel; fato que ocorre em todos os estados brasileiros.

O acesso à Internet também se populariza; além do uso nos setores militar, governamental, comercial e educacional, diversas empresas oferecem o serviço, levando quase 30% da população brasileira⁸ a acessar a Rede Mundial de Computadores. A facilidade do consumidor de uso do tempo “livre”, antes, fortemente marcado pela assitência de TV, encontra outros espaços. A possibilidade introduzida pela edição do mosaico diário das possibilidades dos conteúdos televisivos é substituída pelo acesso e participação nos conteúdos internéticos, que além de consumo, permite interação e postagens de conteúdos próprios através de *up loads*. Produções caseiras e mesmo individuais ganham as redes, em especial as redes sociais, na década seguinte. A previsão de Warholl na década de 1960 se efetiva e todos buscam seus minutos de fama. Registra-se tudo: amores, dores, felicidade, conquistas, necessidades, atividades, opiniões, discussões, piadas, sexo, etc. Não há limites para a exibição cotidiana contemporânea. Muitas tribos, diversos interesses estão no cardápio digital interativo. Uma multiplicidade identitária se faz presente nas redes sociais. Um novo Brasil se constitui e se mostra a si mesmo e aos outros.

1.3.3 O Cartaz que apresenta o Brasil do século XXI

Em meados de 2012, é apresentado pelo comitê brasileiro, em evento em conjunto com a FIFA, o cartaz produzido para a divulgação da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol a se realizar no Brasil, em 2014.

⁸ Em 2015, conforme pesquisa do IBGE, 51% da população brasileira tem acesso à Internet. (N. da A.).

Apresentando o texto verbal “2014 Copa do Mundo FIFA Brasil” no centro da figura do perímetro da representação gráfica do Brasil, construído a partir da profusão de imagens de lugares, do folclore nacional, da fauna e da flora, além de figuras simbólicas de locais ou regiões ou, ainda, representativas de manifestações culturais estaduais ou regionais que, além de compor a figura do mapa do Brasil, também simulam duas pernas humanas com uniformes de equipes de futebol disputando uma bola. Tais estas imagens são reproduzidas nas cores azul, verde e amarela, sobre fundo branco, ou seja, utilizam as cores da bandeira nacional. Ainda em imagem, no canto inferior direito do pôster, está posicionado o selo desta edição do evento esportivo acompanhado do texto “FIFA WORLD CUP BRASIL”. À esquerda, mais acima do que a posição do selo, e mais próxima da figura da bola, está disposta a data do evento: “12 junho – 13 julho”.

Verifica-se que o cartaz brasileiro para difusão das informações sobre a COPA DO MUNDO FIFA de Futebol edição 2014, que se realiza no Brasil, procura construir sentidos da nacionalidade ao utilizar as cores da bandeira nacional, elementos representados graficamente simbolizando lugares (pão de açúcar, morro da Urca e bondinho), manifestações culturais (frevo, baiana com tabuleiro de cocada e/ou acarajé, berimbau e cuia de chimarrão), fauna e flora da natureza tropical (diversos coqueiros, aves, macacos, tatu, plantas verdes tropicais graúdas, flores) obras urbanas (como a reprodução da imagem das ondas em claro/escuro, características do calçadão de Copacabana, por exemplo).

Tecnicamente, a disposição do selo no local onde comumente são dispostas as assinaturas nos anúncios publicitários impressos, a valorização da imagem sobre o texto, visto que materiais de propaganda que são destinados à visualização do público em movimento, peças para o ambiente externo, o tamanho graúdo dos tipos utilizados para o texto principal, e a distribuição do texto ancorando os locais das zonas óticas secundárias, criando áreas de interesse e de leitura também nestes espaços, respeitam os princípios básicos do *design* gráfico na publicidade contemporânea.



Fig. 2: Cartaz brasileiro para divulgação da Copa do Mundo FIFA de Futebol em 2014, no Brasil.
Fonte: <http://www.suapesquisa.com/educaçãoesportes/historiadacopa.htm> >; acessado em: 20 mar. 2010.

A multiplicidade de apelos visuais disposta no cartaz brasileiro produzido para a divulgação da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol em 2014 no Brasil aponta para uma diversificação dos nacionais e de suas representações. Um Brasil diferente daquele visto no

pôster do Campeonato Mundial de Futebol em 1950, que estava anunciado a partir da representação da miscigenação racial valorizada pela presença do “mulato do futebol”. Muitos grupos, diversos entre si, constituem a identidade nacional e, apesar das diferenças, estão interligados, indicado pela representação gráfica do perímetro da figura “geográfica” do país. Muitas culturas, gêneros, flora e fauna compõem a imagem do “gigante nacional” que unido pela linha perimetral proposta pela imagem e pelas cores dos Símbolos Nacionais faz o jogo de futebol acontecer, em equipe, com espírito de colaboração, mostrado através da figura central e do domínio da bola.

Ao olhar para os pôsteres que divulgam as duas edições da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol no território brasileiro alguns elementos se destacam. O Contexto Histórico de 1950 é bastante diferenciado do apresentado em 2014. Por todos os elementos que já vimos ao longo do texto, sejam eles sociais, políticos, econômicos ou culturais, o Brasil encontra-se em outro patamar de desenvolvimento em relação ao Brasil de 1950. Também constrói um olhar externo diverso daquele da década de 50. Participações em missões de paz e humanitárias, situação econômica no mercado mundial, prêmios internacionais em diversos setores ajudam a erguer uma percepção diferenciada entre o Brasil de 1950 e o Brasil de 2014.

O conceito de Brasil na primeira metade do século XX, a partir da difusão do “mito das três raças” pode ser percebido na construção visual do cartaz do Campeonato Mundial de Futebol de 1950, a partir da apresentação da imagem parcial da “perna mulata” masculina. As bandeiras nacionais apresentadas no “meião de futebol” além de mostrarem os países participantes do evento esportivo à época, podem trazer o sentido da “mescla da origem” do povo brasileiro. Também podem apresentar a questão da boa hospitalidade, da cordialidade defendida por Holanda (1936) que é direcionada ao estrangeiro que chega ao país. Durante muitos anos, tudo que chegasse do exterior era considerado melhor e com maior qualidade, pelos próprios brasileiros.

No pôster brasileiro de 2014 é apresentada uma profusão de identidades do Brasil, destituindo a caracterização do mito das três raças e substituindo-o por diversos elementos “nacionais” da fauna, da flora, da cultura, de locais que compõe a grande imagem da figura do país, a partir de sua imagem geográfica e do conceito de “grande nação”. Mostrar as diferenças que compõem a nação apresenta uma diversidade e uma maior possibilidade de escolhas a quem chega ao país. “Somos muitos, somos diferentes e somos um” pode ser a

mensagem emanada do cartaz brasileiro de 2014 para divulgar a COPA DO MUNDO FIFA de Futebol nos trópicos.

Em relação aos lances do jogo de futebol mostrados nas imagens eleitas para a composição dos cartazes de divulgação da COPA DO MUNDO FIFA em 1950 e em 2014, no Brasil, podemos afirmar que o primeiro (1950) mostra o domínio da bola, a perícia na prática do esporte enquanto que o segundo (2014) apresenta o jogo em conjunto, visto que os dois desportistas representados utilizam o mesmo uniforme. Em relação à estética, em 2014 não há mais uma preocupação em definir com afinco o traço das ilustrações como em 1950, criando um estilo mais artístico e menos técnico ao visual apresentado. As ilustrações do cartaz de 2014 apresentam uma relação com as imagens das tatuagens, tão em moda na atualidade em diversos grupos etários, mas em especial, junto aos jovens nacionais. Este aspecto, a juventude, também está sendo construído no cartaz de 2014 ao sinalizar o uso desta espécie de imagem/linguagem. Por outro lado, no cartaz de 1950, a textura bastante lisa apresentada ao “pedaço de perna masculina”, referendando uma pele com aparência jovem também faz referência ao aspecto da idade. O tema “esporte”, em geral, filia-se à juventude, à explosão de vigor, às qualidades físicas do desportista e de seu rendimento.

As cores nacionais (verde, amarelo, azul e branco) foram utilizadas na composição dos dois pôsteres, entretanto, no primeiro (1950) elas foram usadas de modo mais parcimonioso, posto que as bandeiras nacionais presentes visualmente no “meião de futebol” também apresentava bandeiras com outras cores. Em 2014 as cores nacionais tomaram todos os espaços do cartaz, inclusive em tons degradês, passando de uma a outra de maneira mais leve, menos espessa ou marcada, indicando fluidez mesmo entre as diferenças de regiões, culturas e pessoas.

A destinação dos cartazes ao público estrangeiro se faz presente ao explicitar elementos de outras culturas, como o cartaz de 1950 ao apresentar as diversas bandeiras nacionais das equipes participantes do evento assim como ao utilizar elementos identificados como brasilidade pelos estrangeiros como as folhagens tropicais, o desenho de calçadões do Rio de Janeiro, imagens de baianas, de praias, de florestas, de animais tropicais como o macaco, ao sol intenso, etc., estão presentes no pôster de 2014.

No pôster brasileiro de 1950 há referência a um local nacional, o Rio de Janeiro, através da imagem do Pão-de-Açúcar; no cartaz brasileiro de 2014 mais de um lugar é

caracterizado através de imagem, há uma profusão de referências nacionais tanto ao Rio de Janeiro como ao Amazonas, ao Nordeste e suas praias, à Fauna e à Flora nacionais, promove o desfoque do imperativo eixo Rio-São Paulo que por tantos anos dominou o cenário sócio-político econômico e cultural do país.

Com isso, parece que são dois locais diferentes, um do outro, ao analisar-se as imagens escolhidas para divulgar o Brasil como país-sede da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol com base nos cartazes de 1950 e de 2014. Não há, necessariamente, uma “continuidade” da primeira imagem sobre o país no pôster de 1950 para a imagem do Brasil no cartaz de 2014. Não há uma relação direta entre as imagens, com exceção da presença da figura do Pão-de-Açúcar, que perde relevância ao diminuir de tamanho e ao dividir o espaço destinado às imagens na produção cartazista contemporânea.

No cenário nacional, o Rio de Janeiro também tem perdido espaço para outros destinos no país: Amazonas, Bahia, São Paulo, Minas Gerais, Maranhão, Pernambuco (Fernando de Noronha) que tem se mostrado interessantes aos olhos de turistas e empresários nacionais e estrangeiros. Deste modo, é possível estabelecer uma relação entre a criação publicitária, o público ao qual se destina o material de divulgação, a ideologia corrente, a percepção dos nacionais e dos estrangeiros sobre o Brasil e as relações de poder existentes, sejam elas mais ou menos visíveis e elásticas em maior ou menor graus. Vê-se, ainda, de maneira mais evidente, a relação existente entre os termos publicidade e sociedade.

Não há criação publicitária inocente ou desinteressada; toda a comunicação é intencional. No campo publicitário, as mensagens verbo-visuais destinam-se sempre a um público específico: o *target*. Nada é pensado e construído sem considerar o público-alvo de um produto, marca, serviço ou evento. Nos cartazes produzidos para a divulgação dos Mundiais de Futebol no Brasil de 1950 e de 2014 estão claros os direcionamentos ao público-alvo estrangeiro, reforçando a concepção que os estrangeiros têm sobre o país, sua cultura, seu povo, suas características e recursos naturais. Os apelos das imagens turísticas, do exótico, da beleza natural, da abundância são elementos que reforçam a imagem conceitual do país a partir do mesmo, do uso dos atributos já “identificáveis” como elementos de brasilidade. Imagens fundamentalmente eurocêntricas de um país em construção que retratam o Brasil sob o olhar externo e sob a condução dos princípios estabelecidos pela ordem eurocêntrica.

2 O FUTEBOL E O BRASIL

Antes de abordar a trajetória do futebol no Brasil e o Brasil enquanto país do futebol acredita-se que cabe conhecermos as origens deste esporte coletivo, atualmente, disputado em equipes com onze jogadores, em cada lado do campo, um deles ocupando a posição de goleiro. Também pensa-se importante a compreensão do futebol e a recuperação da memória do esporte de equipe que se tornou o mais popular no Brasil.

2.1 a “pré-história” do futebol

É possível que nossos antepassados pré-históricos estivessem praticando algum “esporte” quando chutavam pedras arredondadas, pinhas e crânios, que encontravam ao longo do caminho como alguma maneira de passatempo, tornando-se, assim, os primeiros “jogadores” de futebol (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010).

Nas civilizações da Antiguidade, tanto Ocidental quanto Oriental, encontram-se registros de “jogos com bola” em equipes. Na China Antiga, em torno de 2600 a.C., *Yang-Tse* constrói as regras de um jogo conhecido como *Kemari*, uma variação do *Tsu-Chu*, cuja motivação era o treinamento militar. A função da bola, naquele momento, era cumprida pelas cabeças cortadas de povos adversários vencidos em batalhas; esta prática era realizada em equipes.

A prática do *Kemari* chega ao Japão Antigo, na corte dos imperadores *Engi* e *Terei*, que se empenharam em difundir-lo como forma de lazer da corte imperial. Percebe-se, então, que neste ponto há uma mudança significativa na prática do jogo. O *Kemari* japonês é um esporte sutil e delicado cujo objetivo principal era desenvolver a habilidade e a destreza do domínio da bola de fibras de bambu com os pés, pois já era vetado aos praticantes daquela modalidade o uso das mãos naquela época; não havia pontuação para as equipes que se empenhavam em aperfeiçoar os chutes na bola e o equilíbrio corporal. A prática do *Kemari* não previa o confronto direto dos atletas uma vez que um toque nos cabelos do adversário desclassificava o jogador infrator (ARRUDA, 2002).

Mesmo valorizando mais o culto aos exercícios físicos e às corridas individuais, na Grécia Antiga, o *Episkyros* encontrou o seu espaço. A prática esportiva em equipes disputando uma bola, produzida com bexiga de boi coberta com uma capa de couro, fez do *Episkyros*, o principal jogo grego onde grupos indefinidos numericamente disputavam a posse e o domínio da bola, utilizando os pés, tentando atravessar o campo do adversário até a linha

do fundo, quando pontuavam e identificavam-se as técnicas de passes longo ou curto (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010).

Na Roma dos Césares, o exército romano praticava uma disputa pela bola, também em equipes, que se enfrentavam diretamente. *Haspartum* era o jogo em equipes no qual o *follis*, assim como na Grécia Antiga, uma bola de bexiga de boi inflada de ar e revestida com uma capa de couro, era disputado. O campo do jogo romano apresentava duas linhas laterais, duas linhas de meta, ao fundo do campo, em cada extremidade, e uma linha divisória no meio da quadra destinada às disputas. Conforme Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 19) “o principal objetivo do jogo era fazer com que a bola ultrapassasse a linha de meta adversária através da troca de passes entre os jogadores da mesma equipe, obtendo pontos”.

Três categorias de praticantes são apresentadas, definidas por suas atividades no jogo: os jogadores lentos da defesa eram denominados de *lócus stadium*, os jogadores do meio campo, que tinham por objetivo conduzir a bola até os jogadores do ataque, atuando a cada jogada para o time que lhe entregasse a bola, eram chamados de *medi-currens*, e, por fim, os atacantes, praticantes com funções ofensivas, eram conhecidos como *área pilae praeter-volantis et supriactae*. Não havia um jogador que atuasse na conhecida posição de goleiro ou *gate-keeper*, o “guarda do portão”, o espaço da goleira, onde são marcados os pontos, como existe hoje.

A presença romana no território onde hoje se encontra a França fez surgir o *Soule*, e suas variações regionais, *Shoule ou Choule*, inspirado na prática do *Haspartum*, quando do domínio e da presença do imperador Júlio César (58 a 51 a. C.) na região.

Segundo o relato de Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 19) “pouco ou quase nada se sabe sobre suas regras [...] os jogadores empenhavam-se em transpor a bola, através de arremesso, pela linha de meta, demarcada por duas estacas cravadas no chão”. Não existem referências ao número de partícipes por equipe nem ao tamanho ou formato do campo de jogo. Na Idade Média o *Soule* foi considerado um esporte violento e perigoso e teve sua prática proibida pela Igreja.

Na Florença de 1530, território pertencente à Itália atual, o *Calcio*, também inspirado no *Haspartum* romano, serve como modo de disputa entre duas facções políticas. A “batalha”, na *Piazza Santa Croce*, se realiza entre os exércitos de *Seglio Antinori* e o grupo liderado por *Cantiglione*. Com equipes formadas por 27 jogadores uniformizados, tinham como objetivo

fazer a *caccia* (gol) colocando “a bola na barraca adversária, construída sobre cada linha de meta de cada campo”, contam Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 20).

O famoso episódio tornou-se uma tradição local e todos os anos no dia de São João, 24 de junho, o padroeiro florentino, a cidade revive a “batalha esportiva”. Na atualidade, existe um torneio disputado por quatro grupos que representam bairros de Florença, organizados em equipes uniformizadas e reconhecidas pelo uso de cores diferentes entre si: *Santo Spirito*, com trajes brancos, *Santa Croce*, com vestes na cor azul, *San Giovanni*, com roupas verdes, e *Santa Maria Novella*, que se apresenta na cor vermelha. O encontro entre os times reproduz a primeira “versão local do esporte” apresentando equipes com 27 integrantes cada.

Não há imposição de disciplina entre os participantes; são possíveis cabeçadas, chutes, uso das mãos e dos pés, trancos⁹ no adversário e bloqueios considerados desleais em outras práticas esportivas, pois eles estão revivendo uma guerra durante os cinquenta minutos do tempo único da partida. Tiros de artilharia soam no lugar dos sons de apito, comuns aos jogos de futebol atuais. A prática do *Calcio* tornou-se tão popular na Itália que até os dias de hoje o termo futebol não substitui a denominação original florentina.

2.2 Tempos modernos: a retomada do futebol na Inglaterra

Pode-se perceber que em nenhum daqueles exercícios de treinamento militar ou esportivo a nomenclatura original para a prática da disputa pela bola no jogo em equipe era futebol, *foot-ball* ou *fussbal*. Essa denominação surge mais tarde, na Inglaterra do século XVIII, identificando a prática esportiva que precisa da habilidade dos pés para a condução da bola entre os praticantes, buscando atravessar o campo adversário e atingir a “barraca” junto à linha de fundo do campo.

O início da prática esportiva do *foot-ball* na Inglaterra ocorre pelos camponeses e operários¹⁰. Entretanto, os estudantes das escolas públicas inglesas, ainda que contrariando as autoridades administrativas escolares de então, introduzem o exercício do esporte coletivo com bola nas dependências dos colégios. As regras do jogo variavam de acordo com a origem da prática: no *Rugby School* era permitido o uso das mãos pelos jogadores da modalidade esportiva, em *Cambridge*, só era permitida a condução da bola pelos pés dos participantes,

⁹ No sentido de barrar o adversário com o uso do próprio corpo, lembrando um embate físico. (N. da A.).

¹⁰ Conforme Voser, Guimarães e Ribeiro (2010) o críquete e o golfe são os esportes da elite inglesa; o futebol é uma prática popular e “tipo exportação”.

com exceção da atuação do goleiro. Com o tempo, a prática do *foot-ball* se estende às universidades inglesas.

Em 26 de outubro de 1823 foi fundada a *Foot-ball Association*, na Inglaterra, proibindo o uso das mãos naquela prática esportiva e estabelecendo as regras do jogo, o “*dribbling game*”, de acordo com os preceitos estabelecidos pelos praticantes de *Cambridge* e seus seguidores. *John D. Cartwright* definiu as leis do *foot-ball*, afastando sua prática, em definitivo, da prática do *rugby*, como ocorre até hoje (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010).

Quase cinquenta anos mais tarde, em 1871 é fundada a *The Foot-ball Association League*, que institui a “Taça da Inglaterra”, disputada pelas equipes *Nottingham Country* (1826), *Guy’s Hospital Foot-ball Club* (1846), *Sherffield* (1857) e do time vencedor, *Wanderes*.

A primeira disputa entre seleções ocorre em 30 de novembro de 1872, na cidade de *Glasgow*, entre as equipes inglesa e escocesa, que empatam em “zero a zero”. Em 1883 é estabelecido o Campeonato da Grã-Bretanha, contando com a participação do selecionado da Escócia, da Irlanda, do País de Gales e da Inglaterra, que vence o certame.

Inspirada nas participações daquelas equipes, a Associação de Futebol Inglesa, estabelecida em todo o território da Grã-Bretanha e que levava muitos torcedores aos estádios para assistir seus times e ídolos, cria o Campeonato Inglês, em 1893; *Preton* é a primeira equipe a vencê-lo. Tais campeonatos passam a servir de modelo para a prática do futebol em muitos países do mundo. Na Inglaterra o futebol não era um esporte tradicional, como o críquete, era considerado um esporte “tipo exportação¹¹” (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010). A parcela da população inglesa adepta ao futebol eram os operários, que praticavam o jogo com bola em equipe nos intervalos dos turnos de trabalho, em locais próximos às fábricas, divertindo-se em raros momentos de folga. O perfil amador da condução da prática esportiva do futebol na Inglaterra era o condutor daqueles homens oprimidos pela atuação exaustiva nas fábricas dos subúrbios ingleses daqueles tempos (GUTERMAN, 2009).

¹¹ Acredito que o entendimento da expressão “tipo exportação” para o futebol na Inglaterra faça referência ao caráter popular do esporte, reservando o caráter elitista a outros esportes praticados pelas classes mais abastadas e restritas da população. (N. da A.)

2.3 O futebol chega ao Brasil

Diferentemente da informação corrente que apresenta *Charles Müller*¹² como o “pai do futebol no Brasil”, Scliar e Cattani (1968) afirmam que os introdutores daquele esporte coletivo com bola no país foram os marinheiros ingleses e holandeses que aportaram no litoral nordestino brasileiro e praticavam o jogo de futebol com os nativos locais, desde 1878.

Duarte (1993) acrescenta à discussão sobre a introdução do esporte inglês no Brasil que, em 1875, *Mr. John* apresentou pela primeira vez a prática do futebol em São Paulo/SP. Depois dele, na Jundiaí/SP de 1882, o inglês conhecido como *Mr. Hunt* teria ensinado o esporte para alguns trabalhadores locais.

Voser, Guimarães e Ribeiro (2010) contam que o brasileiro de origem inglesa, o jovem *Charles Müller*, egresso dos bancos escolares da *Banister Court School, de Southampton*, escola seguidora das regras de *Cambridge*, chegou da Inglaterra em 9 de junho de 1889, porém, só tirou do armário os equipamentos trazidos para a prática do esporte (duas bolas *Shoot*, uma bomba de ar, dois jogos de uniformes e um grosso livro de regras de *foot-ball*), em 14 de abril de 1895, evidenciando, desta maneira, que *Müller* não estava interessado em difundir o futebol na cidade de São Paulo.

Entretanto, na concepção de Merli (2002, apud Voser, Guimarães e Ribeiro, 2010) foi *Charles Müller* quem introduziu o futebol no Brasil; tendo a intenção de divulgá-lo entre os ingleses que viviam e laboravam em São Paulo/SP e àquela época jogavam críquete. Os ingleses que trabalhavam na Companhia de Gás, no Banco de Londres bem como aqueles que atuavam na São Paulo *Railway* frequentavam e eram sócios do *São Paulo Athletic Club*, e foi nas dependências daquele restrito e elitista clube que, de maneira organizada, o *foot-ball* foi cultivado no país, transformando-se em futebol.

Além de organizar o time de futebol do São Paulo, *Müller* era um jogador com bastante habilidade no domínio da bola, adepto aos dribles e grande conhecedor das regras do esporte, atuando também, como árbitro em algumas partidas do esporte durante sua vida. Evidentemente, como o futebol no Brasil é primeiramente difundido entre os ingleses e seus descendentes, ele se torna um esporte elitista e dispendioso, pois os equipamentos eram importados, caros e de difícil aquisição.

¹² Optou-se por utilizar Müller em substituição à forma Miler, mais corriqueira e conhecida no Brasil, preservando a grafia original do patronímico. (N. da A.).

Caldas (1990) aponta o alemão *Hans Nobiling*, que chega ao país vindo de Hamburgo/Alemanha, em 1897, como um grande colaborador de *Charles Müller* na difusão e organização de campeonatos de futebol realizados no campo de *rugby* do *São Paulo Athletic Club* e no Velódromo. Witter (1996), inclusive, aponta *Nobiling* como o principal divulgador daquele esporte em São Paulo e em outros estados do Brasil.

As competições futebolísticas do princípio do século XX reuniam “os altos funcionários das empresas inglesas e a elite econômica que se interessava” pelo futebol. Muitos jovens estudantes de escolas particulares masculinas como os alunos dos colégios Anglo-brasileiro e os do Alfredo Gomes aderiram à prática do novo esporte. Os estudantes compreendiam o futebol como uma prática ideal de lazer, transformando-o em uma atividade importante e desejada entre eles.

Como o futebol era praticado apenas pela elite social, de uma certa forma representava para a população da periferia, uma ascensão social, conseqüentemente, aumentando e muito a simpatia das pessoas (independentemente da classe social e cor) pelo futebol, e também é claro, pela emoção que o futebol proporciona (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010, p. 27).

O eixo Rio-São Paulo considerado como o mais beneficiado dentre os espaços nacionais nos âmbitos social, cultural e econômico detinha o privilégio de apresentar as novidades para os demais estados brasileiros. Os maiores eventos esportivos nacionais na área do futebol também ocorreram lá (fato que se repete bastante até os dias de hoje).

Entretanto, o primeiro clube de futebol estabelecido no Brasil surgiu no Rio Grande do Sul. Em 19 de julho de 1900, na cidade portuária de Rio Grande, na região sul do estado gaúcho, um grupo de jovens alemães, ingleses, portugueses e brasileiros se reúne, capitaneado pelo alemão *Johannes Christian Moritz Minnemann*, com a intenção de jogar futebol, e funda o *Sport Club Rio Grande*.

A Confederação Brasileira de Desporto – CBD, em 22 de julho de 1975, atesta o fato com a emissão de um ofício encaminhado ao presidente do clube, creditando-lhe o título de “mais antigo clube de futebol do Brasil”. Na primeira década do século XX a difusão do esporte coletivo com bola ganhou amplo espaço e muitos clubes se estabelecem em diversas regiões do Brasil. Alguns clubes brasileiros de remo ou regatas que haviam sido criados na última década do século XIX também aderem à prática do novo esporte bretão, expressão pela qual a classe alta da época se referia ao futebol.

A elite brasileira associada aos ingleses, que se reuniam em clubes fechados¹³ para comandar e jogar futebol, não era favorável à democratização do esporte no Brasil, vetando, sempre que possível, a difusão do esporte entre a população menos favorecida. No entanto, não havia um número suficiente de praticantes para constituir as equipes e, foi para completar os times e permitir que os grupos desportistas desfrutassem de momentos agradáveis e participassem de competições que convocaram operários brasileiros fortes e brancos, inicialmente, para ingressar nas equipes e jogar futebol junto aos jovens brancos abastados.

As conquistas esportivas eram rodeadas de *glamour*. As comemorações das vitórias, desde 1902, já contavam com festejos e brindes com champanha, como o jornal O Estado de São Paulo descreve a final do torneio de 1902, conquistada pelo *Athético*. “Após o jogo esta [taça] foi solenemente entregue aos vencedores. Em brinde aos jogadores, é servido champagne na Taça, onde todos beberam, e a bola que serviu durante o *match* foi banhada também no champagne”. (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010).

Entre 1894 e 1932 o futebol brasileiro era apenas uma prática esportiva masculina amadora; atraía partícipes apaixonados pelo esporte bretão que voluntariamente disputavam as partidas. Voser, Guimarães e Ribeiro (2010) relatam que é durante aquele período que nas cidades do Rio de Janeiro e em São Paulo os sócios endinheirados dos clubes de futebol destinavam valores para serem distribuídos aos jogadores de seus times como uma “gratificação em espécie” pela participação no jogo.

A gratificação paga servia como um incentivo às vitórias, independente do resultado da partida, e era denominada de “bicho”. Com a finalidade de regradar ainda mais aquela prática esportiva e de estabelecer critérios e fundos para os pagamentos,

[...] surge, em 1908, no Rio de Janeiro a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA) e em 1913 em São Paulo surge a Associação Paulistana de Esportes Atléticos (APEA), com o mesmo objetivo de organizar-se no sentido de cobrar ingressos aos espectadores. Com isso as arrecadações substituíram os sócios ricos na doação das gratificações, prevendo o pré-profissionalismo [...] (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010, p. 27 – 28).

No ano de 1915 os estados do Rio de Janeiro e São Paulo fundaram instituições semelhantes para regular e regulamentar o esporte no Brasil. Era objetivo daquelas

¹³ Ainda hoje o Clube Inglês de Porto Alegre aceita como sócios apenas ingleses ou seus descendentes e suas famílias. A imagem fotográfica da Rainha da Inglaterra está presente em todos os ambientes, pendurada num quadro nas paredes internas do local e a proibição do ingresso de menores nos espaços onde são comercializadas bebidas alcoólicas são alguns dos hábitos respeitados e mantidos no clube, que em seus domínios preserva os costumes e as leis inglesas. (N. da A.).

organizações obter o reconhecimento internacional de suas atividades junto à FIFA, que acaba por não reconhecer quaisquer delas.

O chanceler Lauro Müller convoca os dirigentes das duas entidades esportivas e propõe a criação de uma nova organização, que reunisse as aspirações de ambas as instituições do eixo Rio-São Paulo e que obtivesse reconhecimento e maior expressão para dirigir e representar o futebol brasileiro no cenário internacional. Em 18 de junho de 1916 é fundada a Confederação Brasileira de Desporto – CBD, equilibrando forças paulistas e cariocas, regulando o “esporte bretão” no Brasil e tendo como meta a difusão do futebol no território nacional. Entidades promotoras de outros esportes, como a Federação de Remo da Bahia – FRB, também apoiaram a criação da CBD, que é reconhecida pela Associação Internacional das Federações de Futebol – FIFA.

Na memória do futebol brasileiro, ao voltar o olhar para aqueles momentos iniciais da difusão do esporte amador no território tupiniquim, existe o relato de jovens negros ou mulatos fortes e com habilidade para a prática do futebol serem “contratados” por times de atletas brancos originários da elite nacional e aplicarem “pó de arroz” em seus rostos e braços para se assemelhar à cor branca da tez dos privilegiados desportistas da elite local que praticavam o esporte, completando numericamente algumas equipes. Credita-se, ainda, o apelido de “pó de arroz” dado à torcida e à esquadra tricolor fluminense, a essa passagem.

O caso ontológico do jogador Carlos Alberto é o mais célebre. “Mulato, ele passava pó de arroz no rosto para disfarçar a raça quando jogava pelo Fluminense. A torcida adversária não perdoava e gritava “pó de arroz”. O apelido não pegou apenas no jogador, mas ao próprio time carioca, conhecido por seu elitismo (GUTERMAN, 2009, p. 44).

O primeiro mulato brasileiro a “fazer história” no futebol nacional, entretanto, é *Arthur Friedenreich*, filho do comerciante alemão *Oscar Friedenreich* e da lavadeira negra Matilde, a quem os registros não apresentam qualquer sobrenome. Fried, nascido no bairro da Luz, na capital paulista, em 1892, é um forte “mulato de olhos verdes [...] o mulato que queria ser branco”, conforme o relato do jornalista Mário Filho apresentado por Guterman (2009). Por esse motivo, era o último a entrar em campo, pois demorava mais do que os demais membros da equipe alisando os cabelos no vestiário, antes dos jogos. Fried, como ficou conhecido no “mundo da bola” e no Colégio *Mackenzie*, onde estudara até os 16 anos; cresce vendo alguns jogos de várzea, aprende a gostar do esporte a partir da paixão que o pai cultivava.

A origem paterna proporcionou a Fried atuar no clube Germânia, superando a dificuldade que os negros tinham à época de se inserir nos clubes; a barreira racial era muito difícil de ser eliminada, o futebol era o novo esporte da aristocracia paulista (e brasileira!) do início do século XX. Só para relembrar, no Rio de Janeiro, a liga de futebol proibia explicitamente a participação de jogadores “de cor” nos clubes de futebol. Fried, com a ascendência europeia e a transformação em herói nacional, depois da proeza do gol que trouxe para o Brasil o primeiro título internacional, deixava de “ter raça”. Mário Filho escreveu sobre ele: “nem branco nem mulato, sem cor, acima dessas coisas”, reforçando o entendimento de Caio Prado Júnior (apud Guterman, 2009, p. 44 – 46) ao afirmar que “a classificação étnica do indivíduo se faz no Brasil muito mais pela posição social” e que “uma gota de sangue branco faz do brasileiro um branco”.

Esta posição consolida-se contrariamente ao entendimento estado-unidense sobre a hereditariedade africana dos “mestiços” nascidos no território dos EUA, que seriam sempre “negros” sob a ótica da “*one drop rule*”, instituindo a dominação branca sobre a população negra, que aumentava progressivamente com a multiplicação dos escravos, visto que quaisquer descendentes afro-americanos seriam negros, diminuindo as possibilidades de conquistarem direitos sobre a terra, incluindo as negações de propriedade às comunidades dos nativos-americanos, determinando a “servidão perpétua para todos os que detinham qualquer traço de descendência africana, os anglo-colonizadores cortaram qualquer esperança de mobilidade social, sugerindo que os negros estariam sempre no nível mais baixo da hierarquia social”, afirma Stam (2010, p. 56), ao comparar as questões de racismo entre as práticas brasileiras e norte-americanas.

No Brasil, entretanto, essa gota de sangue negra na origem do mestiço nacional acaba promovendo aquilo que Soares (1999, p. 131) chama de ‘racismo invertido’ “que se manifestou, tradicionalmente, no elogio da sensibilidade do negro para a música e de sua força, resistência e habilidade corporal. O negro seria naturalmente bom para o trabalho pesado[...] A capacidade intelectual ou de razão e de condução ficava, por certo, fora do elogio”, referendando a posição de Stam e Shohat (2006) ao revelarem esta mesma compreensão sobre a difundida visão eurocêntrica sobre os homens do Ocidente serem destinados às tarefas intelectuais e, aos do Oriente, caberem as tarefas brutas e corporais.

No livro *Multiculturalismo Tropical*, Stam (2010, p. 55) denomina de “dicotomia epidérmica baseada na descendência [...] envolvendo um jogo complexo de cor, traços faciais,

ocupação, educação e posição social”, reforçando a concepção expressada por Prado Júnior (1933). Soares (1999) acrescenta que as diferenças entre brancos e negros no esporte brasileiro são minimizadas pela ascensão social advinda do reconhecimento e dos ganhos obtidos através do esporte.

A questão racial está tão presente no início do futebol brasileiro que a origem de *Fried*, por exemplo, além de não acrescer-lhe referências das origens maternas, exemplifica o que Caio Prado Júnior, no livro *Formação do Brasil Contemporâneo* (1933) denominou de “subproduto da escravidão” no Brasil. Mostrando que as escravas negras (ou mulatas) traziam a satisfação das “necessidades do colono [branco] privado de mulheres de sua raça e categoria”.

Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala* (1933), aponta para o entendimento comum à época de que parece que “os brancos estavam sempre rodeados de negra ou mulata fácil” mostrando que o espírito do sistema escravagista que operou no Brasil por tantos anos continua separando os nacionais em “senhores e escravos”. O adjetivo “fácil” faz alusão ao comportamento sexual daquelas mulheres, diferenciando-as das mulheres de mesma “raça e categoria” das quais o homem branco estava privado.

Essa situação, de acordo com o pensamento de Freyre (1933), faz sobrar aos negros sempre a posição secundária na cultura brasileira, restando-lhe a mais primitiva das relações, a sexual, estando dependente do branco e sujeitado a seus desejos. Talvez aqui esteja plantada a matriz ideológica do conceito sobre o Brasil difundido no continente europeu e na América do Norte que fundam os infundáveis anos de turismo sexual¹⁴, em especial, no litoral brasileiro, onde meninas de cerca de 12 a 17 anos são exploradas sexualmente servindo, geralmente, ao turista estrangeiro branco do gênero masculino.

A herança africana ocupa hoje em dia um lugar radicalmente diferente no imaginário cultural brasileiro, graças ao processo de reavaliação dessa herança que tem em Gilberto Freyre um de seus representantes mais paradigmáticos. [...] A elite brasileira também era extremamente hostil à ideia

¹⁴ Esta condição está diretamente associada aos materiais que por muitos anos divulgaram o país, seja através de cartões postais de praias com mulheres de biquínis deitadas de bruços sobre suas cangas, seja pela difusão de cenas de nudez ou parques figurinos apresentando os corpos femininos nos desfiles de Escolas de Samba, em especial as do Rio de Janeiro, seja em campanhas publicitárias de telefonia ou de empresas de turismo mostrando imagens de bumbuns femininos como um atrativo local a mais. Tais entendimentos são extraídos de contextos culturais que deslocados e desreferenciados fazem alusão a partes corpóreas sensualizadas e erotizadas pela mediação descontextualizada dos eventos culturais como o carnaval, por exemplo, e a adequação de uma moda praia às temperaturas tropicais, em contraste aos costumes e moda europeia e estadunidense. (N. da A.).

de considerar a herança africana como parte da tradição nacional brasileira. [...] Está sustentada sobre um discurso que associa a descendência africana às ideias de um primitivismo selvagem e sensual, visto não somente como negativo, mas também com um sentido de extrema ameaça para a conformação de uma identidade nacional. (GARRAMUÑO, 2009, p. 37).

Porém, Guterman (2009, p. 43) afirma que no caso específico de Fried, são exatamente os traços físicos herdados da desconsiderada e esquecida lavadeira negra Matilde, a mãe do atleta, que faz Fried distinguir-se dos demais jogadores de futebol de seu tempo: “o mulato jogava bola como nenhum outro de sua época, enquanto os olhos verdes e o sobrenome [judeu] alemão eram o passaporte para o mundo dos brancos”.

Até o ano de 1933 o futebol no Brasil não é profissionalmente reconhecido. Ainda assim, existiam atletas contratados por alguns clubes para defender a camisa do time em campo. O profissionalismo era uma “novidade” à época e, alguns dirigentes do futebol brasileiro eram contrários à implementação dele. Os desportistas pagos eram contratados e recebiam salários como os demais empregados do clube. Não havia uma contratação diferenciada para os atletas. Entretanto, a enorme dimensão atingida pelo futebol no Brasil, ainda na década de 1930, inviabiliza o amadorismo do esporte no país. Eram as pistas de que o futebol “romântico” estava com os dias contados. A exploração dos atletas mal remunerados pelos clubes, que enriqueciam às custas de seus desempenhos em campo, pode ser analogicamente relacionada com os processos escravagistas exploratórios do homem pelo homem.

O jogador de futebol não era o “dono” do seu passe¹⁵. O amadorismo no futebol brasileiro promoveu o crescimento de interesses políticos, econômicos e sociais, em especial dos dirigentes dos clubes; a não regulamentação do compromisso entre o jogador de futebol e o clube, proporcionou uma espetacular dança das “cadeiras” nas contratações de jogadores tornando tais relações cada vez mais tensas. A Europa já contava com regulamentação para a atividade desportista do jogador de futebol profissional no princípio do século XX, e, alguns praticantes de destaque no cenário nacional transferiam-se para lá ou para os times da Argentina e do Uruguai, que também regulamentavam a profissão.

O mundo passava por diversas transformações. O Brasil não era uma ilha isolada de todo o planeta. Os equipamentos importados necessários à prática do esporte (bolas, chuteiras, bomba, uniformes, redes,...) eram importados e os impostos sobre as importações eram

¹⁵ No Brasil contemporâneo, o atleta profissional do futebol não é ainda o dono do seu passe em parte de sua carreira, mesmo depois da promulgação da “Lei do Passe” (N. da A.).

mantidos em “níveis altíssimos”, impedindo que as classes menos favorecidas tivessem acesso a tais equipamentos. Os raros pontos comerciais que importavam tais apetrechos, como a *Casa Fuchs*, também dificultavam a proliferação da prática esportiva, fato que na visão de Guterman (2009, p. 32), “não surpreende, portanto, que o futebol, em seus primórdios brasileiros, demorasse a se difundir classes abaixo”.

A tentativa de manter o futebol na condição de esporte amador era um posicionamento elitista e excludente evitando a disseminação do esporte bretão junto ao povo, impedindo que àqueles que sobreviviam do fruto de seu trabalho ingressassem nos times e disputassem os campeonatos oficiais. Assim, os menos favorecidos economicamente só poderiam praticar o esporte em momentos de lazer, raros, se considerarmos as condições exploradoras do trabalho humano naquela época, sendo assim, excluía-se os pobres da possibilidade de ingressarem em outra esfera social, econômica, política e cultural porque o “mundo da bola” já dava sinais de projeção aos seus praticantes.

A fase de transição do futebol coincidiu com a da própria sociedade do Brasil. A primeira década do século XX terminaria ainda dividida entre o amadorismo e o profissionalismo, entre o caráter elitista e popular do futebol e entre a alvura dos seus jogadores e a introdução do elemento negro, que mudaria drasticamente o cenário do esporte no Brasil. (GUTERMAN, 2009, p. 36 – 37).

Entretanto, a crescente urbanização das principais cidades brasileiras, em especial as capitais do antigo Estado da Guanabara, a cidade do Rio de Janeiro, e a capital paulista, no estado de São Paulo, seguindo os moldes das urbanizações promovidas nas cidades europeias e norte-americanas como Paris, Londres e Nova Iorque, no século XIX, redistribuíam os espaços sociais municipais. Casebres, cortiços e habitações pouco valorizadas pela arquitetura eram desapropriados e cediam lugar às grandes e largas avenidas, praças, e espaços públicos e privados aos quais foram proporcionados novos destinos. Os jogos de futebol já necessitavam de espaços específicos para os certames; não mais a várzea lhes era apropriada. (COSTA e RODRIGUES, 1995).

Com o fechamento do departamento de futebol do *Club Atlético Paulistano* e da Liga Amadora de Futebol – LAF, que defendiam a manutenção do amadorismo no futebol nacional, vários dirigentes, jogadores de futebol e jornalistas associados à Associação de Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo – ACEESP, viajam ao Rio de Janeiro e participam da reunião promovida pela AMEA. Em 23 de janeiro de 1933, na sede do Fluminense, no bairro das Laranjeiras, aprovou-se o profissionalismo no futebol carioca. A partir desta decisão, foi criada a Divisão Especial de Futebol Profissional permitindo que

qualquer clube brasileiro mantivesse, concomitantemente, equipes de futebol amadoras e profissionais. Tal fato propiciou que os jogadores percebessem que só seriam reconhecidos se jogassem na Divisão Profissional; esvaziada a Divisão Amadora de Futebol dos clubes brasileiros, foi “forçada” a implementação do profissionalismo no país.

Ainda que Soares (1999) conteste a história do futebol no Brasil que ele considera amplamente embasada na obra de Mário Filho (1947), *O Negro no Futebol Brasileiro*, que acusa de produzir a invenção de uma tradição, de acordo com as premissas de Hobsbawn (1998), a grande maioria dos autores consultados sobre os registros e a memória do futebol mantém o texto do jornalista como fundador. A contestação de Soares (1999, p. 122) se dá em razão da narrativa construída por Mário Filho “cumprir” as etapas próximas da de um conto literário¹⁶.

O autor explica que não deixa de reconhecer a presença do racismo nas relações nacionais mas que não existem documentos (atas, legislação ou registros) apontando o impedimento da prática do futebol ao negro, no princípio do esporte no Brasil. Parece que Soares (1999) busca uma referência histórica incontestada, como os registros que comprovam a situação racista ou não daquele momento. Os apagamentos históricos apontados pela nova história, efetuados pelas grandes narrativas heroicas, contam as histórias dos vencedores e assinalam suficientemente a “ausência de registros, de documentos e de provas materiais”. O que é um posicionamento político por essência, fazendo desaparecer os vestígios ao longo dos anos.

No mesmo sentido, é preciso considerar o ensinamento de Stam (2010) que esclarece que o racismo no Brasil não contava e continua sem contar com leis segregacionistas, o que dificulta a presença de registros formais sobre a segregação. Obviamente, o texto de Mário Filho (1947) conta com uma versão romanceada da história do futebol, preocupado em vender os exemplares, em reforçar o mito das três raças, vigente naquele período, e em apoiar o modelo anti-racista.

Entretanto, as passagens midiáticas que o próprio Mário Filho escreveu no periódico familiar onde trabalhava, corroborado por textos de outros jornais da época, não podem ser

¹⁶ Conforme Soares (1999, p. 122), as etapas são: a- ao herói impõem-se uma carência ou dano, uma proibição e o afastamento de sua comunidade; b- a proibição é transgredida, e o herói nesta etapa é enganado ou humilhado por seus antagonistas; c- o herói é submetido a provação, mas algo mágico lhe é doado auxiliando-o a superar as adversidades; d- o herói consegue o triunfo sobre as adversidades; a carência ou dano inicial são reparados, e assim ele retorna à sua comunidade reconhecido pelo seu feito; e- a continuidade do conto sempre levará ao herói uma nova imposição de dano que será mais uma vez reparada ao serem cumpridas todas as etapas subsequentes.

ignorados. E, evidentemente, que as condições de produção dos textos jornalísticos passam por escolhas do jornalista, do editor, do veículo de comunicação. Sempre as versões são parciais, ainda que se amparem em muitas microversões individuais para se aproximar ao máximo do fato; quaisquer narrativas são discursivas.

Soares (1999) não afirma a inexistência do racismo no Brasil; para o autor, o livro *O Negro no Futebol Brasileiro* “pode ser pensado como um texto que se ajustou à construção do sentimento de nacionalidade de sua época”. Ele aponta um erro de Mário Filho (1947)¹⁷ existente nos capítulos finais da primeira edição, que aborda o futebol até 1950, quando afirma que o racismo, em terras brasileiras, chegou ao fim. Obviamente, concorda-se com Soares (1999), pois apesar da situação dos negros no Brasil de hoje ser muito diferente daquela existente no início do século XX, manifestações racistas persistem até os dias atuais, inclusive no âmbito do esporte nacional.

2.4 O futebol profissional no Brasil

O acesso das classes mais baixas economicamente ao futebol no Brasil ocorre após duas décadas de amadorismo. Antes, como vimos, o referido esporte em equipes era reservado apenas aos jovens rapazes oriundos da elite. Com a superação da fase do “falso amadorismo”, como denomina Guterman (2009) o período em que havia contratações de jovens mulatos ou negros originários das classes pobres para integrar os times dos filhos brancos da aristocracia brasileira, completando o número de participantes necessário ao *match* e recebendo algum valor para tanto, visto que as disputas futebolísticas ocorriam nas tardes de dias de semana ou dos finais de semana, e, num segundo momento histórico, nas dependências dos clubes fechados, fator que impedia os atletas pobres de assumirem contratos de trabalho em outros setores da economia bem como de frequentar os espaços exclusivos da elite branca e católica, foi se distanciando e cedeu lugar aos contratos dos atletas.

Inicialmente, muitos clubes driblavam a profissionalização dos atletas contratando-os como funcionários da agremiação, responsáveis pela zeladoria e preservação dos espaços de uso comuns aos sócios. Por isso, atuavam na portaria, varriam, cortavam grama, lavavam e distribuíaam os uniformes à equipe, eram responsáveis pela rouparia, faziam a manutenção das

¹⁷ Soares (1999, p. 127) denuncia a alteração dos capítulos finais do livro de Mário Filho (1947) com a retirada de partes do textos que fazem referência ao final do racismo, para a publicação da segunda edição, em 1964. Não investigamos esta situação porque não é objetivo desta pesquisa. (N. da A.).

pinturas e alguns pequenos consertos na sede esportiva. Mário Filho (apud, Guterman, 2009, p. 55), percebia a mudança que chegava aos trópicos:

Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto para ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro.

No mesmo período, o país passava por discussões de modelos políticos alinhados às questões internacionais assim como a construção da própria identidade nacional e sua forja no país tropical. O poder oligárquico da República Velha (1889 – 1930) e a instituída política “café-com-leite”, oriunda de acordos políticos entre os ruralistas paulistas e mineiros que se alternavam no poder executivo federal, era insatisfatória aos demais estados confederativos, com base em eleições fraudulentas sem voto secreto e universal. No pleito de 1930, quando da eleição de Júlio Prestes, apenas 5,7% da população brasileira compareceu às urnas.

O “salto para a modernidade” chegava com bastante “atraso” ao Brasil, fato comum nos países periféricos e pouco desenvolvidos tecnológica e economicamente em relação ao centro do movimento, que ocorrera na Europa do século XVIII, por exemplo, reforçando o entendimento de Stam e Shohat (2006) sobre a relação metrópole *versus* colônia.

Nas artes visuais, o impressionismo já trouxera sua influência com a realização da Semana de Arte de 1922, escandalizando São Paulo; o retorno de artistas como Anita Malfatti ao Brasil, somando-se aos talentos de Tarsila do Amaral, seu marido Oswald de Andrade e ao mulato intelectual e professor Mário de Andrade, entre outros, que mostravam os ruidosos questionamentos e as visíveis rachaduras das políticas, dos costumes, da sociedade e da economia do pós-Guerra (I Guerra Mundial, 1914 - 1918) do início do século.

A assistência aos jogos de futebol teve suas fileiras engrossadas. Era possível aos torcedores animarem-se, envolverem-se, manifestarem-se e opinarem antes, durante e depois dos certames. O esporte “mexia com a alma” e com as atitudes do público. Nem todos jogavam, mas muitos podiam ver o jogo que permitia a surpresa, o inusitado, os lances duvidosos, as possibilidades de efetuar o gol e os infortúnios de não fazê-lo.

Analogamente ao duelo bíblico entre o menino Davi e o gigante Golias, o futebol, em sua essência, permite que a esperteza aliada à fragilidade física possa vencer a força, que a equipe menos endinheirada e despreparada vença o grupo elitista. Enfim, o futebol trouxe

outra lógica à população nacional: a possibilidade da conquista de uma vitória, ainda que sua validade terminasse com o término do *match*, independia de sua origem étnico-social.

Os jogos de futebol tornaram-se populares e ofereceram, de acordo com Guterman (2009, p. 59), além da disputa pela bola e do “‘prazer do contato físico’, tão indesejado nas cidades, uma forma de confronto sem que houvesse vítimas reais e dentro de regras” comuns e pré-estabelecidas acrescidas da “oportunidade de canalizar a violência para o campo controlado de um esporte popular” proporcionando maior domínio sobre o povo em situações corriqueiras na sociedade. As emoções do público eram extravasadas no momento dos jogos, em local apropriado, fator conveniente ao *status quo* burguês.

O preconceito, entretanto, com os atletas chegados das classes mais pobres, dos jogos “da várzea”, permanecia e pode ser mensurado a partir de posicionamentos dos jornalistas da época, a exemplo do texto extraído do jornal O Estado de São Paulo:

São Paulo transformou-se num vasto campo de futebol. Há sociedades por todos os cantos. Os clubes da Liga acolheram em seu seio os rapazes da várzea. Fizeram bem? Achamos muito justo que os operários, os humildes, participem das refregas, mas os operários e humildes que compreendam seus deveres de *sportsmen* (GUTERMAN, 2009, p. 46).

Trechos de livros e de jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, daquele momento, traduzem tal posição, como exemplo, uma parte extraída do texto do árbitro Odilon Penteadado do Amaral, datado de 1920, que aponta sua preocupação com o *fair play* e com a boa educação como fatores intrínsecos à prática do esporte bretão, promovendo uma espécie de esquecimento a sua verdadeira origem, o treinamento militar nas sociedades chinesa, grega e romana antigas, posicionando-se pelo controle social sobre as atitudes dos atletas, dando voz ao entendimento comum à época. Era a publicização de um discurso da elite, na tentativa de manter a ordem e as regras do jogo no campo e fora dele.

Se procederes cavalheiramente para com vosso adversário, para com os assistentes, e acatando todas as decisões dos dirigentes da pugna, tendes demonstrado possuir uma alevantada educação e, com isso, não restará a menor dúvida de que o transcurso do *match* será infalivelmente prenhe de lances belíssimos e emocionantes [...] Tão pronto tendes magoado um vosso leal adversário, atingindo-o casualmente com o pé, numa rebatida falsa, não vos demoreis em solicitar-lhe desculpas pelo incidente [...] Quem assim não proceder, demonstra ser muito indisciplinado [...] Tendes o direito de formular qualquer reclamação. Fazei-o, porém, sempre estribado em boas e educadas maneiras. Assim tendes patenteado sabeis ser um “sportsman” (AMARAL, apud GUTERMAN, 2009, p. 26).

Em 1929, o presidente Washington Luís indicou o governador de São Paulo, Júlio Prestes como seu sucessor presidencial, interrompendo a “alternância” da política “café-com-leite” no poder, excluindo os políticos mineiros do processo eleitoral. Luís acreditava que

Prestes seria “capaz de garantir a manutenção de seu plano de estabilização da moeda”, afirma Guterman (2009, p. 67). Entretanto, o estado de Minas Gerais se ressentiu da situação e sentiu-se traído pelo presidente Washington Luís.

A elite mineira logo procurou uma aliança com o Rio Grande do Sul para uma candidatura de oposição – e assim nasceria a chapa encabeçada pelo então governador gaúcho Getúlio Vargas. O movimento que se formou para impulsioná-la, a chamada Aliança Liberal, representava uma negação da hegemonia cafeeira na política nacional. Entre outros itens, seu programa defendia a diversificação da pauta de produção do país, o que atendia à elite industrial e rural de outros estados. É notável [...] que sua plataforma também incluísse reivindicações de caráter político, como liberdades individuais e reforma político-eleitoral, e de perfil social – sobretudo direitos trabalhistas, que incluiriam mulheres e menores de idade (GUTERMAN, 2009, p. 67).

A plataforma política da Aliança Libertadora obteve a adesão dos trabalhadores paulistas, criando, circunstancialmente, uma fusão dos interesses patronais e trabalhistas dos operários, para reforçar a oposição à antiquada ordem político-social e econômica da República Velha. Esses fatores associados às prisões de operários, à repressão às greves e à deportação de estrangeiros que participavam de movimentos trabalhistas, promoveram tal adesão.

Em 1930, o Brasil passa pela ruptura político-econômica entre a República Velha e seu modelo pós-imperial brasileiro e o novo poder, oriundo da “Revolução de 30”, que instala Vargas no Palácio do Catete do Rio de Janeiro, na capital Federal, apoiado pelo Rio Grande do Sul e pela elite mineira, após a contestação da manipulada eleição de Júlio Prestes e o assassinato do candidato a vice-presidente na chapa com Getúlio Vargas, João Pessoa¹⁸, governador da Paraíba. A oposição ao governo federal utilizou-se do episódio como eixo da articulação revolucionária. É um momento revelador tanto para o país quanto para o futebol, que realiza o primeiro Campeonato Mundial de Futebol (COPA DO MUNDO FIFA), no estádio Centenário, em Montevidéu/Uruguai.

Segundo Guterman (2009, p. 64) “o mundo despertava para o futebol como uma disputa entre identidades – os uruguayos [...] foram os primeiros a entender isso e venceram sua Copa com o mérito dos pioneiros”. A percepção de que o futebol poderia aglutinar a sociedade como Nação fazia com que a cada momento em que as seleções nacionais iniciavam uma nova partida de futebol tinha-se, no Brasil, o “sentido de que a pátria vestia chuteiras [...] uma seleção não podia prescindir dos melhores jogadores em atividade no país, ainda que não fossem brancos ou ricos”. A experiência do Brasil no primeiro Campeonato

¹⁸ A capital paraibana, João Pessoa, leva seu nome, na atualidade. (N. da A.).

Mundial de Futebol no Uruguai mostrou que somente profissionalizando o esporte seria possível contar com a participação dos jogadores mais importantes do país, o que determinava a remuneração pelos treinos e jogos além de destituir o amadorismo defendido pelos clubes elitistas brasileiros.

Em 1933 a Federação Brasileira de Futebol - FBF, nascida de um acordo entre os dirigentes do futebol carioca e paulista, crescia bastante e reunia atletas profissionais, desafiando a Confederação Brasileira de Desportos - CBD, que defendia o amadorismo. Entretanto, a CBD, entidade máxima do futebol brasileiro à época, decidiu levar apenas atletas amadores ao Mundial de 1934.

Com o desinteresse dos atletas profissionais e o esconde-esconde dos jogadores realizado pelos clubes que boicotaram as convocações para a seleção nacional, a própria CBD propôs a existência de cachê para os jogadores que hesitavam em participar do evento esportivo representando o Brasil, na Itália. Criava-se o paradoxo do pagamento realizado pela própria entidade que boicotava o profissionalismo do futebol no Brasil. A Copa do Mundo de Futebol de 1934 marca historicamente o momento da ruptura entre o amadorismo e o profissionalismo no futebol nacional. (CALDAS, 1990; VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010).

O nascimento da burguesia industrial brasileira e de suas concepções político-sociais realizam mudanças no cotidiano e no futebol nacional. As transformações na vida brasileira apontavam para a renegociação dos modelos de exploração sejam políticos, econômicos, sociais ou esportivos.

Getúlio Vargas, posto no governo federal pela “Revolução de 30”, implementou no Brasil um Estado centralizador que objetivava o desenvolvimento industrial, contava com o apoio do exército e atraía trabalhadores urbanos, forjando uma forte e estável aliança. Nas palavras de Guterman (2009, p. 68) “Getúlio assumiu o poder, havia nele [...] um messianismo típico dos movimentos fascistas”. O autor se refere ao governo getulista como um exemplar do fascismo porque ele usava o poder para reconfigurar as relações entre o indivíduo e a sociedade, onde o indivíduo não tem direitos que não estejam contemplados ou alinhados aos anseios sociais. Vargas inaugurava a era da política de massas no Brasil, desafiando a democracia liberal na política nacional assim como ocorria em outras partes do mundo.

Getúlio via o mundo e seu papel nele. [...] Num momento, ele precisava se diferenciar do “povo”, e assim colocou-se acima do próprio Estado, transformando todo o movimento de oposição ao seu governo em movimento de oposição ao “povo”. Em outro momento, ele invocou os “elementos mais sadios, vigorosos e ativos” da sociedade, o que implicava dois aspectos: o primeiro, que ele enxergava no movimento que liderava a irresistível marcha dos “melhores”, dos “superiores”; o segundo, que ele considerava haver elementos “inferiores” na sociedade – e, como tais, passíveis de, eventualmente, serem descartados” (GUTERMAN, 2009, p. 70).

O presidente gaúcho foi o primeiro a perceber a relação entre as massas e o futebol. Ele via no esporte os desejos da população trabalhadora em divertir-se e esse divertimento poderia se dar de maneira controlada pelo Estado. Os trabalhadores urbanos transformavam a paisagem das principais cidades brasileiras; rapidamente o cenário urbano se modificava. Era um tempo de transformações. O futebol nacional contribuía para as mudanças do novo governo; havia nele treinamento dos corpos, saúde, ordem e preparo físico e conceitos¹⁹ ideologicamente formadores de uma nova população “desejada” ao país.

Da mesma maneira, Mussolini já havia institucionalizado a prática do futebol na Itália e investira na construção de estádios em várias cidades do país. A prática esportiva servia aos interesses do estado italiano como um “elo nacional, criando uma seleção que seria imbatível nos anos 1930 – ganharia duas Copas do Mundo e uma Olimpíada”, conta Guterman (2009, p. 71). O modelo estava pronto, testado e disponível. Getúlio Vargas lançou mão dele.

O governante italiano Mussolini pressionou a FIFA e levou o Campeonato de *Calcio* para a Itália, em 1934; abriu as portas do país para os atletas filhos de italianos que jogavam futebol em outros países, e, contrariando as regras da própria FIFA, constituiu um time italiano com jogadores nascidos também fora da Itália, valendo-se da regra da origem pelo sangue²⁰ e não pelo território, como já era mais comum naqueles tempos. O brasileiro Anfilogino Guarissi, mais conhecido como Filó, membro da esquadra do paulistano Corinthians, foi o primeiro brasileiro a ser campeão do mundo de futebol, pela seleção italiana de 1934. Um brasileiro estava na seleção campeã do Campeonato Mundial de Futebol de 1934. Esse fato chamou a atenção de Getúlio Vargas, que percebia os novos tempos e o futebol como elemento importante para o desenvolvimento nacional. Pensar um Brasil campeão era pensar um povo preparado, forte, vencedor.

¹⁹ A construção dos “novos brasileiros” seguem ao apelo nazi-fascista e facilmente remetem às imagens do documentário nazista sobre a juventude alemã, dirigido por *Leni Riefenstahl*, durante o período hitleriano. (N. da A.)

²⁰ Existe um ditado recorrente e repetido muitas vezes pelas famílias de ascendência alemã no RS: “se a gata tiver filhotes no forno do fogão, não nascem biscoitos, nascem gatinhos”. Essa concepção mostra o modo como é visto o filho do emigrante, pelos próprios emigrantes, ou seja, o sentimento de pertencimento ao país de origem de seus antepassados é preservado. Vimos demonstrações desta conduta nas cidades de colonização alemã em relação à equipe da Alemanha durante a COPA DO MUNDO FIFA de Futebol 2014, disputada no Brasil, quando grupos de brasileiros descendentes de imigrantes alemães dos séculos XIX e XX se vestiram com roupas folclóricas de regiões alemãs e saudaram e torceram pela equipe alemã. (N. da A.)

Vargas queria construir um novo Brasil; o futebol cabia bem a seus objetivos. “O projeto getulista abrangia o esporte como [ponto] central para a transformação do brasileiro e também para a superação das diferenças políticas, duas circunstâncias fundamentais para a consolidação do regime”, afirma Guterman (2009, p. 71). Apoiar o profissionalismo no futebol atraía os bons olhares dos operários em geral e dos “trabalhadores da bola”, em especial, para engrossar o apoio ao governo Vargas. Além de isolar as oligarquias e ampliar a base social do governo, constituía-se o entendimento de que no Brasil existia uma “democracia racial”, difundida pelo “mito das três raças” apostando no modelo do “homem brasileiro”, da “raça brasileira” e na docilidade e no controle institucional de seu corpo, conforme leitura a partir de Foucault. O mito auto-escusatório da “democracia racial” surge no Brasil para encobrir a opressão racial, revela *Stam* (2010). Para ele,

o paternalismo brasileiro optou por uma “ideologia do branqueamento”, que “permitiu” que uma população gradualmente se “branqueasse” através do casamento inter-racial. [...] em outras palavras, a fé na probabilidade do branqueamento levou as elites brasileiras a encorajar parcialmente a miscigenação, em vez de bani-la, como se deu no modo fóbico norte-americano. [...] A situação brasileira encorajou uma dependência paternalista de instituições da elite (vale dizer, branca). [...] A cultura brasileira é irrevogavelmente mestiça. Muitas das comidas, dos nomes de lugares e costumes são de origem indígena. Os brasileiros relacionam seu gosto pelos frequentes banhos de chuveiro com o hábito indígena de banhar-se nos rios. [...] A descrição que Lévi-Strauss faz dos nhambiquaras como “expressando ternura em plena luz do dia” evoca a propensão atual de brasileiros não-indígenas para espontaneamente se abraçarem, se beijarem e se acariciarem. A cultura brasileira também é atualmente considerada africanizada. Tudo na cultura brasileiro, seu ‘jeito’, seu modo de andar, falar e tocar, de compor músicas e contar histórias, seu estilo flexível e sinuoso, sutil como as fintas da capoeira [...] é inteiramente modulado por padrões culturais derivados da África. Nesse sentido, o futebol-samba cheio de improviso do Brasil corresponde ao basquete-jazzístico norte-americano. (STAM, 2010, p. 57).

O governo Vargas, além de incidir sobre os esportes, a informação, a escola e a escolarização, implantou modos de controle das manifestações culturais populares, incorporando-as ao “projeto nacional”, como símbolos da “brasilidade”. Até mesmo o samba “começou a ser usado para repudiar o comunismo e exaltar os valores nacionais [...] submetidos às normas emanadas do palácio do Catete”, relata Guterman (2009, p. 72).

Nem todos os acontecimentos foram ganhos anti-racismo na década de 1930, no Brasil. O partido Integralista, fundado em 1932, que se apresentava como uma variante do fascismo, conquistara muitos adeptos no sul do país onde a concentração da imigração europeia era mais presente. Em 1935, Roquete Pinto, Arthur Ramos e Gilberto Freyre, intelectuais brasileiros conhecidamente antirracistas, sentiram-se provocados e responderam com a publicação do “Manifesto Anti-racista”, no qual preveniam a sociedade brasileira “contra ‘o transplante de idéias racistas e, especialmente, seus corolários sociais e políticos’

como um grave risco para um país como o Brasil, ‘cuja formação étnica era decididamente heterogênea’ ”, relata Stam (2010, p. 127).

Também foi nos anos 1930 que o cinema começou a examinar as favelas do Rio, lugar de origem do samba no morro. As favelas foram criadas quando a população mais pobre do Rio foi empurrada para os morros pela explosão do mercado imobiliário, causada pela construção da avenida Central (hoje Rio Branco) na virada do século. O samba do Rio nasceu nas casas das velhas matriarcas baianas ou “tias”, como Tia Ciata, que viveu na Praça Onze, e onde músicos como Pixinguinha, Donga e Sinhô se reuniam para fazer música. [...] nas primeiras décadas do século [XX], o samba era socialmente desprezado, mesmo reprimido. [...] sua popularidade foi gradativamente se espalhando por outras classes de brasileiros. O samba assumiu diversas formas, desde as versões mais ásperas da própria favela até as orquestrações mais “sofisticadas” de cantoras como Carmen Miranda e Linda Batista. Foi assim [...] que surgiu a música popular de influência afro da diáspora [...] em meio a populações hostis que somente aos poucos aprenderam a apreciar seus talentos musicais. [...] *Favela dos Meus Amores* (1935), de Humberto Mauro, foi o primeiro filme a realmente olhar para a vida e a música das favelas (STAM, 2010, p. 128 – 130).

Naquele mesmo período, o cinema nacional já contava com produções ímpares. Neles as estrelas brancas eram favorecidas, ainda que o tema central da trama fosse o samba ou o carnaval, mostrados a partir de uma estética branca e higienizadora das paisagens e comportamentos nacionais; os músicos e/ou atores mulatos e negros ocupavam papéis secundários ou ao fundo das cenas, como o músico que ritmava com o tambor negro junto à orquestra de Simon Boutman, no filme *Alô Alô Brasil* (1935), e o violonista negro que integrou o conjunto Regional de Benedito Lacerda no filme *Alô Alô Carnaval* (1936), ambos estrelados pela atriz e cantora portuguesa que mais representou o Brasil no exterior naquela época, Carmen Miranda. O sucesso dos filmes era acompanhado do sucesso das vendas de discos e dos números musicais apresentados nos programas de auditório das rádios, com transmissão em ondas curtas.

Nas décadas de 1930 e de 1940, o novo meio de comunicação com as massas era o rádio, que além da programação cultural e educadora também servia aos intentos do governo Vargas como um veículo de controle social. O rádio já havia conquistado um lugar junto às massas trabalhadoras, que desde a autorização das inserções comerciais nas rádios, em 1932, proporcionava maiores possibilidades à programação esportiva, de notícias, de entretenimento e de programas de auditório.

Até então, as rádios tinham caráter erudito, sendo bancadas como “clubes” por seus associados, razão pela qual eram chamadas de “rádio clube” e “rádio sociedade”; a partir de seu financiamento pela via publicitária, elas se tornaram veículos de massa, e apareceram os programas de auditório e os de informação. A primeira transmissão integral de um jogo de futebol no Brasil data de 19 de julho de 1931 – até aquele momento, só havia boletins sobre as partidas. [...] A criatividade dos locutores e o crescente alcance do rádio deram outra dimensão ao futebol, O esporte, que já era popular, tornou-se um ser vivo, pulsante, um drama de cores épicas, descrito pelos narradores (GUTERMAN, 2009, p. 74).

Através das transmissões esportivas radiofônicas na década de 1930 a população brasileira acompanhou a Copa Rio Branco, os Campeonatos Mundial de Futebol na Itália, em 1934, e, na França, em 1938, os Campeonatos Sul-Americanos de Futebol nas edições de 1936 e de 1937, que contou com a locução de Ary Barroso e, segundo afirma Guterman (2009), é um dos responsáveis pela origem da rivalidade entre os selecionados de Brasil e Argentina.

Naquele ano a final do Campeonato Sul-Americano era disputada entre as duas seleções e a violência dos “*hermanos*”, narrada ao vivo por Barroso, vitimava alguns atletas nacionais, como o brasileiro Jaú, que foi chutado pelo argentino *Zozaya*, deslocando-lhe a clavícula. À época, não havia substituição de *footballers* durante a partida e Jaú seguiu em campo, amarrando o braço com a gravata cedida pelo locutor Ary Barroso, que estava posicionado na lateral do campo (não havia áreas destinadas unicamente à imprensa, como ocorre na atualidade) e que também foi agredido pela torcida argentina.

[...] A criação de mitos e heróis pelo rádio esportivo, e posteriormente pela imprensa em geral, ajudou a formatar o caráter nacionalista e épico atribuído ao futebol. A seleção brasileira começava a representar a pátria, e o futebol, em geral, era uma robusta manifestação de brasilidade. A união desses dois fenômenos da história brasileira – o futebol, que mobilizava a massa de brasileiros cada vez mais urbanos, e o rádio, que cumpriria o papel de levar a essa massa todo tipo de informação e entretenimento, ao vivo e com emoção – gerou enormes possibilidades políticas, como Getúlio, com sua impressionante capacidade de adaptação, não tardou a perceber. [...] O maior símbolo foi a “Hora do Brasil”, que encontrava o ouvinte ainda em casa, de manhã (GUTERMAN, 2009, p. 73 – 75).

Na transmissão completa do fato na final do Campeonato Sul-Americano disputado entre Brasil e Argentina, Barroso construiu um cenário de guerra internacional. O Brasil perdeu a disputa para o país vizinho, entretanto, a chegada da seleção ao Brasil, no Rio de Janeiro, foi uma grande festa. Os jogadores da seleção brasileira, sob o comando do técnico Ademir Pimenta, foram recepcionados em festividade organizada pelo Estado como “soldados que haviam lutado numa guerra. O Hino Nacional foi executado duas vezes por bandas militares, com salvas de canhões e discursos inflamados do chefe da delegação [...] para quem os jogadores brasileiros haviam se portado como verdadeiros patriotas”, disputando o certame com um “rival violento e desleal”. Criava-se no imaginário brasileiro, “a ideia de que o adversário era um inimigo a ser derrotado como num campo de batalha – e, quando o adversário era a Argentina, isso foi levado ao nível do paradoxismo. Além disso, agora tínhamos com quem nos comparar”, relata Guterman (2009, p. 76 – 77).

2.5 O profissionalismo: uma nova dimensão para o futebol no Brasil

O estilo de jogo dos atletas brasileiros demorou a acontecer. Primeiramente, porque no princípio, os praticantes eram europeus ou seus descendentes, e se empenhavam em “copiar” as jogadas realizadas pelos esportistas do primeiro mundo. Em segundo lugar, porque apenas na década de 1930 os craques passaram a ser festejados e considerados grandes artistas. Para Guterman (2009), a disputa “desleal e violenta” do time argentino naquele campeonato sul-americano foi o elemento que trouxe essa ignição e acabou por construir, para a disputa entre os dois selecionados, a denominação ainda atual de “Clássico das Américas”.

A nova Constituição brasileira promulgada em 1934, influenciada pela legislação da Itália, trazia no seu texto legal algumas inovações, a saber: a obrigatoriedade do ensino público, a nacionalização do subsolo brasileiro, a autonomia sindical além de estabelecer uma gama de direitos aos trabalhadores do Brasil, os mesmos a quem Vargas destinava suas falas através do rádio.

No ano de 1935 os membros da esquerda brasileira se organizam na Aliança Nacional Libertadora – ANL, “fundada de acordo com a orientação da URSS no sentido de agregar elementos moderados às fileiras anticapitalistas em vez de boicotá-los, como acontecera na Alemanha. [...] Luís Carlos Prestes e Carlos Lacerda e outros uniram-se sob a ANL contra Getúlio”, conta Guterman (2009, p. 78).

O governo de Vargas reprimiu duramente as manifestações da ANL; o Partido Comunista Brasileiro – PCB, em novembro de 1935, “precipitou-se numa tentativa de golpe de estado”. O movimento ficou conhecido como a Intentona Comunista; “foi rapidamente debelado, mas facilitou a implantação definitiva do perfil autoritário do governo, especialmente porque deu forma e conteúdo ao espectro do perigo comunista. Com um Congresso acuado e subserviente”, Getúlio Vargas ampliou as instâncias de controle social do Estado, afirma Guterman (2009, p. 78 – 79).

Na tentativa de conter as manifestações populares, o governo promulgou a Lei de Segurança Nacional, criminalizando as dissidências militares, o confronto de classes e estabeleceu novas e restritivas regras para a criação de novos partidos políticos, principalmente aqueles que se posicionavam contra o rumo dado pelo governo getulista.

A Assembleia Constituinte elegeu para governar o país o gaúcho Getúlio Vargas, com mandato até 1938. O Brasil vivia um novo período constitucional, mas seria por alguns poucos anos. Antes das eleições marcadas para o ano de 1938, muitas greves aconteceram no Brasil e as diferenças político-ideológicas entre comunistas e integralistas se acirrou.

O processo eleitoral marcado para 1938 estava fragilizado; foi interrompido com a divulgação do falso “Plano Cohen” que apontava os caminhos do golpe comunista sobre o governo brasileiro. O “Plano Cohen” era uma peça ficcional criada por um militar integralista e foi considerado verídico pelo Exército. Getúlio já tinha o motivo necessário para cassar as liberdades individuais e, contando com o apoio do Congresso Nacional, promulgou uma nova Constituição, mais dura, onde gozava, segundo Guterman (2009, p. 79), do “amplo poder discricionário que ele almejava desde 1930”.

O grupo industrialista brasileiro também se aliou ao governo Vargas ao crer no discurso estatal que “somente um Estado forte poderia tirar o país do atraso econômico. Formou-se assim, um consenso em torno de Getúlio, que ademais contava com o apoio ou a apatia das massas – especialmente depois que o regime reprimiu os movimentos sociais” e o Partido Comunista Brasileiro – PCB, afirma Guterman (2009, p. 79).

Em 1937, Vargas cria o Estado Novo. Desconsidera a Constituição Federal de 1934, e, a partir dali, inicia a construção de um novo país, com incentivo à industrialização em substituição à importação, busca a reorganização do sistema produtivo nacional, um modelo com apelo nacionalista e com um controle das massas, evidenciado pelo protecionismo expresso na legislação trabalhista inspirada na experiência fascista italiana, estabelecendo o salário mínimo, a vinculação dos sindicatos ao Estado e criminalizando as greves. O presidente gaúcho consolidava sua imagem política pública como o “protetor dos trabalhadores” e “pai dos pobres”.

A composição da seleção brasileira que disputou a Copa do Mundo de 1938 reforçava essa imagem de valorização da miscigenação nacional, incluindo atletas brancos e negros, traduzindo os objetivos do varguismo através do esporte. “Leônidas da Silva, o ‘Diamante Negro²¹’, era o símbolo de um time feito para levar ao mundo a força de um país que se afirmava como singular”, conta Guterman (2009, p. 82), enfocando o motivo principal pelo

²¹ Apelido recebido pelo futebolista brasileiro que inspira a criação de um produto industrial, o chocolate da LACTA, presente até hoje no mercado nacional (N. da A.).

qual o presidente Vargas destinava atenção especial à seleção brasileira, inclusive na partida do time para as disputas de 1938, na França.

De 1939 a 1944 muitos comícios foram realizados por Vargas no estádio do clube de futebol Vasco da Gama, em São Januário, onde milhares de pessoas se reuniam para ouvi-lo anunciar alguma nova medida protetiva para os trabalhadores do Brasil, bordão utilizado também nos programas radiofônicos diários do presidente. Conforme Guterman (2009, p. 80 – 81), “estava claro que Getúlio entendeu o poder que aquele espaço, o estádio de futebol, tinha sobre a massa. Sua esperteza foi ter unido as pontas”. No esporte, a primeira medida benéfica do governante foi o profissionalismo dos jogadores transformando-os em “trabalhadores”, fato que deu início a um novo tempo para o futebol no Brasil, possibilitando a alguns garotos das classes pobres uma modalidade de ascensão social. De todas as simbologias utilizadas pelo presidente gaúcho, essa era a potencialmente maior.

Mas o futebol entrou definitivamente na agenda getulista na Copa de 1938. Naquela oportunidade estava claro que o esporte em geral se transformara em veículo de afirmação da superioridade nacional – basta lembrar a Copa de 1934, na Itália fascista, e a Olimpíada de 1936, na Berlim nazista. A importância que o evento possuía para a consolidação do Estado Novo se evidenciou na escolha da “madrinha” da seleção, a própria filha de Getúlio, Alzira Vargas. Por trás disso estava a disposição do governo de financiar a seleção e de esperar dela uma resposta à altura das ambições do regime e da formação desse “novo homem” brasileiro (GUTERMAN, 2009, p. 81).

Entretanto, o selecionado brasileiro chega à França sob o olhar eurocêntrico e xenofóbico. O Brasil é percebido pelos europeus e divulgado pela imprensa local como um “país exótico”, classificação determinada pelas “diferenças” entre o EU (do eurocentrismo) dos países da Europa e o outro, o Brasil, terceiromundista e subdesenvolvido que há alguns anos já era taxado de exótico²², na própria Europa, por suas flora, fauna, clima, temperatura, cultura e gentes.

Garramuño (2009), por sua vez, recorda que a negatividade e a repressão relacionadas aos ritmos do tango e do samba nas suas origens estão relacionadas ao papel do primitivismo como elemento fundador de uma cultura nacional da periferia, às margens da cultura europeia central, construindo a categoria do “exótico”, traços importantes na formação das “culturas nacionais marginais”.

Guterman (2009, p. 81) relata que o jornal *Petit Parisien* anunciou a chegada do grupo de jogadores brasileiros com a frase: “ ‘eis os brasileiros, com seu café e seus violões.’ [...] o

²² Bóris Kosoy, no livro “Fotografia e História”, apresenta as imagens divulgadas pelo II Império do Brasil na Europa como percebidas como exóticas. (N. da A.).

Brasil não era ainda o país do futebol, mas do café e da música popular. Ledo engano, [...] o futebol já havia tomado o Brasil de modo irrefreável”. No país já existiam craques da bola que decidiam favoravelmente à seleção em disputas importantes no cenário sul-americano, contra equipes bem preparadas. Apenas a “tradicional ignorância europeia” sobre a trajetória brasileira, a exemplo do que ocorre com os demais países terceiro mundistas, pode explicar tal ironia proferida pelo diário francês.

Numa Europa tomada pela xenofobia nacionalista, porém, aquele grupo de jogadores era visto apenas como um punhado de malabaristas sem eficiência técnica e incapaz de vencer. Os europeus se viam como o futuro moderno, enquanto reservavam aos primitivos sul-americanos o rótulo de “artistas”, o que mal esconde o menosprezo. A resposta dos “primitivos” foi dada em campo (GUTERMAN, 2009, p. 81).

Os brasileiros venceram a Polônia, empataram com a Tchecoslováquia no primeiro jogo, venceram no segundo e se classificaram para as semifinais contra a seleção da *Azzurra*, quando perderam a vaga para a final do Campeonato Mundial de Futebol, de 1938, na França.

Na disputa pelo terceiro lugar geral venceram a equipe da Suécia pelo escore de quatro a dois (4 a 2), com a participação de Leônidas da Silva trazendo o “título” de artilheiro do Mundial de 1938. Conforme Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 47) “a terceira colocação no Mundial da França fez com que o país se tornasse respeitado no mundo do futebol. Depois de participações apagadas nas duas primeiras Copas, o Brasil começava a ser uma potência” naquele esporte.

Os torcedores brasileiros acompanharam os jogos pelo rádio e pela cobertura da imprensa escrita e, Guterman (2009, p. 82) relata que o presidente Vargas registra em seu diário na data da derrota da seleção, em 16 de junho de 1938, que: “a perda do *team* brasileiro para o italiano causou uma grande decepção e tristeza no espírito público, como se se tratasse de uma desgraça nacional”.

As transmissões calorosas e enfáticas dos radialistas foram um elemento importante na construção do caráter nacional da “desgraça” que acometia o país. Era o primeiro Campeonato Mundial de Futebol transmitido “ao vivo” pelas emissoras de rádio brasileiras. As autoridades municipais, estaduais e federais, com o apoio do governo federal, dispensaram os funcionários²³ para que fosse possível acompanhar às disputas realizadas na França, através da sintonia das rádios, nos automóveis, nos alto-falantes, nas casas ou nas ruas.

²³ A dispensa dos funcionários para assistir aos jogos da seleção brasileira tornou-se uma prática repetida durante as transmissões dos jogos das Copas do Mundo no país. O Brasil para para ver a seleção canarinho jogar. (N. da A.)

A era da comunicação de massa acabara por criar a experiência coletiva, como ocorre até os dias de hoje, no Brasil, em tempos de Copa do Mundo. Getúlio Vargas participou dessa experiência ouvindo aos jogos pelo rádio, na companhia de familiares e de jornalistas, que noticiavam a audiência presidencial nas revistas da época.

Os sentimentos populares revelados nas transmissões das disputas da seleção brasileira naquele Campeonato Mundial, na França, davam início ao comportamento nacional que se comprovaria nas próximas edições da Copa do Mundo de Futebol, em todas as regiões do Brasil. “A partir desse sentimento, é possível dimensionar a importância do futebol como elemento de definição nacional, devidamente explorado pelo governo” Vargas, conta Guterman (2009, p. 83), e por todos os demais governantes, nos anos subsequentes,

O Brasil, assim, começava a se enxergar como singular a partir do futebol. A intelectualidade da época não tardou a traduzir o fenômeno. O excelente desempenho da seleção na Copa da França [...] levou o sociólogo Gilberto Freyre a considerar o futebol como a expressão das vantagens da democracia racial. “Creio que uma das condições de vitória dos brasileiros nos encontros europeus prende-se ao fato de termos tido a coragem de mandar à Europa desta vez um *team* francamente afro-brasileiro. Tomem os arianistas nota disto”, declarou Freyre ao Correio da Manhã, deixando de entrever a luta, no meio da inteligência brasileira, entre projetos de país distintos – um, de acordo com o fascismo purificador europeu, e outro, afeito às qualidades intrínsecas do Brasil. [...] Freyre tinha um lado bem definido, e usou o futebol como veículo dessa afirmação (GUTERMAN, 2009, p. 83).

Desta maneira, podemos entender o ano de 1938 como o marco histórico da autocompreensão do Brasil como o “país do futebol”. A derrota do selecionado nacional para a equipe da Itália, nas semifinais, e as manifestações xenofóbicas da imprensa europeia, tratando os jogadores brasileiros como “artistas” da bola, malabaristas e, ainda, como atletas sem técnicas aprimoradas, auxiliaram na construção da identidade nacional a partir da imagem do “futebol de raça”, de luta, de soldados da pátria. Ou, como afirma Guterman (2009, p. 84), unindo o povo, em âmbito nacional “à noção de brasilidade emanada de sua seleção em campos estrangeiros, jogando com características próprias, e que, com o tempo, se tornariam indissociáveis da própria definição que o brasileiro faria de si mesmo”. O presidente Vargas não ignorou tal fenômeno cultural e rapidamente vinculou o futebol ao Estado, explorando a nova paixão nacional, favorecendo seus projetos de coesão social.

Ainda no ano de 1938, o representante da CBD, o jornalista Célio de Barros, ao participar de um congresso da FIFA, em Paris, coloca à disposição da entidade esportiva o nome do Brasil para sediar o Campeonato Mundial de Futebol em 1942; era chegado o momento do Brasil “fazer” a sua Copa.

No entanto, a Alemanha, que acabara de organizar as Olimpíadas de 1936, em Berlim, também se colocara à disposição da FIFA para sediar o evento. Evidentemente, o país europeu era a escolha favorita da Instituição. Porém, com a deflagração da II Guerra Mundial, em 1939, provocada pela Alemanha, as competições previstas anteriormente para os anos de 1942 e de 1946 foram suspensas.

Em 1950, a FIFA restabelece a edição do Campeonato Mundial de Futebol e o país-sede, não poderia ser a Alemanha; não era possível premiar, com um evento de tamanha investidura, um país seccionado e derrotado na última Grande Guerra. Não era possível também, desconsiderar os resultados das batalhas no território europeu, em especial, pela destruição visível deixada nas cidades. Coube, então, ao Brasil, a possibilidade de organizar o Campeonato Mundial de Futebol. Guterman (2009, p. 85), conta que chegava a hora do Brasil “comprovar a superioridade de seu futebol e, por tabela, a emergência de suas possibilidades mundiais e de seu modelo de democracia racial”.

Após quinze anos no poder federal, o governo Vargas acabara e cedera lugar à gestão do general Eurico Gaspar Dutra, eleito no pleito de 2 de dezembro de 1945, vencendo o brigadeiro Eduardo Gomes, o personificador da classe média urbana e do pensamento democrático liberal. O presidente Dutra recebeu o apoio político de Vargas e assumira o mandato em janeiro de 1946. O PSD, partido criado por Getúlio há alguns anos, também saiu vencedor das urnas de 1945, elegendo a maioria absoluta do Congresso, elaborando uma nova Constituição para o país.

Em janeiro de 1948 o Partido Comunista Brasileiro - PCB - foi banido. Inicia, no cenário mundial, o período da Guerra Fria, no qual o mundo do pós-guerra era reconfigurado a partir do confronto entre o mundo ocidental, capitalista, e o mundo oriental, comunista. Mais uma vez a dicotomia Ocidente *versus* Oriente estava em evidência.

A sombra do comunismo na política internacional ganhava expressão e o sentimento anticomunista seria decisivo na formulação da ideia de país que era projetado para o Brasil naquela época. Guterman (2009, p. 89) relata que “o fantasma vermelho, dali em diante, seria usado como argumento para a eventual supressão das liberdades individuais e alimentaria as conspirações da caserna”.

Entre 1946 e 1950, o Brasil apresentou um crescimento econômico médio de oito por cento (8%) ao ano; a sensação de impulso na economia gerou inflação e os reajustes salariais não acompanharam seus índices. O arrocho salarial trazia à memória dos operários brasileiros a figura de Getúlio Vargas²⁴, que já carregava o título de “protetor dos trabalhadores”.

Ainda em 1948, em torno de três mil e quinhentos (3.500) operários foram trabalhar na construção do estádio do Maracanã, desde o lançamento de sua pedra fundamental depositada nas imediações da Tijuca, bairro de classe média da Zona Norte do Rio de Janeiro. A grandiosidade da obra e a propaganda realizada pelo governo ao divulgá-la, criou no imaginário popular brasileiro de então, a possibilidade do estádio equivaler-se às obras das capitais europeias, afinal, o Maracanã seria o maior estádio de futebol do mundo e a “prova de que poderíamos eventualmente superar aquilo que de melhor havia na Europa, como prova da pujança nacional”, conta Guterman (2009, p. 90). O atraso brasileiro era evidente, porém, a construção do estádio carioca mostraria a força do melhor futebol brasileiro, dentro de campo, e, fora dele, a capacidade de erguer, a partir do nada, o maior estádio de futebol do planeta. O presidente Dutra investiu na realização do IV Campeonato Mundial de Futebol, de 1950, no Brasil. O país já estava apaixonado pelo esporte, contava com times estaduais disputando certames de destaque na mídia brasileira e, mostrava as manobras dos ‘artistas da bola’, em campo.

O desempenho do selecionado brasileiro no Campeonato Mundial de Futebol de 1950 foi crescendo ao longo da competição. O time brasileiro chega à final e, apenas um empate contra a seleção uruguaia, lhe daria a primeira posição no certame. E, ganhar uma competição internacional, no próprio país, seria a glória, a comprovação de que tanto o país quanto seu povo estavam aptos a ingressar no *hall* dos vencedores, no clube privativo dos bem sucedidos, como a Itália havia feito na década de 1930. Entretanto, a final disputada pelo Brasil contra o Uruguai inverteu a lógica das previsões, fortalecendo a lógica do futebol, onde “tudo pode acontecer²⁵”. E, aos trinta e quatro minutos (34 min.) do segundo tempo, a seleção celeste vira o jogo com o gol de *Ghiggia*. O placar de dois gols uruguaiois contra um gol brasileiro (2 a 1 para os uruguaiois) desfaz a nação tupiniquim. A população que assistia ao jogo no estádio do Maracanã assim como o resto da população brasileira que acompanhava a transmissão “ao

²⁴ O apoio do populista Adhemar de Barros à candidatura de Vargas à sucessão presidencial crescia na cena política e lhe levou ao Palácio do Catete na eleição seguinte. (N. da A.)

²⁵ No Brasil, a expressão que melhor define esta condição é: “o futebol é uma caixinha de surpresas”. (N. da A.)

vivo” pelas rádios, ficou atônita. A comoção era nacional. (GUTERMAN, 2009; VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010; CALDAS, 1990)

Barbosa havia se antecipado na pequena área e *Ghiggia* mudou a jogada; o goleiro brasileiro deslocado permanecera imóvel. Marcado o segundo gol, o selecionado celeste ganha a disputa virando o placar final. Não foi difícil desacreditar do Brasil e dos brasileiros. Houve uma baixa na autoestima nacional. As conclusões não tardaram: o Brasil perdera porque não era capaz de jogar sob pressão. E, as associações entre a incapacidade do time nacional e a mestiçagem, se avolumaram. Barbosa, o goleiro vazado, era negro. Bigode e Juvenal, o zagueiro driblado por *Ghiggia*, também eram negros.

Um dos questionamentos mais discutidos foi suscitado pela presença dos jogadores negros na seleção – ou seja, aquilo que era tido como trunfo passou a ser visto como fardo. Barbosa e Bigode eram negros e foram responsabilizados diretamente pela inesperada derrota, além do zagueiro Juvenal, que também falhou. A derrota não era apenas da seleção, mas aparentemente também de um projeto de país, de um sentido de comunidade que se estava construindo, tendo o futebol como símbolo e a mulatice freyreana como representação. [...] Outros negros foram poupados, em especial Zizinho, o grande craque brasileiro da época. [...] Acabou poupado das críticas em 1950 talvez porque fosse um craque negro sobre quem não recaíam suspeitas. Mas foi deixado de fora da seleção que disputaria a Copa de 1954 (GUTERMAN, 2009, p. 100).

Enquanto as vitórias da equipe brasileira de futebol chegavam, a mestiçagem era comemorada, inclusive pelos intelectuais nacionais. Com a constatação da presença negra e mestiça dos jogadores ‘perdedores da seleção de 1950’, naquele episódio que ficou conhecido como “*Maracanazzo*”, o país recai na falácia do racismo, se condena fruto das “três raças”, desconsidera sua população mestiça e negra e sente-se inapto a quaisquer conquistas. A opinião midiática também ajudara a construir essa imagem, como podemos ver no trecho do texto do jornalista esportivo carioca Mário Filho, resgatado por Guterman (2009, p. 100):

O Campeonato do Mundo de 1950, em vez de glorificar um novo ídolo do futebol brasileiro, que, segundo as probabilidades, seria outro mulato ou preto à imagem e semelhança de Arthur Friedenreich e Leônidas da Silva, o que fez foi reavivar um racismo ainda não de todo extinto. [...] Era o que dava, segundo racistas que apareciam aos montes, botar mais pretos e mulatos do que brancos num escrete brasileiro.

A derrota de 1950 pôs em xeque a certeza de que o país estava apto a buscar um lugar no grupo das grandes nações. A ferida aberta naquela tarde de 1950, com a derrota para a seleção uruguaia fora uma importante e visível chaga viva no imaginário nacional por muitos anos²⁶. Soares (1999) aponta que a responsabilidade pela derrota recaiu sobre os jogadores da

²⁶ Mesmo após a conquista dos cinco títulos mundiais de futebol alcançados pela seleção brasileira em Copas do Mundo (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002) ressurgiu a ameaça, pela torcida argentina, de um novo “*Maracanazzo*” na final da Copa de 2014, disputada no território brasileiro. Talvez, a estrondosa derrota para a equipe da Alemanha, nas quartas de final do Campeonato Mundial de Futebol de 2014, com o

defesa, independentemente de serem negros ou brancos, revela que nos textos jornalísticos da época não se encontram acusações racistas. “O que se acha nos jornais é que ao brasileiro faltou raça, faltou fibra em 50”. No entanto, afirmar que faltou “raça” não poderia significar “faltou origem e motivos pelos quais aqueles atletas devessem se orgulhar e atuarem?” É possível pensar que os textos indiquem uma maneira encoberta da presença do racismo sobre os membros negros e mestiços daquele selecionado brasileiro, como aliás, a maioria das manifestações da sociedade nacional são efetuadas até hoje.

De cabeça baixa e sem autoestima, os eleitores votaram no pleito de outubro de 1950 e reconduziram Getúlio Vargas ao poder. O país havia “rachado” entre os nacionalistas, apoiados pelo exército, e os “entreguistas, que defendiam um Estado menor, a abertura ao capital externo e a aproximação incondicional com os EUA”, relata Guterman (2009, p. 102).

Vargas, em 1º. de maio de 1951, ao festejar o dia do trabalho, promoveu mais um comício no estádio do Vasco da Gama²⁷, em São Januário, na Capital Federal e pede ao povo que se una a ele contra os “entreguistas”, a quem ele chama de “especuladores e gananciosos”; prometera um novo tempo de democracia social e econômica, conclamando o povo a estar ao seu lado, ignorando as instâncias da representação democrática, expressada pelo voto, apontando para uma verdadeira democracia, diferente da democracia apenas política, que não conhece a igualdade social. Estava dado o pontapé inicial para o movimento populista no Brasil, buscando desacreditar o sistema de representação que se mostrara viciado, então.

Em 1952 a seleção olímpica de futebol participou pela primeira vez das Olimpíadas de Helsinque, representando o Brasil. O grupo jovem de jogadores que foi à Olimpíada classificou-se apenas no quinto lugar, não subindo ao pódio, nem trazendo medalhas. O futebol não estava em alta; outros esportes obtiveram melhor desempenho naquela mesma olimpíada, a exemplo do salto triplo de Ademar Ferreira da Silva, que quebrou quatro vezes, no mesmo dia, o recorde mundial, fato que se repetiria nos jogos Pan-Americanos do México, em 1952. Naquela Olimpíada, o time de futebol brasileiro, sob o comando do técnico Zezé

vexatório resultado de sete a um (7 a 1) para a equipe europeia, substitua a ferida de 1950, mesmo porque, a maioria da população adulta que vivenciou a experiência daquela primeira Copa do Mundo no Brasil, em 1950, já não esteja mais entre os torcedores da atualidade.

²⁷ Vale lembrar que foi o Clube de Regatas Vasco da Gama/RJ o que primeiro incorporou atletas negros aos seus quadros e, com um time composto por brancos, negros e mestiços, venceu o campeonato de 1923, uma atitude que indica um clube menos elitista, onde portugueses ocupavam grande parte dos postos. Não que os portugueses ou seus descendentes sejam menos racistas que outros povos europeus, mas, talvez, estivessem mais acostumados a ambientes mais heterogêneos, por atuarem no comércio de produtos de alimentos como pão e leite, utilizados por todos, não apenas por brancos.(N. da A.).

Moreira, foi vencido pelo time alemão que empatou em dois a dois (2 a 2), no tempo regulamentar. Na prorrogação, a Alemanha venceu. O trauma do “*Maracanazzo*” estava presente mais uma vez na memória coletiva dos torcedores brasileiros. Zezé Moreira implantou a marcação por zona²⁸.

Em 1954, o Campeonato Mundial de Futebol retorna ao território europeu pela primeira vez, após o fim da II Guerra Mundial, e a Suíça sedia o evento. O Brasil, que havia conquistado o título de campeão Pan-Americano de 1952, numa partida contra o time do Uruguai, festejava uma das “revanches do *Maracanazzo*”.

O gigante tropical mantinha o ‘título de país do futebol’, no entanto, desacreditava em si mesmo, ainda que o time escolhido para representar o Brasil naquele evento esportivo tivesse derrotado, sem grandes dificuldades, as seleções adversárias em quatro jogos amistosos durante os meses de fevereiro e março daquele ano. No entanto, os três torneios internacionais que a seleção canarinho disputara entre 1952 e 1954 não conduziam o país a crer na seleção. Politicamente, o Brasil vivia tensões importantes no governo Vargas.

Garrincha começa a jogar futebol profissionalmente ainda no final de 1952, aos 19 anos, quando se apresenta à “peneira” do Botafogo, no Rio de Janeiro, por indicação do lateral direito Araty. Manoel dos Santos²⁹ treinou com o time juvenil do clube durante vinte minutos e mostrou muito talento. Garrincha, como o atleta ficou conhecido no futebol mundial, gostava de jogar futebol, de driblar, de brincar com a bola. Depois de acompanhar o desempenho do jovem jogador, Newton Cardoso, técnico dos juvenis do Botafogo, levou-o para treinar no grupo dos profissionais no dia seguinte.

O físico do jovem Garrincha perturbava as comissões técnicas: as pernas tortas, sendo a direita arqueada para dentro e a esquerda, para fora, parecia inacreditável possibilitar-lhe o equilíbrio em pé. Guterman (2009, p. 115), explica que “para alguns, era um desafio que ele andasse, e talvez fosse melhor que ele tentasse a sorte em um circo. Garrincha, era rei em Pau Grande, sua cidade natal, mas fora dali era tratado como uma aberração da natureza”.

Sua ascensão profissional foi assombrosa. No ano de 1954 foi indicado entre os quarenta jogadores selecionados para competir na Copa da Suíça, porém não foi escolhido

²⁸ A marcação por zona se baseia na otimização da ocupação dos espaços impondo controle sobre as posições dos jogadores, dificultando a penetração do adversário no campo de jogo, buscando uma “vantagem numérica” de atletas nos diversos setores do campo de jogo. (N. da A.).

²⁹ Nome de registro do jogador Garrincha. (N. da A.).

para compor o time final, com os vinte e dois *footballers* que viajaram à Europa. Estreou na seleção brasileira em 1955, no Maracanã.

Mesmo com a linha dura aplicada à equipe pelo técnico Zezé Moreira, a seleção brasileira de futebol não superou os problemas; os jogadores estavam muito nervosos. Venceram o primeiro jogo, contra a equipe mexicana, por cinco gols (5 a 0). Sem ter conhecimento sobre o regulamento do Campeonato Mundial, a equipe brasileira lutou por outra vitória contra a Iugoslávia; o empate classificava os dois times para a etapa seguinte. Os brasileiros só souberam da regra ao final do jogo, no vestiário, quando já imaginavam estar desclassificados. Os iugoslavos tentaram informar a equipe brasileira durante o intervalo entre os tempos, mas a barreira do idioma impediu que os brasileiros compreendessem os avisos do time europeu. Era um grupo manipulado pelos dirigentes; sem credibilidade intelectual.

Na terceira partida, o adversário era a equipe da Hungria, que conquistara a medalha de ouro na Olimpíada de 1952, país da ‘cortina de ferro’ onde o Estado havia investido nos esportes em equipe e o futebol, especialmente, se tornara o esporte nacional. A técnica apresentada pela equipe húngara se inspirava no modelo estatal comunista e investia no jogo coletivo; o Brasil contava com a genialidade individual de um ou outro membro da seleção para “fazer a diferença” e, oportunamente, criar a jogada decisiva a favor do selecionado nacional. *Ferene Puskas*, apelidado de “Major Galopante”, e considerado na Europa de então, o maior jogador de futebol do planeta, participava da seleção húngara. Ele estava lesionado e não enfrentaria a seleção brasileira; o técnico Zezé Moreira, não contou aos jogadores e deixou que o “fantasma de Puskas” assombrasse os jovens atletas.

O clima de “terrorismo” assombrava a concentração da equipe do Brasil; diariamente os dirigentes da CBD junto ao técnico Moreira, “obrigavam os jogadores a cantar o Hino Nacional e a beijar a bandeira brasileira”, conta Guterman (2009, p. 108). A pressão era tanta que em dez minutos de jogo o Brasil já havia levado dois gols da Hungria. Os jogadores brasileiros reagiram com violência e dois deles foram expulsos, somados a um atleta húngaro. O placar final registrou: Hungria 4, Brasil 2. Após o fim da partida, as brigas entre as seleções aumentaram; ainda em campo, o técnico Zezé Moreira atirou uma chuteira sobre o vice-ministro dos esportes do governo húngaro. O pedido de honrar a pátria transformou o gramado em um campo de batalhas. A seleção brasileira de futebol termina a competição de 1954, na Suíça, em sexto lugar, carregando consigo uma péssima reputação (GUTERMAN, 2009; VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010; CALDAS, 1990).

Três meses depois, na Rua Toneleiros, em Copacabana, Rio de Janeiro, o atentado contra o jornalista e político opositor ao governo de Vargas, Carlos Lacerda, vitimando a tiros Rubem Vaz, o major da aeronáutica que acompanhava Lacerda naquela noite. “As evidências que apontavam para o Catete foram se avolumando, ainda que não indicassem a participação direta do presidente”, registra Guterman (2009, p. 109). Todos os indícios levavam a Gregório Fortunato, o “anjo negro” do presidente, que era o chefe da guarda pessoal de Getúlio, por 16 anos.

As pressões pela renúncia de Vargas também cresciam. Até mesmo seu vice-presidente, Café Filho, propôs-lhe que renunciasse ou se afastasse do poder, que ele assumiria o mandato. Com a experiência do Estado Novo, Vargas não optou pelo estado de sítio e manteve o Congresso Nacional aberto e em funcionamento de acordo com as normas constitucionais. O golpe derradeiro chegou através do manifesto dos militares exigindo a renúncia presidencial. Em 24 de agosto de 1954, Getúlio Vargas desferiu um tiro no próprio peito, na altura do coração. “O país entrava em transe, como num momento de purgação: as massas, fiéis a Getúlio, foram às ruas, e isso foi decisivo para evitar um golpe de Estado. O presidente deixou uma carta-testamento, na qual reafirmava seu nacionalismo populista”, enfatiza Guterman (2009, p. 109). O vice-presidente Café Filho foi conduzido ao cargo pela morte de Vargas. Por problemas de saúde, afastou-se e após a cassação de Carlos Luz, que o substituíra, coube ao catarinense Nereu Ramos, vice-presidente do Senado Nacional, assumir provisoriamente o principal cargo do executivo nacional, conduzindo às eleições do ano seguinte.

O médico mineiro Juscelino Kubitschek de Oliveira, do mesmo partido e linha política de Vargas, se elege presidente e é investido no cargo em janeiro de 1956. JK tinha governado a prefeitura de Belo Horizonte, a capital mineira, onde remodelara o município e criara novos espaços públicos a partir de movimentos higienizadores, comuns à época, auxiliado pelo jovem arquiteto Oscar Niemeyer. Ele prometia um novo tempo para o Brasil, voltado para o crescimento e o progresso. “Cinquenta anos em cinco”, o *slogan* do governo de Juscelino, apostava na modernização, na urbanização e industrialização do país, que ficou conhecida como nacional-desenvolvimentista. Prometera “desenvolvimento e ordem” para o Brasil; comprometera-se com os militares, o que propiciara aumentos e melhora nos equipamentos nos quartéis.

Naquele mesmo ano, um garoto negro, da cidade mineira de Três Corações/MG, começava a jogar futebol. Edson Arantes do Nascimento, Pelé, viria a transformar os rumos do esporte e da seleção brasileira nos próximos anos, recriando o destino do país do futebol. Em 1956, Pelé estreava entre os titulares do time do Santos/SP, contra a equipe do Corinthians de Santo André. Apesar de marcar um dos sete gols da equipe do Santos, o grupo do clube era composto por ótimos jogadores e o rapaz precisou esperar algum tempo para se fixar na composição titular do time. Somente no fim daquele ano, quando o meia santista Vasconcelos teve a perna quebrada no jogo contra o time do São Paulo, os caminhos do futebol profissional se abriram definitivamente para Pelé. Valdemar de Brito, seu primeiro treinador no time juvenil do BAC (o Baquinho), sempre acreditara que ele se tornaria o melhor jogador de futebol do mundo.

Como se pode perceber, o futebol brasileiro criava grandes “gênios da bola”, entretanto, ainda estava no estágio do individualismo, da esperança no “craque” da vez que, oportunamente, “faz a diferença” em campo. O dramaturgo e cronista Nelson Rodrigues, irmão do jornalista esportivo Mário Filho, foi quem primeiro se referiu a Pelé como um rei.

Em 1957 a seleção brasileira havia se classificado com dificuldades para o Campeonato Mundial de Futebol que se realizaria na Suécia, no ano seguinte. Garrincha já era titular do escrete nacional. O técnico Sylvio Pirillo convocou Pelé, aos 16 anos, para compor a equipe brasileira que defenderia as cores do país em 1958.

O fantasma da derrota brasileira no Campeonato Mundial de Futebol em 1950 (*Maracanazzo*) ainda assombrava os torcedores, que não acreditavam naquele grupo que perdera a final do Sul-Americano por 3 a 0 para a seleção argentina. A vitória da segunda partida da Copa Roca contra os argentinos, no Pacaembu, sob o placar de dois a zero (2 a 0), ganhando o torneio, não foram suficientes para animar a torcida brasileira, que comparava o time nacional com as equipes dos grupos europeus, em especial, os da “cortina de ferro”, que treinavam com base na disciplina e eficiência do “futebol científico”. O grupo de jogadores brasileiros tinha talentos individuais, mas não parecia, aos olhos dos torcedores, um time. Na famosa expressão de Nelson Rodrigues, o país vivia seu “complexo de vira-latas”, registra Guterman (2009, p. 119).

No exterior, a situação não era diferente. A revista *France Football*, antes da Copa da Suécia, publicou: “O Brasil possui grandes craques, mas são todos excessivamente imaturos,

emocionalmente vulneráveis, de difícil adaptação a ambientes de competição, despreparados psicologicamente, enfim, para disputas de tal porte”, registra Guterman (2009, p. 121). Nelson Rodrigues estava certo, “o brasileiro precisa[va] se convencer de que não é um vira-latas³⁰ e que tem futebol para dar e vender”.

Entretanto, os caminhos da seleção brasileira haviam mudado de direção. Jean-Marie de Havelange (João Havelange) e Paulo Machado de Carvalho assumiam a presidência da CBD e começavam a transformar a organização e o planejamento da seleção de futebol para as competições. “O médico Gosling foi até a Suécia para escolher as melhores acomodações para a equipe – até então, nas outras Copas, a seleção chegava ao local da disputa sem saber onde ficaria. Meses antes [...] até o cardápio dos jogadores estava pronto”, informa Guterman (2009, p. 123), havia uma preocupação até mesmo com o teor de gordura a ser ingerido pelos atletas da seleção. Paulo Machado de Carvalho³¹ era o responsável por planejar todos os passos da equipe na competição.

A comissão técnica proposta por eles era muito maior do que as existentes até então. Além do treinador, do médico, do massagista e do roupeiro, figuras comuns que acompanharam as seleções nacionais anteriormente, Havelange e Carvalho contavam com um preparador físico, um segundo profissional massagista, um psicólogo, dois administradores, o dentista Mário Trigo³², que tratou da saúde bucal dos atletas, extraíndo 118 dentes, e curando infecções e DST’s, além de um pedicuro, o Geada, que reabilitou o principal instrumento do futebol, os pés dos atletas, dos quais retirou “um saco de calos e de unhas encravadas”, revela Guterman (2009, p. 122).

O relato desse episódio mostra que o fim do amadorismo do futebol brasileiro possibilitou o ingresso de outros atletas, sem origem na elite sócio-cultural e político-econômica nacional, no futebol. No entanto, os cuidados com a higiene, com a saúde e com o corpo, de modo geral, ainda não estavam disseminados à maioria da população brasileira naquele momento histórico.

³⁰ A expressão “complexo de vira-latas” foi explicada pelo próprio Nelson Rodrigues como o sentimento de inferioridade em que o brasileiro se colocava á época, voluntariamente, diante do resto do mundo, em todos os setores, inclusive no futebol, faltando aos nacionais a fé em si mesmos. (N. da A.)

³¹ Paulo Machado de Carvalho era o vice-presidente da CBD, empresário do setor de comunicação, proprietário de uma rede de emissoras de rádio e da TV Record, a terceira emissora de televisão a se estabelecer no Brasil, depois da TV Tupi (1950) e da TV Paulista (1952). (N. da A.)

³² O cirurgião dentista Mário Trigo notou que os atletas apresentavam focos de infecção dentária e que as bactérias desses focos entravam na circulação sanguínea prejudicando a recuperação das contusões, minando o sistema imunológico, dificultando a cicatrização. (N. da A.)

2.6 Brasil: o país do futebol

O vice-presidente da CBD, Paulo Machado de Carvalho percebeu que as outras seleções do Brasil não haviam se classificado mal nos Campeonatos Mundiais anteriores porque eram ‘ruins de bola’. O vice-presidente da CBD defendia que as seleções anteriores não haviam sido preparadas, protegidas e organizadas e, por isso, os resultados positivos não haviam chegado. E ele acreditava que o resultado só é diferente, se o processo for diferente.

No ano de 1958 ele planejou organizadamente todas as etapas: desde as passagens, as hospedagens, as condições médico-odontológicas, psicológicas, administrativas e nutricionais para a equipe brasileira circular pelas cidades suecas durante os jogos. O resultado veio: a seleção brasileira venceu a Suécia, no estádio de *Raasunda*, na final da Copa de 1958. O time sueco já havia perdido pelo escore de sete gols contra um (7 a 1) para o Brasil na Copa de 1950, entretanto, as ruidosas lembranças do “*Maracanazzo*”, não enalteciam a equipe brasileira.

2.6.1 O tricampeonato mundial e a supremacia brasileira

Carlos Nascimento e Vicente Feola, da equipe técnica, auxiliavam Paulo Machado de Carvalho a blindar a seleção brasileira em relação ao assédio da imprensa, para promover um ambiente tranquilo aos jogadores, diferente do que havia ocorrido em 1950 e em 1954. Mesmo assim, os atletas brasileiros sentiam a “síndrome de vira-latas” anunciada por Nelson Rodrigues e, estavam nervosos antes da disputa final.

Tudo era motivo: a primeira final desde o desastre do Maracanã; jogar contra o time da casa; ter de trocar o uniforme amarelo pelo azul, já que os suecos também jogavam de amarelo. O nervosismo cobrou seu preço logo aos 4 minutos, quando a Suécia abriu o placar. Pela primeira vez [naquela] Copa o Brasil estava atrás no marcador. No entanto, como a contrariar as expectativas, foi então que a seleção provou sua maturidade. Aos 32 minutos, o Brasil já havia virado o jogo, com dois gols de Vavá depois de jogadas espetaculares de Garrincha na linha de fundo. Àquela altura, já não havia mais dúvidas sobre quem seria campeão. No segundo tempo brilharia a estrela de Pelé, que marcaria mais dois gols [...] nascia ali não somente o rei do futebol, mas a seleção que seria sinônimo de arte no resto do mundo. E os negros, sobre cujos ombros restou a enorme responsabilidade sobre o fracasso de 1950, estavam redimidos. (GUTERMAN, 2009, p. 129 – 130)

Os jovens pés de Pelé redimiram os jogadores negros e mulatos da seleção de 1950, considerados responsáveis pela inesquecível derrota nacional daquele ano. A vitória de 1958 mudou a postura, inclusive física, da população brasileira. Mas a conquista do Campeonato Mundial de Futebol em 1958, pelos jogadores brasileiros não transformou a situação financeira deles e de suas famílias. Os clubes de futebol aos quais aqueles atletas estavam vinculados tiveram seus cofres abarrotados de valores pagos por excursões futebolísticas, em

especial, o Santos, com Pelé e, o Botafogo, com Garrincha, para que outras plateias os vissem em campo. O intenso treinamento e as múltiplas partidas de futebol disputadas entre embarques em aeronaves e navios com destino ao exterior, modificaram a rotina dos atletas, acirrando-a (GUTERMAN, 2009).

Juscelino Kubitschek foi o primeiro presidente a receber o grupo da seleção brasileira de futebol campeã do mundo. Esse fato possibilitou a ele explorar o poder de mobilização e transformação nacional a partir das vitórias do esporte. O presidente JK percebeu, antes da final, tal possibilidade, e convidou alguns familiares de jogadores da seleção para assistir com ele, no Palácio do Catete, alguns certames.

A conquista da Taça *Jules Rimet* veio em ótimo momento para JK, que até champanha bebeu nela, junto aos craques campeões, coroando os ‘anos dourados’ de seu governo, caracterizado pelo crescimento do país, pela pujante industrialização, pelo estímulo à cultura popular e pelo dinamismo da vida urbana.

O verniz da bossa nova escondia uma crise que ganhava contornos dramáticos. Juscelino Kubitschek havia trocado de ministro da Fazenda e mandado elaborar um plano de estabilização da economia que fora malvisto tanto por industriais, que vinham ganhando dinheiro com especulação financeira, quanto por setores da esquerda, porque se supunha que o plano visava algum tipo de acerto com entidades internacionais ligadas ao “imperialismo”, como o Fundo Monetário Internacional (FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL - FMI.). De fato, JK negociou um acordo com o FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL - FMI., mas as exigências do Fundo, sobretudo no que dizia respeito aos gastos públicos, levaram o governo a romper com a entidade. Recebeu imediatamente apoio popular, articulado pelo PTB e pelos comunistas, e também foi elogiado pelos militares e pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Em 21 de abril de 1960, no último ano do seu mandato, JK inaugurou Brasília, foco de admiração nacional e também de desconfiança – o governo foi sistematicamente acusado de transformar a construção da nova capital num sorvedouro de dinheiro público destinado à corrupção. Essa marca nunca foi definitivamente apagada na biografia de Juscelino, apesar de nada ter sido provado contra ele (GUTERMAN, 2009, p. 131 – 132).

Mais uma vez o tema da corrupção direcionava os caminhos da eleição presidencial brasileira, em outubro de 1960. O governador de São Paulo, Jânio Quadros, com a vassoura nas mãos, propunha uma campanha de limpeza da política nacional, varrendo a corrupção brasileira, ameaçando “os ratos, os ricos e os reacionários” da política, enfatiza Guterman (2009, p. 133).

Com fala elitista e pernóstica, Jânio elegeu-se com quarenta e oito por cento (48%) dos votos, acabando com as chances do Marechal Henrique Lott, ministro de JK que obteve os votos de vinte e oito por cento (28%) do eleitorado nacional, e de Adhemar de Barros, que atingiu vinte e três por cento (23%) dos votos válidos. No Brasil da década de 1950, era

possível eleger presidente e vice de partidos diferentes; se votava nos dois, e o gaúcho Jango, vice-presidente de JK, que concorrera à vice-presidência na chapa do PTB, junto com o Marechal Lott, atingiu uma ótima margem eleitoral e conquistou a vice-presidência.

A eleição de Jânio Quadros e de João Goulart mostrava que as entidades sindicais tinham capacidade de se organizar politicamente e de se fazerem representar na política nacional. Aquele resultado eleitoral também indicava que o momento turbulento vivido no final do governo de Juscelino estava apenas no início.

Guterman (2009, p. 133) compreende que a resposta das urnas naquele pleito, ao trazer Jânio Quadros e João Goulart, era o resultado da “alta do custo de vida e da decadência dos partidos conservadores. [...] A massa começou a forçar a porta de entrada do mundo político, por não se ver ali representada. Jânio foi seu desastrado veículo, colocando-se [...] ‘acima dos partidos’”. Muitos setores apoiavam o candidato “da limpeza na política”; Carlos Lacerda e a UDN aderiram àquela candidatura, por verem nele a possibilidade de alcançarem o poder através da democracia.

Naquele 31 de janeiro de 1961, o presidente brasileiro eleito majoritariamente trazia consigo um imenso conflito de classes e de interesses. Seus adversários políticos dominavam o Congresso Nacional; suas alianças com os governadores dos estados e com os militares não o sustentariam em um governo autoritário e provinciano, no poder federal. Suas atitudes “purificadoras” eram vistas com antipatia, no serviço público. O presidente Jânio reatou com o Fundo Monetário Internacional - FMI, e tomou mais empréstimos externos, necessários para manter o país em funcionamento, adotando uma política econômica fundada no liberalismo, promovendo a livre iniciativa, abrindo, ainda mais, ao capital internacional e reduzindo os gastos públicos (GUTERMAN, 2009).

Mesmo declarando-se publicamente “anticomunista”, Jânio construiu a política externa abrindo embaixadas na África, aproximando-se da URSS e condenando publicamente atitudes do governo *Kennedy*, nos EUA. Em tempos de Guerra Fria, parte das Forças Armadas e da UDN, que o apoiavam, deixa de fazê-lo. Guterman (2009) afirma que a “gota d’água” que desencadeia a crise foi a concessão da “Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul” ao guerrilheiro argentino *Che Guevara*, líder da Revolução Cubana, ao lado de *Fidel Castro*, em 1959. Carlos Lacerda, governador do Estado da Guanabara, discursara atacando o presidente Jânio Quadros por suas atitudes.

Jânio anuncia ao seu ministério que pretende renunciar. O Ministro da Guerra, general Odílio Denis, propõem-lhe fechar o Congresso Nacional, buscando evitar que o vice-presidente João Goulart, assumisse o poder. Jango estava em missão oficial na “China Comunista”, situação que agravava ainda mais a aproximação com as ideias comunistas, temida pelas Forças Armadas e pelos setores mais conservadores do país. O “fantasma do comunismo” permanecia assombrando a política nacional. O deputado Ranieri Mazzili, presidente da Câmara, foi empossado na presidência da república e, havia uma movimentação para impedir o retorno de Jango do exterior.

O governador do Estado do Rio Grande do Sul, Leonel de Moura Brizola, cunhado de João Goulart, convoca o Terceiro Exército a garantir o retorno e a posse do vice-presidente, como era previsto na Constituição Federal, fazendo surgir no estado sulista a resistência das forças constitucionais à tentativa de golpe em 1961, mais conhecida como ‘Campanha da Legalidade’. O povo gaúcho acata a voz do governador, replicada nas ondas da Rádio Guaíba AM, de Porto Alegre/RS, e vai às ruas em defesa de Jango e da Constituição Brasileira. Mesmo com o comando do Terceiro Exército hesitando em apoiar Brizola, o governador gaúcho apela aos sargentos e soldados para “tomarem o poder nos quartéis”. A chefia do Terceiro Exército vê a posição popular e se define por acompanhar a “luta” constitucional de Brizola, pelo regresso e posse de João Goulart.

A questão ficou em suspenso de 25 de agosto a 7 de setembro de 1961, quando Jango toma posse como Presidente do Brasil, sob um novo sistema de governo, o parlamentarismo, no qual o mineiro Tancredo Neves assumira o cargo de primeiro-ministro e detinha os poderes governamentais.

Apesar de toda a importância do momento, nada disso, no entanto, era capaz de mobilizar a massa geral de brasileiros mais do que o futebol. [...] Além de saborear o triunfo na Suécia, o torcedor brasileiro via nascer e aprendia a admirar o maior time do planeta, o Santos. [...] Em 1962 e 1963, foi bicampeão sul-americano e bicampeão mundial. Seus astros eram convidados a jogar em todos os continentes. [...] mas era Pelé o elemento central desse fenômeno. [...] Pelé era a inspiração nacionalista de um país já envolvido na atmosfera do refrão “com brasileiro, não há quem possa”. Um dos momentos mais marcantes dessa relação foi a decisão do craque de se incorporar ao Exército, quando fez 18 anos. Em março de 1959, a revista *O Cruzeiro* relatou que a ideia se constituiu um “problema nacional” para a caserna, “no momento em que os militares defrontavam-se com sérias crises”. Temia-se que “gente importante” tentasse impedir Pelé de servir o Exército. [...] A imagem do patriota rapidamente lhe foi incorporada. Em 1960, Pelé foi convidado para ser o garoto-propaganda do Instituto Brasileiro do café no exterior (GUTERMAN, 2009, p 137 – 138).

Mas o futebol não esquecia o jovem craque Pelé. Surgiram muitas propostas para o garoto ir jogar na Europa. O técnico Feola já deixara o comando da seleção e o “marechal da vitória”, apelido dado no Brasil a Paulo Machado de Carvalho, o vice-presidente da CBD,

indicara Aymoré Moreira para assumir o cargo. A permanência de Pelé no país, somados a nomes como Garrincha, Zagallo e outros destaques do futebol nacional à época, “gerou um clima de êxtase no Brasil para a disputa do Mundial de Futebol, em 1962. A seleção se preparou de modo tranquilo para a Copa, que seria realizada no Chile”, registra Guterman (2009, p. 138).

Nas vésperas da Copa do Mundo de 1962, a retrospectiva da seleção apresentava cem por cento (100%) de aproveitamento: onze (11) vitórias em onze (11) jogos. A seleção do Brasil de 1962 mostrava-se ‘imbatível’, no conceito de Voser, Guimarães e Ribeiro (2010). Aymoré Moreira convocou basicamente o mesmo grupo vencedor de 1958. O psicólogo João Carvalhaes e seus famosos testes psicológicos deixara a equipe. O substituto, também psicólogo Athayde Ribeiro da Silva, era um pesquisador na área da psicologia esportiva. Ele estava interessado em promover o equilíbrio emocional dos atletas (CALDAS, 1990).

Depois de vencer as equipes do México, por dois gols a zero (2 a 0), da Espanha, por dois gols a um (2 a 1), e do Chile, por quatro gols a dois (4 a 2), além do empate sem abrir o placar (0 a 0) com a equipe da Tchecoslováquia, o Brasil chega à final da Copa de 1962 enfrentando novamente a seleção Tcheca, a quem venceu por três gols a um (3 a 1). A contusão grave de Pelé durante o segundo jogo daquela competição, fez os brasileiros desacreditarem do futuro da seleção brasileira de futebol no decorrer da competição no país andino.

O Brasil era uma incógnita sem Pelé. [...] Mas essas previsões não levavam em conta a presença de Garrincha no time. O polêmico ponta-direita acabou se tornando o grande nome da Copa de 1962. Garrincha deu um baile durante a Copa. Deixou seus adversários boquiabertos e mostrou que ele era o novo craque do mundial. [...] O placar garantiu que a taça Jules Rimet ficasse por mais quatro anos no Brasil. [...] A conquista brasileira em 1962 [...] contribuiu para eternizar um gesto inaugurado pelo zagueiro Bellini, capitão em 1958. Quando recebeu a Taça Jules Rimet, o zagueiro Mauro Ramos de Oliveira, do São Paulo – SP, e que jogou justamente no lugar de Bellini naquele Mundial, repetiu o gesto de Bellini, e levantou o troféu para o alto, acima de sua cabeça. Depois da atitude de Mauro [Ramos], todos os outros capitães ergueram um troféu de Copa ou de qualquer outro campeonato, no Brasil. O gesto só mudou com Maradona, em 1986. (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010, p.70 – 71).

Com essa bem-sucedida atuação em campo, a seleção brasileira retorna ao Brasil como bicampeã do Campeonato Mundial de Futebol. Guterman (2009, p. 144) diz que aquela seleção de futebol transformou “o Brasil num país embevecido com seu sucesso internacional”. No mesmo ano de 1962, o músico João Gilberto se apresenta no *Carnegie Hall*, mostrando ao público norte-americano a nova música brasileira, a bossa nova. Na Europa, o longa-metragem *O Pagador de Promessas*, de Anselmo Duarte, recebe a *Palma de*

Ouro, em *Cannes*, na França, como melhor filme estrangeiro. Mais do que o prestígio no futebol, outros setores culturais brasileiros também estavam emergindo internacionalmente. Outra vez era possível demonstrar orgulho de ser brasileiro.

Jango aguardava o plebiscito que daria a oportunidade aos eleitores brasileiros de escolher o sistema de governo para o Brasil: Presidencialismo ou Parlamentarismo. Com sorte, Jango reconquistaria os poderes constitucionais de presidente e poderia agir para conter a inflação, estabilizar a moeda nacional e implantar ações administrativas, políticas e econômicas (guterman, 2009).

O ano de 1965 era a data marcada para a consulta à população; foi antecipado para janeiro de 1963; o presidente João Goulart acreditava que teria o mandato presidencial de volta, no sistema presidencialista, que lhe atribuiria novamente os poderes do executivo. Investiu em ações populares como recepcionar a seleção brasileira de futebol em Brasília/DF, agradecer aos jogadores pela conquista, beber champanha na Taça *Jules Rimet* e, abrir os portões do Palácio da Alvorada ao público que acompanhava o cortejo a pé, junto ao carro de bombeiros que desfilara pelo eixo-monumental de Brasília/DF, levando a bordo os atletas campeões.

O Brasil escolheu o Sistema Presidencialista por ampla margem de votos. O presidente Jango, com poderes efetivamente (re)constituídos, pensava em promover a reforma agrária e administrativa, em reduzir subsídios à importação de alguns produtos, cortar gastos em estatais e aumentar os impostos para aqueles que tem maior renda, renegociar a dívida externa e limitar os aumentos salariais no país. No entanto, os setores mais conservadores da sociedade brasileira temiam a transformação do país em um exemplar cubano gigantesco; a Revolução Cubana era recente e a bipolaridade imposta pela Guerra Fria atormentava-os. Tentando implementar as reformas que pretendia, Jango driblava o Congresso Nacional mobilizando a população e anunciando cada uma das reformas pretendidas antes de decretá-las.

Em 13 de março de 1964, o presidente João Goulart participa de um grande comício popular no Rio de Janeiro, conhecido historicamente, como o “Monumental Comício da Central”, pois fora realizado no largo em frente à Estação da Central do Brasil. A manifestação foi transmitida pela TV. Jango e outros políticos proferiram discursos

inflamados dirigidos a cerca de duzentas (200) mil pessoas que participaram daquele ato político, muitas carregavam bandeiras, grande parte delas, vermelhas.

Naquele momento histórico o presidente João Goulart desapropriou refinarias petrolíferas estrangeiras. Além de Jango, que iniciou seu discurso às 20h45min., o ‘comício das reformas’³³ contou com a participação de sua esposa Maria Theresa, do governador do estado de Pernambuco, Miguel Arraes, do presidente da UNE, José Serra, do ministro da casa civil, Darcy Ribeiro, e, do Deputado gaúcho Leonel Brizola, cunhado do presidente.

Seis dias depois, quinhentas mil pessoas desfilaram pelas ruas de São Paulo na Marcha da Família com Deus pela Liberdade, uma óbvia resposta a Jango e uma sinalização de apoio da classe média ao golpe que se avizinhava. Faltava um estopim, e Jango o acendeu ao apaziguar marinheiros que haviam quebrado a hierarquia militar e ao comparecer a uma assembleia de sargentos. Em 31 de março, o general Olímpio Mourão Filho, comandante da 4ª. Região Militar, em Juiz de Fora (MG), mobilizou suas tropas e as deslocou para o Rio. No dia seguinte, Jango foi de Brasília para Porto Alegre, e então, com tropas golpistas já devidamente engrossadas, o presidente do Senado, Auro de Moura Andrade, declarou o cargo de presidente da República vago. Rainieri Mazzilli, conforme a Constituição, assumiu, mas tudo foi apenas encenação: a Constituição já não valia mais, porque os militares estavam no comando. Começava o período das trevas da história republicana brasileira, marcado pela megalomania do poder e pela apatia da sociedade (GUTERMAN, 2009, p. 146 – 147).

No mês subsequente, em 11 de abril de 1964, o Congresso Nacional elege de modo indireto o general Humberto de Alencar Castello Branco para assumir o cargo de presidente do Brasil, dando indícios de que as forças armadas atuariam na transição política com tranquilidade. O discurso do presidente Castello Branco no dia 15 daquele mesmo mês, assegurava para a data de 31 de janeiro de 1966 a posse do novo presidente a ser eleito em 1965, sugerindo que o mandato ‘interino’ para o qual ele havia sido eleito teria um prazo final pré-estabelecido.

Mas, dois dias antes, o “Comando Supremo da Revolução”, formado por ministros militares, baixou o Ato Institucional nº. 1 (AI -1), por meio do qual o Executivo se impunha aos demais Poderes. Estava estabelecida a ditadura, em nome de uma “situação de emergência” que duraria duas décadas. Vivia-se o auge da Guerra Fria. O “perigo comunista”, visto como ameaça à democracia, foi o elemento agregador das forças conservadoras brasileiras, encorpadas pelos militares, para fazer da queda de Jango um momento de vitória dos ideais constitucionais – desde sempre a bandeira das Forças Armadas brasileiras. Foi também o que determinou a precoce ruptura do processo de transição prometido pela ala moderada dos golpistas (GUTERMAN, 2009, p. 150).

No início de seu governo, o presidente Castello Branco e sua equipe agiram rapidamente para tirar o país da crise econômica, usando das condições políticas estabelecidas pelo estado de exceção constitucional, sem necessitar de acordos. Dentro das possibilidades enxergadas por aquele grupo governante, o arrocho salarial foi uma das medidas mais

³³ Nome amplamente divulgado em *spot* da Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, conclamando os brasileiros a comparecerem ao comício em frente a Central do Brasil, denominação pela qual entrou para a história. (N. da A.)

impopulares. Os salários dos industriários sofreram queda de cerca de vinte e cinco por cento (25%) entre o período de 1964 a 1967.

Os jogadores de futebol, que não pagavam imposto sobre a renda (IR), passaram a ser cobrados. Alguns bicampeões mundiais como Didi, Garrincha, Nilton Santos e Zagallo figuravam entre eles. Evidentemente, tais medidas desagradaram os desportistas brasileiros. Percebendo a impopularidade de sua administração, o presidente militar Castello Branco estendeu seu mandato por mais um ano a fim de proteger o Estado de ter um novo presidente vindo das fileiras adversárias, traindo a expectativa criada pela promessa da posse do novo governo, em janeiro de 1966.

A ideia de transformar o país numa grande potência, impenetrável pelo comunismo, não poderia abdicar do controle militar sobre a sociedade civil, na visão das Forças Armadas. O Brasil ‘merecia’ ser transformado aproveitando sua potencialidade, esta compreensão era reforçada pela conquista do Mundial de Futebol, no Chile de 1962. Chegara o momento de levar a seleção brasileira de futebol para o campeonato Mundial de Futebol de 1966, na Inglaterra. Os jogos em equipe, em especial o futebol, eram incentivados no interior dos quartéis, que promoviam os exercícios físicos em grupos de modo sistemático. Mais uma vez, o futebol se relaciona com os treinamentos militares, em sua histórica origem.

Naquele ano, a seleção brasileira era preparada para cumprir o seu ‘destino manifesto’, conquistar o tricampeonato mundial, no elegante e conservador país inglês, berço do futebol na Idade Moderna. Mesmo desconsiderando a péssima excursão à Europa em 1963 e a derrota na Taça das Nações, em 1964. A expectativa criada era enorme: Pelé e Garrincha jogando juntos, como titulares, no mesmo time, faziam crer que a *Taça Jules Rimet* seria conquistada em definitivo pela equipe canarinho. O próprio João Havelange, presidente da CBD, queria a conquista para se beneficiar eleitoralmente na disputa pelo comando da FIFA.

A equipe estava mal preparada e o desempenho de Garrincha já não era o mesmo mostrado na Copa anterior (1962), no Chile. Perder, ainda na fase inicial da competição, para a equipe de Portugal, do “craque Eusébio”, a sensação europeia do momento, adiou o sonho do tricampeonato naquele ano. Muitas decisões vinham de fora da equipe técnica e dos vestiários, permitidas por Havelange que buscava destacar-se. A seleção brasileira, no entanto, já representava mais do que uma equipe esportiva; era a essência da brasilidade, da

força nacional e gerava orgulho patriótico e nacionalista, consolidando-se “como instrumento de interesses dentro da malha de poder”, conforme Guterman (2009, p. 156).

As decisões econômicas tomadas pelo governo Castello Branco, em três anos, de 1964 a 1967, fizeram a inflação cair do índice de noventa e dois vírgula dez por cento (92,10%) para vinte e cinco por cento (25%), apontando para uma recuperação do setor. “Os militares apareciam assim, subitamente, como uma alternativa viável – um governo autoritário, sem necessidade de conchavos políticos para funcionar, era capaz não apenas de superar as crises econômicas, mas de transformar o país numa potência internacional”, afirma Guterman (2009, p. 151).

Convencidos pela ideia do crescimento e da projeção do país no exterior, os militares da linha dura do regime estavam satisfeitos com o panorama político do momento e, pela condução dos atos governamentais, não pretendiam devolver o poder aos civis, o que era esperado para reestabelecer o regime democrático no país (GUTERMAN, 2009).

A ditadura militar brasileira não se propagou na forma clássica dos regimes de exceção, ou seja, sobre a figura de um único personagem; no Brasil, a ditadura militar foi construída a partir da acomodação das “escolas políticas” majoritárias no interior das forças armadas brasileiras, a saber, a “Linha Dura”, que desejava perpetuar-se no poder, e, a “Sorbonne”, oriunda do pensamento formado na Escola Superior de Guerra - ESG, cuja denominação deixava transparecer a ironia militar de seus adversários. Como o poder estava nas mãos da linha dura, a eleição indireta realizada no Congresso Nacional em 3 de outubro de 1966 elegeu como novo presidente o general Arthur da Costa e Silva, candidato único naquela sessão eleitoral no Congresso Brasileiro.

A Constituição Federal não servia mais ao país comandado pela ditadura militar. A solução fora a elaboração de uma nova Carta Magna, no primeiro ano do governo Costa e Silva. A preocupação com a “Segurança Nacional” norteava o documento e, uma das medidas foi estabelecer a região das cidades de fronteira como zonas de segurança nacional, assim como as capitais. Na sequência, a eleição para os prefeitos dos municípios fronteiriços também passou a ser indireta.

As eleições de novembro de 1967 para deputados estaduais e federais permaneceram diretas; o resultado das urnas ampliara o número de vagas da Aliança Renovadora Nacional -

ARENA, partido com o qual o governo militar contava para dar sustentação à sua administração no Poder Legislativo. O Movimento Democrático Brasileiro, MDB, aglutinava todas as forças oposicionistas ao governo militar. A Frente Opositorista contava com figuras políticas emblemáticas como Carlos Lacerda e os ex-presidentes civis Juscelino Kubitschek e João Goulart, que juntamente com outros tantos políticos, foram cassados e alguns, exilados.

O nacional-desenvolvimentismo do governo Costa e Silva, promovido pelo Ministro da Fazenda Delfim Neto ao estimular o crédito para gerar nova fase de crescimento econômico ao país, proporcionou uma redução da inflação de trinta e oito por cento (38%) para o índice de vinte e quatro por cento (24%). O Produto Interno Bruto – PIB, brasileiro cresceu para cinco por cento (5%) naquele mesmo ano e a alta de preços estava controlada por decreto governamental. A condução de Delfim Neto inaugura a “era da tecnocracia” na política nacional e as pessoas foram às ruas mostrar seu descontentamento com a situação da educação e das poucas verbas destinadas a ela. A repressão acirrou-se.

Não foram apenas as providências político-militares que nortearam as ações do governo Costa e Silva; a criação do curso de Educação Moral e Cívica que se propunha à difusão dos ideais do golpe de 1964, edificando um pensamento, que na visão das forças armadas seria mais moderado nas crianças brasileiras em idade escolar bloqueando a penetração do ideário subversivo nas futuras gerações pregando a obediência à lei e a dedicação ao trabalho, buscando construir uma sensação de unicidade em uma nova sociedade.

As preocupações com a imagem do governo e dos militares fez o presidente Costa e Silva criar a Agência Especial de Relações Públicas - AERP, que estava embasada em novos princípios da comunicação organizacional norte-americana. A AERP não construiu uma imagem de um governo diferente do real, ela se empenhou em criar campanhas que fossem relevantes para o brasileiro, por isso, voltou seu foco para propagar princípios de higiene e de civilidade. Entre elas, a campanha com o personagem “Sugismundo”, disseminando conceitos de higiene e de cuidados pessoais e medicinais criou uma situação de harmonia social, de valorização do nacional e de consciência de coletividade, promovendo certa legitimidade ao regime.

O governo Costa e Silva implantara a Loteria Esportiva, apresentando treze (13) jogos de futebol disputados no mesmo final de semana em diversos estados, buscando gerar interesse dos torcedores por disputas em todo o país.

É nesse cenário que o general gaúcho Emilio Garrastazu Médici assume a Presidência da República em outubro de 1969, em substituição ao vice-presidente civil Pedro Aleixo, após o derrame sofrido por Costa e Silva. Mesmo antes de o general Médici assumir o poder, a junta militar que impediu a posse de Pedro Aleixo, endureceu ainda mais o regime criando a pena de morte aos condenados por “incitar a guerra externa, psicológica adversa, revolucionária ou subversiva” além do banimento dos inimigos do Estado, a saber, todos aqueles que fossem “inconvenientes, nocivos ou perigosos à segurança nacional”, conta Guterman (2009, p. 160).

O cerco às manifestações se fechava ainda mais. A luta armada brasileira dava início a sequestros de diplomatas estrangeiros buscando a repercussão externa e a troca por presos políticos. O regime militar aproveitava para desconstruir as ações políticas dos grupos da luta armada a partir dos sequestros, criando uma rejeição a estas ações pela população nacional, ressaltando o princípio pacifista do brasileiro.

O presidente militar Emilio Médici considerava importante a legitimidade popular; e ele expressou essa característica em parte de seu discurso de posse, em 30 de outubro de 1969, ao dizer que esperava que cada um dos brasileiros reconhecesse seus sinceros votos de servi-los e que, em contrapartida, o governo Médici recebesse o “prêmio de popularidade” no Brasil. Como o governo manteve baixos índices de desemprego, era bem visto pelos trabalhadores brasileiros (GUTERMAN, 2009).

O presidente Médici aproveitou a sua identificação com o futebol, o esporte mais popular do Brasil, para construir uma cumplicidade com o povo brasileiro e fazê-lo aderir ao projeto de grandeza nacional. Nas palavras de Guterman (2009, p. 161) “faltava coroar essa relação com a conquista da Copa de 1970, no México, para gerar enfim o êxtase do ‘instante mágico’ que se configurava na história brasileira”. Como o presidente gaúcho fora atacante do Grêmio de Bagé/RS, era um inabalável torcedor de futebol, diferente da maior parte dos presidentes anteriores, militares ou civis.

A imagem do presidente Médici associada ao futebol era real, verdadeira. Ele fazia embaixadas com habilidade, ouvia os jogos através do radinho de pilhas e, de fato, se enrolava na bandeira nacional quando a seleção canarinho conquistara o tricampeonato mundial de futebol. Não foram imagens montadas para construir uma imagem do presidente com gosto popular. (GUTERMAN, 2009).

Mesmo assim, a forte repressão do regime militar se contrapunha à imagem popular do presidente Médici, adorador do futebol brasileiro. Parte dos intelectuais da época já estava na clandestinidade, no exílio ou presa, e considerava que torcer pelo Brasil no campeonato Mundial de Futebol de 1970 era compactuar com o sistema. Entretanto, a seleção de futebol que disputou aquela Copa do Mundo no México é considerada, pela imprensa especializada, a equipe-mito, o melhor selecionado já organizado para disputar um certame mundial.

O filme “O que é isso, companheiro?”³⁴, dirigido por Bruno Barreto (1997) retrata uma história contada no livro homônimo escrito por Fernando Gabeira, em 1979, durante o período da ditadura militar brasileira. É possível resgatar parcialmente o modelo de sequestro de membros do corpo diplomático internacional no território brasileiro com o intuito de efetuar trocas de presos políticos do regime militar, provocando uma pressão e midiaticização internacional para a situação do país. No filme de Barreto, o diplomata é libertado em frente ao estádio do Maracanã, em tarde de clássico fluminense, com uma grande população circulando e ingressando no estádio. O futebol constrói mas também pode ludibriar situações.

Apesar do descrédito da equipe brasileira “montada” para aquela disputa, para um brasileiro comum, não havia a possibilidade de não torcer por aquele time que representava a nação naquele evento esportivo. Embalados por *jingles* que incluíam a população “em ação”, com a chuteira nos pés, os brasileiros torceram pela seleção canarinho durante os trinta dias da competição. Gritar “olé!”, festejar os gols, vestir as cores da nação, registrar filhos com nomes de jogadores tricampeões, imitar as jogadas, comentá-las e parar o país durante os dias de jogos alimentava o comportamento dos brasileiros nas Copas do Mundo.

Algumas alterações nas regras do futebol foram implantadas em 1970, naquela competição. Cabe registrar o uso dos cartões amarelo (advertência) e vermelho (expulsão) para tornar claro a todos os jogadores de quaisquer nacionalidades e idiomas a manifestação da arbitragem, no jogo. É a aplicação da linguagem visual das cores servindo ao esporte.

³⁴ Roteiro de Leopoldo Serrano e música de Stewart Copeland contribuem na produção da película (N. da A.).

Também naquele Mundial de Futebol foi introduzida a possibilidade da substituição de dois atletas, em quaisquer posições, durante a partida. Cada equipe deveria indicar cinco atletas, que estariam no banco de reservas da equipe, para efetuarem as substituições, se necessárias. Tais “inovações” incrementavam ainda mais as discussões sobre o esporte e geravam maior interesse em acompanhar as disputas da equipe brasileira em quaisquer ponto do território nacional. (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010).

Na fase de grupos, o escrete brasileiro, comandado por Zagallo, enfrentou a Tchecoslováquia, de quem venceu por quatro gols a um (4 a 1), a Inglaterra, vencendo pelo placar mínimo (1 a 0), e a Romênia, pelo escore de três a dois (3 a 2). Na fase seguinte enfrentou o Peru, vencendo pelo placar de quatro gols contra dois (4 a 2). Na etapa semifinal, em 17 de junho, a seleção canarinho enfrentou o Uruguai e o fantasma do “*Maracanazzo*”, conquistando a vitória por três a um (3 a 1).

Naquele mesmo 17 de junho, quarenta guerrilheiros que o governo Médici trocara pela vida do embaixador alemão Ehenfried Anton Theodor Ludwig von Holleben, sequestrado por um grupo armado no dia 11, embarcavam para o exílio na Argélia, sem que isso fosse digno de qualquer atenção dos brasileiros. Pelo contrário: ao mesmo tempo em que negociava com os guerrilheiros, o governo militar tratou de jogar a opinião pública contra os grupos subversivos sugerindo que a comoção causada pelo sequestro entre os jogadores da seleção poderia prejudicar o desempenho do Brasil na Copa (GUTERMAN, 2009, p. 177).

Os jogadores brasileiros Pelé, Brito, Rivelino e Clodoaldo fizeram declarações à imprensa lamentando o episódio do sequestro do diplomata alemão no Brasil. Mostrar a ação da luta armada como terrorista e desagregadora do país em um momento de conquistas nos diversos setores da sociedade (esportivo, econômico) reforçava a proposta governamental disfarçada no discurso sobre ‘as ações dos comunistas antiesportistas’ proclamado pelos atletas, enfatizando os atos anti-nacionais de grupos específicos e “para-militares”.

A cada jogo, o grupo chefiado por Zagallo, acompanhado dos preparadores Parreira e Coutinho, ganhava mais força e credibilidade. A final do Campeonato Mundial de Futebol de 1970, no México, trazia duas seleções bicampeãs para a disputa do título e da posse definitiva da *Taça Jules Rimet*. Brasil e Itália se enfrentaram; fisicamente os brasileiros estavam menos desgastados do que os jogadores italianos que enfrentaram a Alemanha Ocidental na semifinal e não conquistaram a vaga no tempo regulamentar. A prorrogação do jogo, conforme especialistas em esporte, promove um desgaste físico e emocional no time.

A seleção brasileira vencera a equipe italiana pelo placar de quatro gols contra um (4 a 1), o mesmo placar que o presidente Médici, por coincidência ou não, havia “palpitado” antes

da partida. A manchete da página de esportes da Folha de São Paulo, de 21 de junho de 1970, estampa o prognóstico do presidente-general, 4 a 1 para o Brasil. Pelé fora considerado o melhor jogador de futebol do mundo; foi sua consagração, porém, Jairzinho assumira a condição de artilheiro naquele ano, no México, marcando um gol por partida.

A festa de recepção à equipe brasileira tricampeã já estava sendo organizada, em Brasília/DF. Guterman (2009, p. 179) relata que “o significado disso tudo transcendia, e muito, o campo esportivo. O futebol abreviou dramaticamente as diferenças entre o público e o privado. Médici fez essa leitura” e doou, a cada atleta tricampeão do mundo de futebol, através da Caixa Econômica Federal, um cheque de vinte e cinco mil cruzeiros, numa atitude irregular, mas que nem mesmo a imprensa da época pensou em repreender (GUTERMAN, 2009).

Mesmo obtendo o reconhecimento internacional no campo esportivo através da adesão à FIFA, a entidade máxima nacional na área do futebol (CBD) só consegue instituir um campeonato nacional de futebol na década de 1970, fazendo do Brasil o último país com tradição na prática daquele esporte a implementar um campeonato nacional por equipes, relatam Voser, Guimarães e Ribeiro (2010), que atribuem ao subdesenvolvimento nacional e à lentidão dos processos e encaminhamentos locais a responsabilidade pelo atraso em relação às demais nações, mesmo que a solicitação da administração Costa e Silva tivesse pedido à CBD a criação de um campeonato nacional, ainda no ano de 1969, com disputas entre times de diversos estados. A formalização da integração nacional através do futebol, construído desde o governo Vargas, na década de 1930, tem na conquista do tricampeonato mundial, na Copa de 70, sua sacramentalização.

Outros setores também contribuíram para por em prática o projeto governista dos militares visando a integração nacional; entre eles destaca-se a implantação da televisão, como veículo de informação e de entretenimento. Não apenas dos canais de televisão locais ou regionais, como foram construídos no princípio da teledifusão brasileira, mas a proposta da televisão em rede nacional, unificando modos, falas, visuais, costumes e difundindo a “brasileirice televisiva”, inicialmente através da Rede Globo de Televisão, seguida, mais tarde, por TV Bandeirantes, voltada ao esporte e tendo o futebol como carro-chefe, o Sistema Brasileiro de Televisão - SBT, com programas populares e de auditório, e a Rede Record.

É ainda o Campeonato Mundial de Futebol de 1970, no México, o primeiro torneio a ser transmitido ao vivo pela televisão no território brasileiro. O interesse pelo futebol já estava arraigado nos costumes do povo brasileiro, entretanto, o impacto causado pela transmissão das partidas de futebol da seleção brasileira construíram a “corrente pra frente”, cantada por muitos, em ritmo de marchinha de carnaval.

No Brasil, dezesseis estados e o Distrito Federal receberam o sinal das transmissões de televisão ao vivo, via satélite, naquela Copa de 1970. Houve uma excitação com a inovação tecnológica, com o magnetismo das imagens em movimento, com os sons do estádio. Viu-se uma explosão de identificação com os sentimentos nacionais. Não se discutia política, nem economia, apenas futebol. O futebol tomou conta do cotidiano brasileiro e o nacional-desenvolvimentismo aproveitava a possibilidade de transformar o país em potência internacional, de acordo com a proposta do regime militar.

Muitos textos do jornalista Fernando Pedreira, publicados no jornal O Estado de São Paulo, à época, apontam para o uso de “expressões” a respeito do futebol e do Brasil, como “profunda paixão nacional” ou “já não somos mais o país do carnaval”, atribuindo ao treinamento, à técnica, ao preparo físico, à seriedade do trabalho e à disciplina militares um dos pilares responsáveis pelo sucesso no futebol, afastando os brasileiros da improvisação, da irresponsabilidade, da indisciplina e do individualismo. Talvez, superando o chamado “complexo de vira-latas” tão propagado pelos textos de Nelson Rodrigues nas colunas jornalísticas esportivas especializadas que ele assinava no jornal de sua família, no Rio de Janeiro.

A composição da comissão técnica da seleção já denotava o desejo de militarizar a seleção. O chefe da delegação era Jerônimo Bastos, um major-brigadeiro. Seu assessor imediato era Roberto Câmara Lima Ipiranga dos Guaranys, um major. O supervisor era Cláudio Coutinho, um capitão. Participaram também da preparação Raul Carlesso, tenente, e Kleber Camerino, capitão (GUTERMAN, 2009, p. 183).

É possível perceber que a militarização da equipe brasileira era grande. O futebol também era valorizado no interior dos quartéis, em disputas esportivas e reforçando os treinamentos físicos dos soldados, por exemplo. Um país militarizado gerou uma equipe militarizada e os procedimentos técnicos e disciplinares também foram impostos. O sucesso veio e o modelo fora festejado e implementado nas seleções brasileiras das duas Copas do Mundo seguintes, disputadas na Alemanha Ocidental, em 1974, e na Argentina, em 1978.

A eleição de 1970 colhe os frutos da conquista do tricampeonato Mundial de Futebol e a ARENA arrebanhara muitas vagas no legislativo federal. As intimidações aos opositores (MDB) e a aniquilação das guerrilhas, com exceção da do Araguaia que vigira até 1974, somadas às mudanças nas regras eleitorais, à prisão de dissidentes e a perseguição política dos críticos ao regime oriundos da Igreja Católica e de seus movimentos de base, auxiliaram na conquista de votos pelo partido da situação.

2.7 O futebol e a integração nacional

Em 1971, a CBD cria o Campeonato Brasileiro, o Brasileirão³⁵, disputado por vinte times, naquele ano. O sucesso da competição e o comprometimento com o projeto governista de integração nacional, fez com que, a cada ano, mais times fossem integrados ao certame, chegando a 94 equipes, em 1979, mesmo com o desgaste do regime militar.³⁶

O governo Médici pôs o projeto desenvolvimentista em franca expansão; a dívida externa aumentou para o patamar de noventa por cento (90%), entre 1971 e 1974 bem como a ampliação do endividamento, os altos índices de concentração de renda, os mais ricos passaram a ser responsáveis por trinta e nove vírgula oito por cento (39,8%) da renda nacional, enquanto que os cinquenta por cento (50%) mais pobres reduziram sua participação de dezessete vírgula quatro por cento (17,4%) para onze vírgula três por cento (11,3%). As diferenças entre as classes sociais foram ampliadas e causaram mais danos à população, entretanto, havia um entendimento de que todos estavam em vantagem pois a taxa de empregabilidade estava crescendo quatro vírgula três por cento (4,3%) ao ano, no período entre 1968 e 1973.

A sucessão presidencial entrou na pauta em 1972. Houve quem cogitasse a ampliação do mandato do próprio general Médici para além dos quatro anos. Entretanto, em 1974, em substituição a seu irmão, o ministro do Exército Orlando Geisel, o sucessor natural de Médici, o presidente da Petrobrás, general Ernesto Geisel, foi o indicado à disputa, no Colégio Eleitoral, representando a ARENA, contando com a candidatura oposicionista de Ulysses Guimarães, pelo MDB. Era a primeira eleição através do Colégio Eleitoral (Congresso Nacional) e a candidatura do emedebista Ulysses Guimarães tentava denunciar a falsa democracia forjada pelo regime militar.

³⁵ O Campeonato Brasileiro de Futebol é disputado por times nacionais até a atualidade. (N. da A.).

³⁶ Atribui-se ao almirante Heleno Nunes, presidente da CBD, o bordão “onde a ARENA vai mal, um time no nacional”, expressando a decadência do regime militar brasileiro no final da década de 1970 e a inserção de clubes no brasileirão, para compensar. (N. da A.).

Em 1974 o general Ernesto Geisel assume a presidência da república e, ele que era conhecido por ser um ‘castellista’, seguidor da linha moderada do ex-presidente general Humberto Castello Branco, tinha o propósito de fazer a transição do Brasil para o regime democrático, passando da administração militar para o governo civil de modo ‘lento, gradual e seguro’, sem assustar a caserna e os setores conservadores da sociedade. Junto ao governo Geisel, a figura do general Golbery do Couto e Silva foi relevante para obter apoio do empresariado nacional e para iniciar a costura da retomada da democracia.

Enquanto isso, Zagallo permaneceu como técnico da seleção brasileira, e como o presidente Geisel não era aficionado por futebol, conseguiu retomar as rédeas da equipe e escalou e treinou de acordo com as mais recentes técnicas e fundamentos do futebol mundial, como a retranca³⁷. Os primeiros jogos contra a Iugoslávia e a Escócia levaram somente ao empate sem a marcação de gols (0 a 0). O goleiro Leão, do clube Palmeiras/SP, foi o destaque no jogo contra a Escócia. Para permanecer na disputa, a seleção canarinho precisava do placar de, no mínimo três gols, sem levar nenhum (3 a 0), ou mais, sobre a seleção do Zaire, que já havia perdido de nove a zero (9 a 0) para os iugoslavos. A vitória pelo placar desejado chegou apenas aos 39 minutos do segundo tempo.

A fase seguinte apresentava como adversários brasileiros os times da Alemanha Oriental, da Argentina e da Holanda. As vitórias contra a Alemanha Oriental, com o placar de um a zero (1 a 0) e sobre a Argentina, por dois a um (2 a 1), entusiasmaram o técnico Zagallo para enfrentar a Holanda, que apresentava uma técnica diferenciada naquele certame: todos os jogadores da linha atacavam e defendiam, características que lhe conferiu o apelido de “Carrossel Holandês” e de “Laranja Mecânica”, fazendo alusão ao giro de atletas nas posições clássicas de atacante e defensores e a cor de seu uniforme. Essa técnica nunca mais foi utilizada por selecionados em Copas do Mundo.

A equipe brasileira perde o jogo para a Holanda e, com apatia, disputa o terceiro lugar em partida contra o time da Polônia, perdendo por 1 a 0 para o grupo europeu. A participação dos atletas brasileiros na Copa do Mundo da Alemanha Ocidental em 1974 revelava que “a geração mágica dos anos 1950 e 1960 não existia mais, e o futebol brasileiro dos anos 1970, a despeito de todo o ufanismo em torno dele, apontava uma entressafra de craques fora de série que levaria anos para ser superada”, afirma Guterman (2009, p. 191 – 192).

³⁷ Estilo de jogo que prioriza a defesa em detrimento ao ataque, tentando inviabilizar o passe da equipe adversária no espaço da zaga (defesa), principalmente. Muitas vezes o time aumenta o número de passes entre os jogadores da defesa, “tomando tempo do jogo”. (N. da A.)

O país sai derrotado daquele Campeonato Mundial. Depreende-se, então, que a distância entre o discurso do Brasil-potência fomentado pelo governo militar e as limitações da nação mostradas na prática, em diversos setores, eram enormes e visíveis. Os maus resultados obtidos no esporte indicavam que a falácia governamental influenciava além da política e da economia. A derrota da ARENA nas eleições legislativas em novembro foi um marco histórico na política nacional.

O grande vitorioso de 1974 é João Havelange, que se elege presidente da FIFA. Em 1975 ele deixa de representar a CBD como seu presidente, sem explicações, sendo substituído pelo almirante Heleno Nunes, que amplia a participação dos clubes brasileiros de futebol no Brasileirão, cumprindo com os objetivos políticos do governo militar: a integração nacional. Entretanto, “parte dos jornalistas esportivos da época já discutia o ‘fim do futebol brasileiro’,” conta Guterman (2009, p. 195).

O clima tenso permanecia no país, em especial, nos principais centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo. O despreparo da seleção brasileira, o distanciamento de grandes ídolos como Pelé, dos campos de futebol, e as partidas disputadas no período entre as Copas de 1970 e 1974, somados ao descontentamento com os caminhos que a nação tomara, não empolgaram ao máximo a torcida brasileira. Com os poucos resultados das primeiras disputas, o Brasil estava anestesiado.

As eleições municipais de 1976 eram o principal objetivo governamental. O governo Geisel não poderia absorver outra derrota nas urnas. Na tentativa de evitar a propagação da campanha oposicionista, promulga a “Lei Falcão”, que proibiu a manifestação dos candidatos em campanhas eleitorais televisivas, ficando autorizada apenas a divulgação da foto, o nome, o número e o partido do candidato, o que causou prejuízos aos candidatos do MDB. Entretanto, a oposição venceu e obteve maioria nas Câmaras de Vereadores em cinquenta e nove (59) das cem maiores cidades do país. Começava a ser visível o descontrole da ditadura militar sobre as instituições que, em funcionamento, chancelavam a imposição de medidas autoritárias em todo o país.

No decorrer daquele mesmo ano, o governo iniciou diálogo com entidades como a Associação Brasileira de Imprensa – ABI, e a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, e com os líderes do MDB, com o objetivo de definir estratégias para a abertura política sem riscos de ruptura institucional. O processo eleitoral de 1978 foi conduzido pelo

presidente Geisel, que indicou o general João Baptista de Oliveira Figueiredo, chefe do Serviço Nacional de Informação – SNI, de seu governo, assegurando a permanência do processo de abertura da política brasileira.

O país mudara e mostrava a direção que desejava seguir. Os sindicatos estavam fortalecidos e a ‘greve branca’, iniciada em São Bernardo do Campo/SP, na linha de montagem da Saab-Scania, quando dois mil e quinhentos (2.500) operários registraram seu ingresso na fábrica e cruzaram os braços, paralisando a linha de montagem e fugindo da repressão policial comum contra as greves criminalizadas.

O movimento se repetiu em outras tantas indústrias da Grande São Paulo, paralisando mais de meio milhão de trabalhadores, pondo o novo movimento sindical e seu principal líder na mídia nacional, o metalúrgico Luís Inácio da Silva, mais conhecido como Lula. A sociedade brasileira realmente estava passando por uma transformação. As referências das boates nova-iorquinas invadiam a cena noturna das principais capitais do país. A televisão, em rede nacional, já cobria muito do território nacional com seu sinal. Os dados do Censo³⁸ Brasileiro de 1980 registram que cinquenta e cinco por cento (55%) de um total de vinte e seis milhões e quatrocentos mil (26,4 milhões de) residências contavam com aparelhos de televisão. O comportamento feminino e a inserção da mulher nas decisões familiares também ganhavam mais espaço e força.

As telenovelas começavam a ganhar a preferência nacional. Belas mulheres como Sônia Braga e Dina Sfat encantavam os brasileiros em grandes sucessos da dramaturgia. Tempo em que “Dancin’ Days” e “O Astro” ditavam o comportamento no país. Os anos setenta incendiavam ao som de “As Frenéticas”. A palavra de ordem era modernização. [...] O rádio noturno não conquistava mais ouvintes. A TV com sua força e apelo estava sufocando o rádio (DENARDIN, 2011, p. 53).

O regime militar abria algumas frestas mas não desistia de exercer influências sobre certos setores. A CBD, entidade privada coordenadora do futebol nacional, já contava com o Brasileirão; os clubes de futebol enfrentavam uma crise financeira e de novos talentos esportivos. Em contrapartida, os times europeus atraíam investimentos e geravam lucros. Ampliava-se a quantidade de contratações de jogadores brasileiros por times da Europa, fazendo ressurgir no Brasil, o ‘complexo de vira-latas’, denominado em 1950, por Nelson Rodrigues.

³⁸ Disponível em <<http://www.tudosobretv.com.br/histortv.tv80.htm>>, acessado em: 1.fev.2014.

A preparação do selecionado nacional para as Eliminatórias da Copa de 1978, não entusiasmava a população nacional. Oswaldo Brandão, conhecido como um técnico disciplinador e motivador, foi indicado pelo presidente da CBD para comandar a equipe. Brandão apostava no toque de bola para desfazer as defesas fechadas das seleções europeias. O meia Zico, do Flamengo/RJ, ajudou a conquistar bons resultados naquelas eliminatórias. Brandão, cansado das críticas, se demite do cargo durante a competição, ainda em 1977 e seu substituto é o militar Cláudio Coutinho, graduado em Administração e em Educação Física, que já havia atuado como supervisor das seleções que estiveram nos Campeonatos Mundiais de 1970 e de 1974.

Coutinho não detinha muita experiência como técnico de futebol, mas transitava bem junto aos colegas de profissão europeus. Apostava na polivalência dos jogadores, desejando que os jogadores chamados para a seleção atuassem em diversas funções e fossem taticamente obedientes. Ele permaneceu no cargo e levou o time brasileiro às disputas do Mundial, no país vizinho.

Na Copa do Mundo de 1978, na Argentina, a equipe brasileira empata os primeiros jogos com a Suécia em um a um (1 a 1), e com a Espanha, em zero a zero (0 a 0), precisando vencer a equipe da Áustria para seguir no certame. O presidente da CBD, Heleno Nunes, interviu mandando Coutinho escalar como titulares: Roberto Dinamite, do Vasco da Gama/RJ e Jorge Mendonça, do Palmeiras/SP, no ataque, e Rodrigues Neto, do Botafogo/RJ, na zaga. Dinamite fez o gol da vitória sobre o time austríaco, classificando o escrete brasileiro em segundo lugar naquela chave.

Deste modo, a equipe do Brasil passava a integrar o mesmo grupo que a seleção anfitriã, na segunda fase do campeonato; a seleção canarinho vence o primeiro jogo contra os peruanos com o placar de três a zero (3 a 0), e o jovem Galinho de Quintino, apelido de Zico, atleta do Flamengo/RJ, marca seu primeiro gol em uma disputa da Copa do Mundo. Na segunda partida, o Brasil empata em zero a zero (0 a 0) com a seleção argentina. No enfrentamento seguinte, contra a equipe polonesa, o grupo brasileiro havia crescido e obteve o escore de três a um (3 a 1), fazendo a alegria da seleção brasileira e da torcida, por todo o país. A população do Brasil acreditava que o time brasileiro invicto estaria na partida de encerramento do evento, disputando o título de campeão, pois a equipe da Argentina jogaria contra o Peru, que apresentava uma boa atuação. E, para assumir a vaga na final, os

argentinos precisariam vencer com dois gols de diferença, considerando o desempenho da equipe brasileira.

Mais uma vez, o destino excluía a seleção canarinho da disputa maior de um Mundial. O time argentino goleou o grupo peruano pelo escore de seis a zero (6 a 0) e arrebanhou a vaga na final, contra a seleção da França, em Buenos Aires. O selecionado brasileiro disputou o terceiro lugar na classificação geral do campeonato, derrotando por dois a um (2 a 1) a equipe italiana. Rivelino anunciou sua despedida da seleção brasileira naquela disputa.

Ainda naquela Copa do Mundo de 1978 a polêmica sobre o jogo entre Argentina e Peru, considerando as questões esportivas, da nacionalidade argentina do goleiro da seleção peruana, Quiroga, e dos jogos em horários subsequentes, trazendo para uma das equipes, a anfitriã, o conhecimento do resultado do certame anterior, foram questionadas. E, por fim, as pressões da ditadura militar portenha, que da mesma maneira que as demais ditaduras latino-americanas, não poupavam esforços para tirar proveitos do esporte em nome de uma integração nacional, capitalizando as glórias esportivas como resultado das ações políticas e desenvolvimentistas nacionais por eles promovidas, se faziam presentes no Mundial de 1978.

Em entrevista à Rádio Gaúcha, de Porto Alegre/RS, o técnico da seleção argentina declarou: “através da forma como as minhas equipes jogam, eu falo da sociedade em que gostaria de viver!”. O time da Argentina atuava com simplicidade, talento e criação, era ofensivo e priorizava toques curtos, estilo que prejudicou a atuação das equipes adversárias em campo.

Denardin³⁹ (2011, p. 57 - 59) relata que quando entrevistou o técnico do selecionado argentino, Cesar Luis Menotti, durante a Copa do Mundo de 1978, percebeu que,

[...] para Menotti não foi fácil ganhar aquela copa. A pressão era imensa, imaginem conseguir administrar a euforia popular dos argentinos, por receberem o mundial, e o fato do país estar passando por uma ditadura. [...] uma Copa não é apenas uma taça de futebol. Vencer significa ganhar o respeito de todas as nações. [...] Essa copa ganha pela Argentina está inserida em um momento histórico importante na América do Sul. Floresceram no continente as ditaduras militares. Elas foram cruéis e deixaram marcas indeléveis no nosso povo. As piores foram no Chile, com o general Augusto Pinochet; e na Argentina, comandada por Jorge Rafael Videla que na copa do mundo era o presidente do país.

Após a participação da seleção canarinho no Mundial de 1978, encaminhava-se a eleição para presidente do Brasil. Dois generais disputavam o cargo máximo do executivo

³⁹ As percepções de Denardin (2011) a respeito do cenário político do continente não apontam para a situação brasileira, entretanto, a conduta da ditadura militar brasileira não foi diferente nem mais amena do que as demais. Basta buscar maiores informações sobre os governos dos generais Médici e Costa e Silva para verificar o período trágico. (N. da A.).

nacional, um pela situação e outro pela oposição. O general João Figueiredo, candidato da ARENA, foi eleito pelo Colégio Eleitoral em 14 de outubro, vencendo a candidatura do general Euler Bentes Monteiro e seu candidato a vice, o senador gaúcho Paulo Brossard, oriundo do ministério público, concorriam sob a sigla do MDB. Se Figueiredo era “castellista”, como saber qual seria a linha do general Euler Monteiro, filiado ao MDB, que não recebia o apoio nem a indicação do governo ditatorial militar.

O projeto de desenvolvimento nacional a partir de um modelo de Brasil-potência, que pretendia colocar o país no Primeiro Mundo estava esvaziado. “A ditadura estava minguando por dentro [...] e começou a sacudir a apatia brasileira e a gerar movimentos civis de abertura, penetrando, até mesmo no habitualmente fechado, antidemocrático e patriarcal mundo da administração do futebol”, afirma Guterman (2009, p. 201). Por outro lado, o nacionalismo militar atrapalhava a chegada do capital estrangeiro ao Brasil; a globalização da economia crescia e desejava o mercado nacional.

2.8 A crise do futebol-arte e o marketing esportivo

O primeiro episódio de abertura ao *marketing* esportivo no Brasil veio com a atuação de Carlos Arthur Nuzman, presidente da Confederação Brasileira de Vôlei, que obteve o consentimento do Conselho Nacional de Desporto – CND, para o uso de publicidade nos uniformes dos times de voleibol nacionais, em 1981. O esporte vinha crescendo no Brasil, mas não tinha a projeção do futebol, nem os investimentos, que eram poucos naquele momento da crise econômica.

Conferindo os resultados da aplicação de marcas nos uniformes e nos ginásios onde eram disputadas as partidas das equipes de vôlei, em seguida, o atletismo brasileiro também aderiu à moda da publicidade nos uniformes de seus atletas. No ano seguinte o CND autorizou o uso de publicidade também para o futebol brasileiro, mesmo tendo conhecimento sobre o percentual de setenta por cento (70%) de torcedores contrários à iniciativa, conforme indicava a pesquisa encomendada pela revista Placar ao *Instituto Vox Populi*, em 1977.

Entretanto, a crise econômica nacional e, por conseguinte, dos clubes de futebol, imporia a adesão à aplicação de marcas nos uniformes dos principais clubes do Brasil. Em março de 1982 o clube Bento Gonçalves, do Rio Grande do Sul, estampou a marca de uma fábrica de móveis local na camiseta. A Petrobrás foi a primeira marca nacionalmente

conhecida a patrocinar um clube de futebol da primeira divisão, o Flamengo, do Rio de Janeiro. Estava dada a largada para que diversas marcas se projetassem junto ao público brasileiro através do *marketing* esportivo. Vestir as camisas com mensagens de propaganda se tornara um negócio importante e fizera moda.

Também em abril de 1982, o presidente do Corinthians/SP, Vicente Matheus, deixava o comando da administração do clube depois de dez anos. O cargo foi assumido pelo empresário Waldemar Pires. Na diretoria de Pires, o sociólogo Adílson Monteiro Alves ocupava o cargo de diretor de futebol. As novas ideias se contrapunham ao autoritarismo da gestão anterior.

O movimento político interno do Corinthians paulistano ficou conhecido como “Democracia Corintiana”, sendo assim batizado pelo publicitário Washington Olivetto, um dos membros daquela diretoria. A concretização da “Democracia Corintiana” se dava também pelo uso de faixas referentes à democracia, carregadas pelo time e mostradas no momento da formação do grupo para ouvir/cantar o hino nacional, exibidas antes dos certames. Os recursos de aplicação de frases em camisas foram recorrentes; elas se tornaram um pseudo-mural sobre o qual textos como “Diretas Já”, “Eu quero votar para presidente” e “No dia 15, vote”, foram um marco na história das manifestações políticas no âmbito esportivo. A nova conduta do time paulistano amealhou dois campeonatos paulistas pela equipe (GUTERMAN, 2009).

Somente em 1983 a camiseta corintiana abriu espaço para o *marketing* esportivo dos amortecedores Cofap. Durante a década de 1980 todos os clubes de futebol do Brasil assinaram contratos de *marketing* esportivo com diferentes marcas. A Coca-Cola assinou, em 1987, contrato com doze dos dezesseis clubes que disputavam a “Copa União”.

Percebendo o interesse da marca no público dos estádios e na difusão mercadológica propiciada pelas transmissões televisivas e pelas imagens fotográficas publicadas na imprensa nacional, o presidente do “Clube dos Treze”, Fábio Koff, assina um contrato com a Coca-Cola para patrocinar todas as equipes daquela associação, construindo um dos maiores “cases de *marketing* esportivo” no país; apenas após a conclusão da negociação, Koff, que já havia presidido o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre/RS, revelara que alguns clubes, entre eles o próprio Grêmio, não poderiam estampar a cor vermelha, predominante da marca daquele

refrigerante, sobre os uniformes. A marca da Coca-Cola foi aplicada em “preto e branco” sobre as camisetas dos clubes que restringiam o uso da cor vermelha em suas vestes.

Depois de duas participações medíocres em Copas do Mundo de Futebol, o esporte brasileiro apresentava uma nova força, “longe das fórmulas matemáticas dos esquemas táticos e dos ferrolhos defensivos” instituídos nas equipes europeias, relata Guterman (2009, p. 208). Era a percepção de que o futebol nacional poderia renascer longe da doutrina militarista imposta às seleções de 1974 e de 1978. O selecionado nacional de 1982 era um conjunto de talentos individuais que conversavam entre si. O técnico Telê Santana, ex-jogador de futebol, estava contratado com exclusividade para treinar a seleção brasileira em tempo integral. As transformações ocorridas no âmbito esportivo⁴⁰ mostravam a transformação sociocultural pela qual o país estava passando.

A equipe apresentada por Telê Santana agradava a população nacional; para quase todas as onze posições, craques brasileiros de diversos times foram convocados e participaram dos treinos na ‘Toca da Raposa’, em Belo Horizonte/MG. Adjetivos como ‘excepcional’ e ‘imbatível’ facilmente foram atribuídos ao grupo pela imprensa e pelos torcedores. Era o “*dream team*” do futebol brasileiro. Renascia no Brasil o sonho da conquista do troféu mais disputado pelo futebol mundial. A equipe de Telê Santana contava com o preparador físico Gilberto Tim. Os treinos realizados em Portugal mostravam “arte, belas jogadas, fintas inesquecíveis. Lances espetaculares que só jogadores talentosos como os daquele time poderiam fazer”, declara Denardin (2011, p. 66).

O otimismo nacional era alimentado pela Rede Globo de Televisão, que comprara os direitos exclusivos de transmissão dos jogos. Até mesmo o cantor Roberto Carlos considerava aquele grupo de atletas era “uma seleção mágica. Quem conseguir vê-los jogar certamente nunca vai se esquecer. É o que temos de melhor!”, declarou dias antes da Copa da Espanha, em entrevista a Rádio Gaúcha/RS para Denardin (2011, p. 64). No Brasil, “as ruas se pintaram de verde-amarelo, e havia concursos para quem fizesse a mais bonita decoração alusiva ao Mundial”, registra Guterman (2009, p. 209).

Entretanto, já no primeiro jogo disputado contra a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS, o resultado parcial fora desfavorável à seleção canarinho. A virada no

⁴⁰ A Confederação Brasileira de Desporto – CBD, dava lugar à Confederação Brasileira de Futebol – CBF, direcionando seus esforços apenas para o esporte nacional mais popular, pois foram criadas entidades para tomar conta de cada um dos esportes e do atletismo separadamente. (N. da A.).

segundo tempo fez a torcida acreditar que mesmo jogando contra equipes fortes, a seleção canarinho sairia de campo vitoriosa. A equipe brasileira confirmava o favoritismo com as vitórias sobre os adversários nas duas partidas seguintes; o Brasil estava classificado em primeiro lugar na chave. O primeiro jogo da segunda fase trazia a seleção argentina, campeã do mundial anterior, e os atletas brasileiros bateram o grupo dos “*hermanos*” por três a um (3 a 1).

No Brasil, a torcida acreditou na conquista do tetracampeonato, principalmente depois de ganhar do selecionado argentino com tamanho escore. A próxima disputa trouxe o escrete italiano como adversário. A equipe europeia não tinha uma ótima retrospectiva e o empate classificaria o Brasil para a etapa semifinal, pelo saldo de gols.

Veio então o dia 5 de julho de 1982, que ficará na memória do Brasil tanto quanto o 16 de julho de 1950, quando os deuses do futebol resolveram lembrar aos confiantes brasileiros que a beleza desse esporte está justamente no imponderável. No estádio Sarrià, em Barcelona, logo aos 5 minutos de jogo, o centroavante italiano Paolo Rossi, que até então não havia feito gols na Copa, abriu o placar. Rossi era o símbolo da capacidade da “*Azzurra*” de renascer das cinzas. O gol de Rossi deveria mostrar que a Itália, a despeito de seus inúmeros problemas, ainda era a Itália – bicampeã do mundo e com tradicional força no futebol (GUTERMAN, 2009, p. 211-212).

Quando, aos trinta minutos da etapa final, o centroavante italiano marcou o terceiro gol sobre o escrete canarinho, após uma falha coletiva da defesa brasileira, o placar de três a dois (3 a 2) para a *Azzurra* ainda poderia ser revertido em um empate, resultado que classificaria a equipe brasileira, que apresentava o futebol mais bonito, mais driblado e mais jogado, que era alvo das tradicionais apostas nas bolsas inglesas, até o momento (DENARDIN, 2011).

Amargando mais uma desclassificação do escrete nacional em Mundiais de Futebol, o técnico Telê Santana deixa o cargo e, o episódio racista do “*Maracanazzo*” se repete. O meia Toninho Cerezo, atleta negro do Atlético Mineiro/MG, é responsabilizado pelo episódio do segundo gol marcado pela equipe italiana sobre a brasileira, quando erra um passe para a defesa desatenta, na intermediária, e acaba entregando a bola nos pés de Rossi que cria a oportunidade e marca o gol.

O futebol-arte nacional estava derrotado. A equipe italiana seguiu em frente e se tornou tricampeã, alcançando o mesmo número de conquistas de Mundiais que a seleção canarinho, única a conquistar três campeonatos mundiais até aquele momento. O descrédito da torcida brasileira no futebol da seleção nacional ampliava-se. Guterman (2009, p. 213)

avalia que “o símbolo dessa nova fase deprimente [do futebol no Brasil] talvez tenha sido o roubo da Taça *Jules Rimet*, em dezembro de 1983. [...] levada por uma quadrilha liderada por um ex-assessor da confederação [CBF]. Derretida [...] virou alguns milhões de cruzeiros em lingotes de ouro”. Além da perda da Taça, que representava as três conquistas da seleção canarinho, o futebol nacional também se despedira do craque Garrincha, naquele mesmo ano.

O choque sentido pela torcida brasileira com a desclassificação do “time dos sonhos” no Mundial de 1982 acentuou a percepção das crises econômica e identitária no país. A estreita abertura política trazia a eleição direta para governadores e um ‘fio de esperança’ apontava para a possibilidade de mudanças. Desde o ano de 1965 não havia eleições diretas para os governos estaduais e, naquele novembro, ela estaria somada à eleição para todas as esferas do Poder Legislativo. Os brasileiros foram às urnas e a resposta apresentou uma reprovação plebiscitária aos anos da ditadura militar. Cerca de quarenta e cinco milhões de pessoas compareceram ao pleito. Mesmo assim, os cinquenta e nove por cento (59%) dos votos oposicionistas não fizeram a maioria no Congresso Nacional, que através do voto indireto, elegeriam o próximo presidente da república, o sucessor do general Figueiredo.

A oposição conquistara mais assentos nos plenários legislativos e, se votasse em bloco, impediria outras manobras do governo. Nos três principais estados da região Sudeste, governadores oposicionistas tomariam o poder executivo: Franco Montoro, em São Paulo, Tancredo Neves, em Minas Gerais, ambos do PMDB, e Leonel Brizola, do PDT, no Rio de Janeiro.

A economia em desarranjo não propiciou grandes feitos aos governadores oposicionistas. A manifestação dos desempregados em São Paulo, derrubando a grade do Palácio dos Bandeirantes assustou a sociedade paulista e “havia dúvida sobre se o país estava pronto para completar sua transição rumo à democracia, ou se um regime autoritário ainda era necessário para conduzir a economia e superar a turbulência. A crise de identidade brasileira, como se vê, não era só do futebol”, conta Guterman (2009, p. 214).

O recuo do Produto Interno Bruto – PIB, em cinco por cento (5%), a assinatura com o FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL - FMI,, as metas econômicas rígidas, a ociosidade da indústria nacional em cinquenta por cento (50%) de sua capacidade produtiva do país e a queda de sete vírgula três por cento (7,3%) na *renda per capita* consumiu os

ganhos da economia obtidos nos tempos do ‘milagre brasileiro’, na década anterior. A imagem do governo militar estava desgastada e caíra a ‘máscara’ do acerto da economia.

A oposição percebeu os sintomas do desgaste e, através do deputado mato-grossense Dante de Oliveira (PMDB/MT), deu andamento à emenda constitucional que pleiteava as eleições diretas para o cargo de presidente do Brasil, na próxima sucessão, em 1985. O Partido do Movimento Democrático Nacional – PMDB, principalmente através das lideranças de Ulysses Guimarães e de Teotônio Vilela, articulou manifestações públicas em diversos lugares do país que tornou-se conhecido como “Diretas Já”, apoiando a propositura da emenda parlamentar.

Em 25 de abril de 1984 a votação no Congresso Nacional foi vencida pelos governistas; faltaram vinte e dois (22) votos para que a emenda Dante de Oliveira fosse aprovada e as eleições diretas para presidente voltassem à política nacional, mesmo obtendo oitenta por cento (80%) de aprovação popular, confirmados em pesquisas da época, informa Guterman (2009). Sócrates, decepcionado, deixa o país e assina contrato com o clube italiano Fiorentina. Outros atletas deixam o Brasil para alçar novos voos em suas carreiras desportivas. O movimento popular se esvazia.

As disputas internas do PDS (antiga ARENA) apontavam para a cisão entre os apoiadores do governo. Paulo Maluf havia conseguido a indicação sobre Aureliano Chaves, vice-presidente do general Figueiredo. Aureliano forma a Frente Liberal, que depois constituirá o Partido da Frente Liberal (PFL) com parte dos dissidentes do PDS. A Frente Liberal entrou em entendimento com o PMDB e lançaram uma única chapa oposicionista para a última eleição indireta para presidente no Colégio Eleitoral, formando a Aliança Democrática.

A Aliança Democrática indicou os nomes de Tancredo Neves e José Sarney, candidatos a presidente e vice, respectivamente; a figura de Tancredo era vista como uma possibilidade de aglutinar as “forças dos dois lados do espectro político, [...] notável por negociar, e mesmo estando na oposição era visto como moderado pelo regime [militar]”, realça Guterman (2009, p. 217).

A vitória da Aliança Democrática, em 15 de janeiro de 1985, ainda que com os nomes de Tancredo Neves, personagem político desde o primeiro governo Vargas, e de José Sarney, oriundo das fileiras da ARENA e depois do PDS, que defendera o regime militar por muitos anos, e se filiou ao PMDB às vésperas da candidatura pela Aliança Democrática,

apresentavam habilidade e histórico de negociação políticos. O Brasil entrava para uma nova fase política, denominada de ‘Nova República’, que nas palavras do presidente eleito, seria um tempo de “conciliação. [...] No serviço da pátria, há lugar para todos”, registra Guterman (2009, p. 218).

Entretanto, os caminhos históricos não permitiram que o novo presidente, aclamado nos comícios da campanha das “Diretas Já”, assumisse o cargo. O vice José Sarney é empossado a partir de um “acordão político” costurado pelo presidente do PMDB e do Congresso Nacional, o deputado Ulysses Guimarães. A morte de Tancredo Neves é divulgada na data histórica nacional de 21 de abril de 1986, associando os mineiros Tancredo Neves ao inconfidente Tiradentes, figura heroica nacional. Ainda naquela noite, o maranhense José Sarney foi empossado como presidente do Brasil, contrariando o dispositivo legal, que previa nova eleição.

Em maio de 1986 muitas mudanças políticas são aprovadas: a legalização de partidos que se encontravam na clandestinidade como o PCB e o PC do B, o direito de voto dos analfabetos e as eleições diretas para presidente. Também fora convocada uma Nova Assembleia Constituinte a ser eleita em novembro daquele mesmo ano, para estabelecer a Carta Magna para um país democrático, desautorizando a Constituição Federal de 1967, que restringia direitos civis da sociedade brasileira.

No futebol não era diferente; o país desejava ver uma equipe campeã escalada para defender as cores do Brasil na Copa do Mundo FIFA de Futebol, no México, em 1986. As condições já não eram as mesmas do “time dos sonhos” escalado por Telê Santana, em 1982. Os clubes atravessavam graves situações econômicas; os jogadores mais destacados haviam migrado para o futebol europeu ou para times do Oriente Médio ou do Japão, que faziam ofertas salariais irrecusáveis. O técnico Telê Santana, que atuava no exterior, foi reconduzido ao cargo pela CBF na tentativa de reviver o time inesquecível; aquela unanimidade popular.

Telê convocou os jogadores e dois meses antes do campeonato mundial ter início, instituiu a ‘Toca da Raposa’, em Belo Horizonte/MG, mais uma vez como a casa da equipe brasileira. O local era considerado um centro de treinamentos moderno e adequado à preparação da seleção canarinho.

Entretanto, em 1986, todos já estavam cientes que não bastava apresentar o melhor futebol, “fazer o espetáculo” para conquistar o título mundial. Pensar a equipe a partir daquela de 1982 foi a opção do técnico da seleção, porém, quatro anos haviam passado e a idade de

alguns atletas já pesava sobre o rendimento em campo. “Telê montou um time que embora não fosse fraco, tinha contra si a indefinição de seu perfil”, aponta Guterman (2009, p. 221).

Durante a competição, o Brasil se classificou bem na primeira fase, ganhando todas as disputas contra Espanha e a Argélia, pelo escore de um a zero (1 a 0), e sobre a Irlanda do Norte, por três a zero (3 a 0), quando os jogadores conseguiram apresentar um melhor futebol. A prioridade, porém, era a competitividade, o desempenho, a vitória, não a apresentação de um ‘futebol-arte’, mesmo sob o comando de Telê Santana, o técnico que valorizava e apresentava um bonito jogo.

O selecionado brasileiro venceu a Polônia por quatro a zero (4 a 0), nas oitavas de final. O desempenho da seleção canarinho era o melhor do mundial: quatro jogos, quatro vitórias e sem sofrer gols. Na etapa seguinte, a campeã europeia cruzava o caminho do grupo brasileiro. Enfrentar a França era uma tarefa árdua. O placar mínimo de um gol para cada equipe (1 a 1) foi o resultado atingido após a soma dos tempos regulamentar e da prorrogação, levando a disputa para os pênaltis. “O destino foi impetuoso com o Brasil presenteando-lhe com uma derrota nos pênaltis pelo placar de 4 a 3”, consideram Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 102 – 103).

Não eram poucas as derrotas amargadas pelos brasileiros naquela década de 1980: a Copa de 1982, para a Itália; a Taça *Jules Rimet*, roubada e derretida; a emenda Dante de Oliveira, que pleiteava as eleições diretas para a presidência da república; a morte do presidente “conciliador” Tancredo Neves; e, a Copa de 1986, para a França.

Guterman (2009, p. 223) afirma que se encerrava um “ciclo que misturava orgulho com decepção em doses cavalares. Tudo isso, somado à violenta crise econômica, trazia a impressão da impossibilidade de uma revolução, restando esperar que os donos do destino tomassem suas decisões”. O país estava submisso a seus fantasmas políticos, econômicos, sociais, culturais e esportivos. A democracia e o ‘futebol-arte’ pareciam frutos de uma imaginação insana e antiga.

Em fevereiro de 1987, dormimos Cruzeiro e acordamos Cruzado. O governo Sarney fez o choque da economia, cortou três zeros, criou uma “moeda forte” com uma nomenclatura nova: o cruzado. Acompanhado de um congelamento dos preços e dos salários, vinculando-os a um gatilho para conceder reajustes. Eram as medidas para conter a hiperinflação brasileira. A economia, como outros tantos setores, não se comporta de acordo com os canetaços governamentais; é fluida, é vivida e depende da demanda, das leis de oferta e de procura, das leis do mercado. Mesmo com a convocação realizada pelo presidente Sarney, em rede de

televisão nacional, solicitando ao povo brasileiro a agirem como ‘fiscais do presidente’ denunciando irregularidades do abastecimento à SUNAB, Superintendência Nacional do Abastecimento.

A indústria reduzira a produção e o comércio estocara os produtos, retirando das prateleiras das lojas e supermercados, aguardando o aumento ou cobrando ágio, uma taxa extra, para entregá-los ao consumidor. Os produtos da entressafra desapareceram. Em algumas cidades, a falta de diversos produtos fora verificada e gerara filas e desespero na população.

As medidas governamentais levaram o presidente Sarney a índices de setenta por cento (70%) de popularidade; essa condição fez o PMDB eleger vinte e dois governadores de Estado, duzentos e sessenta Deputados Federais Constituintes, e amealhar trinta e oito vagas no Senado Federal. O grande partido oposicionista da ditadura estava experimentando o poder na mais ampla forma: tanto no executivo como no legislativo e em todas as esferas políticas. A governabilidade estava assegurada.

O trabalho dos deputados constituintes estava exposto a pressões de diversos setores da sociedade. Não encontraram o caminho para realizar as reformas estruturais. A maioria peemedebista, que presenciara os horrores da ditadura militar brasileira, se preocupou muito mais com os direitos civis e suas garantias do que com a criação de novas estruturas para a sociedade que estava nascendo, na opinião de Guterman (2009). A nova Constituição Federal foi promulgada em 5 de outubro de 1988.

A situação econômica do Brasil piorara; a hiperinflação não foi contida e chegou ao patamar de trezentos e sessenta por cento (360%) ao ano; a decretação da moratória do pagamento dos juros da dívida externa brasileira foi construída internamente a partir do discurso da defesa da soberania nacional. Uma série de planos econômicos e de novas moedas se sucederam no país. O presidente Sarney via sua popularidade cair e o índice de rejeição atingir sessenta por cento (60%).

Todas as expectativas foram depositadas nas eleições presidenciais de 1989, que resgatava o pleito direto e universal, eliminado há 29 anos da política nacional. Os partidos inscreveram candidatos, totalizando 23 proposições políticas distintas. No cenário internacional, o fim da Guerra Fria dismantelou o muro de Berlim, representando a despolarização entre os sistemas capitalista e comunista. Seu significado era muito maior do que a reunificação da Alemanha.

A globalização ganhava forma e se espalhava mundialmente. A república da China abria-se ao mercado capitalista. Até mesmo o refrigerante que representa mais intensamente a sociedade capitalista e mercadológica norte-americana se fazia presente no maior país comunista. Na URSS, o Kremlin era habitado por novas forças do socialismo. A nova divisão e a retomada da autonomia das repúblicas soviéticas e dos países da cortina de ferro modificaram as fronteiras e a economia mundial.

O ano de 1989 foi marcado por acontecimentos impactantes: a queda do muro de Berlim, que separava as Alemanhas Ocidental e Oriental, antecipava o fim do século XX, ainda que quantitativamente faltassem onze (11) anos para a chegada do novo século XXI; a contemporaneidade era sentida no cotidiano, as diferenças do novo tempo em relação à Idade Moderna saltavam “aos olhos”, a excentricidade dos *yuppies* de *Wall Street* era copiada em diversos locais. O Ocidente efervescia e buscava maneiras de capitalizar todas as mudanças através do *marketing*, ainda que fosse sob os apelos do *marketing* turístico, vendendo destinos paradisíacos, por exemplo. O Oriente, mais uma vez servia às ambições e necessidades ocidentais.

O Brasil elegeu o candidato da modernidade, o ‘caçador de marajás’; Fernando Collor de Melo afirmava que enxugaria a máquina do Estado e acabaria com a corrupção. Grande parte da população “comprou” o discurso, a imagem física e conceitual do jovem candidato do novo Partido da Renovação Nacional - PRN, afinal, o desejo dos brasileiros era o de crescer e vencer, na vida e no futebol.

A primeira atitude do novo presidente, após a posse em 16 de março de 1990 foi o ‘confisco’ de parte dos valores depositados em contas correntes e em contas poupança dos brasileiros nas instituições bancárias. Cerca de oitenta por cento (80%) da população apoiou as medidas do presidente num primeiro momento. No período de um mês, a taxa da inflação caiu de oitenta por cento (80%) para cinco por cento (5%), entretanto, foram congelados preços e salários. As prisões de gerentes de bancos e de empresários realizadas pela Polícia Federal, em defesa da economia popular começaram a ‘assustar’ a população que deixara recentemente a ditadura militar.

A abertura das fronteiras econômicas e o fim do “Estado empresário”, marcas do governo Collor, seguiam o receituário ultraliberal da chamada “Escola de Chicago”, em referência à doutrina econômica teorizada [...] por Milton Friedman, [...] no âmbito da chamada “globalização”. Um dos planos mais significativos de Collor foi justamente o de privatizações – estava prevista a venda de 68 empresas estatais (GUTERMAN, 2009, p. 230).

O presidente Collor estava ciente da importância do futebol para os brasileiros e, na tentativa de parecer ainda mais ‘moderno’ convidou Zico, o ex-jogador de futebol do

Flamengo/RJ, para assumir a pasta do Ministério dos Esportes. Naquele momento, os clubes de futebol brasileiros estavam atravessando um período de revés econômico e grande parte dos ganhos advinham das negociações sobre os valores arrecadados com a negociação do passe dos jogadores comercializados, em especial, para times estrangeiros. O ex-craque carioca sofreu pressões de todos os lados e, considerando o modelo ‘ultraliberal’ da gestão do presidente Collor, propôs a extinção da ‘Lei do Passe’, pondo fim à vinculação do jogador de futebol ao clube, acenando, por outro lado, para a transformação dos clubes de futebol em empresas. A mídia passou a noticiar valores ‘astronômicos’ pagos por equipes do exterior para contratar atletas brasileiros para atuarem em seus clubes. O ‘negócio’ futebol estava ‘globalizado’. Os jogadores brasileiros que desejassem construir uma carreira de reconhecimento e grandes ganhos, necessariamente precisavam passar alguma temporada no futebol europeu. E, em contrapartida, os times europeu, mesmo contratando craques por milhões de dólares, faziam negócios mais seguros e econômicos do que investir nas equipes de base.

O grupo brasileiro da seleção de futebol chegava à Itália, em 1990, para mais uma vez disputar o campeonato Mundial de Futebol, sob o comando de Sebastião Lazaroni. Utilizado como treinamento para o grupo brasileiro, a derrota no amistoso contra a seleção da Úmbria, uma região italiana próxima à Roma, que venceu a partida por um a zero (1 a 0), deixou os torcedores decepcionados, gerando polêmica e severas críticas. A seleção canarinho contava com doze jogadores que atuavam em times de futebol no exterior, fato que ocorria pela primeira vez na história da CBF.

A estratégia tática de Lazaroni e o desempenho da seleção brasileira causavam desconfiança na população nacional, ainda que contasse com atletas como Taffarel, Ricardo Rocha, Branco, Müller, Ricardo Gomes, Mauro Galvão, Careca, Dunga e Renato Portaluppi, entre outros. Um futebol burocrático foi apresentado pelo Brasil na primeira fase da competição de 1990. (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010)

Mesmo vencendo as três primeiras partidas da fase de grupos contra as equipes da Suécia (2 a 1), da Costa Rica com um gol (1 a 0), e da Escócia com o placar mínimo de um gol (1 a 0), e com a nota dez atribuída pelo presidente Fernando Collor de Melo à equipe, a torcida brasileira não se empolgara com os jogos. Nas oitavas de final, a segunda fase da Copa do Mundo na Itália, o grupo do Brasil enfrentou a equipe da Argentina, e foi eliminado da competição. Era a pior atuação da seleção canarinho em muitos anos, registrando apenas o nono (9º.) lugar na classificação final daquele Mundial, pior classificado, inclusive que a

jovem e pouco equipada equipe da República dos Camarões, que figurou na sétima posição geral. A equipe vencedora foi a Alemanha Ocidental.

Aquele momento histórico que focava em resultados, valorizava a objetividade e a tática, desconsiderando as apresentações do ‘futebol-arte’, ficou conhecido no país como a ‘Era Dunga’, fazendo referência à atuação sem brilho do jogador gaúcho, que fora revelado no *Sport Club Internacional*, na década de 1980.

Como o interesse pelo futebol-negócio tornou-se maior do que o interesse pelo esporte e suas apresentações de encher os olhos e de orgulhar a torcida, a seleção canarinho fora recepcionada por grupos de torcedores que lhes arremessam moedas, em referência ao comportamento que demonstraram durante a competição na Itália, quando empresários de jogadores circulavam livremente pela concentração apresentando propostas de times do exterior aos atletas.

As negociações escusas também davam o tom dos gastos governamentais no país. Na tentativa de conter a divulgação, Collor decreta o sigilo dos gastos da presidência, argumentando que era tema de interesse da segurança nacional, reeditando o argumento do governo militar. Também emergiram os ‘marajás’ da administração federal, justamente aqueles que em campanha, o presidente havia prometido combater. A inflação, em março de 1991, atingira o índice de vinte por cento (20%) ao mês, seguindo em alta e os preços e salários permaneciam congelados. A dívida pública brasileira saltou de trinta bilhões de dólares para duzentos e cinquenta bilhões de dólares no primeiro ano do mandato de Collor. A midiaticização de imagens do presidente e de alguns ministros usufruindo de iates e equipamentos náuticos em praias paradisíacas apontavam para um desligamento da equipe governamental da realidade nacional.

Os escândalos tornaram-se frequentes e, no mês de maio, descontente com o apoio do presidente a Paulo Cesar Farias no mercado editorial de Alagoas, Pedro Collor de Mello, irmão do presidente, denuncia, em entrevista à revista *Veja*, os negócios de PC Farias no estado de Alagoas, como um ‘testa de ferro’ de Fernando Collor. A família Collor de Mello, proprietária da emissora de TV afiliada à Rede Globo de Televisão, divulgou laudos de insanidade de Pedro Collor de Mello, entretanto, o estopim já estava lançado e, o governo Collor tornou-se inviável (GUTERMAN, 2009).

O Congresso Nacional instaurou uma Comissão parlamentar de Inquérito – CPI, para verificar os ganhos e os gastos da presidência. PC Farias, que fora o tesoureiro da campanha eleitoral de Collor foi chamado a depor. Os valores disponibilizados para a manutenção das

despesas do presidente e de sua esposa somados às reformas e instalações da ‘Casa da Dinda’, sua residência oficial, eram comprovadamente impagáveis com o salário presidencial.

A solução jurídica encontrada foi o *impeachment* do presidente, por crime de responsabilidade, previsto na Constituição de 1988. Itamar Franco, vice-presidente, não tinha circularidade no Congresso Nacional nem junto à parte da imprensa brasileira; também era contrário às privatizações, fatores que não promoveram celeridade ao processo de *impeachment* do presidente.

No dia 11 de agosto, dez mil estudantes tomam as ruas de São Paulo pedindo a saída do presidente Collor do governo. O movimento dos ‘cara-pintadas’ nascia com a pintura dos rostos daqueles jovens. Inabilmente, Collor conclama a população brasileira a vestir verde e amarelo no domingo seguinte, 16. Com a divulgação da passeata paulista pela mídia nacional, seguida pelo discurso de presidente, na data por ele marcada, centenas de milhares de estudantes vestiram preto e foram às ruas naquele 16 de agosto. A impopularidade de Collor estava comprovada e o “espírito suprapartidário das Diretas Já estava de volta, renovado pelo desejo de resgatar a esperança na democracia [...] a apoteose dos “cara-pintadas” [...] não deixou outra saída à classe política senão aderir. Em pouco tempo, nem mesmo os ministros de Collor manifestavam-lhe apoio”, relata Guterman (2009, p. 239).

Em 26 de setembro daquele mesmo ano, a Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI, abriu o processo de *impeachment* contra o presidente. A Câmara dos Deputados, três dias depois, em votação transmitida pelas emissoras de televisão, aprovaram o afastamento do presidente e o processo seguiu para votação no Senado Federal, conforme os trâmites previstos na Constituição Federal.

Em 29 de dezembro os senadores da república cassaram o mandato do presidente Fernando Collor de Mello e, ainda naquele dia, aclamaram o vice Itamar Franco presidente do Brasil. Guterman (2009, p. 239) afirma que “acabava assim, de modo tumultuado e dramático, o primeiro governo do pós-ditadura. [...] o Brasil, afinal, atingira sua maturidade política – derrubara seu presidente de modo pacífico, dentro das regras constitucionais, sem violência e com a participação integral da sociedade” e dos políticos eleitos por ela para lhe representar.

A reconciliação da classe política com o eleitorado veio em 1994, quando as denúncias de corrupção no orçamento foram reveladas e dezoito (18) parlamentares foram julgados. A inflação chegara à taxa de quarenta por cento (40%) ao mês e a CBF preparara uma nova seleção para defender as cores do Brasil na Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos. Fernando Henrique Cardoso, ministro do governo Itamar Franco, lançava a segunda etapa do

Plano Real, indexando os preços ao dólar através da Unidade Real de Valor – URV, preparando a transição para a nova moeda: o Real.

Luis Inácio Lula da Silva era o principal candidato à presidência da República; já iniciava a disputa eleitoral de 1994 com trinta e cinco por cento (35%) das intenções de votos, revelavam as pesquisas eleitorais da época. O sucesso do Plano Real trouxe combustível à candidatura de FHC, que deixa o cargo de ministro da fazenda e se candidata à presidência pelo PSDB, centrando sua campanha na estabilidade da economia nacional. Oito milhões de famílias brasileiras ingressaram no mercado de consumo depois do Plano Real. A estabilidade da economia agradara a sociedade nacional e consagrara-se importante nas campanhas eleitorais viabilizar o país a partir das equipes técnicas e não políticas, apenas.

O cenário da eficiência técnica também se consagrou no futebol. A preparação da seleção canarinho para a Copa dos Estados Unidos, em 1994, começava sob a batuta do catarinense Paulo Roberto Falcão, o ex-craque do futebol gaúcho que conquistara a Itália, anos antes, como o ‘Rei de Roma’. Falcão, era visto como o uma figura renovadora do futebol nacional. Mas sua atuação não foi vitoriosa. Deixou o comando para Carlos Alberto Parreira, com olhar técnico, e ligado à eficiência. Zagallo ocupava o cargo de coordenador-técnico. O selecionado nacional conseguiu classificação na etapa eliminatória, mesmo perdendo para a equipe da Bolívia pelo escore de dois a zero (2 a 0).

A convocação do volante Dunga como capitão da seleção apontava os caminhos burocráticos que a equipe técnica construía para o escrete nacional. Parreira insistia no treinamento de jogadas ensaiadas com base nas estatísticas que apontavam o índice de que quarenta e cinco por cento (45%) dos gols realizados nas Copas do Mundo nasciam delas. Instituiu um ‘ferrolho’ no meio-campo, seguindo o modelo europeu de futebol. A ‘brasilidade’ no futebol só encontrava eco nas atuações de Romário e Bebeto como atacantes. Tudo o que importava era conquistar o tetracampeonato mundial de futebol para o Brasil.

Muitos comentaristas condenavam a presença de Dunga e Mauro Silva, dividindo o mesmo meio campo. [...] Existe uma tendência entre a opinião pública de que o melhor caminho para a vitória é formar times ofensivos. Só que para isso é preciso ter muitos craques, o que nem sempre é possível. [...] Em um dos programas [da Rádio Gaúcha] transmitidos do hotel, o Sant’Ana criticou o esquema tático do Parreira. Ele acusava o técnico de priorizar um sistema defensivo, sem arte, sem criatividade que deixava a seleção totalmente apagada e chata (DENARDIN, 2011, p. 90 – 91).

Na fase de grupos a seleção brasileira venceu a Rússia, com dois gols (2 a 0) e o escrete da República de Camarões, por três a zero (3 a 0). O empate com a Suécia, em um a um (1 a 1), pôs a equipe brasileira no primeiro lugar do grupo. Na data de 4 de julho, o *Independence Day* dos Estados Unidos, marcou a disputa, pela vaga nas quartas de final entre

a equipe dos donos da casa e o time do Brasil. Os brasileiros venceram pelo placar mínimo, um a zero (1 a 0), e conquistaram a vaga, permanecendo na competição.

O fantasma da derrota para a “laranja mecânica” no Mundial de 1974, na Alemanha, assombrava a torcida nacional e era alimentado pela imprensa especializada. A seleção da Holanda foi vencida pelo escrete do Brasil; o escore de três a dois (3 a 2) classificou o grupo brasileiro para a disputa da semifinal contra a Suécia, equipe também invicta naquela competição, como o Brasil. O jogo aéreo da equipe sueca consagrava sua atuação naquela Copa. A vitória veio pelo ar, a cabeçada de Romário inflou as redes do goleiro da Suécia.

O Brasil se classificara para o jogo final, o que não ocorria desde o Mundial de 1970, no México. O adversário era o escrete italiano; a final entre as duas equipes repetia a disputa pelo título em Guadalajara, em 1970. A torcida brasileira, por sua vez, lembrava-se da derrota para a equipe italiana nas quartas de final, em 1982, na Espanha. O complexo de ‘vira-latas’ voltava a agir.

No tempo regulamentar, assim como na prorrogação, as equipes não abriram o placar. A disputa foi decidida nos pênaltis. A vitória do grupo brasileiro chegou com o escore de três a dois (3 a 2). Era a conquista do tetracampeonato que chegava com o desempenho à europeia da seleção canarinho. A hegemonia do futebol brasileiro em âmbito mundial estava recuperada. Parreira deixou o cargo de técnico da seleção e foi treinar o Valência/ES. Zagallo assumiu a posição.

Nos festejos da conquista o grupo de atletas homenageou o brasileiro tricampeão mundial de automobilismo Ayrton Senna da Silva, que morreria nas pistas, em maio daquele mesmo ano, buscando a conquista do tetracampeonato na Fórmula 1, uma frustração nacional.

Com a vitória do Brasil em 1994, a equipe brasileira detinha cinquenta por cento (50%) dos títulos Mundiais alcançados pela América do Sul (1958, 1962, 1970 e 1994); os outros cinquenta por cento (50%) foram conquistados pelas equipes do Uruguai, que venceu os Campeonatos de 1930 e de 1950, e pela seleção da Argentina, que ganhou as disputas de 1978 e de 1986. Os oito títulos sul-americanos já se sobrepunham aos sete conquistados pelas seleções europeias (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010).

Conquistar o título de tetracampeão do Mundo propiciou que os atores da vitória julgassem que seriam recebidos como heróis no regresso ao país e que não seriam barrados na alfândega. O fato demonstra que a mistura entre o público e o privado continuava se impondo no mundo do futebol e tentava respingar sobre a legislação nacional. O presidente da CBF, Ricardo Teixeira, tentou dispensar a fiscalização aeroportuária realizada pela Receita Federal

sobre as compras do grupo, que totalizavam mais de meia tonelada de produtos. Foram registrados pela imprensa nacional os exageros dos jogadores e membros da equipe técnica da CBF como a aquisição de cozinhas completas, relógios de pulso, chuteiras, perfumes, roupas, eletroeletrônicos, eletrodomésticos, entre outros produtos.

Se o comportamento da seleção e do governo ainda transpirava antigas práticas condenáveis, o tetracampeonato mostrou que o Brasil, afinal, aprendera a vencer no novo ambiente do esporte – o da ultracompetição, em que os escrúpulos do espetáculo eram deliberadamente secundários, quando não considerados nocivos. A seleção foi campeã em 1994 mostrando um futebol muito semelhante ao praticado na Europa – afinal, nossos melhores jogadores atuavam lá. A diferença foi Romário, que ainda guardava alguma semelhança com os craques de DNA brasileiro, pela possibilidade de inventar o jogo em um ínfimo espaço de campo. Romário foi, digamos, o “elo perdido” do futebol brasileiro. Depois dele, o grande jogador “brasileiro” foi Ronaldo [Nazário, o fenômeno], que deixou o país aos 17 anos para jogar na Holanda. Em 1996 ganharia o prêmio de melhor jogador “do mundo” dado pela Fifa – que, para todos os efeitos, considera “mundo” tudo aquilo que está dentro dos limites da Europa. Ronaldo não era “brasileiro”, não como pensou Gilberto Freyre ao descrever a malícia do jogador brasileiro nos anos 1930. Ronaldo era um produto da escola global do futebol, cuja sede era a Europa. Lá, jogadores de centenas de países diferentes renderam-se [...] ao jogo sem fronteiras, descaracterizando o perfil nacional e criando um esporte cuja marca é a indistinção, para ser transmitido pela TV ao mundo inteiro (GUTERMAN, 2009, p. 246 – 247).

Essa nova condição do esporte marca a expansão do futebol em diversos países a partir das transmissões dos campeonatos europeus pela televisão gerando mais negócios para os clubes partícipes, seja através da comercialização de produtos com a aplicação de suas marcas, seja nas milionárias negociações de atletas, seja na difusão da técnica, do estilo, da tecnologia disponível aos treinamentos e à recuperação de lesões.

Em 1996, o presidente FHC declarou que a globalização trazia a oportunidade do desenvolvimento, da prosperidade; o novo Renascimento. Globalização era a palavra-chave do discurso político e social. Para o presidente FHC globalizar era reduzir os custos do Estado e abrir as fronteiras econômicas do Brasil às competitivas empresas internacionais, criando condições de desenvolvimento sem investir em pesquisas na construção de novos conhecimentos e tecnologias próprias. Era o mesmo pensamento dos clubes europeus que abandonaram os investimentos na base para atrair talentos “prontos” e mais rentáveis de imediato.

A globalização era o direcionamento do futebol e da sociedade brasileira naquela época. Entre os atletas convocados para representar o Brasil na Copa de 1998, na França, apenas três jogadores atuavam em clubes do Brasil, a saber, o goleiro Cláudio Taffarel (Atlético Mineiro/MG), o zagueiro Júnior Baiano (Flamengo/RJ) e o atacante Bebeto (Vasco/RJ). De qualquer maneira, os vinte e dois atletas convocados por Mário Jorge Lobo Zagallo, tinham experiência no futebol europeu, se lá não estavam jogando naquele momento.

A seleção canarinho ganhou a Copa América disputada na Bolívia, em 1997. Era o primeiro título naquela competição conquistado fora do Brasil. A equipe formada para o Mundial reeditado na França em 1998, continuava sob as mãos de Zagallo, e contava com Zico como auxiliar do técnico. O atacante Romário foi cortado da seleção brasileira uma semana antes da estreia da equipe brasileira nos campos franceses. No primeiro jogo contra a Escócia, o Brasil venceu por dois gols contra um (2 a 1), entretanto, não foi uma partida fácil, um dos gols brasileiros foi ‘um presente’ do escocês *Collins*, que marcou um gol contra.

O segundo jogo foi mais fácil. O placar de três a zero (3 a 0) sobre o escrete do Marrocos garantiu a vaga na próxima etapa da Copa do Mundo da França. A partida contra a Noruega deu o tom da realidade: o Brasil perdeu por dois a um (2 a 1); a desconfiança da torcida sobre o selecionado nacional continuava. A vitória na partida contra o Chile por quatro a um (4 a 1), na segunda fase da competição, apontou para as possibilidades daquela seleção ir mais adiante no Mundial.

Os novos desafios apresentavam as partidas contra a Dinamarca, que anteriormente já recebera o apelido de ‘Dinamáquina’, e que fora vencida pelo placar de três a dois (3 a 2), e contra a Holanda, que após o empate por um gol (1 a 1) nos tempos regulamentar e da prorrogação, a conquista veio pelas mãos do goleiro Taffarel, que defendeu duas penalidades máximas, rememorando a sua atuação na final da Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos. Os jogadores brasileiros conseguiam chegar a mais uma final do Mundial. O maior nome da seleção era Ronaldo, o fenômeno.

O sonho da vitória na final do torneio e de alcançar o pentacampeonato mundial de futebol acabou em 12 de julho de 1998, em Paris/FR. Ao enfrentar a seleção francesa, a equipe brasileira caiu em rendimento e não ‘entrou’ no jogo. Os sonoros gritos dos torcedores franceses a cada um dos três gols marcados foi ganhando mais impacto sobre os atletas brasileiros. Antes do início da disputa, a imprensa fora informada que o atacante Ronaldo (Fenômeno) fora acometido por uma crise nervosa, ainda na concentração; sua falta de condição perturbara e desestabilizara emocionalmente toda a equipe.

Os negócios do presidente da CBF, Ricardo Teixeira, genro do presidente da FIFA, João Havelange, tornaram-se suspeitos depois que a BBC, rede de televisão britânica, acusou-os de “utilizar a *offshore*⁴¹ Sanud Etablissement para receber uma propina de R\$ 15 milhões (US\$ 9,5 milhões). Segundo a televisão britânica, a grana teria pingado na conta da Sanud no

⁴¹ São denominadas de empresas *offshore* ou empresas-ônibus aquelas que são criadas apenas para enviar e trazer dinheiro do exterior. Conta Ribeiro Junior (2012, p. 47) que “geralmente as procurações, em que os donos simulam serem somente representantes de suas próprias *offshores*, são assinadas pelos diretores dos escritórios especializados em abrir e operar esses empreendimentos. As escrituras são lavradas quase sempre em consulados brasileiros nos Estados Unidos ou no Panamá”.

principado de Liechtenstein, [...] por obra de uma empresa de marketing esportivo” em contrapartida dos contratos com a FIFA, relata Ribeiro Junior (2012, p. 47 – 48).

O Congresso Nacional instaurou uma CPI que investigara os contratos da CBF com a Nike, a fábrica de materiais esportivos que patrocinava o atleta Ronaldo, estava sob suspeita de ter obrigado o técnico a escalá-lo para o jogo da final contra a França, ainda que não estivesse em plenas condições de saúde para entrar em campo. A estrela da partida final daquele mundial foi o atleta franco-argelino *Zinedine Zidane*.

No Brasil a situação se agravava. A equipe de repórteres da Rede Record seguiu as denúncias da rede de televisão britânica e encontrou documentos que comprovavam a veracidade do caso na Junta Comercial e em cartórios do Rio de Janeiro e da Suíça. O material mostrava que a *Sanud Etablissement* tinha se associado a Ricardo Teixeira na empresa RJL Participações Ltda, que operava dentro do escritório de João Havelange, no centro do Rio de Janeiro. Também mostraram que o procurador da empresa na sociedade era Guilherme Teixeira, irmão de Ricardo Teixeira. Para os jornalistas ficou evidente que a *Sanud Etablissement* era usada para a lavagem de dinheiro dos negócios escusos da CBF. Quando os jornalistas tiveram acesso à listagem com as datas dos pagamentos da propina, encontraram as coincidências necessárias para ligar os fatos.

A relação demonstra que o primeiro milhão de dólares foi pago à Sanud em agosto de 2002, um mês antes da *offshore* tornar-se sócia da RJL. Imediatamente, a Sanud injeta R\$ 2,8 milhões na empresa de Teixeira. O dinheiro, justificado como aumento de capital integralizado pela Sanud, é investido numa fazenda do presidente da CBF em Pirai, interior do Rio. Um ano depois, a RJL coloca mais R\$ 1 milhão em uma transportadora dos irmãos Ricardo e Guilherme Teixeira no mesmo município. Em 1994, quando a Sanud continuava recebendo dinheiro em Liechtenstein, sua sócia no Brasil continuava apostando nos negócios de Teixeira. Documentação registrada em cartório atesta que, neste período, a RJL colocou mais R\$ 1,8 milhão no restaurante El Turf, aberto por Teixeira no bairro carioca do Jardim Botânico. Outros papéis, levantados pela CPI da Nike, da Câmara Federal, que investigou em 2001 os negócios suspeitos da CBF e de Ricardo Teixeira, provaram que a integralização de capital da Sanud na RJL de fato nunca existiu. No balanço contábil, a RJL justifica R\$ 1,8 milhão como empréstimo concedido pela Sanud. O problema é que o empréstimo nunca foi pago e tampouco cobrado. (RIBEIRO JUNIOR, 2012, p. 48 – 49).

Na opinião de Ribeiro Junior (2012) esquemas montados para a lavagem de dinheiro de propina ocorriam em muitos setores, inclusive no campo político, orquestrados pelos próprios administradores eleitos, em especial quando fazem referência à vendas de empresas públicas brasileiras, como os relacionados à Eletrobrás, Vale, Embraer, CSN, Telebrás, Copesul, Light, Usiminas, Acesita e as ferrovias. A privatização dizimou o patrimônio público nacional, contribuindo para que o país empobrecesse e os donos do capital se tornassem ainda mais ricos. A ordem era, nas palavras de FHC: “vender tudo o que der para vender”, registra Ribeiro Junior (2012, p. 35). O autor ainda refere-se à lavagem de dinheiro

realizada a partir das contribuições como a do empresário e político cearense Jereissatti para as campanhas políticas do PSDB, tanto no âmbito nacional como estaduais, em especial em São Paulo, na eleição de José Serra.

Um mês depois daquela traumática final do Mundial da França para o time e a torcida brasileiros, o presidente FHC discursa em rede de televisão nacional informando a população que a situação econômica do país necessitava de medidas rígidas evitando a saída de capitais do país. Mesmo com ‘más notícias’, o presidente estancou sua queda nas pesquisas eleitorais. Guterman (2009, p. 252) registra que “o eleitorado o achava mais preparado do que Lula para uma situação como aquela. [...] era a opinião de 54% dos eleitores entrevistados pelo Datafolha; [...] apenas 16% entendiam que o petista saberia como tirar o país da crise”. Nas eleições de outubro de 1998 o presidente-candidato FHC venceu no primeiro turno o embate eleitoral pela presidência.

Em dezembro de 1998, quando já haviam sido leiloadas grandes empresas como a Vale [...] havia um desconpasso entre expectativa e realidade. Enquanto o governo FHC afirmava ter arrecadado R\$ 85,2 bilhões no processo, o jornalista econômico Aloysio Biondi publicava no seu *Best-seller O Brasil Privatizado* que o país pagara para vender suas estatais. Este pagamento atingiria R\$ 87,6 bilhões, portanto, R\$ 2,4 bilhões a mais do que recebera. [...] custos de demissões e compromissos com os fundos de pensão, considerados incalculáveis, não integram a coluna das despesas [calculadas por Biondi]. (RIBEIRO JUNIOR, 2012, p. 40).

Na CBF o técnico Zagallo foi substituído por Vanderlei Luxemburgo, que vencera três Campeonatos Brasileiros. Luxemburgo tinha a fama de estruturar equipes goleadoras, característica que agrada e representa o imaginário popular nacional sobre a seleção canarinho. Atuações em negociatas que envolviam comissões sobre contratações de jogadores e sonegação de impostos, somada à derrota na prorrogação para a seleção da República de Camarões na etapa das quartas de final da Olimpíada de 2000, em Sydney, depois da expulsão de dois atletas camaroneses no tempo regulamentar, adiando o sonho da conquista da medalha de ouro pela equipe brasileira de futebol masculino, desacreditaram Luxemburgo.

O desempenho ruim da seleção canarinho na disputa pela vaga para a Copa do Mundo de 2002, na Coreia e Japão, “enfureceu Ricardo Teixeira [...] No lugar de Luxemburgo, em novembro, assumiu o explosivo técnico Emerson Leão, que estava no *Sport Club Recife* e que prometera um ‘futebol bailarino’. [...] Foi demitido em maio de 2001, após uma campanha marcada pelo fraco futebol”, relata Guterman (2009, p. 253). A atuação da seleção brasileira foi prejudicada pela impossibilidade de convocar os principais atletas que atuavam no exterior, pois estavam em período de férias, impedidos de participarem do certame.

Para tentar amenizar a situação do futebol no Brasil, a CBF criou a ‘Taça João Havelange’, unificando as séries A, B e C do esporte no país e recebendo 116 times para disputá-la. Luiz Felipe Scolari, o Felipão, que vinha de boas campanhas no Criciúma/SC, no Grêmio/RS e no Palmeiras/SP, foi chamado pela CBF para assumir a posição de técnico da seleção, em junho de 2001.

O treinador Felipe Scolari excluiu o atacante Romário da seleção brasileira. A imprensa especializada questionava a não convocação do craque. A parca atuação da equipe brasileira na Copa América, na Colômbia, somada às derrotas para as seleções da Argentina e da Bolívia, naquele ano, não agradavam aos brasileiros. Felipão ignorava os apelos da torcida e da imprensa brasileiras pedindo a convocação de Romário, e, como resposta, o técnico endurecia.

No cenário político, após três derrotas ao cargo máximo do executivo, o nordestino Lula ‘amaciava’ e mostrava-se um conciliador, chegou a ser apelidado por alguns veículos de comunicação de “Lulinha, paz e amor”. A aparência mais *light* do ex-líder sindical e o indicativo da possibilidade de alianças para além do espectro político do Partido dos Trabalhadores – PT, ampliou a aceitação do candidato petista na disputa ao cargo.

A seleção canarinho foi ao primeiro Mundial fora do eixo Europa-Américas, em junho de 2002. Pela primeira vez a Copa do Mundo FIFA de Futebol estava estabelecida em dois países; Coreia do Sul e Japão sediaram o evento naquele ano. Sem tradição no futebol, os endinheirados públicos japonês e coreano já eram fanáticos pelo esporte. Descobriram o entretenimento e as emoções que a modalidade promovia.

A estrutura da competição repetia a fórmula de 1998, entretanto, trinta e duas equipes nacionais participaram do evento, disputando sessenta e quatro partidas de futebol, trinta e duas em cada um dos países-sede, contando com vinte cidades sediando o Mundial. “A infraestrutura viária estava preparada para a demanda imposta por um mundial. Trens, rodovias e metrô em perfeitas condições de funcionamento”, relata Denardin (2011, p. 107) que esteve lá a trabalho pela Rádio Gaúcha de Porto Alegre/RS. Todo o evento foi organizado para equilibrar as ‘forças’ e as atenções do mundo sobre Japão e Coreia do Sul. Desta maneira, o jogo de abertura do evento ocorreu na Coreia do Sul e a partida final, no Japão.

Hospedada na cidade de *Ulsan/CS*, a seleção canarinho apresentava um futebol sob o esquema tático ‘3-5-2’, com três atacantes, cinco meio-campistas e dois zagueiros. Era o mesmo esquema tático de Lazaroni, na fracassada Copa de 1990, na Itália. Nem imprensa

nem torcedores estavam confiantes com o modelo do técnico Felipão, que avaliava a conduta dos atletas dentro e fora de campo.

O presidente FHC declarou, na imprensa, que queria ver Romário na seleção. Mesmo sofrendo pressão, Romário, mais uma vez foi descartado pelo técnico. Entre os vinte e três jogadores escalados para compor a ‘Família Scolari’ estavam Beletti e Kaká. Felipão ressaltou que sentimentos como união, amizade e respeito norteavam a equipe. Era a prevalência do “grupo, do futebol total, que se constrói em detalhes da preparação e da motivação, e não somente pelas qualidades do ‘verdadeiro futebol brasileiro’,” que se impõe pela individualidade, pela oportunidade, pela cadência e pelo drible, registra Guterman (2009, p. 256).

A primeira disputa do “Grupo C” trouxe os times de Brasil e Turquia ao gramado. Com um pênalti mal marcado e duas expulsões desmotivadas de atletas turcos, o escrete brasileiro venceu o grupo estrangeiro pelo escore de dois a um (2 a 1). A seleção canarinho não demonstrou equilíbrio, não deu ‘espetáculo’ e se mostrava nervosa. (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010).

Na partida seguinte, contra a equipe da China, o selecionado brasileiro goleou o grupo adversário por quatro a zero (4 a 0), com belas participações de Roberto Carlos, Rivaldo, Ronaldinho e Ronaldinho Gaúcho. Parecia que a letra “R” na inicial do nome dos jogadores era a senha de acesso ao sucesso na seleção canarinho e o ‘pé-de-coelho’ do time.

Já classificados para a etapa seguinte, os atletas brasileiros entraram em campo confiantes e marcaram cinco (5) gols contra a Costa Rica, que vazou a zaga tupiniquim por duas vezes, marcando seus gols. As estatísticas apontavam o desempenho do selecionado nacional como o melhor da competição: três partidas, três vitórias, onze gols marcados e apenas três sofridos na primeira fase daquele Mundial.

Ocupando a posição de líder do “Grupo C”, a equipe brasileira deixa a Coreia do Sul e viaja ao Japão, para enfrentar a Bélgica nas oitavas de final. Mesmo não apresentando o melhor jogo, a equipe nacional venceu o grupo belga por dois gols, sem sofrer pontuação (2 a 0). Na fase seguinte o adversário era a “dura equipe inglesa”. O time brasileiro não havia enfrentado equipes com tradição no futebol até aquele momento. A imprensa e os torcedores não estavam certos da vitória a julgar pelo jogo apresentado pela equipe brasileira até então. Para a imprensa nacional era a “a final antecipada do Mundial”, contam Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 129).

O escrete inglês aproveita um erro da zaga brasileira e *Owen* abre o placar aos vinte e três minutos, ainda no primeiro tempo. A seleção da Inglaterra pouco atacava, mas mantinha a defesa muito alerta. O empate chegou com o gol de Rivaldo, no final da primeira etapa. Aos cinco minutos da etapa final, Ronaldinho Gaúcho marcou, ao cobrar uma falta na intermediária; seis minutos depois foi expulso; a equipe brasileira conseguiu segurar o jogo e manteve o placar vencendo a da Inglaterra (2 a 1). O grupo brasileiro estava classificado para a semifinal contra a equipe da Turquia, “sedenta de vingança”, afirmam Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 129).

Ronaldinho Gaúcho suspenso e Ronaldo Fenômeno com dores na perna esquerda deixavam a imprensa e os torcedores brasileiros apreensivos com os rumos da equipe. As alterações no jogo mudaram os rumos dos acontecimentos. O selecionado do Brasil venceu a equipe da Turquia (1 a 0) e assegurou sua vaga na final contra a seleção da Alemanha. Os grupos de Brasil e Alemanha chegaram desacreditados naquele Mundial. As equipes favoritas eram Argentina, França, Portugal, Espanha e Inglaterra.

Naquele 30 de junho a equipe brasileira entrou em campo buscando a conquista do pentacampeonato. Do outro lado do campo estava a equipe da Alemanha, que desejava conquistar o título de tetracampeã mundial, igualando o número de conquistas do campeonato Mundial de Futebol às quatro conquistas brasileiras. Estava selada a disputa da final da Copa do Mundo Fifa de Futebol em 2002. O atacante Ronaldo, que mesmo com dores, jogou a final, foi o elemento que desequilibrou a disputa.

Denardin (2011) relata entusiasmado que a atuação da seleção canarinho na Copa da Coreia do Sul e do Japão em 2002 se construiu de sete vitórias em sete jogos, uma participação única do escrete nacional nos campeonatos Mundiais.

Guterman (2009) por sua vez, aponta que a cena mais impactante nos festejos dos jogadores com a vitória sobre os alemães foi a manifestação do capitão da equipe brasileira, o lateral Cafu, que escreveu na camiseta que usava por baixo da amarela do uniforme da seleção: “100% Jardim Irene”, homenageando o bairro periférico paulistano onde o craque nasceu e cresceu, demonstrando que conhecia todos os passos e os sacrifícios feitos para chegar ali, na conquista, mesmo com o sucesso de sua carreira e com os contratos bilionários já assinados por ele, valorizando sua origem e o passado de sua família.

O autor acrescenta, ainda, que aquele gesto de Cafu foi “a lembrança da dolorosa dívida social produzida por décadas de planos econômicos e de desmandos administrativos que negligenciaram a enorme maioria dos brasileiros” (GUTERMAN, 2009, p. 260).

A conquista do quinto título do Campeonato Mundial de Futebol por uma equipe brasileira etnicamente plural e oriunda de diferentes regiões do país (demograficamente variada) alimentava a candidatura de Lula à presidência: um nordestino, torneiro mecânico que soube perceber as circunstâncias e crescer num país desigual e sem oportunidades para todos.

A capacidade brasileira vencida o famoso e tão divulgado ‘complexo de vira-latas’; representava a esperança da população em ingressar em um novo ciclo, mais equilibrado e mais equitativo, promovendo outras condições de ascensão social para o povo brasileiro que fosse muito além do acesso social a partir do futebol para os homens, principalmente, mas não exclusivamente, pois haveremos de nos lembrar da jogadora de futebol Marta, a brasileira eleita pela FIFA cinco vezes⁴² como a melhor do mundo.

A campanha eleitoral de 2002, no Brasil, começa após a Copa do Mundo daquele ano e, a vitória brasileira contribui para a crença da população do Brasil em si mesma. A memória do passado do candidato do PT, Lula, cresce exatamente quando o país discutia os modelos de desenvolvimento. Lula é associado ao lateral Cafu, e ao seu gesto, honroso de sua história particular e, ao mesmo tempo, dividindo e compartilhando com e pela maioria da população nacional. (GUTERMAN, 2009).

O Partido dos Trabalhadores consegue, depois de três derrotas importantes, eleger o presidente do país. Luís Inácio Lula da Silva toma posse em 1º de janeiro de 2003 como presidente eleito pelo voto popular no Brasil, apontando para a chegada de um “novo tempo”.

A seleção brasileira é a única equipe a participar de todas as disputas pela Copa do Mundo de Futebol e chega à Alemanha unificada como a grande favorita ao título, afinal, era a vencedora do último mundial e pentacampeã do mundo; e, por isso, não precisara disputar uma vaga, assim como a própria anfitriã do evento, a seleção alemã.

Na imprensa internacional o selecionado canarinho aparecia com absoluta preferência para a conquista do sexto título, sobre as demais trinta e uma seleções. A retrospectiva do esporte nacional apresentava as conquistas da Copa América, da Copa das Confederações, a primeira colocação nas eliminatórias sul-americanas e os dois títulos de melhor jogador do mundo editado pela própria FIFA conquistado por Ronaldinho Gaúcho, um craque brasileiro com excelente desempenho em clubes da Europa.

A concentração da equipe brasileira “parecia um *reality show* sobre o futebol. Todos os dias os treinamentos do Brasil eram transmitidos ao vivo, os atletas se transformaram em

⁴² A atleta brasileira Marta foi eleita a melhor jogadora de futebol do mundo pela FIFA nos anos de 2006 a 2010. Em 2012, ainda em atividade, disputou as Olimpíadas pela equipe brasileira de futebol, em Londres. (N. da A.).

atores. O que era para ser uma otimização de forças em prol do Brasil foi apenas um programa de esportes”, contam Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 133-134). Carlos Alberto Parreira, o técnico do grupo, aceitava que o selecionado brasileiro fosse incluído entre as principais equipes presentes naquele Mundial, não como favorita, como era mostrada na grande imprensa.

No Brasil, a torcida acreditava na conquista do hexacampeonato, mas essa crença se repete a cada edição do mundial após a conquista do tetra, nos Estados Unidos, em 1994. Depois de distanciar-se das demais seleções ao conquistar cinco dos dezoito títulos, o escrete brasileiro passou a ser visto com supremacia no esporte, por seus nacionais e pela imprensa internacional.

Estava fácil acreditar na conquista do hexacampeonato pela seleção canarinho, para os brasileiros. O Brasil se tornara um país democrático, havia criado programas sociais de inclusão e o número de famílias abaixo da linha da pobreza estava diminuindo. Superadas as desconfianças sobre um governante popular, sem formação universitária e oriundo das classes menos abastadas, o país estava acreditando em si e nas suas possibilidades. Parecia que o complexo de ‘vira-latas’ tão inspirador de Nelson Rodrigues havia sido superado definitivamente.

O Campeonato de 2006 era disputado em terras alemãs e o escrete alemão também desejava superar as outras trinta e uma (31) seleções de futebol que disputavam o Mundial. A equipe da Alemanha, tricampeã de futebol, classificara-se em segundo lugar na Copa do Mundo de 2002 e não estava disposta a perder outra conquista, em especial sendo a anfitriã do evento e contando com a participação da torcida local. O argumento principal da Alemanha para realizar a Copa do Mundo FIFA de Futebol, além de ser a terceira economia do mundo, estava calcado na vontade em sediar o primeiro grande evento esportivo a acontecer no país unificado. Era importante mostrar ao mundo a Alemanha livre e unida.

Os olhos da imprensa internacional foram conduzidos às concentrações dos grupos da Alemanha e do Brasil, não dando a importância devida às equipes italiana e francesa. O grupo brasileiro ganhou a primeira partida sobre a seleção da Croácia, pelo placar mínimo (1 a 0), mesmo contando com o ‘quadrado mágico’: Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo [fenômeno] e Adriano [imperador].

Contra os australianos, o escrete do Brasil venceu por dois a zero (2 a 0), mas o jogo não convencera nem a imprensa, nem a torcida. Somente no terceiro jogo da primeira fase da Copa do Mundo de 2006, contra os japoneses, comandados por Zico, a seleção canarinho

apresentou um futebol que gerou boas expectativas na torcida, vencendo com o escore de quatro a um (4 a 1).

Na etapa seguinte, o selecionado do Brasil venceu a equipe de Gana com um placar de três a zero (3 a 0). A próxima adversária era a equipe francesa, em *Frankfurt*. Com a autoestima em alta, a torcida brasileira apostava numa ‘partida-revanche’ da final do Mundial de 1998. Mas o jogador franco-argelino *Zinedine Zidane* assinou a decapitação do time brasileiro mais uma vez. “[...] O francês fez de tudo, driblou marcou deu passe para o Gol de Henry, enfim mostrou muita disposição, muito mais do que os jovens Ronaldinho Gaúcho e Kaká e dos veteranos Ronaldo [fenômeno], Roberto Carlos e Cafu.”, contam Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 135). O selecionado brasileiro foi eliminado da competição e os franceses comemoraram mais uma vez a vitória sobre a equipe tupiniquim.

A seleção brasileira deixou a competição ocupando o quinto lugar na classificação geral, mas o Mundial continuou. A equipe da França ganhou do time de Portugal, sob o comando de Luiz Felipe Scolari, na semifinal. Depois disputou a final com a seleção italiana, que desclassificou os donos da casa, o time alemão, na etapa complementar (prorrogação), do outro jogo das semifinais.

A disputa do título mundial de futebol pelas duas equipes europeias não foi decidida nos dois tempos regulamentares da partida nem no período da prorrogação. Pela segunda vez na história dos Campeonatos Mundiais de Futebol a decisão do título foi definida nos pênaltis. E, apenas o atleta francês *Trezeguet* desperdiçou a oportunidade, fazendo da seleção da Itália a tetracampeã de futebol. (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010).

Depois da derrota da seleção canarinho na Copa do Mundo FIFA de Futebol na Alemanha, o Brasil iniciou a campanha eleitoral para presidente e outros cargos do legislativo em 2006. A grande popularidade do presidente Lula foi confirmada nas urnas em outubro daquele ano e o segundo mandato presidencial teve início em 1º de janeiro de 2007.

Mudanças sociais continuaram a ser implementadas pelo governo Lula; escândalos políticos e denúncias de corrupção também foram divulgados na imprensa, entre eles, o caso de maior visibilidade, a partir das denúncias do deputado federal Roberto Jeferson (PTB) sobre o ‘mensalão’, através do qual o governo ‘comprava’ os votos de deputados e senadores de oposição a fim de garantir a governabilidade, em razão dele não ter maioria no Congresso Nacional, necessitando de votos de outros partidos para aprovar seus projetos.

A Copa do Mundo FIFA de Futebol de 2010 foi sediada pela primeira vez no território da África. A África do Sul havia disputado com a Alemanha a possibilidade de sediar a Copa

do Mundo de 2006; sediar o evento parece um ótimo palco para mostrar ao “mundo” a nova cara dos países. Promover e organizar um evento esportivo de destaque midiático internacional constrói uma nova percepção sobre o país-sede. Daí o interesse em promover os jogos. Sem contar na possibilidade de criar investimentos e de gerenciá-los. Em geral, obras sempre movimentam grandes quantias financeiras.

Voser, Guimarães e Ribeiro (2010) afirmam que esta condição influenciou a decisão da FIFA na escolha do país africano para a Copa de 2010. A seleção anfitriã tem a vaga garantida no Mundial, porém, todas as seleções do continente africano são vistas como ‘zebras’ nos jogos da Copa, ainda que apresentem algum futebol de qualidade. As equipes favoritas da imprensa internacional para conquistar o título eram as europeias da Alemanha, da França, da Inglaterra e da Itália, e as seleções sul-americanas da Argentina e do Brasil.

Na definição dos times cabeça de chave pela FIFA para a Copa do Mundo de Futebol de 2010, o critério utilizado não foi a classificação do Campeonato Mundial anterior, na Alemanha, em 2006, que até então vigorara. Foram eleitos os selecionados da África do Sul, a anfitriã do evento, da Alemanha, da Argentina, do Brasil, da Espanha, da Holanda, da Inglaterra e da Itália, justificados pela posição das equipes no *ranking* das seleções do mês de outubro de 2007, considerando que seria “mais atual e mais justo com os grupos” pois a composição dos selecionados nacionais não é mais a mesma da última Copa do Mundo, há quatro anos, fazendo menção ao grupo da Espanha, que ganhou todos os jogos disputados nas eliminatórias. Para o segundo secretário-geral da FIFA, *Jérôme Valcke*, o novo critério para a escolha das equipes cabeça de chave “é um respeito desportivo”, registram Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 140).

Os jogos da Copa de 2010, na África do Sul, contaram com a presença de Nelson Mandela, o pai da nação, que venceu o *apartheid* e deu novas direções ao país. Mandela assumiu a presidência do país em 1994 após várias décadas de prisão política e pregava a união da nação, renunciando ao desejo de vingança de parte da população negra local.

Em 2010 a África do Sul apresentava um momento de paz social, sem o domínio oficial e legal da elite branca sobre a população negra. Problemas de violência urbana e de saúde, os altos índices de contaminação pela AIDS, são constantes na África do Sul. Entretanto, Denardin (2011, p. 124) relata que muitos “brancos da África do Sul ainda não se acostumaram com os novos tempos. [...] [é] um país que ainda sofre com o racismo e com os conflitos domésticos” como bater, destratar e xingar não tornaram-se momentos raros entre os sul-africanos.

O fracasso na Copa da Alemanha, em 2006, fez a CBF mudar a seleção brasileira: treinador, comissão técnica e as atitudes dos membros da equipe. O presidente da CBF Ricardo Teixeira, convocou o ex-jogador e capitão do selecionado canarinho campeão em 1994, Dunga, para treinar a equipe do Brasil que embarcaria para a África. Dunga desfrutava da imagem de trabalhador e desportista sério, o que seria necessário para implantar respeito e ordem no grupo.

As atitudes de Dunga nos treinos foram competentes, entretanto, “as relações com os outros setores que envolvem o futebol, em especial com a imprensa, foram estridentes, acusa Denardin (2011, p. 119). E assim, o técnico da seleção angariou desafetos ao longo da sua trajetória como comandante da principal equipe de futebol do Brasil. Na fase de grupos, a seleção brasileira jogou contra as seleções da Coreia do Norte, pelo escore de dois gols a um (2 a 1), na terça-feira, 15 de junho; no domingo seguinte, 20 de junho, atuou contra a Costa do Marfim, com o placar de três a um (3 a 1) , e na sexta-feira, 25 de junho a equipe brasileira jogou com Portugal, treinado pelo técnico “Felipão”, empatando por zero a zero (0 a 0). A seleção canarinho se classificou em primeiro lugar em sua chave na fase de grupos.

Na etapa das oitavas de final o escrete brasileiro enfrentou a equipe do Chile e venceu por três gols (3 x 0), classificando-se e permanecendo na competição. Na partida disputada em *Port Elizabeth*, nas quartas de final, o time brasileiro enfrentou a equipe da Holanda e perdeu a partida por dois gols contra um; os dois gols holandeses foram marcados por *Sneijder*. O gol brasileiro resultou da jogada finalizada por Robinho.

O futebol do time espanhol, com excelente retrospectiva nos campeonatos da Espanha, da Europa e em outras disputas Internacionais, foi para a final contra a seleção da Holanda. E venceu por um gol, conquistando o título Mundial, pela primeira vez. (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010). No Brasil, a decepção com a equipe brasileira de futebol na campanha na Copa do Mundo FIFA de 2010, que havia conquistado a Copa das Confederações de 2009, na África do Sul, foi grande, entretanto, outros esportes foram ganhando a simpatia e a adesão dos torcedores brasileiros. As vitórias das equipes do voleibol, do futebol de areia, do futebol de salão, e das equipes de ginástica e das modalidades do atletismo vêm colaborando para que a torcida nacional não reedite o complexo de ‘vira-latas’ e coloque as responsabilidades dos fracassos nas opções efetuadas pelos times e não mais na origem da população, como ocorrido em certames anteriores.

A grande imprensa brasileira divulgou e acompanhou todos os desenlaces do caso “mensalão” no âmbito do judiciário. Deputados, tesoureiro e presidente nacional de partido

político, publicitários e outros envolvidos foram punidos e presos, na sua grande maioria. Mesmo assim, o presidente Lula, que havia apoiado a inscrição do Brasil como candidato a país-sede da Copa do Mundo FIFA de Futebol de 2014, além de ganhar a disputa no comitê da FIFA, elegeu sua sucessora, a ministra das Minas e Energia de seu governo, Dilma Rousseff, nas eleições de outubro de 2010. A COPA DO MUNDO FIFA de Futebol volta ao Brasil.

Chegou o ano de 2013, com parte das obras nos estádios prontas para a disputa da Copa das Confederações, no território nacional. Na mesma época, uma manifestação popular tomou conta das cidades do país. Milhares de pessoas foram às ruas mostrar seu descontentamento aos governantes, que atendiam às exigências da FIFA para a realização do Mundial de Futebol no Brasil em 2014 e não proporcionavam o decantado “padrão FIFA” aos serviços destinados à população brasileira cotidianamente. O descontentamento da população nacional com as condições sociais, de saúde, de transporte, de ensino, de habitação e em tantos outros setores do país ficou evidente. Junho de 2013 entrou para a história do Brasil e o chamamento “vem pra rua”, gritado pelos populares ecoou nos ouvidos de todos em transmissões ao vivo, através da mídia e/ou pelas redes sociais.

A Copa das Confederações aconteceu sem grandes transtornos; policiais foram destinados a fazer o isolamento das áreas próximas aos estádios seguindo as regras impostas que previam os quilômetros de ruas e avenidas sem circulação de automóveis nas imediações dos estádios, de acordo com as exigências da FIFA.

Aquela experiência testava as condições das cidades brasileiras em sediar os jogos na COPA DO MUNDO FIFA de Futebol de 2014. A seleção canarinho disputou a final da Copa das Confederações de 2013 contra a ‘espetacular fúria’, a equipe espanhola. E o “inacreditável” aconteceu: o selecionado brasileiro goleou; marcou três gols e não sofreu nenhum (3 a 0). O time da Espanha, que não apresentou o seu futebol corriqueiro na partida final daquele torneio, contrariando a expectativa da imprensa, da torcida e, talvez, até da própria equipe. Mas o futebol é o espaço do “imponderável”, ensina Denardin (2011).

O governo da presidente Dilma festejou a vitória e aquele domingo à tarde entrou para a história do futebol nacional. A conquista da Copa das Confederações em 2013 foi importante para que a torcida acreditasse na seleção brasileira e na conquista do hexacampeonato no ano seguinte, ainda que muitos manifestantes “gritassem” nas ruas brasileiras “não vai ter Copa!”.

Na edição da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol de 2014, a equipe brasileira contava com jogadores experientes como o goleiro Júlio César, Hulk e o capitão Thiago Silva. E nomes representantes da nova geração como Oscar e David Luiz, além da grande estrela do time, o jovem Neymar Júnior, todos atuando no exterior. Nos jogos da primeira fase a seleção do Brasil enfrentou os selecionados da Croácia, com o resultado de três a um (3 X 1), em 12 de junho, empatando com o time do México, sem gols (0 X 0) e da República de Camarões, sob o escore de quatro a um (4 X 1), concluindo a primeira etapa do mundial ocupando o primeiro lugar na sua chave.

Na segunda etapa, a equipe brasileira disputou a partida contra a seleção do Chile, empatando em um gol marcado, mostrando um placar de um a um (1 X 1). A seleção da Colômbia foi o adversário seguinte e a equipe brasileira venceu mais uma fase do campeonato marcando dois gols, dos zagueiros brasileiros Thiago Silva e de David Luiz, contra um, finalizado por James Rodriguez.

Na etapa das quartas de final o escrete nacional enfrentou a equipe da Alemanha⁴³ e, talvez essa disputa retire e absolva a péssima lembrança do *Maracanazzo* em 1950 da memória nacional, substituindo-a. O placar do primeiro tempo já indicava a dificuldade enfrentada: os alemães foram para o intervalo da partida após marcar cinco gols, sem tomar nenhum. No retorno ao campo para a etapa final, a equipe adversária marcou mais dois gols sobre o time brasileiro. Oscar concluiu uma jogada e estufou as redes bem guardadas de *Neuer*, o goleiro alemão, marcando um “gol de honra”, fazendo o escore final contabilizar os sete gols da Alemanha contra apenas um, do Brasil (7 a 1). Aquela partida encerra a participação da equipe nacional na Copa do Mundo FIFA de Futebol de 2014, no território brasileiro, adiando a conquista de um título do Mundial no país por tempo indeterminado; um adeus definitivo à conquista do hexa(campeonato) em seu território. Um pesadelo muito maior do que o “*Maracanazzo*” de 1950. O denominado “apagão” da equipe canarinho tornou impossível a reversão do placar ainda no primeiro tempo. O comando de Felipão, o técnico durão da conquista do pentacampeonato em 2002, afirmara antes e durante o torneio que era uma “obrigação” do Brasil ganhar a Copa em Casa e ‘desfazer’ o “trauma do *Maracanazzo*”, que virou ‘poeira’ no certame, com o choque da goleada alemã.

⁴³ Vale registrar que a equipe alemã na Copa do Mundo FIFA de Futebol de 2014 trazia atletas não-ocidentais: os muçulmanos Sami Khedira (descendente de tunisianos), Mesut Özil (filho de turcos) e Mustafi (filho de albaneses, nascido na Macedônia). A participação do atacante Miroslav Klose, e de Lukas Podolski, de origem polonesa, e da presença de Boeteng (filho de pai ganês) acresce elementos não-nacionais às novas características diferenciadoras ao jogo técnico alemão. Esta situação, talvez possa ser estudada por algum pesquisador, mais tarde, visto que a miscigenação é um elemento recente na sociedade alemã, resultante do período pós-queda do muro de Berlim, em 1989, e que, inclusive, tem sido alvo, de maneira mais ampla, de humoristas locais. Também cabe o registro do trabalho de base no futebol alemão nos últimos doze anos, apontando para os investimentos e a preparação física e do jogo de grupo dos atletas. Muitos atletas da equipe atuam no mesmo time alemão, Bayern de Munique, o que torna o entrosamento e a criação de jogadas mais fácil. (N. da A.).

A equipe brasileira de futebol enfrentou a Holanda na disputa pelo terceiro lugar e a equipe holandesa marcou três gols, sem sofrer qualquer um (3 a 0), conquistando a terceira colocação geral. O grupo do Brasil, por consequência, ocupou a quarta colocação na classificação final.

Uma cobrança sobre a equipe técnica e sobre o grupo de jogadores tomou conta das páginas e dos programas de esporte dos veículos de comunicação no Brasil. O técnico Felipão se demitiu da seleção brasileira e sua equipe técnica também colocou os cargos à disposição da direção da Confederação Brasileira de Futebol - CBF.

Não é possível afirmar que a “guerra” eleitoral estabelecida em 2014, depois da derrota da Copa do Mundo FIFA de Futebol no Brasil está vinculada com a derrota da seleção canarinho. Entretanto, o cenário político emergiu efervescente, após o evento e as críticas efetuadas sobre a administração e o gerenciamento de verbas e das obras direta e indiretamente envolvidas com o campeonato internacional. Nos primeiros meses de 2015 o Instituto Datafolha publicou resultado de pesquisa de opinião pública apontando o decréscimo da aprovação do governo da presidente Dilma de 43%, em dezembro de 2014, para 21%, em fevereiro de 2015.

3 O ROTEIRO EUROCÊNTRICO DA FIFA

3.1 ORIGEM DA FIFA

O futebol moderno já estava disseminado em alguns países da Europa e das Américas e as federações nacionais já existiam ou, ao menos, os países contavam com entidades locais que organizavam campeonatos e fiscalizavam o respeito às regras do esporte em equipe. Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 31) contam que, no entanto, “não existia uma organização internacional capaz de regular as relações entre um país e outro no campo futebolístico”. E, foi ao perceber essa ‘falha’ que o holandês *Carl Anton Wilhelm Hirschmann* se preocupou em redigir um estatuto que, depois de aprovado e assinado pelas entidades de futebol nacionais, regeria as relações do futebol internacional.

O objetivo de *Hirschmann*, em 8 de maio de 1902, “era fortalecer as entidades nacionais e promover, com a união delas, respeito às suas decisões”, informam Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 31), pode-se compreender que sua meta era política: criar um organismo internacional que regulasse o esporte, acima das federações nacionais, impondo um modelo de prática esportiva e suas regras. A *Football Association*, entidade inglesa se empolgou com a ideia e aprovou o texto em sua reunião plenária e em 21 de maio de 1904, foi dado andamento ao projeto de criação da entidade internacional que congregaria todos os países praticantes de futebol.

Entre os países fundadores da *Federation International Football Association - FIFA*, em 1904, estão a Bélgica, a Dinamarca, a Espanha, a França, a Suécia e a Suíça. No ano seguinte, após o Congresso de Paris, em 1905, ingressam a Alemanha, a Áustria, a Hungria e a Inglaterra, aderindo à entidade esportiva. Outras filiações à FIFA ocorreram: em 1910, a África do Sul; em 1912, a Argentina e o Chile; em 1913, Os Estados Unidos da América. O holandês *Hirschmann* continuou redigindo os regulamentos da Associação e desejava a criação de um Campeonato Mundial de Futebol, mas nada foi encaminhado de maneira prática naquele momento.

Em 1914, outro congresso da FIFA se realizara na sede da União Francesa de Esportes Atlético – UFEA, e a presença do francês *Jules Rimet* foi relevante para os rumos futuros da organização. Naquele evento, *Hirschmann* voltara a insistir na criação da Copa do Mundo e o representante suíço Victor Schneider ressaltava a proposta, dizendo que a FIFA só poderia implementar um Campeonato Mundial se “ele fosse disputado dentro dos seus regulamentos,

permitindo-se apenas a participação de países que não haviam adotado o profissionalismo” no esporte, contam Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 32). Ainda com pensamento excludente, os membros da FIFA não conseguiram implantar quaisquer ações práticas para estabelecer o campeonato internacional desejado.

Como vimos anteriormente, a Europa sofrera com a I Guerra Mundial e o velho continente não comportava a disputa de um campeonato esportivo. Em 1920, depois de encerradas as batalhas entre os exércitos europeus, a FIFA se reúne mais uma vez, em Amsterdã, elegendo a nova diretoria com o francês *Jules Rimet* na presidência, *Louis Oestrup*, na vice-presidência e com o holandês *Carl Anton Wilhelm Hirschmann*, como secretário honorário. Naquele ano eram vinte (20) as nações filiadas à FIFA. *Jules Rimet* se tornou uma figura importante no cenário dos esportes e, durante os Jogos Olímpicos de Paris, em 1924, pediu ao secretário da *Federation Française de Football (FFF)*, *Henri Delaunay*, que verificasse junto aos dirigentes de outras entidades europeias a possibilidade de participarem de uma competição continental, a se realizar na Europa, promovendo as equipes das nações europeias.

Em 1926 representantes da Áustria, da Hungria, da Itália e da Tchecoslováquia se reuniram em Paris para discutir a criação de uma competição entre países europeus. *Jules Rimet* propôs que o certame fosse disputado por países de todas as partes do Mundo, argumentando que a disputa futebolística poderia contribuir para a paz entre as nações de modo “verdadeiro e duradouro”. Uma comissão com cinco membros foi eleita para estudar a organização da Copa. (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010). No ano seguinte (1927), a comissão de estudo e organização da competição eleita pela FIFA apresentou os primeiros resultados ao presidente *Jules Rimet*. A proposta também previa a periodicidade do evento, a ser realizado de quatro em quatro anos, intercalado com a realização dos Jogos Olímpicos. Ainda em 1927, o presidente *Rimet* apresentou as considerações da comissão ao Congresso da FIFA em Helsinque, durante a realização das Olimpíadas daquele ano. Mais uma vez, os congressistas não definiram a realização da competição.

O presidente *Rimet*, com o apoio de *Delaunay*, responsabilizou-se por trabalhar a construção do evento esportivo junto às federações europeias de futebol. O projeto foi aprovado pelos presidentes das Federações Nacionais da Europa e *Jules Rimet* conseguiu, em 26 de maio de 1928, agendar o I Campeonato Mundial de Futebol para o ano de 1930.

O presidente da FIFA, no entanto, percebeu que todos os países filiados à Federação Internacional (FIFA) queriam sediar o evento, ou, ao menos, uma partida do certame. Ainda no Congresso da FIFA, em Amsterdã, durante a realização dos Jogos Olímpicos de 1928, foi anunciada oficialmente a competição entre as seleções, com inscrições abertas a todas as nações filiadas à FIFA, e a ser realizada no território de um único país, uma decisão do presidente *Rimet*. Para resolver o impasse, *Jules Rimet* lançou a ideia de realizar o I Campeonato Mundial de Futebol no Uruguai, em 1930, evitando as disputas pela condição de país-sede pelos países europeus, sem provocar descontentamentos nem preferências, alegando que a seleção uruguaia era a bicampeã olímpica de futebol (1924 e 1928), apresentava o

mais belo futebol do planeta e, em 1930, iriam celebrar o Centenário da Independência daquele país. No Congresso de Barcelona, em maio de 1929, cinco países europeus retiraram as candidaturas para receber a Copa, e o Uruguai foi proclamado a sede da primeira Copa do Mundo (VOSER, GUIMARÃES E RIBEIRO, 2010, p. 34).

A FIFA encomendou ao artista francês *Abel Lefletur* a escultura que representaria a Vitória do Campeonato Mundial de Futebol, uma taça a ser entregue à equipe campeã. *Lefletur* cria uma figura alada, feita em prata e folheada a ouro, com 25 centímetros de altura e pesando três quilos e oitocentos gramas. No ano de 1946 ela seria batizada como “Taça Jules Rimet”, em homenagem ao presidente criador da competição mundial de futebol (CORRÊA, 2002).

O francês *Jules Rimet* foi o terceiro presidente da FIFA e quem conduziu a entidade por mais tempo, trinta e três anos. Quando deixara o cargo, a associação contava com oitenta e cinco nações filiadas. Nas palavras de Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 34), “para quem assumiu com 20 [países filiados], foi um sucesso notável. [...] será sempre lembrado pela criação da Copa do Mundo e pela rara capacidade conciliatória demonstrada no mundo de futebol”.

Ao analisar as escolhas efetuadas pelo comitê organizador da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol, ao longo dos seus mais de 80 anos, percebe-se que as eleições dos países-sede vêm contemplando a Europa com a indicação de metade dos países-sede para a realização do maior evento de modalidade esportiva única, o futebol, em especial, a França (1938 e 1998), a Itália (1934 e 1990) e a Alemanha (1974 e 2006), onde o Campeonato Mundial já ocorreu por duas vezes em cada um daqueles países, durante o século XX e na primeira década do século XXI, concentrando em 12% das escolhas da Organização.

Também estão inscritos no circuito europeu os territórios da Suíça (1954), da Suécia (1958), da Inglaterra (1966) e da Espanha (1982), nos quais, por uma edição, a COPA DO MUNDO FIFA de Futebol já foi realizada. Evidentemente, a nomenclatura Copa do MUNDO não corresponde a um evento efetivamente mundial, não contempla a totalidade dos países do globo terrestre, não apenas porque só alguns países foram escolhidos como sede como também não há a participação de todos os países do mundo em cada edição do evento esportivo em análise.

3.1.1 Memória da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol

Apresentar os países-sede e analisar o trajeto traçado pela FIFA que escolhe, de quatro em quatro anos, um país participante do evento para receber as seleções de diversas nações e apresentar ao mundo o seu campeonato é buscar nos registros e na memória algumas situações que envolvem o futebol no Brasil e no mundo.

Todos os países integrantes da FIFA foram convidados a participar do evento esportivo realizado no Uruguai (em 1930), eram eles: Argentina, Bélgica, Brasil, Chile, Estados Unidos da América, França, Iugoslávia, México, Paraguai, Peru, Romênia e Uruguai. Com a economia em fase de reestruturação em razão do período do entreguerras, as equipes europeias argumentaram que não conseguiriam custear a viagem transatlântica para tantos atletas e equipe técnica. Das seleções originárias da Europa, somente os grupos da Bélgica, da França, da Iugoslávia e da Romênia aceitaram participar, desde que os custos da viagem fossem arcados pela própria FIFA. Como a Federação Internacional de Futebol desejava difundir e profissionalizar o esporte em equipe (futebol) no mundo, as delegações europeias viajaram às custas da Organização. Da América Latina, com menores deslocamentos para as delegações, chegaram os times da Argentina, da Bolívia, do Brasil, do Chile, do México, do Paraguai e do Peru, além da seleção anfitriã, o Uruguai. Da América do Norte veio a equipe dos Estados Unidos da América.

Importante destacar que percebemos o comportamento eurocêntrico como o norteador da conduta das escolhas dos locais para o evento COPA DO MUNDO FIFA de Futebol pela Associação, bem como, a definição dos selecionados esportivos nacionais participantes. Mesmo quando a escolha da sede do evento se dá por sorteio e elege um país latino americano, por exemplo, há mais do mesmo e ocorre pela forte presença do futebol naquela

nação, quesito fundador do próprio evento esportivo em análise, e resultando em lucro para o negócio COPA DO MUNDO FIFA de Futebol e seus bilionários contratos de transmissão dos jogos pela mídia, em especial, pela televisão, que gera as imagens da competição para mais de 100 países.

A ocidentalização do futebol e sua disseminação, a partir das práticas europeias acompanham a expansão do neocolonialismo, criando mais uma oportunidade de penetrar e fixar os hábitos culturais eurocêntricos em outros países, vinculando práticas esportivas e culturais a modelos europeus. O futebol, e parece que outras modalidades esportivas, estabelece vínculos referenciais ao modelo europeu; sua disseminação ajuda na construção e na implantação de regras eurocêntricas nos demais continentes, em especial na América Latina colonizada por nações europeias desde o século XV.

Vê-se na exportação do modelo *standart* do esporte inglês popular uma prática de jogo em equipe, com regras fixas e modos de conduta que servem como um padrão de comportamento a ser seguido e que administra, de maneira mais ou menos intensa, um modelo de controle social, de respeito às leis, de participação em grupos, de dedicação à equipe, à nação. Conceitos fundamentais ao contexto do fortalecimento das identidades sociológicas, de acordo com Hall (1998?). A defesa da “camisa” da sua seleção nacional ou das equipes nos campos de futebol constrói a defesa da própria “nação” esportiva e, por analogia, do país, de suas cores, de sua história, de suas lendas, de sua origem. Além de servir ao país colonizador como uma matriz cultural, facilitando as negociações de quaisquer setores dentro das regras estabelecidas pelo colonizador.

O roteiro das disputas internacionais reguladas e organizadas pela FIFA teve início com o Campeonato Mundial de Futebol e desfoca o olhar eurocêntrico direto sobre os territórios europeus, arrasados pela crise do pós-guerra (1914-1918), e norte-americano, com a crise econômica de 1929, em Nova Iorque, com a quebra da bolsa de valores, voltando-se para a América do Sul, um amplo mercado a explorar, e pouco industrializado, naquele momento, onde quaisquer negócios poderiam “vingar”.

Historicamente, o Uruguai foi colonizado por espanhóis; criando uma elite “crioula” predominantemente de descendência europeia, no território colonial, portanto, um grupo populacional dominador que mantém as tradições e se espelha na conduta político-

administrativa dos modelos aceitos e concebidos pela metrópole, a Espanha Colonizadora dos séculos XV a XVI.

Além disso, o futebol, à época da primeira edição do referido evento esportivo internacional, apresentava grande aceitação e incremento naquele país, que tem seu território, como vimos, longe dos rescaldos do pós-guerra (I Guerra Mundial) e da crise econômica mais impactante no planeta até o momento (craque da bolsa de Nova Iorque).

Deste modo, percebe-se que, assim como na divisão do Globo em Ocidente e Oriente, os caminhos da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol também são definidos pela política e pelas relações de poder. O roteiro realizado até 2014 pela comissão organizadora da FIFA conta com a participação de vinte (20) países-sede. Destes, cinquenta por cento (50%) estão localizados na Europa; trinta e cinco por cento (35%) na América Latina (20% na América do Sul); cinco por cento (15%) na América do Norte; cinco por cento (5%) na Ásia e cinco por cento (5%) na África. Não houve participação dos países da Oceania como sede do evento até o momento (2014) e nem há previsão para que eles sediem o Mundial em edições próximas; as duas seguintes a de 2014 já estão definidas para a Rússia (Europa/Ásia) e para Dubai (Oriente Médio/Próximo).

A configuração da escolha dos países-sede aponta para uma preferência do comitê organizador por países com territórios na Europa e, em seguida, na América Latina, que somados, nos levam a ver que por sessenta e três (63) anos ininterruptos a COPA DO MUNDO FIFA de Futebol realizou quinze edições consecutivas daquele campeonato mundial em apenas dois continentes, sendo que as Américas são fruto da expansão colonial europeia dos séculos XV e XVI.

A proposta inicial da FIFA em alternar a sede do Mundial entre Europa e América do Sul, principais continentes onde o esporte se desenvolveu primeiro e de onde vinham as entidades representantes do futebol afiliadas à organização, é quebrada em 1970, com a Copa do Mundo do México, confirmando a busca de novos mercados e testando o interesse dos países da América do Norte no futebol. Mais tarde, esses novos direcionamentos geográficos serão mais frequentes.

3.2 Uruguai, 1930: sede do I Campeonato Mundial de Futebol

A primeira edição do maior evento de uma única modalidade esportiva, em 1930, e que na sua primeira edição ainda não se chamava COPA DO MUNDO FIFA de Futebol, era denominado de Campeonato Mundial de Futebol, a palavra MUNDIAL é usada até os dias de hoje para referenciá-lo. O evento teve como objetivo principal difundir o esporte nos diversos países do mundo, entenda-se aqui, mundo como a expressão que define a Europa e a América Latina: o “mundo” do futebol na década de 1930.

A escolha do Uruguai como país-sede do Campeonato Mundial de Futebol pelo presidente da FIFA, *Jules Rimet*, levou em consideração os efeitos reais da I Guerra Mundial no território europeu, a principal crise econômica vivida até o momento: a quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, gerou muitos revezes econômicos em diferentes países, inclusive no Brasil com relação à produção cafeeira. Além desses fatores, a equipe uruguaia já havia conquistado a medalha de ouro nas disputas futebolísticas nas Olimpíadas de 1924 e de 1928. Somam-se ainda, os festejos do Centenário da Independência do Uruguai e a solução ‘de fácil justificativa’ evitando disputas entre nações para sediar o Campeonato Mundial de Futebol e ampliar o prestígio junto à FIFA, uma organização mundial que estava se instaurando como a mediadora no âmbito do futebol internacional.

Dezesseis (16) selecionados foram convidados pela FIFA a participar do campeonato. A equipe uruguaia venceu a competição internacional e permaneceu com a *Taça (Jules Rimet)* por quatro anos, quando outro país escolhido pela própria FIFA sediaria a segunda edição do Campeonato Mundial de Futebol.

O Campeonato Mundial de Futebol no Uruguai (1930) foi realizado em um mundo em transformação. O próprio Uruguai construiu um estádio com capacidade para receber cem mil pessoas. O presidente da FIFA, *Jules Rimet*, ao conhecer as instalações do estádio Centenário, em Montevideu, denominou-o de “templo do futebol”, onde pela primeira vez um torneio de uma única modalidade de esporte em equipe travava uma disputa entre as diferentes identidades nacionais; os uruguaios foram os pioneiros a vencer a Copa do Mundo de Futebol, em seu próprio território, em 1930. (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010; GUTERMAN, 2009; CALDAS, 1990).

Dentre os dez primeiros times classificados conforme informação oficial divulgada pela FIFA apenas três representavam países europeus, quais sejam: Iugoslávia (4^a.

Colocação), Romênia (7^a. Colocação) e França (9^a. Colocação). Sete seleções, dentre as dez primeiras, participaram do torneio representando as Américas, a saber, Uruguai (1^o. Lugar), Argentina (2^o. Lugar), Estados Unidos da América (3^o. Lugar), Chile (5^o. Lugar), Brasil (6^o. Lugar), Paraguai (8^o. Lugar) e Peru (10^o. Lugar). Se considerarmos apenas as seleções da América do Sul, são seis as classificadas entre as dez primeiras posições.

3.3 Itália e França: os primeiros Mundiais na Europa na década de 1930

As duas edições seguintes do Campeonato Mundial de Futebol são realizadas no território europeu; na Itália, em 1934, e na França, em 1938. A Itália em 1934 vivia um momento histórico ímpar, sob o comando de Mussolini, que desde a década de 1920 havia institucionalizado o futebol no país, construindo estádios em várias cidades italianas.

O governo de Benito Mussolini utilizou o esporte como elemento de ligação nacional, convocando uma seleção “ímbatível”, na qual os jogadores eram ‘gladiadores’, responsáveis por honrar a Itália. O esporte era o elemento-chave para o fascismo construir a sensação de pertencimento e de unidade nacional, a fim de implantar os projetos do regime, e na concepção do nascimento do ‘novo homem’. A criação do primeiro pôster para a Copa da Itália, em 1932, traduz de forma exemplar a presença do fascismo italiano e do poder de Mussolini; nele, a figura humana que representava um jogador de futebol apresentava o braço erguido, do mesmo modo da saudação fascista. Foi trocado pelo Cartaz que mostra um jogador de futebol dominando a bola. Mas, de qualquer forma, apresentou uma primeira proposta completamente marcada pela ideologia local da época.

Na Copa de 1934, a pressão de Mussolini para que a seleção italiana ganhasse mostrou o tamanho da importância dada pelo regime [fascista] ao futebol. Há fortes suspeitas até mesmo de que o ditador pessoalmente pressionou árbitros para que favorecessem a Itália. Outra irregularidade foi a formação da própria seleção italiana. A Itália apelou a seus “*oriundi*”, filhos de italianos que jogavam futebol em várias partes do mundo. Contra as regras, e provavelmente influenciada pela pressão brutal de Mussolini, a Fifa aceitou a formação da seleção [italiana] com jogadores “importados”. (GUTERMAN, 2009, p. 71).

No Brasil, o presidente Getúlio Vargas, simpático às ações de Mussolini na Itália, também usou, em menor escala, o poder para pressionar a seleção brasileira, que não se organizava completamente em virtude dos desentendimentos entre os setores do amadorismo e do profissionalismo no futebol.

Para convocar uma seleção digna, a CBD criou o “falso amadorismo” e negociou pagamentos maiores do que aqueles recebidos pelos jogadores profissionais em seus clubes de

origem, conseguindo, assim, fazer embarcar na jornada daquele Mundial de Futebol atletas como Brito, Leônidas da Silva, Waldemar e Luisinho. A viagem de navio foi prejudicial ao desempenho do selecionado nacional; pouco treino e comida farta fez com que os jogadores chegassem à Europa fora da forma física desejada aos competidores. Crônicas esportivas publicadas em jornais brasileiros daquela época apontam para o mau desempenho da seleção, perdendo por 3 a 1 para a Espanha, por se arrastar em campo, diante de mais de vinte mil espectadores. (GUTERMAN, 2009; VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010)

Alguns clubes brasileiros boicotaram a ação da CBD, escondendo seus futebolistas em fazendas no interior de São Paulo, entre eles, o Palestra Itália (hoje Palmeiras), que apesar de ter muitos torcedores e dirigentes simpáticos ao regime fascista italiano, afastaram os atletas das propostas financeiras com indícios do profissionalismo no futebol. Este episódio acaba por influenciar e apressar o profissionalismo do futebol no Brasil. (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010).

O governo Vargas estabeleceu a prática esportiva como um pilar para a superação das diferenças políticas, sociais, educacionais, estruturais, econômicas da sociedade brasileira. O esporte, e em especial o futebol, era visto como uma ferramenta para a construção dos desejos nacionais e do perfil do povo brasileiro e, portanto, necessitava de regras rígidas e de controle estatal. Anos mais tarde, Vargas regravou os contratos dos “trabalhadores da bola”, assim como todos os contratos trabalhistas a partir da elaboração e outorga da Consolidação das Leis do Trabalho, CLT.

As características do novo Brasil estavam sendo elaboradas, escolhidas, selecionadas com base no comportamento ‘aceitável socialmente’ que o povo apresentava ou, através de um processo catequético, que deveria vir a apresentar. O governo federal controlava o fluxo de informações como prioridade, bem como faziam Itália e Alemanha àquela época, modelos admirados pelo presidente Getúlio Vargas.

Os resultados obtidos pelo escrete nacional em terras italianas foi vexatório: um único jogo contra a Espanha, derrotado por 3 a 1. A desclassificação da equipe do Brasil após disputar a partida entrou para a história do futebol brasileiro, que teve naquele torneio a pior classificação final de todos os tempos do Mundial: a décima quarta colocação (14º. lugar). Dos países latino-americanos, apenas Argentina (9ª. colocação) e Brasil compareceram àquela Copa do Mundo. Originário da África, o escrete do Egito classificou-se em décimo terceiro

lugar. Em pior colocação que o Brasil, apenas as equipes da Bélgica (15^a. Posição) e dos Estados Unidos da América (16^a. Posição). Nem Ásia, nem Oceania tiveram países classificados para o certame na Itália.

O time da Itália venceu a competição e mostrou ao mundo do futebol a qualidade da equipe dos ‘gladiadores’, ganhando do selecionado da Tchecoslováquia na final. Aliás, as oito primeiras colocações da classificação oficial do Mundial de 1934 registram seleções europeias no período do entreguerras: Itália (1^o. Lugar), Tchecoslováquia (2^o. Lugar), Alemanha (3^o. Lugar), Áustria (4^o. Lugar), Espanha (5^o. Lugar), Hungria (6^o. Lugar), Suíça (7^o. Lugar), Suécia (8^o. Lugar) e França (10^o. Lugar). Em 1934 o Mundial apontou, de modo geral, para a superioridade do futebol europeu. Na França, a Federação de Futebol está associada à FIFA desde o surgimento da entidade, é um dos países fundadores da Associação Internacional das Federações de Futebol e este fato contribuiu para a realização da terceira edição do Campeonato Mundial de Futebol na França, em 1938.

Já havia um certo mal-estar na Europa, que via os regimes nazo-fascistas de Alemanha e Itália prosperarem. A intolerância marcou aquele período histórico. Países foram apagados do *mapa mundi*, a ordem econômica foi alterada, o terror se espalhou no continente, por primeiro, e, depois, em outras partes do planeta. A vitória da equipe da Itália na Copa de 1934 mostrou ao mundo a “supremacia fascista”. Adolf Hitler, que já assumira o cargo de chanceler na Alemanha, “viu que o esporte servia como vitrine e resolveu investir na ‘superioridade da raça ariana’,” relatam Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 51).

Hitler, durante a Olimpíada de 1936, em Berlim, não suportou assistir a vitória dos negros norte-americanos *Cornellius Johnson*, atleta do salto em altura, e de *Jesse Owens*, mito do atletismo, que conquistaram por seus desempenhos físicos as medalhas de ouro em suas categorias, desestabilizando as convicções raciológicas do *fürer*. O chanceler da Alemanha retirou-se do estádio Olímpico de Berlim evitando fazer a entrega das medalhas aos desportistas. O pensamento excludente em relação ao negro ou aos afro-descendentes não se limita às atitudes de Adolf Hitler; no Brasil, os negros também sofreram preconceito e foram alijados das práticas esportivas exercidas pela elite local.

As experiências do campeonato Mundial de Futebol, na Itália, em 1934 e das Olimpíadas de Berlim, em 1936 na Alemanha, apontavam para, no mínimo, as ‘excentricidades’ do líder do fascismo e do comandante do nazismo. Uma parcela importante

da Europa já estava contaminada pela xenofobia nacionalista; a demarcação das fronteiras e os limites entre o “EU” e os “OUTROS” ocupava a política, a economia e outros setores das sociedades locais. O antissemitismo era encorajado; a ideia de ‘raça pura’ encontrava ressonância nas populações nacionais oprimidas, que desejavam mudanças e melhoras no cotidiano. Entretanto, o território francês resistiria, num futuro próximo, à dominação alemã, seu antigo desafeto político. Mesmo com a tomada de Paris pelo exército alemão, a resistência francesa entra para a história.

As atitudes de Hitler não pararam por ali. Em 13 de março de 1938 ele invadiu e anexou a Áustria, seu país de origem, à Alemanha. O “Time Maravilha” da Áustria já estava classificado para disputar o torneio mundial, na França. Para compor o time alemão nas disputas do Mundial de 1938, Adolf Hitler impõe a oito atletas da seleção austríaca que vestissem a camisa da equipe alemã e defendessem as cores da Alemanha no certame.

É nesse cenário que, em 1938, os atletas brasileiros desembarcaram no território francês e sofreram rotulações originárias das percepções errôneas e xenofóbicas apontadas por alguns veículos da imprensa, chamados de ‘artistas dos violões’, ‘malabaristas’, ‘musicais’ pelo jornal *Petit Parisien* (GUTERMAN, 2009) e de ‘ágeis’, ‘artistas com a bola nos pés’ que atuam com ‘sutileza notável’, e, ainda, como um “time formidável”, de acordo texto publicado pelo jornal *L’Auto*. Como se vê, nem todos concordavam com as diretrizes xenofóbicas europeias apontando para classificações exóticas e primitivas aos estrangeiros naquele momento. Ainda que contagiante e coordenada pelos governos, alguma percepção diferenciada foi guardada na esfera da imprensa francesa da época. (DAMATO e BORBA, 2002; VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010).

Talvez a impressão de tranquilidade que a equipe brasileira causou naqueles que os viram desembarcar mas não acompanharam seus treinos seja, em parte, reflexo da estabilidade e do ‘clima’ de paz que havia no futebol brasileiro naquele momento. Pela primeira vez, uma seleção do Brasil convocava os “melhores jogadores do país” sem gerar desentendimentos entre as entidades esportivas de Rio de Janeiro e São Paulo. Entretanto, o descrédito na equipe do país treinada por Adhemar Pimenta estava presente junto à torcida brasileira e, como se pode notar, em parte da imprensa internacional. (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010).

Benito Mussolini ficou muito contrariado com o comportamento que os exilados do regime fascista italiano tiveram ao vaiarem a seleção italiana na estreia contra a Noruega, no estádio de Marselha, na Copa da França, em 1938. Para demonstrar seu poder e reação, exigiu que a *Squadra Azzurra*, vestisse um uniforme todo preto na partida seguinte do Mundial. No jogo contra a seleção da França, o time italiano vestiu preto, a cor do fascismo.

O selecionado do Brasil enfrentou a equipe da Polônia, sob forte chuva, com o resultado de quatro a quatro (4 a 4). Uma ‘virada polonesa’, após perder por três a um (3 a 1), no placar parcial. Dois jogos seguidos contra a seleção da Tchecoslováquia, conforme as regras da época, desgastaram a equipe do Brasil. O primeiro jogo registra o empate em um a um (1 a 1). Na segunda partida, o time brasileiro venceu por dois a um (2 a 1) a equipe vice-campeã do Mundial anterior (1934).

Os resultados favoráveis fizeram a seleção brasileira acreditar que poderia vencer a equipe italiana, campeã mundial da Copa da Itália em 1934. O escrete do Brasil perdeu a disputa por dois a um (2 a 1), para o time da Itália. A seleção francesa, que se acreditava mais bem preparada para o torneio e que jogava ‘em casa’, também perdeu para o time italiano, por três a um (3 a 1). O grupo de atletas francês se classificou na oitava posição geral do Campeonato daquele ano. Os ‘malabaristas’ brasileiros, por sua vez, disputaram a terceira colocação, e venceram o selecionado da Suécia por quatro a dois (4 a 2).

Sobre as atitudes do líder fascista, Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 51) relatam, ainda, que *Mussolini* enviou um telegrama à *Azzurra* antes da final do Campeonato Mundial de Futebol quando a equipe italiana enfrentaria a Hungria; nele estava escrito “é vencer ou morrer”, enfatizando a importância do esporte para o regime fascista. “Szbaro, goleiro húngaro, chegou a comentar, após a partida, sobre o aviso de Mussolini. ‘Salvamos a vida de 11 homens’.”

O futebol brasileiro emergia e os fundamentos do futebol-arte encontravam uma expressão; os dribles, os passes de bola e a força dos mestiços, negros e brancos brasileiros unidos por um objetivo maior: jogar e mostrar um bom futebol. Após a Copa da França de 1938, a seleção brasileira se tornou respeitada no ‘mundo do futebol’, foi ali, para Voser, Guimarães e Ribeiro que o “Brasil começava a ser uma potência” naquele esporte.

Nas duas competições a *Azzurra* vence o torneio, conquistando os títulos mundiais, edificando o projeto político-econômico de Benito Mussolini. A classificação final da

competição apresenta o cenário mundial do futebol com oito equipes europeias dentre as dez primeiras: Itália (1º. lugar), Hungria (2º. lugar), Suécia (4º. lugar), Tchecoslováquia (5º. lugar), Suíça (6º. lugar), França (8º. lugar), Romênia (9º. lugar) e Alemanha (10º. lugar). Apenas o time brasileiro e o cubano, originários das Américas, figuram entre as dez primeiras posições na classificação final, ocupando a 3ª. e a 7ª. colocações respectivamente. Na Copa de 1938 as seleções europeias também dominaram o cenário do futebol mundial.

Os tempos estavam ficando cada vez mais difíceis e o presidente da FIFA, *Jules Rimet* já sabia que *Adolf Hitler* desejava levar a entidade para Berlim, onde exerceria o domínio completo sobre as regras e as definições do futebol no mundo, desfazendo-se das humilhações que a seleção da Alemanha havia sofrido ao perder os dois campeonatos Mundiais de 1934 e de 1938. Num golpe de mestre, *Rimet* transfere a sede da FIFA de Paris, na França, para Zurique, na Suíça.

Em razão da II Grande Guerra (1939 – 1945) e da devastação do território europeu, as edições do evento previstas para os anos de 1942 e 1946, foram canceladas. Nem chegaram a ser definidos os países-sede para o evento. As nações mais prejudicadas com os cancelamentos dos torneios de 1942 e de 1946 foram, na opinião de Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 52), “a Argentina, que tinha uma geração fortíssima na década de 1940 e, a Itália”, que poderia ter vencido pela terceira vez o campeonato e permanecido, em definitivo, com a posse da Taça Vitória, que em 1970 seria conquistada pelo Brasil (MARTINELLI, 2002; VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010).

Foi em 1946 que o vice-presidente da FIFA, Ottorino Barassi⁴⁴, sugeriu que a Taça Vitória recebesse o nome de Taça *Jules Rimet* e que a primeira seleção nacional que ganhasse três títulos do Campeonato Mundial de Futebol a conquistasse em definitivo. Ainda em 1946, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS, filiou-se à FIFA e os países britânicos, que haviam se desligado da entidade durante a II Grande Guerra, se filiaram novamente à organização.

No mesmo ano de 1946 se realizou o primeiro Congresso da FIFA após o fim da II Guerra Mundial, em Luxemburgo. Naquele momento não havia países europeus que desejassem sediar o IV Campeonato Mundial de Futebol a se realizar em 1950. A Alemanha havia se candidatado para sediar o torneio de 1942, mas não havia sido definida e, após os

⁴⁴Ottorino Barassi era o presidente da Federação Italiana de Futebol no período da II Grande Guerra e foi ele que escondeu o troféu (Taça Vitória, depois Jules Rimet) numa caixa de sapatos sob sua cama, receoso que os nazistas a encontrassem. (N. da A.).

horrores da guerra a qual deu causa, não poderia ser a sede do evento, que teoricamente pregava a paz entre os povos. O Brasil também havia se candidatado anos antes e permanecia como candidato.

No Congresso seguinte, em 1948, no centro de Londres, a CBD propõe à FIFA uma nova fórmula para o torneio, com mais jogos e os selecionados dispostos em grupos. Iniciando com as disputas em chaves, na primeira fase, e , na segunda, todas as equipes jogariam entre si, fazendo uma classificação por pontos. A FIFA aceitou a proposta e o IV Campeonato Mundial de Futebol se realizou no Brasil, com as modificações sugeridas, em 1950.

3.4 O recomeço do Mundial de futebol no Brasil em 1950

Para recomeçar a realização das Copas do Mundo de Futebol, o Brasil, país tropical, com território fora do continente europeu e distante dos resultados da II Guerra Mundial, foi eleito para sediar o evento em 1950. Desde fevereiro daquele ano o país se preparava para receber as seleções estrangeiras. A Europa estava destruída, em grande parte do seu território. A reconstrução estava em andamento, mas nenhum país estava completamente apto a sediar um evento esportivo de âmbito mundial. As mais de cinquenta milhões de mortes decorrentes dos combates e das atrocidades dos campos de concentração nazistas e os rescaldos patrimoniais ainda eram visíveis naquele continente.

A II Guerra interrompe a sequência dos campeonatos mundiais, porém não deixam de ser disputados os campeonatos nacionais e regionais [no Brasil]. Foi uma época que nada se pode fazer no campo esportivo. Nesta fase, o esporte no Brasil sentiria os efeitos da guerra na medida em que as imposições de fidelidade às causas dos aliados levaram muitos clubes a alterar seus nomes: o atual Palmeiras chamava-se Palestra Itália (ARRUDA, 2002, p. 47).

Na década de 1950 a cidade do Rio de Janeiro efervescia: cassinos, *shows* musicais e artísticos, sambas, *show* de mulatas, os programas de auditório nas rádios, o *glamour* dos artistas nacionais e estrangeiros e a aceleração da industrialização encantavam e davam otimismo ao povo brasileiro, que entusiasmado acreditava na possibilidade da conquista do título mundial de futebol ao ver o estádio Mário Filho (Maracanã), o maior estádio de futebol do mundo naquele momento, ser erguido no Rio de Janeiro, a capital do Brasil, à época. A esperança dava o tom para os países ocidentais.

Para aqueles que gostam de números alguns dados podem causar espanto. Foram gastos sete milhões e setecentas e trinta horas de trabalho na construção do Maracanã. Não foi economizado cimento para a obra. O folclore diz que se fossem empilhados, os sacos

formariam setenta e oito colunas da altura do Corcovado ou duas vezes a altura do Pão de Açúcar. A primeira vez que a bola rolou no Maracanã foi em uma pelada entre engenheiros e operários que trabalharam durante dois anos na construção do estádio. [...] No dia 16 de julho de 1950, aconteceu a primeira partida oficial entre a seleção carioca e a paulista. (DENARDIN, 2011, p. 11).

É importante registrar que o capital internacional, sobretudo o norte-americano, mantinha fortes interesses no Brasil. Procurava novos mercados a fim de promover o escoamento da produção industrial estocada durante a Grande Guerra em razão da impossibilidade dos europeus não consumirem tais estoques. A convivência com os profissionais estrangeiros também ampliava-se: cinco semanas antes da partida de abertura do IV Campeonato Mundial de Futebol de 1950, chegou ao país o italiano Ottorino Barassi, membro do comitê organizador da FIFA e presidente da Federação de Futebol Italiana. Duarte (2001) atribui à experiência dele a realização do torneio internacional no Brasil, visto que a lentidão das obras do Maracanã e a desordem na organização local do evento foram redirecionadas por ele.

As informações desencontradas, a desorganização brasileira e as distâncias entre as cidades-sede foram algumas das justificativas da desistência das seleções da França, da Argentina, da Áustria, da Bélgica, do Peru, da Birmânia, da Índia, do Equador, das Filipinas, da Turquia, da Escócia, da Bulgária, da Hungria, da Polônia e da Tchecoslováquia. Em contrapartida, a Inglaterra participou pela primeira vez do torneio no IV Campeonato de Futebol, em 1950, e a seleção da Itália, a bicampeã mundial, confirmou sua participação, valorizando o certame disputado no Brasil. Suíça, Uruguai, Paraguai, Chile Bolívia, Espanha, Suécia, Iugoslávia, Estados Unidos da América e México também acenaram confirmando suas vindas. Ao total, treze seleções nacionais disputaram o título de Campeã Mundial de Futebol, da FIFA, em 1950.

A improvisação era uma característica fácil de ser percebida naquela época, não só no Brasil, mas outros países também precisavam improvisar. Num dos jogos disputados no estádio dos Eucaliptos, em Porto Alegre/RS, os dois selecionados do México e da Suíça portavam uniformes vermelhos e a necessidade de diferenciar as equipes se fazia iminente. Após o sorteio, o time do México precisou usar um uniforme de outra cor e, a delegação mexicana não tinha um segundo uniforme que se diferenciasse da cor vermelha. Os uniformes do Cruzeiro Esporte Clube, de Porto Alegre/RS nos tons azul e branco, foram cedidos à delegação mexicana fazendo a caracterização do Cruzeiro Esporte Clube entrar em campo e para a história das Copas do Mundo, possibilitando a disputa entre aquelas seleções. (DENARDIN, 2011).

Entre as dez primeiras classificações do *ranking* final produzido pela FIFA estão as seleções americanas do Uruguai (1^a. classificada), do Brasil (2^a. classificada), do Chile (9^a. classificada) e dos Estados Unidos da América (10^a. classificada). Sessenta por cento das classificações foram ocupadas por selecionados europeus, a saber: Suécia (3^a. classificada), Espanha (4^a. classificada), Iugoslávia (5^a. classificada), Suíça (6^a. classificada), Itália (7^a. classificada) e Inglaterra (8^a. classificada). Tais resultados apontam ainda para uma superioridade europeia no esporte.

O cenário político, econômico e cultural do Brasil, em especial o do Rio de Janeiro no final da década de 1940, no pós-guerra, também era parco, porém, os cassinos fluminenses davam o tom da euforia pelo final da guerra na Europa. Muitas companhias de teatro apresentavam *shows* de comédia, musicais e de “teatro de revista” onde se mesclavam *stand ups*, apresentações de muitos cantores e orquestras, ampliando o jeito brasileiro de ver, perceber e relatar os fatos com um tom bem humorado. A capital Federal recebia atores e atrizes, cantores e diretores estrangeiros, principalmente norte-americanos, que passavam férias ou filmavam alguma cena ou filme aproveitando o clima e as belezas naturais do Rio de Janeiro. Era o tempo do fim do Estado Novo, comandado por Getúlio Vargas.

A idade de ouro do Rádio, os programas de auditório, as disputas e coroações de rainhas e reis do rádio cantavam e encantavam a sociedade brasileira. Novas canções e interpretações eram apresentadas a cada semana. Os sambas-canção ganhavam interpretações e vozes brancas. Uma certa elegância “pairava no ar”; a cidade pelas lentes das câmeras de cinema, pelas fotos das “revistas do rádio”, pelas ondas da Rádio Nacional ou, ainda, pelas janelas dos aeroplanos da Embraer era realmente maravilhosa. A expressão artística de voz e trejeitos de Carmem Miranda encantava. O figurino criado para o cinema tornou-se um emblema e agradou a indústria hollywoodiana que a contratou e filmou diversas películas apresentando a expressão musical brasileira como diversa, cômica e estranha, envolta em abacaxis e bananas, pano da costa⁴⁵ e saias rodadas, sapatos *peepe toes*, saltos altos, meia-patas, turbantes, olhares marotos e muitos gestos de mãos. E Carmem nem era originalmente brasileira. Mas este é o espaço concedido ao “outro”, tão diferente que só lhe cabe ser mostrado como estranho ao olhar paradogmático do europeu.

⁴⁵ Peça de pano em formato retangular e longo que a indumentária característica da vestimenta folclórica da baiana típica utiliza sobre a roupa branca, rendada e larga (N. da A.).

No campo do cinema, por exemplo, a elite branca se via refletida nas festas, nos ambientes do Copacabana Palace, nas disputas por mulheres bonitas e por dinheiro fácil, nas confusões de Oscarito e Grande Otelo e na vida de aparências de alguns artistas, nas apostas e nos aprazíveis espetáculos apresentados no Cassino da Urca, muito próximo ao Pão-de-Açúcar. Os olhos da América se voltaram para o tropicalismo do RJ. O novo “quintal *yankee*” na América do Sul. A cidade do Rio de Janeiro já estava gerenciando e implantando mais obras de remodelação através de processos de higienização, derrubando construções antigas e “insalubres”, inadequadas à nova proposta de sociedade, empurrando para longe do centro as indesejadas populações menos favorecidas e geralmente negras, descendentes da historicamente recente cinquentenária abolição, ampliando as favelas iniciadas no princípio do século. A alegria do povo, a postura hospitaleira e animada geravam um ambiente diametralmente oposto ao da Europa no fim da guerra.

Até mesmo Orson Welles, o queridinho do sistema de estúdios, desembarcou no Brasil para filmar “Tudo é Verdade”. Porém, Welles era menos medíocre que a indústria cinematográfica de *Hollywood* e encontrou artistas nacionais que lhe apresentaram outras possibilidades da cidade. Sem pestanejar, mergulhou de cabeça no mundo mais autêntico e menos fantasioso dos *shows* e cenários de luxo da arte, da música e dos cassinos da capital brasileira. Ao encontrar-se com a cultura popular, pobre e mestiça que criava as canções nacionais, Orson Welles perdeu o rumo imposto pelos estúdios e não finalizou seu trabalho sobre o Brasil (STAM, 2010).

Durante as disputas do Mundial de 1950, a seleção brasileira obteve o melhor desempenho até ali e conquistou uma vaga para disputar a final do Campeonato Mundial de Futebol de 1950 contra o selecionado do Uruguai, que era o campeão da primeira edição, em 1930. O estádio do Maracanã registrou a presença de 200 mil espectadores. (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010)

Um empate no jogo final daria o título mundial ao Brasil. Imagens de documentários cinematográficos e reproduções de gravações de áudio de algumas emissoras de rádio mostram a certeza que a população brasileira e os repórteres esportivos presente no estádio tinham na conquista da Copa do Mundo de Futebol pela seleção “canarinho”. Entretanto, a “celestes olímpica uruguaia”, como era conhecida a equipe vizinha, venceu a partida com o resultado Uruguai 2 X 1 Brasil, e sagrou-se campeã mais uma vez.

A culpa atribuída aos jogadores negros da seleção brasileira reavivaram o racismo e algumas teorias raciológicas que já estavam sendo abrandadas na sociedade brasileira, desde o final da República Velha. Esse fato é importante para percebermos que mesmo quando o racismo está apagado das atitudes dos compatriotas ele reside na mente e na alma do brasileiro; quando olhamos mais atentamente para os fatos históricos que envolvem atletas negros ao longo das competições, percebemos que sempre que há algum fracasso, o racismo e/ou a injúria racial ressurgem com vigor no Brasil. Ainda que ocupasse a 2^a. posição geral no quadro oficial dos resultados publicados pela FIFA, fato que apontava para o crescimento do futebol no país e a melhora do desempenho da equipe brasileira nos torneios internacionais, inclusive nas Copas do Mundo, a derrota se sobressaiu e necessitava de responsáveis.

3.5 Suíça, a nova sede da FIFA recebe o Mundial no retorno à Europa

Em fevereiro de 1953 o comitê organizador dos campeonatos Mundiais de Futebol da FIFA estabeleceu que os jogos das eliminatórias (da “Copa do Mundo”) seriam divididos por continentes. A Suíça, país conhecido internacionalmente por sua isenção na política internacional, foi eleito o país-sede pela FIFA para organizar o V CAMPEONATO MUNDIAL DE FUTEBOL em 1954, dando sequência ao torneio, e levando-o de volta à Europa.

Uma ação estratégica do presidente da FIFA, *Jules Rimet*, ao dar continuidade ao Campeonato Mundial de Futebol foi a escolha do território suíço para promover a primeira edição da Copa do Mundo na Europa depois da II Grande Guerra. *Rimet* havia transferido a sede da FIFA para a Suíça em 1932, retirando a organização da linha de mira de Hitler mesmo antes da deflagração da II Grande Guerra⁴⁶ e já estava ambientado em Zurique.

Era importante e mesmo fundamental para a FIFA que todos os selecionados que obtivessem vaga para participar do campeonato Mundial de Futebol efetivamente o fizessem. *Rimet* tinha consciência disso. O país alpino é reconhecidamente um território pacífico e pacifista, sem exército, com pontos turísticos atraentes, economia estável, equilíbrio entre os meios rural e urbano, além de ser um paraíso fiscal e próximo a muitos outros países que alegaram não participar do certame de 1950 no Brasil, em razão das distâncias entre as

⁴⁶ Jules Rimet temia pela Associação Internacional das Federações de Futebol – FIFA, e da sede de domínio de Adolf Hitler e do III Reich; transferir a sede da associação para a Suíça era por a organização em segurança e diminuir as pressões que pudessem surgir. (N. da A.).

idades-sede, evitando a viagem transatlântica para as seleções de países europeus. Talvez, naquele momento, o sucesso do torneio definisse a sua continuidade ou não.

A classificação final divulgada pela FIFA conta com apenas duas seleções americanas entre as dez primeiras colocações: Uruguai (4^a. posição) e Brasil (6^a. posição). As demais colocações foram ocupadas por selecionados europeus: Alemanha Ocidental (1^a. posição), Hungria (2^a. posição), Áustria (3^a. posição), Suíça (5^a. posição), Inglaterra (7^a. posição), Iugoslávia (8^a. posição), França (9^a. posição) e Turquia (10^a. posição). A predominância do futebol europeu continuava imperando no Mundial de 1954.

O Brasil participou do evento mas não obteve bons resultados, ocupando apenas a 6^a. colocação na classificação oficial final do certame. O presidente da FIFA, *Jules Rimet* entregou a Taça que fora batizada com seu nome à equipe da Alemanha e, mais uma vez notou que os resultados do futebol não são exatamente os esperados. A Hungria era a equipe favorita no torneio de 1954, mas assim como o selecionado do Brasil, em 1950, foi a seleção vice-campeã. A Alemanha Oriental não participou da competição.

3.6 A nobre Suécia é escolhida para sediar o Mundial de 1958

Para a realização do Campeonato Mundial de Futebol em 1958, o comitê organizador da FIFA escolheu a Suécia como país-sede. Antes das eliminatórias para definir os times que ocupariam as vagas para disputar o VI Campeonato Mundial de Futebol, cinquenta e três países, de todos os continentes, registraram-se junto à FIFA para participar do certame. Parece que as estratégias utilizadas por *Rimet* atingiram os objetivos tanto de divulgação do esporte “no mundo” quanto de ampliação do número de países filiados à entidade, fatos que promoviam e disseminavam a prática do Futebol, ampliando as fronteiras do “Planeta Bola”. A regra fundadora da alternância entre a Europa e a América do Sul para a escolha da sede do Mundial é quebrada pela segunda vez.

Consideradas as críticas ao modelo do torneio e às confusas regras estabelecidas para o Mundial anterior, na Suíça, a FIFA alterou as regras e determinou a classificação de dezesseis (16) selecionados nacionais para disputar em forma de grupos com quatro participantes cada, na primeira fase. A etapa seguinte apresentava as oito seleções classificadas, duas de cada grupo, jogando entre si, no formato “todas contra todas”. Na

terceira fase, as disputas se dariam no modelo de eliminatórias simples, classificando os oito times vencedores às semifinais. Das semifinais sairiam os quatro finalistas que disputariam os 1º. e 2º. lugares e os 3º. e 4º. classificados. A FIFA altera as regras de acordo com as necessidades e solicitações dos países-membros. Na maioria das vezes, tais alterações são efetuadas antes da competição, mesmo no caso do chamamento dos “*oriundi*”, na Copa da Itália, em 1934.

A seleção brasileira estava bem condicionada e contava com jogadores como Zagalo, Garrincha e Tostão, além de um jovem rapaz negro, que mais tarde seria conhecido como o melhor jogador de futebol de todos os tempos: Pelé, com apenas dezessete anos. Pela primeira vez, naquele ano a seleção “canarinho” ergueu a Taça *Jules Rimet*. Tal fato parece ter enchido de orgulho os torcedores brasileiros, e, segundo os relatos de repórteres esportivos que acompanharam a seleção nacional na viagem para a Copa, parece que os brasileiros gostaram tanto da conquista que ficaram com vontade de repeti-la.

Os resultados finais do torneio apontam para uma predominância das seleções europeias; dentre as dez primeiras, apenas Brasil (1º. lugar) e Paraguai (9º. lugar), representando o futebol sul-americano. As oito posições restantes são ocupadas por times da Suécia (2º. lugar), da França (3º. lugar), da Alemanha Ocidental (4º. lugar), do País de Gales (5º. lugar), da URSS (6º. lugar), da Irlanda do Norte (7º. lugar), da Tchecoslováquia (10º. lugar). O futebol europeu continuava a predominar no cenário mundial.

3.7 O Chile recebe o Mundial de 1962

Após a exploração de minérios no período do pós-guerra, o Chile vivencia um momento de decréscimo na economia que gera inúmeros problemas sociais. No início da década de 1960 organizações trabalhistas como a CUT se estabelecem e dão início à luta dos trabalhadores. O projeto de reforma agrária da época promove a redistribuição de terras estatais e poupa os grandes latifúndios privados, não atendendo ao clamor local.

Ainda em 1960 o país sofre as consequências do maior terremoto registrado, atingindo nove vírgula cinco (9,5) pontos de magnitude na escala Richter. Mesmo assim, a população chilena comemora a realização do Campeonato Mundial de Futebol em seu território, em 1962, possibilitando o retorno do certame ao continente Sul Americano. As duas vagas asseguradas para o torneio pertenciam à equipe do Chile, o anfitrião do evento, e ao Brasil,

campeão mundial de 1958, na Suécia. As demais foram disputadas em todos os continentes. (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010).

Em janeiro de 1962, na capital chilena, foram sorteadas as chaves para as disputas da primeira etapa daquele mundial, regado pela mesma fórmula utilizada na Copa do Mundo da Suécia, quatro anos antes. A principal característica do torneio internacional de futebol disputado no território chileno, apontada por Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 68), foi a violência exagerada nos embates das equipes nos jogos, obrigando o Comitê Disciplinar da FIFA a convocar “uma reunião de emergência, após a primeira rodada, com todos os árbitros”, sinalizando que o *fair-play* (espírito esportivo) deveria imperar no comportamento dos futebolistas e que as “batalhas campais” deviriam ser evitadas por todos e punidas pela arbitragem. As origens do futebol enquanto treinamento militar nas civilizações antigas parecia estar sendo resgatada pelas ações e comportamento das equipes de futebol nacionais naquela Copa.

E, pela segunda vez, o Brasil vence a disputa no Campeonato Mundial de Futebol, tornando-se bicampeão. Era a consagração de um novo esporte nacional. Uma modalidade esportiva que havia iniciado sua prática junto às elites brasileiras e que, em alguns anos, teria conquistado a população em geral, fixando-se no imaginário cultural como um definidor de “brasilidade” (GUTERMAN, 2009).

O resultado oficial proclamado pela FIFA apresenta três seleções sul-americanas entre as dez primeiras colocações: Brasil (1^a. posição), Chile (3^a. posição) e Argentina (10^a. posição). As outras sete colocações foram ocupadas por equipes europeias: Tchecoslováquia (2^a. posição), Iugoslávia (4^a. posição), URSS (5^a. posição), Hungria (6^a. posição), Alemanha Ocidental (7^a. posição), Inglaterra (8^a. posição) e Itália (9^a. posição). Das sete colocações de selecionados europeus, quatro são de países da “cortina de ferro”, inclusive a URSS, comandante do bloco socialista. Em certa medida, este resultado aponta para o princípio da coletividade trazido da proposta política para a prática esportiva. Assim como no nazi-fascismo, nos países do bloco socialista, os bons resultados no esporte pareciam encaminhar para a valorização do regime político e serviam de “vitrine” para os demais países.

3.8 Na Inglaterra do futebol moderno temos a copa de 1966

A década de 1960 foi um momento de transformação social, econômica, cultural, político, e comportamental no ocidente. As fábricas inglesas perdem competitividade e a

economia fraqueja. O movimento musical transforma a cena e os costumes da sociedade e grupos como *The Beatles*, *The Who* e *Rolling Stones* se estabelecem, alterando a direção cultural daquela sociedade.

Diversos países do ocidente aderiram às temáticas da esquerda nos primeiros anos daquela década. Kennedy vence as eleições de 1960 nos Estados Unidos da América, a coalizão de centro-esquerda conquista o poder na Itália, e, em 1964, o grupo trabalhista chega ao poder no Reino Unido.

Tantas transformações atingem o “mundo da bola”; momentos antes das disputas pelas vagas para participar do Campeonato Mundial de Futebol de 1966, na Inglaterra, as entidades representativas dos países africanos se retiraram da competição, questionando o critério da FIFA que assegurava vagas para a Europa, as Américas (do Sul, Central e do Norte) enquanto as seleções africanas disputavam as vagas com as equipes da Ásia e da Oceania, diminuindo suas chances de participação no torneio. Questionavam o tratamento desigual adotado pela FIFA aplicado aos continentes.

Ao eger a Inglaterra como palco para a COPA DO MUNDO de Futebol em 1966, a FIFA faz retornar, mais uma vez, o maior evento esportivo de uma única modalidade, ao território europeu, mais precisamente ao país que é considerado o berço do futebol moderno. Apenas as delegações do Brasil, campeão do Mundial de 1962, no Chile, e Inglaterra, o país-sede do evento tinham vagas garantidas naquele torneio.

No mês de janeiro de 1966, no *Royal Garden Hotel*, de Londres, foi realizado o sorteio dos quatro grupos compostos por quatro selecionados nacionais, para os jogos da primeira fase da competição. O time do Brasil compunha o “Grupo 3”, com participação das equipes da Bulgária, da Hungria e de Portugal, a grande surpresa daquele certame, que, na classificação final atingiu o terceiro lugar, a melhor posição ocupada por aquele país em Copas do Mundo, até hoje (2015).

O vencedor do Campeonato Mundial de Futebol em 1966 foi a seleção da própria Inglaterra, que, em casa, venceu a final sobre a equipe da Alemanha Ocidental, marcando quatro e sofrendo dois gols na partida de encerramento do Mundial.

As dez primeiras posições da Copa do Mundo de Futebol da Inglaterra, em 1966 são ocupadas em setenta por cento por seleções de países europeus: Inglaterra (1^a. colocada),

Alemanha Ocidental (2^a. colocada), Portugal (3^a. colocada), URSS (4^a. colocada), Hungria (6^a. colocada), Itália (9^a. colocada) e Espanha (10^a. colocada). As equipes da Argentina (5^a. colocada) e do Uruguai (7^a. colocada) representam as seleções da América do Sul (e das Américas), totalizando vinte por cento dos times nas dez primeiras posições. A expansão do futebol em outras partes do mundo traz a seleção da Coreia do Norte para o seletivo grupo da classificação, colocando-a na oitava posição do *ranking* da FIFA naquele ano. Dentre as dez seleções, três pertencem ao bloco socialista.

3.9 O México faz o Campeonato de 1970

Em 1970, a escolha da FIFA admite a inclusão de um novo espaço, de certa maneira, levando a competição para o México. Pela primeira vez a COPA DO MUNDO FIFA de Futebol é realizada na América do Norte, se não considerarmos que ela retorna à América Latina, onde temos, então, mais do mesmo, pois o México é o maior país de língua espanhola nas Américas, justamente por ter sido colonizado pela Espanha.

A definição pelo México como o país-sede do Campeonato Mundial de Futebol de 1970 foi definida em outubro de 1964, em Tóquio. Uma conjunção de fatores justificou a escolha da entidade pelo maior país de língua espanhola nas Américas, a saber: o gosto do povo mexicano por futebol, a moeda forte que o país apresentava naquele momento histórico, e a pronta utilização da infraestrutura do país que já estava escolhido pelo Conselho Olímpico Internacional – COI, para sediar os Jogos Olímpicos em 1968. Apesar do presidente da FIFA, *Stanley Rous*, com o apoio do grupo britânico, não concordar com a escolha, em razão das altas altitudes das cidades mexicanas, o México foi definido como o país-sede para o torneio mundial de 1970.

O boicote africano⁴⁷ às disputas pelas vagas junto à Ásia e Oceania na Copa da Inglaterra, em 1966, causa eco e a regra da FIFA para o acesso às vagas do Mundial de Futebol é modificada. Outra inovação é a possibilidade de cada selecionado realizar duas substituições de jogadores de quaisquer posições por partida, durante o campeonato; é a chegada da “Regra 3”. Outra novidade é a implantação dos cartões amarelo, para sinalizar a advertência ao futebolista infrator, e o vermelho, significando a expulsão do jogador daquela partida, universalizando a comunicação punitiva do futebol para todos os atletas,

⁴⁷ Os países africanos não participam da Copa do Mundo de Futebol de 1970 em razão de não aceitarem disputar as vagas para o evento junto às seleções de Ásia e Oceania. O boicote africano ao modelo de conquista de vagas para participar do evento faz as regras mudarem e, mais tarde, surgem as vagas destinadas às seleções da África separadas das destinadas à Ásia e Oceania (N. da A.).

independente do idioma que falassem, evitando as alegações de incompreensões e mal entendidos. O ex-árbitro inglês *Keneth Aston*, que participava da comissão de arbitragem da FIFA, na Copa de 1966, foi quem apresentou a ideia à entidade internacional.

Na capital mexicana, em janeiro de 1970, no auditório do Hotel Maria Isabel, foram sorteadas as formações dos grupos para a primeira fase da competição. A fórmula de disputa do torneio estava mantida. Estavam definidas as seleções participantes e os adversários dos primeiros três jogos de cada equipe esportiva. O time do Brasil pertencia ao “Grupo 3”, junto com os selecionados da Inglaterra, da Romênia e da Tchecoslováquia.

Para aquele certame, a seleção brasileira contava com jogadores como Pelé, Tostão e Rivelino, capitaneados por Carlos Alberto Torres. Naquela edição da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol, o Brasil sagrou-se campeão do mundo pela terceira vez, vencendo a equipe italiana por quatro a um, o que lhe deu o direito de permanecer com a Taça *Jules Rimet* em definitivo, porque era o primeiro país a conquistar por três vezes o campeonato mundial.

Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 80) contam que “não era apenas o título da nona Copa do Mundo que estava em jogo quando o árbitro deu início à final da Copa de 1970, entre Brasil e Itália. Cada seleção tinha dois títulos e a que saísse campeã ficaria para sempre com a Taça Jules Rimet.” A seleção italiana esperava por aquela conquista há trintas e dois anos, desde a Copa do Brasil, em 1950; a seleção canarinho era bicampeã desde o Mundial do Chile, em 1962, mas já havia perdido a oportunidade de conquistar a “*Jules Rimet*” na Copa da Inglaterra de 1966, há quatro anos. A conquista definitiva da Taça *Jules Rimet* era a consagração mais importante para os selecionados nacionais naquele momento.

Portanto, é fácil encontrar nos registros midiáticos que a partida final representou o desafio entre duas seleções bicampeãs. Existem relatos correlacionando a conquista do selecionado brasileiro ao difícil período político que o Brasil se encontrava à época. Nosso país vivia um tempo de horrores, com sumiço de pessoas, em especial de jovens inconformados com a imposição da ditadura militar que se estendia desde o golpe militar de março de 1964

A seleção de 1970 criou esse dilema jamais resolvido na alma do pensamento crítico nacional. Os ganhos do regime militar com o sucesso do time eram evidentes demais para que a esquerda, que enfrentava o autoritarismo, não visse como instrumento do poder; mas, ao mesmo tempo, a magia de Pelé, Jairzinho e companhia era irresistível. Essa desconfortável contradição foi abordada por Henfil em *O Pasquim*. (GUTERMAN, 2009, p. 162).

A transmissão dos jogos da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol pelas emissoras de rádio e televisão e a campanha positiva realizada pela equipe brasileira encantavam a população nacional, em geral. Uma onda de euforia tomava conta do país⁴⁸.

A classificação final da Copa do Mundo de Futebol de 1970, no México ficou assim definida: Brasil (1º. lugar), Itália (2º. lugar), Alemanha Ocidental (3º. lugar), Uruguai (4º. lugar), URSS (5º. lugar), México (6º. lugar), Peru (7º. lugar), Inglaterra (8º. lugar), Suécia (9º. lugar) e Romênia (10º. lugar). Quatro seleções americanas, três sul-americanas, figuram entre as dez primeiras posições de selecionados nacionais no *ranking* final da FIFA. Das seis equipes europeias que totalizam sessenta por cento das seleções classificadas entre as dez primeiras colocações, duas (URSS e Romênia) representam países do bloco socialista, vinte por cento.

3.10 Enfim a COPA de 1974 conhece a Alemanha Ocidental

Contando com mais de cento e quarenta entidades representantes do futebol nacional filiadas, a Federação Internacional (FIFA) colhe os melhores resultados de suas atividades até então. Noventa e quatro países inscreveram suas seleções nacionais para disputar as quatorze vagas restantes do Mundial, adicionadas pela vaga da nação anfitriã, a Alemanha Ocidental e, a do Brasil, campeão do último torneio, em 1970, no México.

A nova eleição para presidente da FIFA foi disputada pelo presidente Stanley Rous e por seu adversário brasileiro João Havelange. Havelange se elege com o apoio dos países africanos, árabes e americanos, principalmente, tornando-se o primeiro presidente não-europeu da entidade. Para o certame de 1974 algumas alterações foram apresentadas; desapareciam as etapas das quartas de final e as semifinais dando lugar a dois grupos com quatro seleções cada, disputando a primeira colocação as equipes classificadas nas primeiras posições de cada chave e, os times classificados em segundo lugar, disputando a terceira e quarta posições finais. Entretanto, o Mundial continuava contando com dezesseis seleções, organizadas em quatro grupos de quatro equipes, que jogavam entre si, classificando para a segunda fase, as duas primeiras colocações de cada chave.

⁴⁸ Tais aspectos foram reproduzidos em filmes que encenam aquele difícil momento histórico-político como “Pra Frente Brasil”, dirigido por Roberto Farias, e, mais tarde em, “O que é isso, companheiro?”, de Bruno Barreto, por exemplo. A minissérie da TV Globo “Anos Rebeldes” também retrata os anos da ditadura militar no Brasil (N. da A.).

Procedeu-se ao sorteio das chaves iniciais da disputa em janeiro de 1974, em *Frankfurt*. A equipe brasileira ocupou uma das vagas do “Grupo 2”, disputando uma das duas primeiras colocações com as seleções da Escócia, da Iugoslávia e do Zaire. A força do futebol dos países africanos se mostrava maior já naquele ano.

Mais de vinte anos depois do fim da II Grande Guerra, a Alemanha Ocidental torna-se o palco do Campeonato Mundial de Futebol organizado pela FIFA em 1974. Um desejo antigo, anterior à guerra, se realiza no novo território alemão, reconfigurado e redimensionado a menor. Naquele momento, grande parte dos países estavam filiados a um dos dois blocos político-econômicos comandados pelos Estados Unidos da América (EUA) ou pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). As tensões bipolarizadas entre os blocos capitalista e comunista conduziram à construção do muro de Berlim em 1961, dividindo a cidade e simbolizando o antagonismo entre as duas partes. O continente europeu havia perdido sua hegemonia e tornava-se objeto de disputa das duas grandes potências. Também pode-se ler uma dicotomia entre Ocidente capitalista e Oriente comunista na estruturação da guerra fria entre os blocos comandados pelos Estados Unidos e pela União Soviética, respectivamente.

As condições da guerra fria davam o tom político ao certame. Até aquela edição do Mundial, não se havia visto um aparato de segurança tão intenso; “cães de guarda, policiais muito armados e concentrações que eram rigorosamente, verdadeiras prisões” foram a principal marca do torneio, registram Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 84). O criminoso atentado palestino orquestrado pelo grupo Setembro Negro contra os atletas de Israel (judeus) nas Olimpíadas de Munique (*München*) no ano de 1972 contribuiu para o ambiente pesado e vigiado que se instaurou na Copa de alemã de 1974.

A mediação dos jogos realizados na Berlim Ocidental murada mostrava ao mundo o isolamento dos países da “cortina de ferro”, capitaneados pela URSS, apontando seus problemas e dificuldades aos olhos do sistema capitalista, em especial às transmissões emocionais direcionadas à América Latina, que em grande parte, sofria com ditaduras militares de direita, apoiadas pelo grande irmão norte-americano.

Naquele certame, o tempo do futebol-arte ficou para trás; a grande surpresa daquele torneio foi a atuação da seleção da Holanda, que se movimentava incansavelmente em campo, conhecida como a “Laranja Mecânica”, fazendo alusão ao seu estilo de jogo e à cor do uniforme, e seu estilo de jogo chamado de “Carrossel” ou “Carrossel Holandês”, onde os dez

atletas que jogam na linha se movimentam atuando em quaisquer das posições, criando inacreditáveis possibilidades a partir do treinamento físico vigoroso. É o futebol-força europeu dando as primeiras pinceladas de sua atuação. A seleção brasileira não obteve sucesso naquela edição do Campeonato Mundial de Futebol, classificando-se apenas na quarta posição. O vencedor foi o selecionado da casa, a Alemanha Ocidental.

Ocupando as dez primeiras posições finais do campeonato de 1974, oitenta por cento das equipes são europeias. Representando o futebol sul-americano apenas as seleções do Brasil (4.º lugar) e da Argentina (8.º lugar), totalizando vinte por cento das vagas. Das oito seleções da Europa a Alemanha Ocidental (1.ª posição), Holanda (2.ª posição), Polônia (3.ª posição), Suécia (5.ª posição), Alemanha Oriental (6.ª posição), Iugoslávia (7.ª posição), Escócia (9.ª posição) e Itália (10.ª posição). Duas nações europeias do bloco socialista figuram entre as dez primeiras colocadas na Copa do Mundo de Futebol de 1974, na Alemanha Ocidental.

3.11 em 1978 a COPA encobre as barbáries da ditadura argentina

Em novembro de 1975, na Guatemala, foi realizado o sorteio das chaves para a disputa das Eliminatórias da Copa do Mundo da Argentina, em 1978. O presidente da FIFA, João Havelange tentou ampliar o número de países participantes no certame, de dezesseis para vinte e quatro. A FIFA colhia os frutos de sua atuação; era o resultado positivo da propagação do esporte em mais nações. O “Planeta Bola” aumentava suas dimensões.

O presidente Havelange foi derrotado em sua proposta e a Copa portenha de 1978 ainda contou com apenas dezesseis seleções nacionais de futebol. As classificações da equipe argentina, a anfitriã do evento, e da equipe da Alemanha Ocidental, vencedora do torneio de 1974, estavam garantidas; a disputa se daria pelas quatorze vagas restantes.

Após as classificações das quatorze seleções, somadas à Argentina e à Alemanha Ocidental pelos motivos expostos acima, era chegada a vez do sorteio dos grupos da primeira etapa do Mundial de 1978. Em janeiro daquele mesmo ano, no Centro Cultural San Martín, em Buenos Aires, a FIFA conduziu o sorteio e divulgou as chaves. A equipe brasileira soube que enfrentaria na primeira etapa do torneio os selecionados da Áustria, da Espanha e da Suécia, no “Grupo 3”, iniciando a competição em Mar Del Plata.

A Argentina, país escolhido pela FIFA para sediar os jogos de 1978, enfrentava uma situação política próxima a do Brasil: ditadura militar de direita, controle da imprensa, desaparecimento de presos políticos, de jovens estudantes, de políticos eleitos e de artistas de diversos setores. Inúmeras prisões imotivadas, torturas, suspensão de direitos políticos, etc. Porém, os setores políticos e econômicos apresentavam-se muito mais favorável que o do vizinho, o gigante verde.

Essa copa [...] Argentina está inserida em um momento histórico importante da América do Sul. Floresceram no continente as ditaduras militares. Elas foram cruéis e deixaram marcas indeléveis no nosso povo. As piores foram no Chile, com o General Augusto Pinochet; e na Argentina, comandada por Jorge Rafael Videla que na copa do mundo era o presidente do país. Não foram poucos os militantes de esquerda que desapareceram. Comenta-se que muitos foram levados em aviões e jogados no meio do oceano. Um descarte impiedoso e cruel (DENARDIN, 2011, p. 59).

O autor referencia a “Operação Condor”, que ocorreu em vários países sul-americanos mas não cita quaisquer atitudes da ditadura militar brasileira, que também foi conhecida como implacável. No cenário esportivo, o Brasil construiu um caminho de vitórias na COPA DO MUNDO FIFA de Futebol de 1978, chegando invicto à etapa das quartas de final. A torcida brasileira parecia reavivar o sentimento nacionalista com as conquistas da seleção “canarinho” nos campos do país lindeiro e grande adversário esportivo.

A terceira rodada da segunda fase apresentou jogos cruzados, com horários diferentes para as disputas. As equipes de Brasil e Polônia jogaram em Mendoza, no início da tarde e, a partida entre as seleções de Argentina e Peru, ocorreu em Rosário, Província de Santa Fé, no final da tarde. Argentinos e peruanos foram privilegiados por conhecer antecipadamente o escore da disputa entre os adversários com quem disputavam diretamente a vaga na final do torneio. Em edições futuras do Mundial, essa desigualdade de condições foi alterada pela FIFA.

O grupo brasileiro, sob o comando de Cláudio Coutinho, venceu o polonês com o placar final de três a um. Para se classificar ao jogo final, a seleção portenha necessitava vencer com um placar com mais de dois gols de diferença. O selecionado argentino, que permanecia na competição devido a erros de arbitragem nas fases iniciais do torneio, marcou seis gols sobre o time peruano, que contava com o goleiro Quiroga, argentino de nascimento e peruano naturalizado. (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010).

Qualquer time sentiria a pressão daquele jogo. [...] o gigante Del Arroyito, um estádio quadrado, pequeno e lotado de argentinos. Um vulcão em erupção. [...] Até nós, os jornalistas brasileiros, fomos ameaçados por torcedores argentinos. Não apanhamos porque os objetivos foram alcançados com a goleada e a Argentina acabou em primeiro lugar no grupo. [...] Muita gente entende que os jogadores [do Peru] entregaram a partida, inclusive os peruanos que

receberam a seleção no aeroporto do país, com moedas arremessadas nos atletas (DENARDIN, 2011, p. 58 -59).

O jornalista brasileiro Alberto Dines, em 2009, promoveu a produção de três edições do programa televisivo veiculado na TV Brasil denominado como “Observatório da Imprensa”, no formato de documentário, apontando as “falcatruas” da Copa do Mundo de Futebol de 1978 realizadas pelo governo militar argentino com o aval da FIFA a fim de vencer a disputa esportiva, desviando os olhares e atenções da população nacional e da imprensa mundial do comando autoritário e antidemocrático vivido no país para o campo do esporte, alimentando a autoestima portenha, no melhor estilo romano “pão e circo”.

A história, em certa medida, aponta que alguns governantes encaram o futebol como uma atualização do referido modelo romano de entretenimento e de gerenciamento social e creem que promover tais condições à população facilita o comando da nação. Poder, política e futebol parecem caminhar juntos em certos governos, em especial, em governos mais restritivos das liberdades individuais.

A Argentina venceu o campeonato naquele ano e o Brasil foi o único país que chegou invicto ao término da competição, ocupando a terceira colocação na tabela oficial publicada pela FIFA, após vencer a *Squadra Azzurra*, pelo placar de dois a um. Dentre as dez primeiras colocações no ranking da FIFA ao final da Copa do Mundo de Futebol de 1978 encontramos três selecionados sul-americanos a campeã Argentina (1^a. colocada), o Brasil (3^a. colocada) e o Peru (8^a. colocada). Seis posições são ocupadas por equipes europeias: Holanda (2^a. colocada), Itália (4^a. colocada), Polônia (5^a. colocada), Alemanha Ocidental (6^a. colocada), Áustria (7^a. colocada) e Espanha (10^a. colocada). A Tunísia (9^a. colocada) representa a África, somando dez por cento do total de equipes participantes.

3.12 A Espanha sedia o Campeonato de 1982

Em 1979 a Federação Internacional de Futebol - FIFA - cede à antiga concepção de seu presidente João Havelange e amplia de dezesseis para vinte e quatro o número de selecionados nacionais participantes na Copa do Mundo. A decisão abriu novas vagas para as seleções originárias da África e da Ásia, atendendo a uma solicitação antiga dos países africanos. Com a alteração, os jogos do torneio passaram de trinta e oito para cinquenta e dois, ampliando a vitrine para as atuações dos jogadores durante o Mundial, demandando maior infraestrutura em todos os setores direta ou indiretamente envolvidos com a Copa do Mundo.

Ainda no ano de 1982, o brasileiro João Havelange se recandidata à presidência da entidade esportiva internacional como candidato único e, obviamente, se reelege para mais um mandato de quatro anos. A gestão de Havelange foi considerada excelente pelos demais membros da entidade pelo amplo desenvolvimento do futebol em todos os continentes.

Em janeiro de 1982, no Palácio dos Congressos, em Madri, realizou-se o sorteio das chaves para a primeira etapa do Mundial de Futebol da Espanha. Naquele mesmo ano os jogos do mundial de Futebol ocorrem na Espanha, e a FIFA, novamente, leva a competição para o território europeu.

No Brasil, mais uma vez a população se veste de verde e amarelo e acredita na conquista de mais um título mundial. A seleção “canarinho” contava com nomes como Zico, Júnior, Paulo Roberto Falcão e Sócrates, por exemplo, que na opinião de muitos jornalistas especializados era o “*dream team*” brasileiro. O ambiente amistoso interno e em relação à imprensa brasileira era tão intenso que a Revista Placar contratou o técnico Telê Santana e os atletas Sócrates e Toninho Cerezo para escreverem seus “diários” da Copa, publicados nas páginas da revista semanalmente.

A imprensa internacional também alimentava o sonho do Brasil tetracampeão de Futebol, especialmente os jornais espanhóis, que se mostravam admiradores dos brasileiros, “um time que estava ressuscitando o futebol como espetáculo, como um show que, independente do resultado final, gratificou e emocionou quem o assistiu”, registram Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 96), alimentando a máxima bastante conhecida: ‘o futebol é uma caixinha de surpresas’.

Exemplos da manifestação da imprensa espanhola podem ser observados no jornal “*El Correo*”, da Andaluzia, ao estampar a manchete “Por favor, voltem logo a Sevilha. Será difícil que nos acostumemos a outro tipo de futebol”; e, no diário de Barcelona “*El Periodico*”, o título “*El mayor espectáculo de Fútbol*” se referindo à atuação da seleção canarinho. (KOTSCHO, 2002).

Mas a ‘caixinha de surpresas’ se mostrou presente naquele torneio. A equipe italiana desclassificou a brasileira nas oitavas de final, quebrando o sonho da conquista do “caneco de ouro”, conhecido também pela expressão “o desastre do Sarrià”.

Zico fazia bonito como capitão de um verdadeiro pelotão de craques. Foi consagrado como o terceiro artilheiro da competição. Feito que lhe rendeu a chuteira de bronze. Ele marcou quatro gols no mundial. [...] foi protagonista de um lance bastante contestado. O zagueiro

italiano Claudio Gentile grudou nele. Durante uma tentativa de finalização o Galinho foi agarrado pelo italiano dentro da área; acabou com a camisa rasgada. O juiz nada marcou e nós também não reclamamos. Acreditamos que o segundo gol viria em seguida. Veio, mas quem marcou [...] foi o Paolo Rossi pela Itália. [...] Cerezo queria fazer jogadas de craque e acabou entregando um gol para o time italiano. Sim, o segundo gol da seleção italiana foi uma falha de Cerezo. Ele errou um passe na intermediária e acabou dando para Paolo Rossi marcar. Tínhamos o segundo tempo para reverter. [...] Aos vinte e nove minutos do segundo tempo Paolo Rossi marcou o terceiro gol italiano. O placar marcava 3 a 2 em um dia triste para todos os brasileiros. O futebol arte havia perdido (DENARDIN, 2011, p. 68 – 69).

Foi, ainda, no ano de 1982 que a FIFA iniciou a premiação do goleador da Copa com o reconhecimento e a entrega do troféu “chuteira de ouro”, promovendo o artilheiro do certame, aquele que marcou mais gols durante a competição. Ao final da competição, o vencedor de 1982 foi o grupo da Itália, seguido pela segunda classificada, a seleção da Alemanha Ocidental. Os terceiro e quarto lugares foram ocupados pelas equipes da Polônia e da França, respectivamente.

A seleção canarinho marcou oito pontos nos cinco jogos que disputou, pondo a bola na rede dos adversários por quinze vezes e sofrendo seis gols; uma única derrota para a Itália. Dentre os dez primeiros colocados na relação oficial da FIFA ao final da competição de 1982, nove seleções são europeias: Itália (1º. lugar), Alemanha Ocidental (2º. lugar), Polônia (3º. lugar), França (4º. lugar), Inglaterra (6º. lugar), URSS (7º. lugar), Áustria (8º. lugar), Irlanda do Norte (9º. lugar) e Bélgica (10º. lugar). O único representante do futebol sul-americano e não-europeu, foi o selecionado do Brasil (5º. lugar).

3.13 Mais uma vez o México integra o roteiro latino-americano em 1986

Novamente o território mexicano é eleito para sediar a COPA DO MUNDO FIFA de Futebol em 1986, depois da desistência da Colômbia, que já estava acertada desde a Copa da Argentina, em 1978, como a sede do campeonato mundial. Na Copa da Espanha, em 1982, os estandes “Colômbia-86” estavam expostos e tudo parecia realizável, em quatro anos.

O presidente Bettancourt, após consultar “uma parcela do público e verificar as condições do tesouro” colombiano, negou o pedido da Federação Colombiana de Futebol à realização do evento esportivo no país, contam Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 99). A principal alegação do presidente da Colômbia foi a crise na economia, fato impeditivo para que o país assumisse um compromisso financeiramente tão grandioso.

Denardin (2011, p. 73) registra que outros fatores, além da fraca economia, compunham o quadro colombiano em 1986; “existia uma crise social provocada pelo tráfico

de drogas, com três grandes cartéis – em Bogotá, Cáli e Medellín [...] Ações executadas pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (as Farc) encontravam no Mundial um prato cheio para eventos terroristas”, Bettancourt não quis arriscar.

Não era apenas a Colômbia que estava enfrentando uma crise econômica importante. O Brasil foi consultado e o governo do presidente João Batista de Oliveira Figueiredo não aceitou a proposta da FIFA em sediar os jogos da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol de 1986, reforçando as escusas da Colômbia, tendo a crise econômica como justificativa.

Surge a candidatura dos Estados Unidos da América para sediar o campeonato mundial de futebol, na América do Norte, pela primeira vez. A campanha foi capitaneada por *Henri Kissinger*, político nacional que assistia muitos jogos de futebol e, por Pelé, o brasileiro que “ensinou” o futebol aos norte-americanos na década de 1970, atuando no clube Cosmos. O governo *Ronald Reagan* apoiava a iniciativa da candidatura do país para sediar o Mundial de 1986. A campanha dos Estados Unidos da América não obteve sucesso; A FIFA não se interessou pela candidatura dos americanos que, mesmo sendo um dos países filiados à entidade desde o início do século XX, não tinha tradição na prática do futebol (*soccer*) e já havia desrespeitado as regras do jogo.

O Canadá também se candidatou para sediar o campeonato Mundial de Futebol organizado pela FIFA, em 1986. Sua candidatura também não encontrou eco junto à organização. Holanda e Bélgica foram pensadas como sedes conjuntas para a Copa do Mundo de 1986. A Inglaterra, a Espanha e a Alemanha Ocidental foram possibilidades que surgiram como solução para a realização do evento pela FIFA.

O México foi lembrado e consultado pela Associação Internacional das Federações de Futebol (FIFA). O Comitê organizador da FIFA buscou elementos para apresentar o grande país latino como o substituto da Colômbia: 1) fora o país organizador do Mundial de 1970, com sucesso, 2) também obteve sucesso na organização dos jogos Olímpicos de 1968, 3) realizou os jogos Pan-Americanos e torneios internacionais com êxito em todas as edições, e 4) o apoio do governo de La Madrid, foi o elemento decisivo para a definição do território mexicano pela FIFA. Era a oportunidade que a FIFA precisava para testar o interesse do público dos EUA e do Canadá em acompanhar o certame através das transmissões pela mídia (jornais, rádio e TV) e de verificar se torcedores americanos e canadenses se deslocariam para ver os jogos de futebol no México.

Em 1985, entretanto, os terremotos que assolaram o país colocaram em dúvida a realização do Mundial mexicano. O presidente da FIFA, João Havelange deslocou-se até o México para averiguar *in loco* a questão. Nem os estádios, nem os serviços de hotelaria e de transmissão de dados e de imagens e sons foram atingidos pelos terremotos. Guilherme Cañedo, membro do comitê organizador do Mundial de 1986, declarou após a visita de Havelange “*Mexico sigue vivo. Haremos el Mundial!*”, relembram Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 100).

Em 15 de dezembro de 1986 foi realizado o sorteio dos grupos para o Mundial de 1986. Os estúdios da Televisa, na Cidade do México, foram o palco para a realização do sorteio que foi transmitido ao vivo para todos os países que transmitem os jogos do Mundial. A seleção Brasileira ocupou a cabeça de chave do “Grupo D”, junto às equipes da Espanha, da Argélia e da Irlanda do Norte.

Algumas informações sobre a desorganização da direção da seleção brasileira tomaram pouco ou quase nenhum espaço na mídia da época. Quinze dias antes da abertura da Copa do Mundo do México, a equipe do Brasil se deslocou para o país, certa de sua hospedagem na colônia de férias da *Nestlé*, em *Toluca*, cidade distante sessenta quilômetros (60 Km) da capital mexicana. Ao chegarem ao local, o administrador da *Nestlé* não permitiu a entrada do grupo brasileiro na colônia de férias da *Nestlé* mexicana afirmando que estava com as vagas preenchidas por funcionários das unidades de *Acapulco* e *Guadalajara* e que não fora informado sobre a concentração da seleção brasileira no local.

Entretanto, no Brasil, ressurgiu no imaginário coletivo nacional a conquista de 1970, a última memória da vitória brasileira no Futebol mundial. A própria imprensa enfatiza que a seleção “canarinho” participa de novo de jogos no estádio *Jalisco*, em *Guadalajara*, local onde foi conquistado o título do tricampeonato. Como a equipe mexicana não passou da segunda fase daquele mundial, os mexicanos novamente adotaram o selecionado brasileiro e torceram por ele. O selecionado brasileiro “tinha até o momento o melhor rendimento de todas as seleções deste Mundial. Eram quatro vitórias em quatro jogos e nenhum gol sofrido”, relatam Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 102).

Passando pela seleção da Polônia nas oitavas de final, com o placar de quatro a zero (4 a 0), a torcida brasileira se empolgou com os resultados da equipe de Telê Santana. Ainda assim, o time do Brasil foi desclassificado nas quartas de final ao perder para a equipe da

França. A seleção Argentina venceu a disputa naquele ano, superando a seleção da Alemanha Ocidental. Os times de França e Bélgica ocuparam as terceira e quarta posições na tabela final daquela Copa. O selecionado do Brasil aparece apenas na quinta posição na classificação geral final do torneio, que contou com a participação de trinta e duas (32) seleções nacionais, cumprindo a meta traçada pelo presidente da FIFA João Havelange, desde 1975.

Foi, também, na Copa do Mundo de Futebol de 1986, no México, que a FIFA implantou novas regras para o torneio. Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 100) esclarecem que “a partir das oitavas de final, não haveria mais jogos extras em caso de empate. A decisão seria na prorrogação e, depois, nos pênaltis”; a seleção que perdesse a partida voltaria para seu país de origem imediatamente.

O *ranking* final da FIFA apresenta a seguinte classificação: Argentina (1º. lugar), Alemanha Ocidental (2º. lugar), França (3º. lugar), Bélgica (4º. lugar), Brasil (5º. lugar), México (6º. lugar), Espanha (7º. lugar), Inglaterra (8º. lugar), Dinamarca (9º. lugar) e URSS (10º. lugar). Os representantes do futebol americano e não-europeu, são o selecionado do Brasil (5º. lugar) e do México (6º. lugar).

3.14 O Campeonato volta à Itália em 1990

As eliminatórias para Copa do Mundo de 1990 se realizaram nos cinco continentes e definiram as vinte e duas classificadas, que somadas às equipes da anfitriã Itália e da última campeã de 1986, a Argentina, completaram as vinte e quatro vagas do torneio. A decisão pela vaga sul-americana do “Grupo 3”, levou as disputas entre Chile e Brasil para o Comitê Disciplinar da FIFA, devido à violência das partidas e ao arremesso do sinalizador marítimo pela torcedora brasileira. Com o abandono da partida, o time do Chile que perdia pelo placar mínimo, já no segundo tempo, foi julgado perdedor pelo Comitê Disciplinar e a equipe brasileira, responsabilizada e multada em doze mil dólares pelo arremesso do sinalizador.

O sorteio das equipes nas seis chaves iniciais da competição ocorreu em Roma, com muita festa, em dezembro de 1989. A Europa vivia mais um ciclo de transformações, entre eles, a queda do Muro de Berlim.

A principal alteração na estrutura do torneio se deu pela repescagem dos quatro melhores terceiros lugares para as disputas da segunda etapa do Copa. A classificação dos

dois primeiros colocados em cada grupo estava mantida. Naquele verão europeu de 1990 o evento retorna à Europa tendo a Itália como cenário dos jogos da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol.

Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 107) afirmam que foi um acerto mais uma vez a indicação da Itália como sede do campeonato Mundial de Futebol porque “os italianos têm uma participação muito grande nesse esporte e, por isso, foi justa a sua indicação para sediar o certame de 1990. [...] A Itália organizou, em 1934, o seu primeiro certame”, em condições políticas muito peculiares, com o país sob o comando do fascista Benito Mussolini.

Mesmo com a torcida local a favor da “*Squadra Azzurra*”, a seleção da Alemanha Ocidental vence a disputa contra a equipe da Argentina e torna-se tricampeã. A ‘dona da casa’ ocupa a terceira colocação final e a Seleção da Argentina, que venceu o mundial anterior, cai para o quarto lugar. O Brasil aparece entre as dez primeiras equipes do *ranking* da FIFA, em nono lugar. Das dez primeiras seleções classificadas ao final do torneio, sete são da Europa: Alemanha Ocidental (1^a. colocada), Itália (3^a. colocada), Inglaterra (4^a. colocada), Iugoslávia (5^a. colocada), Tchecoslováquia (6^a. colocada), Irlanda (8^a. colocada) e Espanha (10^a. colocada). Apenas Argentina (4^a. colocada), República dos Camarões (7^a. colocada) e Brasil (9^a. colocada) são times não-europeus. Uma ampliação de cinquenta por cento (50 %) em relação ao torneio anterior. Porém, apenas Argentina (4^a. colocada) e Brasil (9^a. colocada) representaram o futebol sul-americano. Pela primeira vez aparece no *ranking* da FIFA pontuando entre as dez seleções mais bem classificadas, uma equipe representativa da África Negra, a equipe camaronesa.

3.15 Em 1994 a primeira Copa do Mundo no território yankee

Os Estados Unidos da América sediam a COPA DO MUNDO FIFA de Futebol em 1994, fato inédito até então, quebrando o esquema Europa-América Latina com a escolha de um país-sede na América do Norte, após 64 anos de existência do evento esportivo. O interesse pelo futebol (*soccer*) naquele país já é registrado em décadas anteriores; até mesmo o maior jogador brasileiro de futebol de todos os tempos, Edson Arantes do Nascimento, Pelé, lá atuou na equipe do Cosmos, na década de 1970. Os Estados Unidos da América é filiado à FIFA desde a primeira edição do Campeonato Mundial, em 1930. E a Copa do México de 1986 foi transmitida para todo o país.

A inserção do território estado-unidense no roteiro do evento COPA DO MUNDO FIFA de Futebol, em 1994, atendeu a diversos interesses pouco relevantes para o evento em si pois como país-sede, a nação norte-americana participa da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol sem necessidade de classificação anterior, disputada em outras instâncias esportivas como a Copa das Confederações, o que não proporciona maior participação do combinado dos Estados Unidos em jogos ou amplia sua midiaticização junto ao público nacional. Por outro lado, o futebol, esporte incipiente à época nos Estados Unidos da América, provavelmente não obteria êxito em todas as etapas para ser incluído na fase classificatória inicial do continente americano de disputa na COPA DO MUNDO FIFA de Futebol. A justificativa do comitê organizador e da FIFA se embasa em uma escolha importante para ampliar e incentivar a prática do futebol naquele país.

Todo mundo sabe que os americanos não são muito chegados ao nosso futebol. O negócio deles é baseball e futebol americano. Desconfiava que a competição pudesse acabar em um fracasso na terra do Tio Sam. [...] Os homens da FIFA conhecem muito bem o negócio que é o futebol. Os americanos estão acostumados a sediar grandes eventos, têm grandes estádios e uma rede hoteleira de dar inveja a qualquer país. [...] Los Angeles [...] é a cidade que tem a segunda maior população mexicana no mundo. Perde apenas para a Cidade do México. E mexicanos, como se sabe, adoram futebol. [...] Todos os detalhes foram completamente atendidos. [...] O mundial americano teve a maior média de público de toda a história. Foram 3.557.500 espectadores nos cinquenta e dois jogos do torneio. Uma média de 68.413 pessoas por partida (DENARDIN, 2011, p. 89).

Parece ser evidente que a inclusão dos Estados Unidos da América nos caminhos das COPAS DO MUNDO FIFA de Futebol foi uma decisão política, mercadológica e econômica tomada pelo comitê organizador da FIFA. A atitude reflete uma ampliação da presença da metrópole, do grupo mundial decisor branco e excludente tanto quanto quando os países europeus sediam o evento. O eurocentrismo não ocorre apenas marcadamente pela posição geográfica dos países, como ensinam Stam e Shohat (2006) mas, e, principalmente, pelo *status quo*, pelas exclusões e inclusões que gera e, em especial, pelas posturas e escolhas de uma determinada nação, ou seja, por uma posição política específica. Aquilo que Bonfim (1903) denominou de “teoria da imitação”, ou seja, a importação dos conceitos, atitudes, cultura, pensamento e comportamento pelos povos “primitivos” das colônias em relação à metrópole faz replicar os conceitos e atitudes eurocêntricos em territórios colonizados por países europeus.

Os Estados Unidos se equiparam e se percebem inseridos na categoria “eurocêntrica”, especialmente por compartilhar valores colonialistas e, talvez por este motivo, marquem desde a sua própria nomeação como norte-americanos, ou, mais comumente, apenas como “americanos”, sendo que todos os demais países das Américas (América do Sul, América

Central e da própria América do Norte) também são americanos (ou deveriam ser!), categoria que praticamente se tornou exclusiva para o povo estado-unidense.

Também corrobora a este pensamento a divisão proposta às Américas; quando se denomina de América Latina, evidenciando a dispensa do México (o maior país de língua espanhola nas Américas) do grupo geográfico da América do Norte, onde ele está geograficamente inserido. Assim, EUA e Canadá livram-se momentaneamente da aproximação físico-geográfica com o “primo pobre latino”, promovem ao México uma integração a uma identidade próxima a dos demais países terceiro-mundistas ou em desenvolvimento. O maior país dentre as dezoito (18) nações descendentes da América Espanhola ao ser incluído no rol latino, define sua identificação a partir da cultura de seus colonizadores, os espanhóis. Ainda é possível promover uma aproximação do México com o fruto da América Portuguesa, o Brasil, por suas semelhanças em tamanho, mídiatizações e testes de mercado de produtos europeus como o leite em pó Ninho (ou Nido), fabricado pela Nestlé.

Mas, nem sempre esta aproximação aos “marriachi” foi nefasta aos estado-unidenses. Quando buscaram concretizar o projeto *coast-to-coast*, foi no território mexicano que os EUA buscou apoio para “adquirir” cinquenta e cinco por cento (55%) das terras mexicanas e alargar suas fronteiras até o Oceano Pacífico, eliminando o velho vizinho indesejável, não necessitando promover integração ou políticas de “vizinhança”, ou, ainda, espaços de transição como sabemos ser as zonas de fronteiras, com relação às identidades nacionais específicas daquelas regiões, distantes da identidade nacional central. Desta maneira, não houve qualquer preocupação com a circulação de pessoas e mercadorias, com a polifonia, com a multiplicidade de culturas e suas manifestações e necessidades diversas. Deste modo, fazendo com que a endogenia e a endocultura se proliferem sobre o seu território e, eliminando os espaços da diversidade, se valore mais do mesmo e apenas o mesmo, expandindo a posição eurocêntrica.

A seleção “canarinho” chegou à competição comandada por Carlos Alberto Parreira e Mário Jorge Lobo Zagallo, que escalaram os jogadores internacionalmente renomados Romário, Rivaldo, Roberto Carlos, Ronaldo (Fenômeno) e o goleiro Taffarel.

Após uma campanha “magrinha” em termos de resultados, veio a conquista do título mundial, quebrando o jejum de vinte e quatro anos da seleção brasileira. Parreira estruturou

uma equipe “defensiva, sem arte, sem criatividade e chata”, na opinião de Paulo Sant’Ana, manifestada em programa na Rádio Gaúcha, de Porto Alegre/RS. Sob a ótica de Denardin (2011, p. 94), o técnico brasileiro “levou poucos gols e teve no ataque o gênio Romário e a sabedoria de Bebeto. Eles formaram uma dupla de ataque de alta competência. Venceu o futebol pragmático. [...] não faltaram jornalistas para criticar [...] preferiam ter perdido a copa, mas levado ao mundo o futebol arte”, não aceitando que o selecionado do Brasil jogasse “à europeia”, de acordo com Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 114).

Com a conquista do título mundial de 1994, o time brasileiro passou a ocupar a primeira posição na classificação oficial da FIFA, tornando-se a primeira seleção a ser tetracampeã no futebol, vencendo a equipe da Itália na partida final pelo placar de três a dois, nos pênaltis, após o empate em zero a zero (0 a 0) nos tempos regulamentar e na prorrogação.

Das dez primeiras posições no *ranking* da FIFA, setenta por cento são ocupadas por seleções europeias: Itália (2^a. colocada), Suécia (3^a. colocada), Bulgária (4^a. colocada), Alemanha (5^a. colocada), Romênia (6^a. colocada), Holanda (7^a. colocada) e Espanha (8^a. colocada). Dos trinta por cento (30%) das vagas ocupadas por equipes não-europeias, uma posição é ocupada pelo Brasil (1^a. colocada), outra pelas equipes da Arábia Saudita e Nigéria, empatadas na nona colocação.

3.16 O Mundial retorna à França em 1998

Em dezembro de 1997, no *State Velódrome de Marseille*, os trinta e dois países classificados para disputar a Copa do Mundo de 1998 participaram do sorteio das chaves, a primeira fase da competição. Brasil, o campeão do Mundial anterior (1994) e França, a anfitriã, não participaram das eliminatórias da Copa, que ocorreram em todos os continentes porque já tinham suas vagas asseguradas. Além do sorteio, a FIFA promoveu uma partida de futebol disputada entre os “Craques da Europa” contra os “Craques do Resto do Mundo”. A nomeação e a própria proposta já apresenta a posição ideológica da entidade esportiva internacional sobre como ela percebe os atletas e suas origens, diferenciando e marcando o que ela considera como seu (nós) e os demais (os outros).

Fazer retornar a maior competição de futebol do mundo ao país de *Jules Rimet* e *Pierre de Coubertin* parecia um presente à França da contemporaneidade, longe do

entreguerras e distante também do período da resistência. Talvez esta fosse mesmo uma proposta de valorização das origens europeias, da cultura elitista e da visão eurocêntrica a ser disseminada pelo evento. Lembrar *Rimet e Coubertin* é reascender o ideal de lutas por objetivos esportivos traçados desde a “Idade de Ouro da Humanidade” até o início do século XX; afinal *Pierre de Coubertin*, foi o responsável pela reedição dos Jogos Olímpicos na Era Moderna, desde 1896, e *Jules Rimet*, o presidente da FIFA que implantou os Mundiais de Futebol, iniciado em 1930.

Porém, as questões político-econômicas e administrativas do novo momento marcavam o país. Imigrantes de países africanos, em especial, de ex-colônias francesas da África, há mais de uma geração estavam vivendo na França; seus filhos já nasceram ali, eram franceses com ascendência não-europeia. A situação reforça a compreensão de que a adesão do “periférico” fortalece a ideia da Europa como centro da cultura mundial, centro da “civilização”. No multiculturalismo brasileiro isso não seria necessariamente um problema, somos muitos filhos e netos de imigrantes, não é exatamente assim nos países da Europa.

O tão esperado 1998 finalmente chegara a minha vida [...] a copa da cultura. Sim, a França é inspiradora! Todo mundo sabe que ali está um dos maiores polos culturais do mundo. A organização da copa soube explorar essa qualidade como ninguém. [...] Tudo naquele recanto do mundo parece ter o seu lugar devidamente planejado. As ruas são lindas. [...] O moderno “Stade de France”, uma obra arquitetônica fantástica. [...] os estacionamentos estão concentrados em pelo menos cinco andares subterrâneos ao campo principal. Em um deles o metrô tem acesso e faz o embarque e desembarque de torcedores na estação que, por elevadores, chegam ao estádio. (DENARDIN, 2011, p. 101 – 102).

Para o presidente da FIFA, João Havelange, a Copa da França era mais do que uma promoção esportiva, um negócio ou a valorização de um modelo cultural a ser propagado. Para ele, era o marco final de sua jornada à frente da entidade esportiva internacional, encerrava-se o seu ciclo particular de poder na Federação Internacional. Fazer o campeonato Mundial retornar à França era também retornar ao berço da FIFA, levar a FIFA à sua primeira casa; era também fazê-la voltar às origens. Depois de presidir a FIFA por vinte e quatro anos ininterruptos, Havelange, que organizou seis Campeonatos Mundial de Futebol, visitou cento e oitenta e seis países e promoveu o retorno da República da China à FIFA, que havia sido desligada por questões políticas há mais de vinte e cinco anos, deixava o cargo. Também foi o brasileiro Havelange que implantou os campeonatos mundiais de futebol nas categorias feminino, juniores, infanto-juvenil e juvenil, promovendo a “massificação do esporte” no mundo. Segundo Denardin (2011, p. 105), foi João Havelange que “transformou o futebol num negócio de muitos milhões de dólares. Nenhum presidente [da FIFA] fez mais que ele pelo esporte.” O presidente João Havelange fez seu sucessor, elegeu o secretário geral da

FIFA, o suíço *Joseph Sepp Blatter*, com cento e onze votos contra os oitenta, recebidos pelo opositor *Lennart Johansson*, presidente da União das Federações Europeias de Futebol – UEFA.

Conta Denardin (2011, p. 105) que *Blatter* buscou apoio junto às Federações da Ásia e da África. “Essa união de forças resultou, por exemplo, no projeto de tornar Japão e Coreia do Sul como sedes da copa”. A combinação de dois países-sede para o Mundial ocorreria quatro anos depois. Temos na eleição de *Blatter* a continuidade do pensamento de Havelange, e indícios das negociações “toma-lá-dá-cá” efetuadas entre a FIFA e as federações associadas que votam nas reuniões do Comitê Executivo da organização, e podem promover a “governabilidade” de qualquer presidente da entidade ou barrar suas aspirações.

O Brasil fez uma boa campanha sob o comando de Mário Jorge Zagallo, ex-jogador de futebol e que havia treinado a seleção canarinho nos anos de 1970, quando da conquista do tricampeonato, e em 1974, na Copa da Alemanha, quando obteve a quarta colocação. A disputa final ocorre entre Brasil e França.

O entusiasmo nacional era grande e vinha embalado pela vitória de 1994. Entretanto, em 1998, o Brasil perdeu o jogo para a equipe anfitriã; os desmaios de Ronaldo, o fenômeno, preocuparam a imprensa e a nação brasileira, lembrando que ele havia sido eleito há pouco tempo pela própria FIFA como o “melhor jogador de futebol do mundo”, em cerimônia internacional.

A classificação final apresenta apenas duas seleções de futebol não-europeias, a saber, Brasil (2ª. colocação) e Argentina (6ª. colocação) entre as dez primeiras posições do certame. As equipes de futebol da França (1º. lugar), da Croácia (3º. lugar), da Holanda (4º. lugar), da Itália (5º. lugar), da Alemanha (7º. lugar), da Dinamarca (8º. lugar), da Inglaterra (9º. lugar) e da Iugoslávia (10º. lugar) representaram oitenta por cento das posições finais.

A presença de somente dezesseis países não-europeus dentre as trinta e duas equipes participantes do torneio constrói um cenário que restringe a participação de países não-europeus a quarenta e cinco por cento (45%) das vagas do torneio. Isso significa que os países de um único continente, a Europa, ocupam quase a metade das vagas disponíveis à fase final da Copa do Mundo FIFA de Futebol. Fato que favorece a presença majoritária de seleções nacionais europeias na classificação das dez melhores posições do *ranking* da FIFA.

Oito das dezesseis vagas são ocupadas por equipes oriundas de países americanos (cinco da América do Sul, um da América Central e dois da América do Norte). As demais nove vagas são disputadas entre África, Ásia, Oriente Médio e Oceania; a partilha estabelecida de modo tão desigual nos faz questionar as condições do esporte e de sua propagação no mundo. A África esteve representada pelos selecionados de Nigéria (12 °. lugar), Marrocos (18 °. lugar), África do Sul (24 °. lugar), República dos Camarões (25 °. lugar) e Tunísia (26 °. lugar). A Ásia fez-se representar pela presença dos times da Coreia do Sul (30 °. lugar) e do Japão (31 °. lugar). Irã (20 °. lugar) e Arábia Saudita (28 °. lugar) compõem o grupo representativo do Oriente Médio.

3.17 Novos ares para o Mundial do século XXI: a COPA vai à Ásia

O presidente da FIFA, João Havelange, em 1996, numa reunião da entidade em Zurique, sugeriu ao Comitê Executivo a indicação de Japão e Coreia do Sul, juntos, como países-sede da Copa do Mundo de Futebol de 2002. A indicação foi aceita por unanimidade e algumas condições foram levantadas para o planejamento do evento.

Desde os anos 80 a Ásia pretendia quebrar o ciclo de mundiais na Europa e nas Américas. A FIFA pensava bastante no assunto. Até mesmo, porque muitos dos eleitores que acompanhavam João Havelange faziam parte das federações asiáticas. A entidade queria buscar novos negócios e mercados. O problema maior era o financeiro. Quem teria condições econômicas para patrocinar a competição no continente asiático? Foi aí que surgiu a aposta em uma dupla candidatura. Algo inédito em copas do mundo. [...] A Federação Asiática de Futebol estimulou a proposta. A Coreia já tinha sediado as Olimpíadas de Seul que serviu como uma espécie de treinamento. O Japão jogou uma copa do mundo pela primeira vez em 1998. Para 2002 levava a paixão pelo esporte, a sabedoria ancestral e, claro, o dinheiro para realizar uma grande competição. (DENARDIN, 2011, p. 105).

Definiu-se naquela mesma reunião de Zurique que a partida de abertura seria em um país e a de encerramento do certame, no outro. Metade das seleções, dezesseis equipes, iniciariam as disputas esportivas no Japão e as outras dezesseis, na Coreia do Sul. Desta maneira, cada país sediaria trinta e dois jogos. O sorteio das chaves da primeira fase foi realizado no Japão, em dezembro de 2001, e a disputa pela terceira colocação geral no Mundial, aconteceria em um estádio da Coreia do Sul. As equipes da França, campeã do torneio de 1998, e da Coreia do Sul, bem como a do Japão já garantiam as vagas, por sediarem o evento. Quase duzentas seleções de futebol disputaram as vinte e nove vagas restantes através dos jogos das Eliminatórias da Copa do Mundo, realizadas em todos os continentes.

Como se vê, o ano de 2002, além de festejar a primeira edição da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol do século XXI, traz outras inovações; a primeira vez que o evento esportivo é realizado em

dois países concomitantemente: Japão e Coreia do Sul, e, é também, a primeira vez que a competição mundial é sediada no continente asiático.

Foi um marco e tanto na história do futebol. A bola rolou no Oriente. [...] Eram vinte as cidades-sede. Coreia do Sul e Japão são dois pequenos países separados apenas pelo Estreito da Coreia. [...] Seul é uma grande cidade [na Coreia do Sul]. As avenidas são largas e por elas, todos os dias, transitam milhares de automóveis. A infraestrutura viária estava preparada para a demanda imposta por um mundial. Trens, rodovias e metrô em perfeitas condições de funcionamento. O IBC – International Broadcast Center – ficava em um Shopping Center. [...] Os orientais pensam mesmo em tudo! A organização da copa colocou até massagistas à disposição dos jornalistas que trabalhavam na cobertura. [...] (DENARDIN, 2011, p. 107 – 108).

No final da década de 1990 há uma explosão de produtos e serviços voltados para a tecnologia e que a utilizam sobremaneira. Tais tecnologias advinham, em grande medida do Japão e da Coreia do Sul. Também, à mesma época, os países asiáticos com sistemas mais fechados, iniciaram um processo de inserção no mercado mundial. Até mesmo a China, considerada o grande tigre asiático, incrementou sua participação na economia global e esteve presente na Copa de 2002.

Os olhos do mundo econômico e dos negócios, naquele momento, se voltaram para a Ásia, o grande e enigmático continente oriental. O olhar do comitê organizador da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol também foi direcionado para os muitos milhões de dólares e de pessoas que poderiam vir de lá ou lá mesmo consumirem os produtos ocidentais “aceitáveis” pelo sistema político fechado da república chinesa bem como nos demais países daquele continente.

Outro fato inédito em 2002 fora a realização do evento esportivo em dois países-sede ao mesmo tempo, o que aponta para algumas observações relevantes para a compreensão dos caminhos da COPA, a saber: 1) a não definição de um único território nacional como país-sede dentre os dois países capitalistas, Japão e Coreia do Sul, que incorporaram os hábitos ocidentais no modo de vestir circulante na Europa; 2) a inclusão do Japão e não de sua rival histórica, a China, no roteiro das COPAS DO MUNDO FIFA de Futebol, valoriza o capitalismo e despreza o sistema comunista, em vigor na China; 3) a projeção da Coreia do Sul e a desqualificação da sua homônima Coreia do Norte, pelos mesmos motivos anteriormente demonstrados para a relação Japão/China, além de promover visibilidade às cidades sul-coreanas onde indústrias de automóveis, de autopeças e outros bens. São marcas sul-coreanas presentes no mundo globalizado: Daewoo, Hyundai, Kia Motors, LG Group e Samsung, dentre outras que têm sede e instalações mostrando o desenvolvimento, a sociedade, a competência e a confiabilidade para os demais países da Europa e das Américas

fazerem contatos, firmarem contratos e negócios, desmitificando a percepção do “estranho, enigmático e longínquo oriente”, promovendo aproximações e apontando semelhanças.

No Brasil, o fuso horário atrapalhou a população que desejava acompanhar as transmissões dos jogos; mas em certames importantes, como aquele contra a equipe inglesa, por exemplo, ainda assim, houve festejos, carreatas, ‘buzinaços’ e foguetes no meio da madrugada. A seleção “canarinho” sagrou-se pentacampeã, derrotando a Alemanha (não mais ocidental posto que já se encontrava unificada) por dois gols, sob o comando de Luís Felipe Scolari, o “Felipão”, também ex-jogador de futebol, onde ocupava posição na zaga (defesa).

3.18 2006: a Alemanha unificada se reapresenta ao mundo

No ano de 2006, a Alemanha (unificada) volta a sediar o campeonato mundial de futebol, levando para a Europa o evento esportivo, mais uma vez. A equipe brasileira não obteve classificação para a final, fato que prejudica a mídia nacional, que acabou focando seu trabalho em matérias diversas mostrando a “nova Alemanha”, que estaria superando os horrores da II Guerra apenas naquele momento, quando se concebia unificada novamente, um processo que começara em 1989, com a queda do muro de Berlim, após vinte e oito anos (28).

O processo de reunificação da Alemanha tem suas raízes na chegada ao poder soviético pelo líder Mikhail Gorbachev, em 1985, que deu início ao processo de abertura política da URSS. O processo liberal trazido por Gorbachev afeta e influencia outras repúblicas do Leste da Europa, que compunham o bloco socialista e, também, da dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas que tinha na Rússia o centro do poder. A queda da “cortina de ferro” é um efeito das novas políticas soviéticas e do fim da República Democrática da Alemanha (RDA), a Alemanha Oriental. Com o fim da barreira física entre as Alemanhas, surge a reunificação do território germânico. Novos problemas surgiram; o diferente desenvolvimento entre as duas partes da Alemanha era visível, ainda assim, o Tratado de *Maastricht* possibilitou o ingresso dos países oriundos da “cortina de ferro” na União Europeia. A queda do muro de Berlim é causa e consequência do fim do comunismo no continente europeu. Com isso, novas lideranças de direita passam a ser eleitas através do voto popular em muitos países da Europa.

Do mesmo modo que um estilo artístico nega o anterior, nas décadas de 1990 e 2000 os países do Leste Europeu negaram as ideias marxistas e a hipotética distribuição de riquezas preconizada por elas. O comunismo foi perdendo eleições e os países-satélites da antiga URSS cortaram o “cordão umbilical” que os mantinha ligados á Moscou. A economia de mercado se mostra como a condição de reestruturar a Europa sócio-política e economicamente. A união europeia passou a auxiliar os novos países a reconstruírem suas economias e a implementarem as reformas políticas contribuindo para que o mercado europeu se tornasse realmente um único mercado, com moeda forte e unificada, possibilitando a circulação livre de bens, serviços e pessoas naquele território, eliminando os antigos entraves ao projeto europeu, a partir de junho de 1993, com a assinatura da Declaração de Copenhagen. A União Europeia acreditou que, devido ao surgimento de novas potências de mercado, como a China, por exemplo, a única solução para assegurar o crescimento econômico seria o estabelecimento de um bloco econômico que lhes assegurasse o livre comércio: ampliando a variedade de bens de consumo, a limitação de preços pela concorrência, criando políticas de proteção dos consumidores. Ainda creem que necessitam de uma única manifestação política, uníssona.

Conforme Denardin (2011, p. 113), “apesar da bela estrutura que possuíam com estádios, aeroportos, linhas de trens, hotelaria e tudo que uma copa requer, [...] ainda investiram muito dinheiro para entregar às nações um mundial perfeito. Sete dos doze estádios onde aconteceram os jogos tinham sido usados [em] 74”. Entre eles, o estádio Olímpico de Berlim, construído por *Hitler* para as Olimpíadas de 1936, também sediadas pela Alemanha, antes da cisão do pós-guerra.

Naquele ano de 2006, a população alemã acreditava na conquista do campeonato mundial de futebol no território alemão; vinham de um vice-campeonato mundial, em 2002, e já detinham o título de tricampeões, contavam com a disciplina tática, a força física e a motivação de disputar os jogos no próprio país, com o apoio da torcida que se empolga com os jogos da seleção da Alemanha.

A imprensa internacional também acreditou que o time alemão seria a grande surpresa daquela Copa do Mundo e acompanhou diariamente as ações daquela equipe esportiva. O grupo brasileiro, que chegava ao mundial como o vencedor da Copa de 2002, também teve sua concentração observada e comentada pelos diversos veículos de comunicação que cobriam o evento esportivo.

As seleções da Itália e da França não se destacaram aos olhos da mídia, porém, como afirmam Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 134), tais selecionados “correram por fora, [...] os italianos prepararam-se para ganhar a Copa e não em dar espetáculo, em meio à competição concentraram-se em seu próprio estilo de jogo, defender.”

A partida final foi disputada entre os selecionados da Itália e da França, que empataram em um a um (1 a 1) no tempo regulamentar. Com prorrogação e, por fim, com a disputa de pênaltis, a equipe italiana pode festejar a conquista do título, com o resultado de cinco a três, sobre os campeões de 1998. Era a segunda final da Copa do Mundo em que a disputa por pênaltis definia o campeão.

As dez primeiras colocações no *ranking* oficial da FIFA do Mundial de 2006, na Alemanha seguiu o patamar dos campeonatos anteriores: Itália (1^a. colocada), França (2^a. colocada), Alemanha (3^a. colocada), Portugal (4^a. colocada), Brasil (5^a. colocada), Argentina (6^a. colocada), Inglaterra (7^a. colocada), Ucrânia (8^a. colocada), Espanha (9^a. colocada) e Suíça (10^a. colocada). Apenas Brasil (5^o. colocado) e Argentina (6^a. colocada) são equipes de países não-europeus, representando vinte por cento das dez primeiras posições. A Europa enviou treze seleções nacionais contabilizando quarenta por cento (40%) das vagas, as Américas, oito (quatro da América do Sul, três da América Central e duas da América do Norte), a África, cinco, a Ásia, duas, o Oriente Médio, duas, e a Oceania, uma; é a primeira Copa do Mundo que a equipe australiana (16^a. colocada), participa.

3.19 Em 2010 a Copa do Mundo chega à África

O continente africano sediou pela primeira vez a COPA DO MUNDO FIFA de Futebol em 2010. A África do Sul fora a nação eleita pela FIFA para receber os jogos que se realizaram entre junho e julho daquele ano. Oito anos após a incursão das atividades da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol na Ásia, o comitê organizador leva o evento à África. Porém, não o sedia em países como o Congo ou a Nigéria, países símbolo da África negra. A África do Sul, país de colonização inglesa, de separação racial (*apartheid*), de reservas florestais e com a existência de muitas tribos africanas nativas e oprimidas é eleito para receber o evento esportivo de modalidade única mais difundido no mundo ocidental.

Importante ressaltar que apesar do evento Copa do Mundo 2010 ocorrer em um único país (e não no continente), o cartaz de divulgação do evento faz alusão ao continente africano

negro, descartando essa identificação da África com partes dos povos ou países africanos, como por exemplo, as relações e identidades muçulmanas presentes naquele continente.

O continente africano por si só já é bastante peculiar; há no norte da África uma relação muito próxima com a Europa; há séculos, em razão de territórios de um continente serem visíveis, um ao outro, da outra margem do Mar Mediterrâneo e de existirem movimentos migratórios e de invasões e conquistas há bastante tempo.

A África como um todo, assim como a América Latina, não apresenta uma identidade única, integral. É um mosaico de culturas, religiões, línguas, sotaques, etnias e, por sua vez, identidades. Mas, da mesma maneira que ocorre há muitos anos em diversos locais do planeta onde a prática do eurocentrismo, do colonialismo e a imposição de uma cultura sobre as outras, é forçada a apresentação de uma identidade africana “homogeneizada e pasteurizada”, a imagem da anfitriã é publicizada a partir da imagem escolhida para estar disposta (exposta) no veículo cartaz de divulgação do evento esportivo Copa do Mundo Fifa de Futebol 2010, mostrada aos demais países dos diversos continentes como uma África Negra, talvez a correspondente mais próxima do imaginário dos europeus e norte americanos, brancos, cristãos, ricos; as figuras dominantes nas relações sociais contemporâneas, presentes no comando direto e indireto da própria FIFA.

Entretanto, na África Central há muitos países com baixos índices de desenvolvimento econômico e social, nos quais a população, de maioria negra, sofre pela falta de alimentos, de água tratada, de infraestrutura nas cidades ou vilas. Mas esta também não foi a escolha do comitê organizador da FIFA. A eleição da África do Sul pelos organizadores da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol se deu, aparentemente, pelo fim do *apartheid*. No entanto, apenas a cidade de Pretória, a capital negra, foi incluída em etapas da disputa pela COPA DO MUNDO FIFA de Futebol, as demais cidades que sediaram alguns jogos do evento esportivo são majoritariamente branca ou têm na etnia caucasiana suas bases de formação (*Joanesburgo, Cape Town, Port Elizabeth, Durban, Bloemfontein, Polokwane, Nelspruit e Rustenburg*).

A seleção brasileira naquele mundial era comandada pelo ex-jogador e capitão da seleção do Brasil em 1994, o técnico de futebol, Dunga, que ocupou o cargo por mais de três anos. Mesmo tendo conquistado a Copa das Confederações, em 2009, evento que “testa” as condições para a realização da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol, um ano antes do evento principal, propriamente dito, o Brasil não chegou à final, sendo barrado pelo time holandês,

nas quartas de final. A Espanha conquistou pela primeira vez o título de campeã mundial de Futebol, validando internacionalmente o estilo que, principalmente os clubes Barcelona e Real Madrid, têm apresentado no campeonato espanhol e na Liga dos Campeões da Europa (UEFA).

Das dez primeiras colocações no *ranking* oficial da FIFA, encontramos quatro (4) seleções representando países europeus: Espanha (1º. lugar), Holanda (2º. lugar), Alemanha (3º. lugar) e Portugal (8º. lugar). Foram quatro, também, os países latino americanos com classificação final entre as dez primeiras colocações, a saber, Uruguai (4º. lugar), Argentina (5º. lugar), Brasil (6º. lugar) e Chile (10º. lugar). Um país da África, a seleção de Gana (7º. lugar) e um país asiático, Japão (9º. lugar).

3. 20 A Copa volta ao Brasil em 2014: tudo está no seu lugar?

Em reunião do Comitê Executivo da FIFA, em Zurique, o Comitê Brasil 2014, liderado pelo presidente da CBF Ricardo Teixeira, apresentou a candidatura do Brasil como país-sede para a Copa do Mundo FIFA de Futebol 2014. O projeto brasileiro, apresentado por Teixeira, foi aplaudido pelos presentes e o presidente da FIFA, Joseph Blatter, declarou seu apoio após o encerramento da primeira parte da reunião.

A principal mesa da reunião do Comitê Executivo da FIFA contava com a presença do próprio presidente Blatter, do presidente da CBF, Ricardo Teixeira, do ministro dos esportes, Orlando Silva, do governador do Amazonas, Eduardo Braga, do embaixador do Brasil 2014, o ex-atleta Romário, do técnico de futebol da Seleção Dunga e do escritor Paulo Coelho.

O presidente da FIFA, Joseph Blatter ficou impressionado e agradeceu a presença do presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, do ministro das relações exteriores, Celso Amorim, da ministra do Turismo, Marta Suplicy, do representante do Congresso Nacional, o Senador Marconi Pirillo e dos governadores de estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, de São Paulo, José Serra, de Minas Gerais, Aécio Neves, do Ceará, Cid Gomes, da Bahia, Jaques Wagner, de Pernambuco, Eduardo Campos, do Mato Grosso, Blairo Maggi, do Distrito Federal, José Roberto Arruda, do Pará, Ana Júlia Carepa e do Acre, Binho Marques, além de outras autoridades brasileiras.

No discurso de abertura, o presidente da CBF Ricardo Teixeira apresentou motivos para a escolha do Brasil como país-sede para o Mundial de 2014. Segundo Voser, Guimarães

e Ribeiro (2010, p. 142) ele apontou “o momento histórico [...] e enumerou a série de benefícios econômico-financeiros e sociais que a Copa do Mundo trará para o país”, convicto de que o Brasil e os brasileiros estavam preparados para sediar um evento tão importante. Agradeceu o irrestrito apoio do governo federal às ambições da CBF, expresso na assinatura das “garantias governamentais”, consolidadas pela presença do Presidente Lula na reunião do Comitê Executivo da FIFA, em Zurique. Teixeira resumiu: “o Brasil só tem a ganhar com a Copa do Mundo. E o mundo só tem a ganhar com a Copa do Mundo no Brasil”, relatam Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 143).

Muitos fatores foram destacados pelos membros brasileiros na reunião do Comitê Executivo, naquele dia em Zurique. O governador do Amazonas, Eduardo Braga, afirmou que optar pela realização da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil é mobilizar milhões de pessoas para a questão da sustentabilidade do planeta, preservando a floresta amazônica e evitando alterações climáticas no mundo. Para ele, é a nova marca da globalização, apostando numa nova postura ambiental, direcionada ao marketing empresarial e aos benefícios legais alcançados pelas organizações que comercializam ativos “verdes”. (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2010).

O escritor Paulo Coelho, definido por *Joseph Blatter* como o dono de um humor muito específico, “quebrou o formalismo da reunião ao dizer que a emoção do futebol tem maior duração do que a emoção do ato sexual [...] e prometeu aos integrantes da FIFA que a realização da Copa terá no país e no seu povo a mesma emoção, disciplina e criatividade que são as marcas da Seleção” do Brasil, relatam Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 143). O escritor brasileiro também afirmou que através da organização do torneio de 2014 o Brasil e os brasileiros poderiam mostrar ao mundo sua capacidade de trabalhar, de sonhar, de criar e de possibilitar ao planeta todas as emoções que são possíveis aos torcedores do futebol.

Ao final da apresentação o comitê Brasil 2014 exibiu um vídeo produzido pela agência de publicidade DM9, mostrando o Brasil, suas praias, algumas cidades, e parte de manifestações populares com tons culturais. No produto audiovisual é possível identificar elementos bastante conhecidos do público brasileiro e dos estrangeiros como vistas das praias cariocas e do litoral brasileiro, imagens da imensidão das areias brancas dos Lençóis Maranhenses, da Floresta Amazônica, da arquitetura colonial do nordeste e de cidades históricas mineiras, do desenvolvimento da capital paulista, a maior cidade do país, da gastronomia baiana (acarajés, camarões, peixes e frutos do mar), dos trajes típicos locais mais

difundidos (baiana do acarajé, ...) etc. Apesar da explícita relação que o escritor Paulo Coelho fez entre as emoções do futebol e o orgasmo sexual, um tempo pequeno do vídeo foi destinado aos corpos femininos nus ou pouco vestidos nos trajes de banho ou nos biquínis dos desfiles das escolas de samba do carnaval do Rio de Janeiro ou de São Paulo e da Festa do Boi, em Parintins.

De qualquer maneira, o ano de 2014 gerou grandes emoções para o Brasil, país eleito pela FIFA para sediar a COPA DO MUNDO de Futebol, que, segundo o seu presidente, Joseph Blatter “tornou normal a sua escolha [do Brasil] para ser a sede da Copa do Mundo de 2014 [...] pela importância que o seu futebol tem no mundo”, relatam Voser, Guimarães e Ribeiro (2010, p. 144).

Após 64 anos a COPA retornou ao território nacional e foi disputada em doze estados da federação. A pedido do presidente da CBF, Ricardo Teixeira, o número de cidades-sede foi ampliado de dez para doze na edição brasileira. Cinco delas foram indicadas pela FIFA, quase que imediatamente: Brasília/DF, Rio de Janeiro/RJ, São Paulo/SP, Belo Horizonte/MG e Porto Alegre/RS, além da escolha do Distrito Federal, as demais cidades escolhidas são conhecidas internacionalmente pelas conquistas futebolísticas internacionais por equipes de clubes de futebol locais.

Em outra reunião do Comitê Executivo da FIFA, Blatter anunciou, em ordem alfabética, as outras sete capitais estaduais brasileiras a receber as partidas da Copa do Mundo do Brasil, em 2014, a saber: Curitiba/PR, Cuiabá/GO, Fortaleza/CE, Manaus/AM, Recife/PE, Salvador/BA e Natal/RN. Conforme Voser, Guimarães e Ribeiro (2010), a definição das cidades-sede pela FIFA foi uma escolha difícil diante das grandes distâncias geográficas de um país com um território grande como o do Brasil, com dimensões continentais.

Certamente, os torcedores brasileiros se envolveram e se entusiasmaram com a possibilidade de estarem tão próximos e de presenciar um evento esportivo de tamanha projeção internacional e midiática. Porém, logo sobressaltaram aos olhos da população que o cenário sócio-político econômico e infraestrutural brasileiro não apresentam à população nacional as mesmas condições exigidas pela FIFA para que um país sedie o evento. A população brasileira, incomodada com situações cotidianas desfavoráveis a si, no entanto, contestou as exigências da FIFA para os estádios, para os entornos, cidades, trânsito e estradas comparando o padrão FIFA com a realidade dos serviços oferecidos à população no país

diária e historicamente. Passeatas, manifestações, quebra-quebras ocorreram desde a época da Copa das Confederações, em junho e julho de 2013, nas capitais estaduais e em pequenas e médias cidades brasileiras, de norte ao sul do país. O movimento social que ganhou as ruas ficou conhecido como junho negro.

Em 2014, a COPA DO MUNDO FIFA de Futebol retornou ao conhecido “país do futebol”, que realizou investimentos bilionários para efetuar todas as exigências impostas pelo comitê da FIFA. Vale ressaltar que o Brasil tem se destacado economicamente no cenário mundial mas, ainda assim, muitos problemas sociais, trabalhistas, econômicos, políticos, por exemplo, persistem.

Nos últimos vinte anos o Brasil tem-se mostrado no cenário mundial como um país democrático, estável e em desenvolvimento. Principalmente estável financeiramente para investidores internacionais, fator superimportante na esfera da economia mundial. Ações sociais implementadas pelo governo federal também construíram uma nova postura/posição para o Brasil, bem como, uma nova maneira de ser visto no cenário global. Retirar milhões de pessoas de situação de risco ou de uma posição “abaixo da linha da pobreza” através de programas sociais além de incentivar a permanência de crianças na escola, de fomentar melhores condições de acesso e desenvolvimento da educação formal, de garantir, no mínimo, um ganho diário que possibilite, ao menos, uma refeição ao dia, foram alguns dos programas que modificaram a “cara” do país frente aos demais países e, em especial, aos olhos dos investidores internacionais. Tais elementos passaram a contribuir para uma melhor visibilidade do Brasil na cena mundial. A atuação junto à ONU, a participação em missões internacionais de paz e de salvamento também trouxeram suas contribuições à nova imagem do Brasil “lá fora”. Estar em evidência é um dos requisitos que possibilita a uma nação tornar-se um país-sede do maior evento esportivo que ocorre no cenário mundial: a COPA DO MUNDO FIFA de Futebol.

Entretanto, é o próprio Brasil que detém a configuração como melhor seleção do certame, além de ser o único país que participou de todos os mundiais, em 55% das vezes, que contabilizam onze das vinte edições do Mundial até 2014, a seleção canarinho esteve classificada entre as cinco primeiras posições, a saber, conquistou o título de Campeã Mundial de Futebol por cinco vezes (1958, 1962, 1970, 1994, 2002), em dois outros campeonatos foi vice-campeã (1950 e 1998), por duas outras vezes foi a terceira colocada (1938 e 1978) e, ocupou o quarto lugar por duas oportunidades (1974 e 2014). Somente no II Campeonato

Mundial, disputado na Itália, em 1934, a seleção brasileira foi eliminada na primeira rodada, e no III Campeonato Mundial de Futebol organizado pela FIFA, na França, em 1938, a equipe do Brasil foi desclassificada na fase de grupos, sendo esta a sua pior classificação em todas as disputas dos Mundiais até hoje. A equipe do Brasil parou nas quartas de final por quatro vezes (1954, 1986, 2006 e 2010); e por uma única vez foi retirada do campeonato nas oitavas de final, na segunda edição italiana do evento (1990).

Entretanto, despontar entre os principais selecionados não é um critério muito valorado pelo comitê organizador para a definição do país-sede do evento. A possibilidade de realizar negócios e de apresentar novos jogadores de futebol ao grande grupo de seleções nacionais, aos grandes clubes-empresas bem como aos patrocinadores do evento, são mais relevantes aos olhos da FIFA do que o domínio das técnicas do esporte em si.

Tudo isso somado aos inimagináveis valores arrecadados com os contratos de transmissão, desde o pagamento sobre os direitos para transmitir os jogos, cerca de duzentos e cinquenta mil dólares, por emissora, acrescidos dos aluguéis do ‘estande’, uma peça no IBC que cada emissora aluga por cerca de quinze mil dólares/mês. Para utilizar armário, sofá, cadeira, mesa, televisão e outros itens mobiliários, as emissoras também pagam um aluguel separado daquele do ‘estande’.

A FIFA comercializa diretamente os locais para as rádios e TV’s nos estádios, são as chamadas “posição de comentaristas”, onde cabem apenas três pessoas: o locutor, o comentarista e o técnico de áudio, recebendo o canal de áudio internacional e dois terminais de TV. As emissoras brasileiras que transmitem os jogos do Brasil com equipes maiores, com repórteres de campo e outro junto ao público, por exemplo, necessitam de duas posições, dobrando os custos de quatro mil para oito mil euros por partida. As últimas edições da Copa do Mundo têm realizado sessenta e dois jogos, é só fazer o cálculo dos valores necessários que as emissoras precisam para realizar as transmissões.

Todos os veículos de comunicação credenciados pagam para estar nos estádios de futebol trabalhando a cada torneio, sejam TV’s , Rádios, Revistas, Jornais e demais mídias. Na cobertura jornalística de um evento esportivo como a Copa do Mundo, qualquer ação demanda investimento.

Tudo é dinheiro. Ainda existem as despesas com hospedagem para as equipes. Os preços dos hotéis, principalmente aqueles que são credenciados pela FIFA, sobem. [...] as refeições, os adicionais de viagem para os profissionais que integram a cobertura. Uma emissora de rádio não gasta menos de um milhão de reais em um mundial. (DENARDIN, 2011, p. 136).

E não são apenas estes os lucros gerados pela COPA DO MUNDO FIFA de Futebol, há olheiros, empresários de atletas que querem coloca-los em melhores clubes, atletas que buscam novos empresários, empresários que querem representar outros atletas, investidores de clubes que buscam novos contratos, treinadores que desejam se consagrar para elevar seu “passe”, etc. propostas de marketing e de publicidade que oferecem grandes cachês aos jogadores para gravarem VT’s de campanhas publicitárias mundiais, marcas que querem ser utilizadas por celebridades para serem vistas pelos milhões de espectadores mundo afora. Enfim, uma imensidão de ganhos financeiros e de imagem que estão em jogo, dentro e fora das quatro linhas do campo.

A classificação final oficial da COPA DO MUNDO de Futebol divulgada pela FIFA apresenta quatro equipes oriundas de países europeus, quais sejam Alemanha, a campeã (1 ° lugar), a Holanda (3 ° lugar), a Bélgica (6 ° lugar) e a França (7 ° lugar). Seis (6) equipes nacionais representando os países latino americanos figuram entre as dez primeiras colocadas, sendo quatro (4) da América do Sul (Argentina - 2 ° lugar, Brasil - 4 ° lugar, Colômbia - 5 ° Lugar e Chile - 9 ° Lugar); um país da América Central (Costa Rica - 8 ° Lugar) e um da América do Norte (México - 10 ° lugar). Nenhuma equipe de futebol originária da África, da Ásia, do Oriente Médio ou da Oceania aparece entre os dez primeiros colocados na classificação oficial.

Como se pode perceber pela contabilização dos resultados dos torneios nestes oitenta anos, a presença de seleções de países europeus é muito maior do que as dos selecionados de países não-europeus.

3.21 Os caminhos da Copa e as escolhas do Comitê Executivo da FIFA

Políticas, dominações, busca de novos territórios e mercados, posicionamentos, apoios, situações encobertas, convivência, *marketing*, negócio, grandes volumes financeiros: estas, parecem, são as motivações das definições que o comitê organizador da FIFA faz ou utiliza para embasar suas escolhas na eleição dos países-sede para a Copa do Mundo FIFA de Futebol. A escolha do país-sede para a COPA DO MUNDO não é a antiguidade de filiação à organização pois países pertencentes ao grupo de fundadores da entidade como Bélgica e Dinamarca nunca foram eleitos para sediar o evento, ainda que tenham equipes nacionais que participem (participaram) do campeonato no curso dos últimos oitenta e quatro anos.

É possível apontar que as relações com o lúdico, com o espetáculo, que chega a lembrar o “pão e circo de Roma” e os possíveis encobertamentos de ações de ditaduras/regimes autoritários esteja, no cerne das escolhas da FIFA. Também é visível apontar as adaptações e inovações nas regras do futebol de tempos em tempos como objeto do evento Copa do Mundo de Futebol, criando e implantando mundialmente atos punitivos dentro das quatro linhas como é o caso do uso dos cartões amarelo e vermelho. As culturas locais, além de apresentarem-se como exóticas, propiciam novos ajustes às necessidades do evento esportivo, como é o exemplo do caminho do gol em Porto Alegre⁴⁹. A COPA DO MUNDO FIFA de Futebol também serve à disseminação de um modelo de esporte, de um comportamento esportivo, de uma visão de mundo (eurocêntrica); além disso, é possível assistir às reações fantasiosas dos jogadores quando fingem situações ou agravam a realidade dos fatos em campo, como foi o episódio do gol de Diego Maradona com a mão “la manos de dios”, mostrando a esperteza dos atletas, etc. Ações de mercado/negócio, valores de transmissões e penetração junto ao público podem ser listados ainda como resultados do Mundial. Bem como a midiaticização, disseminação, catequização de novas comunidades e de mais praticantes e adeptos ao esporte. A ampliação do público/mercado da bola parece influenciar mais as decisões do Comitê Internacional na eleição do país-sede do que critérios de antiguidade ou participação das Federações Nacionais.

A experiência da cidade-sede de Porto Alegre na COPA DO MUNDO FIFA de Futebol, em 2014 construiu o caminho do gol, que numa linha direta, praticamente reta, com cerca de seis quilômetros (6 Km) os torcedores conseguiam ir do centro da capital gaúcha à FIFA FAN FEST, localizada praticamente em frente ao parque da Harmonia, onde havia serviços e acampamento gauchesco, apresentando a gastronomia e o folclore sul-riograndense, ao Estádio Beira-Rio, onde foram disputadas as cinco partidas de futebol na Copa de 2014 na cidade, e ao bairro boêmio Cidade Baixa, Tudo isso, tendo a orla do Lago Guaíba como companhia.

⁴⁹ Na Copa do Mundo FIFA de Futebol de 2014 no Brasil, a cidade-sede de Porto Alegre criou um percurso entre o centro da cidade, desde a prefeitura municipal até o estádio Beira-Rio, onde foram disputadas cinco (5) partidas, atravessando cerca de sete quilômetros, por avenidas asfaltadas, enfeitadas, embandeiradas e isoladas com policiamento civil e militar, passando por espaços de lazer como o Parque Harmonia (uma fazenda na região central da cidade) e a Fifa Fun Fest, que ocupou o espaço Por-do-Sol, na orla do Lago Guaíba, quase que em linha reta. A proximidade com o bairro boêmio da Cidade Baixa, facilitou, também, a incursão aos bares, choperias e cafés onde os torcedores foram festejar os resultados retornando, parcialmente, pelo próprio percurso. (N. da A.).

3.22 As novas determinações da FIFA para os Mundiais

No mundo globalizado os acontecimentos de um lugar são percebidos por membros de outro. Assim, as manifestações populares brasileiras puseram alguma “poeirinha” atrás das orelhas do Comitê de Organização da Copa do Mundo FIFA de Futebol ao notar que uma parcela da população nacional não estava contente com a realização do evento e com as condições sócio-culturais e econômicas do Brasil.

Em seu discurso o presidente da entidade, *Joseph Blatter*, afirmou que após a Copa do Mundo FIFA de Futebol na Rússia, que já está acertada, será considerada a pré-existência de infraestrutura dos países candidatos a sediar o evento esportivo, com pouco ou quase nenhum investimento. Evidentemente, esta premissa muda o encaminhamento da disseminação e do desenvolvimento do Futebol em novas praças e, mais uma vez aponta para o continente europeu e para o território norte-americano como os futuros locais sediadores das Copas do Mundo FIFA de Futebol, buscando concentrar os jogos do evento em países desenvolvidos e com infraestruturas desejáveis e acabadas, permitindo que os investimentos do “mundo da bola” sejam refocados no *marketing* esportivo e nos altos contratos de transmissão dos sinais dos jogos pela mídia, por exemplo.

Este discurso aponta para um caminho de maior eurocentrismo, de maior concentração no território europeu para o evento. Descartar outros ou novos locais é centrar-se no mesmo, nos países ricos, que já detem infraestruturas e que estejam mais afinados com o direcionamento político da organização. A escolha deste caminho mostra que os atuais mercados atingidos pelo *marketing* esportivo do futebol já são suficientes e já sustentam todos os negócios bilionários desejados pela FIFA. Não há interesse em conquistar novos mercados ou os outros mercados não rendem todos os lucros desejados pelo negócio da bola.

Rússia e Qatar vão receber o evento nas próximas edições. A candidatura do Uruguai, para sediar a COPA DO MUNDO FIFA de Futebol em 2030, data comemorativa dos cem anos do Campeonato Mundial de Futebol, que teve sua primeira edição naquele país, quando dos festejos do centenário da independência uruguaia, ainda não está confirmada para acrescentar às comemorações do bicentenário da República Oriental do Uruguai. Pretende-se continuar acompanhando as decisões e as escolhas da FIFA e verificar se há novos direcionamentos buscando enxergar suas motivações.

CONSIDERAÇÕES

A hipótese principal desta tese é a existência de um roteiro eurocêntrico nas escolhas dos países-sede para a realização da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol, desde a sua primeira edição, no Uruguai de 1930, pela organização internacional que regula e fiscaliza o esporte: a FIFA. A comprovação da hipótese aponta para a presença do eurocentrismo na sociedade ocidental e, nos espaços possíveis⁵⁰, sobrepondo-se também nos cenários não-ocidentais, em geral, tratando-os como exóticos e regrido suas práticas, impedindo manifestações culturais locais salvo se mostradas como curiosidades, situações divertidas ou primitivas, espaço ocupado nas apresentações nacionais das cerimônias de abertura e de encerramento⁵¹ dos eventos.

Ainda que a memória do futebol aponte para registros de práticas esportivas ou militares no Oriente Antigo, como no Japão e na China milenares, reforçando o entendimento de Stam e Shohat (2006) ao afirmarem que o Ocidente processa os conhecimentos advindos de diversos lugares e os reapresenta como se fossem originalmente seus. Um questionamento se apresenta: não é assim que age o *marketing* na contemporaneidade? As leis de mercado da atualidade apropriam-se de objetos, situações, manifestações e etc., e transformam tudo em mercadorias, postas à venda. Conforme Vasconcellos (1997, p. 39) é o domínio do dinheiro sobre os demais aspectos da vida; ele (dinheiro) é a “força potência de um mundo onde não tem vez o espírito”.

O setor dos esportes não está aliado deste processo mercadológico. Aquele que deveria ser um aspecto sócio-cultural passa a ser comercializado em enormes cifras. O que vale são as possibilidades dos diversos negócios proporcionados pelas disputas esportivas futebolísticas. O roteiro definido pela própria FIFA para o evento esportivo COPA DO MUNDO FIFA de Futebol é eurocêntrico não apenas por ter realizado cinquenta por cento das vinte edições em território europeu mas e principalmente por eleger locais que se adaptem aos princípios do eurocentrismo, que valorizem as regras e condições pré-definidas e impostas pelo comitê da própria FIFA para a realização dos jogos e as condições para sua efetivação mantendo as relações de poder estabelecidas entre a organização e os comitês nacionais, subordinando-os ao comando da FIFA.

⁵⁰ Ainda quando o cenário é oriental (ou não-ocidental), eventos, empresas, mostras e outras organizações e manifestações acabam por impor modelos ocidentais em outros locais e culturas, como ocorre com a COPA DO MUNDO FIFA de Futebol ao ter sede no Oriente, por exemplo, impondo seus padrões através da prática do esporte e do modelo de disputa, ainda que o próprio Japão Antigo tivesse contado com a presença do *Kemari*. (N. da A.).

⁵¹ Não abordamos este tema no texto principal pois não faz parte dos objetivos desta pesquisa. (N. da A.).

Desta maneira, compreende-se a realização do evento esportivo em vinte e cinco por cento (25%) das edições ocorrerem na América do Sul, território colonizado por países europeus onde suas práticas, modo de vida, de vestir, de comportamento, de falar, de pensar foram moldados pelos colonizadores chegados da Europa, ao menos, gerando os modelos oficiais dos países, são opções eurocêntricas.

Com isso, não se está afirmando que os países da América do Sul são europeus, com certeza não o são, e nem a Europa assim o deseja. Os países sul-americanos são fruto da colonização, da opressão socioeconômica e cultural, das invasões e imposições do colonizador europeu. Há, portanto, influência, pressão e poder europeus sobre as atitudes e decisões eleitas pelos dirigentes dos países colonizados ainda hoje, seja por questões do comércio e da diplomacia internacional ou pela impossibilidade de pensar outro modelo que não o eurocêntrico colonizador sob o qual foram forjados, e que na maioria das vezes lhe serve como referência que não lhes cabe questionar. Tudo que lhes é original não é aceito, não serve ao modelo da metrópole, pois lhe enfraquece ao questionar e ao apontar novas possibilidades.

A América do Norte foi a responsável por três edições do Campeonato Mundial de Futebol (FIFA) ao longo dos oitenta e quatro (84) anos de existência do evento. Ainda que não estejam (sejam) a Europa. O México, responsável por duas das edições da COPA (1970 e 1986) é o maior país de língua espanhola no mundo. O idioma espanhol é proveniente do colonizador europeu. Os EUA foram colonizados pela Inglaterra e reproduzem seus hábitos, crenças e comportamento, talvez com menor dependência, mas suas origens também são europeias. Acresce-se o fato de os EUA serem uma potência econômica e, já é de nosso conhecimento, que não é a localização geográfica que define a divisão do mundo em Ocidente e Oriente, lembrando que o Ocidente é o “lugar” da razão, da civilização, do desenvolvimento. Desta maneira, os EUA também representam o poder Ocidental, seus hábitos e costumes. Somando os percentuais de países-sede europeus, latino-americanos e norte-americanos, temos a índice de oitenta e cinco por cento (85%) da incidência do evento COPA DO MUNDO FIFA de Futebol nos locais citados.

Quando o Campeonato Mundial de futebol vai à Ásia, não é a presença de um país diferenciado que se vê, dentre as nações orientais, a escolha da FIFA se dá pela Coreia do Sul e pelo Japão, em conjunto, nações que se relacionam bem e reproduzem um modelo capitalista próximo do Ocidental, no Oriente. Ainda que as origens étnicas sejam diversas da

caucasiana europeia prevalente, o modelo econômico se aproxima e possibilita os “negócios do Planeta Bola”.

Na África do Sul, ex-colônia britânica, percebe-se que há “mais do mesmo”, de maneira muito semelhante ao que ocorre quando a opção é feita por um país-sede da América do Sul. A África do Sul, inclusive, pertence ao grupo de países com economia emergente, denominado pelo grupo dominante de BRICS⁵², assim como o Brasil. Desta maneira, totaliza-se os cem por cento (100%) dos Caminhos da Copa como predominantemente eurocêntricos, valorizando o modelo centrado e difundido por e pela cultura do velho mundo, forjando nas outras nações comportamentos “imitativos”, reproduzindo conceitos, percepções e comportamentos forjados com base na cultura do centro do mundo.

A COPA DO MUNDO FIFA de Futebol não é uma comemoração onde as diferentes culturas são festejadas ou as disputas esportivas celebram a paz, amenizando as diferenças e aproximando os povos, como pregava *Hirschmann* ao propor a realização do Campeonato Mundial no princípio do século XX. Ao contrário, instintos humanos violentos são vibrados e emergem nas partidas acirradas, lembrando os treinamentos militares que historicamente dão origem ao esporte na Idade Antiga, com o chutar dos crânios dos membros do exército inimigo vencido, treinando os corpos para novos embates, nas sociedades ocidentais e não-ocidentais.

A COPA DO MUNDO FIFA é um espaço de visibilidade para os negócios do “mundo da bola”, para os contratos bilionários do futebol e para o *marketing* das marcas esportivas que patrocinam o evento. É uma vitrine para os jogadores, para os profissionais das equipes técnicas, para as marcas e, politicamente, para as nações vencedoras, um belo exemplar do modelo administrativo do Império Romano “pão e circo”, através do qual o poder político-administrativo controla e regula as manifestações mais violentas da população em locais e espaços pré-definidos e sob o regulamento e fiscalização do Estado. Uma espécie de catarse controlada. Getúlio Vargas percebeu esse potencial no esporte e incentivou sua prática. Ainda no Brasil, o governo militar também se aproveitou dos gols para enaltecer o Brasil e os “bons” brasileiros.

A pesquisa apontou, ainda, para presença da relação entre os materiais publicitários brasileiros desenvolvidos para a divulgação do evento esportivo e uma visão da sociedade brasileira à época de sua produção. O mito das três raças, que desponta com força na década de 1930, se mostra na perna morena, mulata ou mestiça caracterizada na figura do cartaz

⁵² Grupo de países com economia emergente, ex-terceiomundistas, que inclui o Brasil, A Rússia, a Índia, a China e a África do Sul (South Africa, em inglês), originando a sigla BRICS (N. da A.).

brasileiro para o Campeonato Mundial de Futebol de 1950. A crença no país mestiço se perpetua para além dos anos 30. Na década de 1970, por exemplo, ainda circulava no país a nota de quinhentos cruzeiros que apresentava seis “esteriótipos da raça brasileira”: branco, negro, índio, mulato, mameluco e cafuzo.

As bandeiras mostradas no “meião” disposto na ilustração do cartaz que divulga O Campeonato Mundial de Futebol de 1950, no Brasil, trazem o sentido da heterogeneidade da origem do povo brasileiro, ainda que também e, principalmente possam apresentar as bandeiras das nações participantes do certame internacional. No pôster desenvolvido para a COPA DO MUNDO FIFA de Futebol de 2014 o mestiço não aparece de modo uno, a “mistura nacional” é mostrada através da profusão de imagens visuais que caracterizam lugares, culturas, natureza, flora e fauna que constituem o Brasil de Norte a Sul (muito menos do Sul, é verdade).

Um novo e diferente conceito de “mestiçagem” é proposto pela e para a solução visual do cartaz de 2014; todos os nacionais podem se identificar com o perfil do território brasileiro apresentado pela figura gráfica e geográfica do perímetro do país composta pela profusão de imagens diversas porém com apelo de brasilidade.

Vê-se, ainda, no material publicitário de divulgação do evento, além do uso das cores nacionais, a saber, o verde, o amarelo, o azul e o branco, trabalhados em degradê, dissolvendo-se e penetrando uns nos espaços dos outros, gerando mais mistura entre si, construindo o mesmo sentido de mescla tropical. A disputa pela bola é apresentada por figuras de pernas com o mesmo uniforme, com as mesmas cores, com elementos gráficos diferentes mas no mesmo estilo, compondo um cenário amistoso. Talvez a “cordialidade brasileira” defendida por Holanda possa ser lida naquela imagem que também aporta os conceitos do *fair play* no futebol contemporâneo e, ancestralmente, do *kemari* japonês.

Considera-se importante perceber que esta pesquisa não encerra em si as possibilidades de estudo sobre os Caminhos da Copa, o roteiro eurocêntrico ou a relação com o Brasil, país do futebol. Também percebe-se que outras análises podem ser realizadas a partir dos cartazes desenvolvidos para divulgar os países –sede e as cidades-sede nas COPA DO MUNDO FIFA de Futebol.

Entretanto, mais importante parece o olhar possível através dos Estudos Culturais direcionando novos estudos que busquem uma análise profunda sobre a relação entre futebol e racismo e racismo e gênero no Brasil. O tema surge como um “efeito colateral” à pesquisa

aqui desenvolvida pois percebe-se a presença do racismo brasileiro nos fatos relatados ao longo da história do futebol no Brasil ainda que, a partir do profissionalismo do esporte no país, as classes menos abastadas tenham obtido acesso a sua prática.

Pó de arroz, alisamentos de cabelos, crítica ao gosto pelo samba e pelas manifestações culturais como o carnaval e a responsabilização dos atletas negros ou mulatos (mestiços) pelas derrotas da seleção são episódios frequentes e necessitam de estudos mais detalhados para que a expiação destas ações sejam reais. Não basta saber que o racismo disfarçado permanece existindo no Brasil, é necessário apontar caminhos para a sua extinção. (STAM, 2010)

Soares (1999) apresenta uma ótica diversa da corrente principal sobre a relação do negro e do futebol no Brasil. Mostra em seu texto *História e Invenção de Tradições no Campo do Futebol*, ao analisar os escritos de Mário Filho (1947) que o jornalista constrói uma relação do afro-descendente nacional com o futebol próximo à narrativa do herói, como foi descrito no corpo deste trabalho, apontando que o autor não traz documentos comprovando a discriminação do negro no âmbito do futebol brasileiro, desde o início da prática esportiva, e, que os demais autores tomam o texto “Negro no Futebol Brasileiro”, de Mário Filho, como um texto fundador, fato que ele questiona.

Entretanto, Guterman (2009) coleta diversas passagens de textos jornalísticos na imprensa de cada época onde são apontadas situações discriminatórias, mostrando que a situação do negro, do mulato, do mestiço, do pobre no futebol do Brasil nunca foi desejada, que houve uma conquista de espaços. Considera-se os textos mediados formas de documentar o momento, a situação à época, assim como áudios ou descrições de locuções de partidas de futebol pelos jornais e revistas de cada período, apresentando um cenário socioeconômico político e cultural.

Também considera-se importante lembrar que as discriminações raciais não são objetivas, diretas e legais. Como bem aponta Stam (2010) em sua obra “Multiculturalismo Tropical”, ao avaliar que no Brasil o racismo não é manifesto, é velado; estabelecendo-se entre todos sob uma capa de naturalidade translúcida, que ora nos permite percebê-lo, ora não. Talvez, no episódio do gol contra marcado pelo jogador brasileiro, o mulato Marcelinho, no certame de estreia da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol no Brasil em 2014, não tenha sido retomado o racismo porque a seleção canarinho vencera aquela disputa. Não é possível crer que o racismo não está mais presente no futebol brasileiro (e mundial) quando três episódios de injúria racial, um contra o juiz Márcio Chagas da Silva, no campeonato gaúcho

de 2014, e outros dois episódios de injúria racial⁵³ contra o goleiro Aranha⁵⁴, do Santos Futebol Clube/SP, nas partidas contra o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, na Arena do Grêmio, em Porto Alegre/RS, em disputas pela Copa do Brasil, em agosto de 2014 foram amplamente divulgados e reproduzidos pela mídia brasileira e internacional, no mesmo período.

A atleta da seleção brasileira de voleibol feminino, Fabiana, também sofreu “injúria racial”, denominada pela mídia de Minas Gerais como “desacato verbal”, minimizando a atitude do torcedor quando atinge uma atleta negra [mulher], mais um preconceito que no Brasil, deva ser pesquisado, nos estudos de gênero e raça.

Com os fatos ocorridos e divulgados não podemos pensar que o racismo contra os atletas negros ou mestiços, bem como contra aqueles que ocupam outras posições do mundo da bola tenham terminado no Brasil. A intolerância às diferenças está ampliando seus espaços e conquistando adeptos; seja contra negros e mestiços, seja contra as mulheres como ocorreu com a juíza auxiliar de futebol, a bandeirinha Luciana, ou contra a atleta Fabiana, do vôlei, mulher e negra.

Outra reflexão que me parece importante, que mesmo não sendo objetivo desta tese, não é possível deixar de apontar, é a relação entre a presença das torcedoras na plateia das partidas de futebol no início do século XX e seu desaparecimento à medida que os negros e mestiços vão sendo incorporados às equipes. No princípio, quando os *teams* eram compostos por homens brancos e de origem elitista, as suas irmãs, mães, primas, namoradas, noivas e esposas participavam do evento como espectadoras, junto a outros homens brancos bem trajados e de “comportamento social ilibado” que estavam presentes nos ambientes dos clubes fechados da sociedade branca, a denominada “primeira sociedade”.

Com o ingresso de negros e mestiços nos grupos desportistas, o futebol passou a ser “coisa de homem”, as mulheres passaram a ser excluídas do processo. Não podemos indicar as vestimentas mais próximas dos corpos como um elemento que defina tal situação pois nas disputas de remo, por exemplo, onde os atletas continuavam a ser brancos e na sua maioria originários da elite nacional de descendência europeia, havia mulheres e homens brancos nas arquibancadas.

⁵³ Nos minutos finais da partida entre Grêmio/RS X Santos/SP pela Copa do Brasil, na Arena do Grêmio, em 28 de agosto de 2014, o goleiro Aranha relatou ao árbitro Wilton Pereira Sampaio que estava sofrendo insultos racistas da torcida adversária que gritava “macaco!”. (N. da A.).

⁵⁴ Os quatro jovens brancos (Patrícia Moreira da Silva, Éder Braga, Rodrigo Rychter e Fernando Ascal) identificados e denunciados por injúria racial contra o goleiro Aranha, Santos/SP, em agosto de 2014, estão cumprindo acordo e tiveram a ação judicial suspensa de forma condicional, proposta pelo juiz Marco Aurélio Xavier. (N. da A.).

Talvez, a aceitação do negro no ambiente masculino dos clubes de futebol no Brasil tenha se dado exatamente por criar locais quase que exclusivamente masculinos no campo e fora dele, em seus entornos, evitando, assim, a miscigenação efetivada pela equação homem negro ou mestiço + mulher branca), na qual o elemento negro é o homem, considerado pela sociedade como o “cabeça do casal”, gerando famílias “negras” ou de origens não caucasianas. Afinal, como o racismo no Brasil é velado, nesta situação pode ser adotado o pensamento norte-americano onde “uma gota de sangue negro” define o ser como negro.

Quando a mestiçagem ocorre através da incisão do homem branco sobre a mulher negra ou mulata, como aconteceu durante muitos anos no Brasil colonial e escravagista sem causar estranhamento. A mestiçagem advinda da associação homem branco + mulher negra ou mestiça não criara uma “obrigatoriedade” daquele homem (branco) permanecer junto a esta mulher (negra ou mestiça) e sua prole (negra ou mestiça). Por muitos anos os mestiços brasileiros foram frutos de relacionamentos desiguais entre homens brancos e mulheres não-brancas, que acolhiam e carregavam seus filhos sem “ofender” o “superior macho branco” e sem cobrar-lhe a paternidade responsável. Situação diversa poderia ocorrer se as mulheres brancas gerassem filhos mestiços pois elas teriam a maternidade como responsabilidade e anexariam a si as crianças mestiças [*crioullas*], sendo discriminadas socialmente por seus familiares e excluídas do convívio social branco e elitista. Acredita-se que esta seja outra questão a ser investigada com maior profundidade e que emerge a partir deste estudo.

Entretanto, parece que ao perceber a existência destas relações díspares e desiguais entre raça e gênero ao longo da história do futebol no Brasil, ainda que depois de tantos anos dos primeiros estudos realizados pelo *Centre for Contemporary Cultural Studies* – CCCS, e seus investigadores, há, ainda que velados, processos discriminatórios pouco percebidos pela sociedade de modo geral. E, se eles estão presentes em um país da América Latina, muito provavelmente, tais processos sejam repetidos em outras sociedades, sejam elas latino-americanas, asiáticas, africanas, visto que os modos eurocêntricos são reproduzidos nos territórios colonizados.

A identidade nacional brasileira, mesmo que em constante construção e muito questionada, se anuncia jovem, esportista, vencedora, dinâmica e ágil. Após a COPA DO MUNDO FIFA de Futebol em 2014 algumas dessas características elencadas e “vendidas” à população pela grande maioria da mídia, precisou ser repensada. A derrota pelo placar de sete a um (7 a 1) pela equipe brasileira para a seleção da Alemanha, corroborada pela derrota para

a equipe do Paraguai na Copa América de 2015, disputada no Chile, obrigam a repensar a condição nacional de “país do futebol”.

Os contratos promovidos pelo “mercado da bola” são bilionários. Tanto federações nacionais, no caso brasileiro a CBF, como a Associação Internacional das Federações de Futebol – FIFA, em negócios nacionais e internacionais tem aparecido frequentemente nas manchetes dos jornais e telejornais como elemento do escândalo financeiro que aponta tratativas escusas, ainda investigadas pela polícia internacional e, no Brasil, pelo Ministério público e pela Polícia Federal. Desde impressões fraudadas de ingressos para jogos da COPA DO MUNDO FIFA de Futebol de 2014 como investimentos de grupos empresariais e de governos em destinos políticos, patrocínios, contratos, inclusive de desportistas e decisões de jogos do referido evento.

Tais situações podem modificar a crença popular brasileira no espírito esportivo do futebol e nos surpreendentes resultados das disputas, sejam elas nacionais ou internacionais. Também é possível ficar alerta ao direcionamento que a FIFA promova ao esporte no mundo, tentando divulgá-lo e angariando novos adeptos. Parece que o princípio original da organização (FIFA) há muito foi abandonado e que o futebol deixou de ser um esporte que possa surpreender em resultados para ser mais um negócio na sociedade de massa.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Karen Cristina Kraemer. Aspectos da criação publicitária. *Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação (BOCC)*. Covilhã: Universidade da Beira Interior (UBI), Portugal, 2010. Disponível em:< <http://www.bocc.ubi.pt/autores1645/>>; acessado em 20 de março de 2010.
- ABREU, K. C. K.; CRUZ, D. M. Análise do design gráfico do pôster do filme alemão “Corra, Lola, corra”. *Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação (BOCC)*. Covilhã: Universidade da Beira Interior (UBI), Portugal, 2009. Disponível em:<<http://www.bocc.ubi.pt/autores1645/>>; acessado em 20 de março de 2010.
- ABREU, K. C. K.; SANTOS, M. A. P. A linguagem visual aplicada a anúncios publicitários. *Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação (BOCC)*. Covilhã: Universidade da Beira Interior (UBI), Portugal, 2010. Disponível em:<<http://www.bocc.ubi.pt/autores1645/>>; acessado em 20 de março de 2010.
- ANDERSON, Benedict. *Imagined communities: reflection on origin and spread of nationalism*. London: Verso, 1991.
- ARRUDA, José Luiz Pereira de. *Comunicação, esporte e negócios: a comunicação como bola na rede do negócio chamado futebol*. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Comunicação, Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Porto Alegre/RS, 2002.
- BARKER, Martin. Analysing discourse. In: PICKERING, Michael (Org.). *Research methods for cultural studies*. Edinburg: Edinburg University Press, 2008, p. 150-172.
- BARROS, Roberta Coelho. *Comunicação e pós-modernidade: estudo das imagens não-comerciais na sociedade contemporânea*. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Comunicação da Faculdade dos Meios de Comunicação Social (FAMECOS) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sob orientação do Prof. Dr. Roberto José Ramos. Porto Alegre, 2013.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. *Rethorique de l’image dans L’Obvie et L’Obtus*. Paris: Éditions du Seuil, 1982.

_____. *Lo óbvio e lo obtuso: imágenes, gestos, voces*. 2ª. Edición. Barcelona, ES: Paidós, 1995.

_____. *A aventura semiológica*. Trad.: Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BAUER, M. N.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BELLOS, Alex. *Futebol: o Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In: COSTA LIMA, Luiz (org.). *Teoria da Cultura de Massa*. 5ª. Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. 2ª. Edição. Trad.: Maria Carmelita Pádua Dias. Revisão Técnica: Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

BRUNORO, José Carlos; AFIF, Antonio. *Futebol 100% profissional*. São Paulo: Gente, 1997.

CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: IBRASA, 1990.

CAMPEÕES DE FUTEBOL disponível em:

<http://www.campeoesdofutebol.com.br/copa_mundo.html>; acesso em: 21 jun. 2014.

CAPINUSSU, José Maurício. *Comunicação e transgressão no esporte*. São Paulo: IBRASA, 1997.

CAUDURO, Flávio. Logocentrismo e design tipográfico. In: *Revista da Famecos: mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, Faculdade de Comunicação Social, n.º. 8, jul., 1998.

_____. Design gráfico: duas concepções. In: *Revista da Famecos: mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, Faculdade de Comunicação Social, n.º. 9, dez., 1998.

CENSO 1980. Disponível em <<http://www.tudosobretv.com.br/histortv.tv80.htm>>, acessado em: 1.fev.2014.

CESAR, Newton. *Direção de arte em propaganda*. 5ª. Edição. São Paulo: Futura, 2000.

COSTA, Diogo; BELIM, Luís. A queda do muro de Berlim e o seu significado para a Europa. In: *Estudos Europeus*. CCO, Universidade da Madeira, Portugal, 2008 - 2009. Acesso em 14.fev.2015.

COELHO, Paulo Vinícius. *Os 55 maiores jogos das Copas do Mundo*. São Paulo: Panda Books, 2010.

_____. *Os 50 maiores jogos das Copas do Mundo*. São Paulo: Panda Books, 2006.

_____. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.

COLI, Jorge. *O que é arte*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1985.

COSTA, Helouise; RODRIGUES, Renato. *A fotografia moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: FUNARTE/IPHAN/UFRJ, 1995.

COSTA LIMA, Luiz (org.). *Teoria da Cultura de Massa*. 5ª. Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DALPIAZ, Jamile Gamba. Representações do Brasil na imprensa britânica: uma análise cultural do jornal The Guardian. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Comunicação da Faculdade dos Meios de Comunicação Social (FAMECOS) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sob orientação da Profª. Drª. Ana Carolina D. Escosteguy. Porto Alegre, 2013.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1981.

_____. *O que faz o Brasil, Brasil?* 9ª. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____. *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DAVIS, Flora. *A comunicação não-verbal*. São Paulo: Summus, 1972.

DEBRAY, Regis. *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente*. Petrópolis,RJ: Vozes, 1993.

DEMARTINI GOMES, Neusa. *Formas persuasivas de comunicação política: propaganda política e publicidade eleitoral*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. Publicidade e Propaganda? É isso aí! In: *Revista da Famecos: mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, Faculdade de Comunicação Social, nº. 16, dez., 2001.

DENARDIN, Pedro Ernesto. *10 copas “é demais”*. Porto Alegre/RS: Mosca, 2011.

_____. *Brasil de todas as copas. Copa do mundo só é copa com o Brasil: o único país que jogou todos os mundiais*. Ilustrações de Júlio César O. de Oliveira (caricaturas) e Dulce Helfer (fotografias). Porto Alegre: Mosca, 2002.

DENIS, Rafael Cardoso. *Uma introdução à história do design*. São Paulo: Edgar Blücher, 2000.

DIZARD JR., Wilson. *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. 2ª. Edição. Trad.: Edmond Jorge. Revisão Técnica: Antonio Queiroga. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. 2ª. Edição. Trad.: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais ?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 132-166.

_____. Os estudos culturais e sua vertente latino-americana. In: JACKS, Nilda (org.). *tendências na comunicação: 4*. Porto Alegre: LP&M/UNISINOS/UFRGS/PUCRS/ULBRA/RBS, 2001.

FARINA, Modesto. *Psicodinâmica das cores em comunicação*. 3ª. Edição. São Paulo: Edgar Blücher, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FONSECA, Joaquim da. *Comunicação visual: glossário*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1990.

FUTEBOL. Disponível em < <http://www.futebolnarede.com>>; acessado em 20 de março de 2010.

GARRAMUÑO, Florencia. *Modernidades Primitivas: tango, samba e nação*. Trad.: Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

GASTALDO, Edson. Publicidade e sociedade. In: JACKS, Nilda (org.). *Tendências na comunicação: 4*, p. 80 – 88. Porto Alegre: LP&M/UNISINOS/UFRGS/ PUCR/ULBRA/RBS, 2001.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1ª. Edição, 13ª. reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2011.

GODOY, Arlinda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, nº. 2, p. 57 – 63, mar/abr, 1995a.

_____. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista da Administração de Empresas*, São Paulo. V. 35, nº. 3, p. 20 – 29, mai/jun. 1995b.

GOMBRICH, Ernest H. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

GRAHAM, Richard. *Britain and the onset of modernization in Brasil (1850 – 1914)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

_____. Construindo uma nação no Brasil do século XIX: visões novas e antigas sobre classe, cultura e estado. *Revista Diálogos*, DHI/UEM, v. 5, nº. 1, p. 11-47, 2001. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/vol5_mesa1.html>; acessado em: 30. jun. 2010. [Originalmente publicado em *The Journal of the Historical Society*, v. 1, nº. 2-3, p. 17-56, 2001].

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, Stuart. Cultural Studies: two paradigms. In: *Mídia, cultura and society*, 2 (1), 1980, p. 57 - 72.

_____. Cultural Studies and the Centre: some problematics and problems. In: HALL, S., HOBSON, D., e WILLIS, P. *Culture, media, language: working papers and cultural studies*, 1972 – 1979. London: Routledge e Centre for Contemporary Cultural Studies/university of Birmingham, 1980.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Cultura, Mídia e Educação – Educação & Sociedade*. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15 – 46, jul/dez, 1997a.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Organização: Liv Sovik, Trad.: Adelaine La Guardia Resende, 1ª. Edição atualizada. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

HELAL, Ronald. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HISTÓRIA DA COPA. Disponível em: <
<http://www.suapesquisa.com/educaçoesportes/historiadacopa.htm>>; acessado em: 20 mar. 2010.

HISTÓRIA DAS COPAS DO MUNDO. Disponível em:
<<http://www.professordehistoria.com/historiadascopasdomundo.htm>>, acessado em: 20 mar. 2010.

HISTORIA DO FUTEBOL. Disponível em:
<<http://www.professordehistoria.com/historiadofutebol.htm>>>, acessado em: 20 mar. 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 2ª. Edição. São Paulo: Perspectiva, 1980.

HULBURT, Allen. *Layout: o design da página impressa*. São Paulo: Nobel, 1999.

- JACKS, Nilda (org.). *Tendências na comunicação:4*. Porto Alegre: L&PM/UFRGS/PUCRS/UNISINOS/ULBRA/RBS, 2001.
- JANSON, H. W.; JANSON, Anthony F. *iniciação á história da arte*. 2º. Edição. Trad.: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *O que é, afinal, Estudos Culturais ?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 7-131.
- JULIANO, Dilma Beatriz Rocha. *Telenovelas brasileiras: narrativas alegóricas da indústria cultural*. 241f. Tese (Doutorado em Teoria Literária). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Orientadora: Profª. Drª. Ana Luiza ANDRADE.
- KOSSOY, Bóris. *Fotografia e História*. São Paulo: Atelier Editorial, 1999.
- LEAL, Júlio César. *Futebol: arte e ofício*. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.
- MACIEL, Fabrício. *O Brasil-nação como ideologia: a construção retórica e sociopolítica da identidade nacional*. São Paulo: Annablume, 2007.
- MALANGA. Disponível em: < <http://www.unit.br/graduação/publicidade>>; acessado em: 20 de dezembro de 2009.
- MARCHAND, Hélène; *cap-aux-sociers: un archétype du téléroman québécois – voix et images*. Vol. 9, nº. 1, 1983, p. 39 – 40. Disponível em: <<http://id.erudit.org/iderudit/200420ar>>; acessado em 20 de março de 2010.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. *Estudo de caso uma estratégia de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2008.
- MÁXIMO, João; PORTO, Luís Roberto. *A história ilustrada do futebol brasileiro*. São Paulo: EDIBRAS, 1997.
- MEGGS, Phillip B. *História do design gráfico*. São Paulo: Cosac e Naify, 2009.
- MOLINARI, Carlos. *A história das copas*. São Paulo: Litteris, 1998.
- MORAES NETO, Geneton. *Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro*. São Paulo: Objetiva, 2000.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira*. São Paulo: Ática, 1977.

- MURRAY, M. J. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000.
- OLIVEIRA FERNÁNDEZ, Maria do Carmo Leite de. *Futebol - fenômeno linguístico: análise linguística da imprensa esportiva*. Rio de Janeiro: Documentário, 1974.
- OLIVEIRA, Nilson. *A história de todas as copas do mundo de futebol: 1930 – 1994*. São Paulo: LISA, 1994.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PROENÇA, Graça. *História da Arte*. São Paulo: Ática, 1999.
- RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário da comunicação*. São Paulo: Ática, 1995.
- RAHDE, Maria Beatriz Furtado. Imagens de arte/comunicação. Tendências modernas & pós-modernas (p. 22 – 29). In: JACKS, Nilda (org.). *Tendências na comunicação: 4*. Porto Alegre: L&PM/UFRGS/PUCRS/UNISINOS/ULBRA/RBS, 2001.
- RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra. *Imagem também se lê*. Coleção Textos Design. São Paulo: Edições Rosari, 2009.
- RAUEN, Fábio José. *Roteiros de investigação científica*. Tubarão: Editora Unisul, 2002.
- RIBEIRO JUNIOR, Amauri. *A privatária tucana*. Coleção História Agora; v. 5. São Paulo: Geração Editorial, 2012.
- ROCHA, Ruth. *Minidicionário enciclopédico escolar*. 10ª. Edição. (6ª. impressão). São Paulo: Scipione, 1998.
- SALDANHA, João. *O trauma da bola: a copa de 82 por João Saldanha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SILVA, Edmilson Oliveira da. O esporte como filão publicitário. In: DIEGUEZ, Gilda Korff (org.). *Esporte e poder*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- SOARES, Antônio Jorge. História e invenção de tradições no campo do futebol. In: Estudos Históricos 1999 – 23, p. 119 – 146.

SOUZA, Jessé. A construção do mito da “Brasilidade”. In: SOUZA, Jessé et al. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009a, p. 30-39.

_____. Como o senso comum e a “brasilidade” se tornam ciência conservadora? In: SOUZA, Jessé et al. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009b, p.49-72

STAM, Robert; SHOHAT, Ella. *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. Trad.: Mário Soares. São Paulo: Cosac e Naify, 2006.

STAM, Robert. *Multiculturalismo Tropical*. Trad.: Fernando S. Vugman. São Paulo: EDUSP, 2010.

TEIXEIRA COELHO, José. *O que é indústria cultural*. 6ª. Ed. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. *Moderno Pós-moderno*. São Paulo: Iluminuras, 1995.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1990.

TURNER, David; MUÑOZ, Jesus. *Para os filhos dos filhos de nossos filhos: uma visão da sociedade internet*. São Paulo: Summus, 2002.

TURNER, Graeme. *British Cultural Studies: an introduction*. Boston: Unwin Hyman, 1990.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *O príncipe da moeda*. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1997.

VÉRON, Eliseo. *Qand lire c'est faire: l'enunciation dans le discours de la presse écrite*. In: *Semiótica II*. Paris: IREP, 1983.

VESTERGAARD, T.; SCHRODER, K. *A linguagem da propaganda*. 4ª. Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VILLAS-BOAS, André. *Identidade e cultura. Design gráfico*. Série Design. Rio de Janeiro: 2AB, 2002.

VOSE, Rogério da Cunha; GUIMARÃES, Marcos Giovanni Vieira; RIBEIRO, Everton Rodrigues. Futebol: história, técnica e treino de goleiro. 2ª. Ed. (revisada e atualizada). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

WITTER, José Sebastião. *O que é futebol*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Breve história do futebol brasileiro*. São Paulo: FTD, 1996.

ANEXOS

Primeira Capa da Revista “O Cruzeiro”

